

AGNALDO KUPPER

**Nos rastros da bola: o futebol brasileiro entre apropriações e
desapropriações**

**ASSIS
2019**

AGNALDO KUPPER

Nos rastros da bola: o futebol brasileiro entre apropriações e desapropriações

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Doutor em História.

Área de Conhecimento: História e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Claudinei Magno Magre Mendes.

ASSIS
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Vânia Aparecida Marques Favato - CRB 8/3301

K96n	<p>Kupper, Agnaldo Nos rastros da bola: o futebol brasileiro entre apropriações e desapropriações / Agnaldo Kupper. Assis, 2019. 285 f. : il.</p> <p>Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis Orientador: Dr. Claudinei Magno Magre Mendes</p> <p>1. Futebol. 2. Brasil - História - Estado Novo - 1937-1945. 3. Elites (Ciências sociais). 4. Movimento operário - Brasil. 5. Regionalismo e esportes. I. Título.</p>
CDD 796.33	



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: Os pilares regionais que projetaram o futebol como símbolo nacional brasileiro a partir do Estado Novo

AUTOR: AGNALDO KUPPER

ORIENTADOR: CLAUDINEI MAGNO MAGRE MENDES



Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Doutor em HISTÓRIA, área: História e Sociedade pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. CLAUDINEI MAGNO MAGRE MENDES
Departamento de História / UNESP/Assis

Prof. Dr. JOSÉ LUIS BENDICHO BEIRED
Departamento de História / UNESP/Assis

Prof. Dr. AUREO BUSETTO
Departamento de História / UNESP/Assis

Prof. Dr. SEZINANDO LUIZ MENEZES
UEM / Maringá

Prof. Dr. JOÃO FERNANDO PELHO FERREIRA
UFMS / Aquidauana

Assis, 02 de julho de 2019

Ao povo brasileiro. Que sempre lutou, quase sempre perdeu, mas que continua lutando. Mesmo sem grande clareza.

KUPPER, Agnaldo. **Nos rastros da bola**: o futebol brasileiro entre apropriações e desapropriações. 2019. 285 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2019.

RESUMO

Introduzido como esporte e apreciado por setores privilegiados da sociedade, o futebol difundiu-se no primeiro quartel do século XX entre as camadas mais populares do Brasil. Apesar da ação repressiva governamental, é provável que a nascente burguesia industrial brasileira tenha observado na prática um elemento também capaz de promover suas marcas, além de disciplinar operários ao promover a ocupação do tempo de lazer dos trabalhadores e impulsionar o gasto de energia dos mesmos com atividades desvinculadas da produção fabril, em plena fase de explosão do movimento operário brasileiro sob forte influência de anarquistas, anarco-sindicalistas e comunistas. A partir da década de 1930, o Estado brasileiro, sob o comando de Getúlio Vargas, conteve as mobilizações promovidas pelos trabalhadores ao enquadrar tanto a classe operária quanto a burguesia industrial sob seu controle; para tanto, um dos elementos utilizados foi o futebol que, além de instrumento de desmobilização política, serviu à edificação de certa identidade nacional, não sem o uso da mídia, em pleno período do Estado Novo (1937-1945). O sucesso do Brasil na Copa de 1938, realizada na França, teria dado consistência às intenções varguistas. Este trabalho analisa como, no Brasil, o futebol ganhou consistência entre populares e trabalhadores, proporcionado por indivíduos e grupos, não sem interesses, e como a base serviu às ações varguistas, não sem devolutivas.

Palavras-chave: Futebol. Elitismo e popularização. Identidade regional e nacional.

KUPPER, Agnaldo. **In the tracks of the ball**: Brazilian football between appropriations and expropriations. 2019. 285 p. Thesis (Ph.D. in History) - Faculty of Sciences and Letters, Paulista State University - UNESP, Assis, 2019.

ABSTRACT

Introduced as a sport and appreciated by privileged sectors of society, football spread in the first quarter of the twentieth century among the most popular layers in Brazil. Despite the government's repressive action, it is likely that the nascent Brazilian industrial bourgeoisie has observed in practice an element that is also capable of promoting its brands, as well as disciplining workers by promoting the occupation of workers' leisure time and boosting their energy expenditure with activities unrelated to factory production, in the midst of an explosion of the Brazilian labor movement under the strong influence of anarchists, anarcho-syndicalists and communists. From the 1930s, the Brazilian state, under the command of Getúlio Vargas, contained the mobilizations promoted by the workers by framing both the working class and the industrial bourgeoisie under their control; For this purpose, one of the elements used was soccer, which, in addition to being an instrument of political demobilization, served to build a certain national identity, not without the use of the media, during the Estado Novo period (1937-1945). The success of Brazil in the 1938 World Cup, held in France, would have given consistency to Vargas' intentions. This paper analyzes how soccer in Brazil won a consistency between the popular and the workers, provided by individuals and groups, not without interests, and how the base served Vargas actions, not without devolutions.

Keywords: Football. Elitism and popularization. Regional and national identity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Freemasons Arms, Londres	41
Figura 2 - Cortejo fúnebre pelas ruas centrais da cidade de São Paulo.....	104
Figura 3 - Ata da fundação do clube (de acordo com o texto original, abaixo)	107
Figura 4 - Festival Operário de 1919. Sem poder resistir, os encontros passaram a inserir o futebol nos festivais operários. Em tais festivais era comum a mistura de equipes de trabalhadores para fotos, em poses que demonstravam unidade entre os trabalhadores.	133

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – População das principais cidades brasileiras.....	73
Tabela 2 - A Indústria Brasileira (1880-1920)	100

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - A TRAJETÓRIA DO FUTEBOL ENQUANTO ESPORTE: UM BREVE HISTÓRICO (DAS RAÍZES À ESPETACULARIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA)	27
CAPÍTULO 2 - O FUTEBOL ENTRA EM CAMPO NO BRASIL	54
2.1 O FUTEBOL APROPRIADO POR PRIVILEGIADOS DO RIO DE JANEIRO	63
2.2 O Futebol em São Paulo.....	72
2.3 OS CAMINHOS DEFINITIVOS DA POPULARIZAÇÃO DO FUTEBOL NO BRASIL.....	84
CAPÍTULO 3 - O ENCONTRO DO FUTEBOL COM A VIDA POLÍTICA OPERÁRIA BRASILEIRA	96
3.1 O FUTEBOL COMO FORMA DE CONTROLE.....	104
3.2 O POSICIONAMENTO SINDICAL PERANTE O FUTEBOL OPERÁRIO.....	123
3.3 OS INVESTIMENTOS NO FUTEBOL NO INTERIOR PAULISTA.....	143
3.4 O FUTEBOL SUBURBANO FLUMINENSE.....	157
CAPÍTULO 4 - O FUTEBOL APROPRIADO COMO POLÍTICA DE ESTADO (1930-1945) NO CONTEXTO DAS COPAS DO MUNDO	160
4.1 VARGAS E A BUSCA DA IDENTIDADE NACIONAL ATRAVÉS DO FUTEBOL	166
4.2 O FUTEBOL E AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS	172
4.3 O ESTADO NOVO EM BUSCA DA IDENTIDADE NACIONAL	179
CAPÍTULO 5 - NA EVOLUÇÃO DAS AGREMIÇÕES, “O TOMA LÁ, DÁ CÁ” DO FUTEBOL	198
CONSIDERAÇÕES FINAIS	238
REFERÊNCIAS	246

APÊNDICES	269
APÊNDICE A – Participação brasileira em Copas do Mundo de Futebol.....	270
APÊNDICE B – Fontes utilizadas	281

INTRODUÇÃO

*O futebol é incompreensível aos idiotas da objetividade.
Nelson Rodrigues*

O futebol já estava incorporado ao cotidiano brasileiro por ocasião da ascensão de Getúlio Vargas ao poder no ano de 1930.

É provável que tal assimilação não tenha ocorrido apenas pela apreciação popular pelo esporte. Teria sido incentivada (ou mesmo induzida), seja pelos patrocínios empresariais e de indivíduos e grupos com interesses diversos (promoção pessoal e familiar, divulgação de produtos e serviços, oferecimento de lazer, controle sobre trabalhadores, entre outros), seja pela cobertura dada pela imprensa à prática nas primeiras décadas do século XX.

Estabelecido como “febre” popular a partir de iniciativas regionais, o futebol teria sido utilizado pela política getulista, então em busca da criação de símbolos que trouxessem uma identidade nacional durante o Estado Novo (1937-1945). Desde as ações varguistas, poderes locais teriam sido solidificados a partir de novas condutas relacionadas ao esporte.

E é exatamente sobre a evolução dos sustentáculos que tornaram o futebol no Brasil um esporte popular e, posteriormente, um dos símbolos de identidade do país, que este trabalho procura se aprofundar. Ou, colocado de outra forma, como iniciativas locais teriam levado o futebol a se constituir em uma política de Estado, não sem devolutivas.

Importante destacar que nas primeiras décadas do século XX, no contexto da fase de popularização do futebol, o movimento operário brasileiro postou-se de forma ruidosa. Apesar da ação repressiva governamental, a nascente burguesia industrial brasileira, inquieta diante das mobilizações sindicais proletárias, teria feito uso de mecanismos menos duros como apoiar e financiar o esporte que caíra nas graças operárias e de diversos outros segmentos populares.

Porém, afirmar que o futebol seria uma invenção das classes dominantes para manipular os trabalhadores ou uma apropriação em forma de resistência dos segmentos sociais dominados, soa pequeno, insuficiente. Há, muito possivelmente, um contexto maior, mais amplo. Algo que este trabalho procurará demonstrar.

A estruturação de diversas agremiações de futebol a partir da popularização do esporte (suplantando o caráter elitista da prática) teria atendido a diversas outras

intenções, além do controle sobre o tempo livre dos trabalhadores: lazer, promoção pessoal e familiar, interesses comerciais e políticos de indivíduos e grupos. Constituídas, tais agremiações consolidaram, em definitivo, a prática em solo brasileiro, estabelecendo o suporte para os propósitos de criação de uma espécie de amálgama nacional nos anos 1930, o que significa dizer que o futebol já estaria incorporado ao cotidiano do brasileiro, em especial entre os trabalhadores operários, o que teria facilitado as ações do governo Getúlio Vargas (1930-1945) no sentido de fazer uso do esporte para suas intenções de cooptar apoio para seus propósitos políticos.

As ações de Vargas teriam tido devolutivas, sendo utilizadas para a criação de identidades regionais, atendendo às intenções de indivíduos e grupos que fizeram (e ainda fazem) do futebol a base para seus interesses, sejam eles promocionais, econômicos e/ou políticos.

Isso porque, nas décadas de 1930 e 1940, o Estado brasileiro, sob o comando de Getúlio Vargas (1930-1945), conteve as mobilizações reivindicatórias promovidas pelos trabalhadores ao enquadrar tanto a classe operária quanto a burguesia industrial em seu discurso “policlassista”¹; para tanto, não desprezou o esporte que virou mania e consolidou suportes entre populares, procurando absorvê-lo em prol de seus propósitos, até porque a proletarização e democratização do futebol fora concretizada no primeiro quartel do século XX, não apresentando sinais de retorno. Ou seja, Vargas teria utilizado o futebol como instrumento para a legitimação de um regime que buscou concretizar a visão de que entre o Presidente e as massas trabalhadoras não havia intermediários. Mas Getúlio Vargas só o teria feito porque intenções individuais ou de grupos consolidaram poderes regionais através do esporte, como que erguendo as colunas para suas determinações e sustento. A partir de tal sedimentação em nível nacional, poderes locais teriam se fortalecido, impulsionando a emergência de novos indivíduos e grupos que, através de novos investimentos no futebol, robusteceram bases políticas e econômicas regionais. Mas tal trajetória deve ser percorrida para que seja comprovada.

E é exatamente aos interesses dos praticantes e às intenções de quem proporcionou e proporciona o futebol que este trabalho se dedica, indicando uma espécie de “toma lá, dá cá” e como tais propósitos deram subsídios ao governo

¹ No sentido de governo representante das diversas classes sociais existentes em um país.

getulista para transformar esse esporte em elemento de fortalecimento do regime estadonovista e sua busca de estabelecer entre os brasileiros certa identidade.

O futebol brasileiro atravessou fases dentro de seu desenvolvimento. Embora questionável, periodizo-o sua trajetória da seguinte forma: de 1894 a 1904, restrito a centros urbanos; de 1905 a 1932, popularizou-se, principalmente através de subsídios; a partir de 1933, profissionalizou-se; na década de 1950, consolidou-se como esporte de massa, ganhando contornos definitivos de espetáculo cerca de duas décadas após. Ou seja, o futebol, inicialmente praticado por privilegiados sociais, tomou conta do país enquanto prática, passando a ser utilizado de forma gradativa como instrumento político, ao menos até a sua espetacularização contemporânea, o que significa dizer que o futebol se desenvolveu em solo brasileiro de acordo com as transformações sociais, econômicas, políticas e culturais do país, sem que tenham sido desprezados os contextos mundiais. Em outras palavras: a prática adequou-se a conveniências e ganhou projeção, moldando-se a interesses.

No Brasil, a identidade nacional foi promovida em visão macro de forma deliberada nos anos 1930 por Getúlio Vargas, sendo definitivamente absorvida na vitória de 1970 na Copa do México, com Pelé sendo saudado como o grande herói da campanha (embora, creio, a insistência em colocar o triunfo brasileiro de 1970 como instrumento de manipulação política, quando o país obteve em definitivo a Taça Jules Rimet, seja negar a trajetória do futebol na história brasileira; o foi, mas talvez não com toda a tinta usada).

Futebol...

Informalmente, Nelson Rodrigues (apud SANTOS, 1981, p. 77) apontou não existir “[...] um só personagem da nossa História que saiba bater um mísero corner. [...] o intelectual do Brasil se move em redoma. Nada sabemos do nosso próprio povo embora falemos em seu nome”.

Talvez Rodrigues tenha razão (particularmente, acredito que sim), em especial quando temas como o futebol são abordados. Isto porque esse esporte não recebeu, por muito tempo, a devida atenção por parte da grande maioria dos historiadores e acadêmicos.

Muitos ainda veem o futebol como algo menor, distanciando-o da vida brasileira (como se fosse possível). Talvez por preconceitos adquiridos a partir da visão histórica de anarquistas, anarco-sindicalistas, socialistas e comunistas, que viam no esporte um fator de alienação à causa operária nas primeiras décadas do século anterior.

Talvez pelo fato da prática ter sido utilizada como veículo para a popularização dos governos Getúlio Vargas - especialmente durante o regime do Estado Novo (1937 e 1945) - e militar (1964-1985) - principalmente por ocasião da conquista do tricampeonato mundial de 1970 por parte da seleção brasileira. Talvez, ainda, pelos contornos da espetacularização que envolve o futebol contemporâneo.

Eric Dunning, em co-autoria com Norbert Elias, no prefácio de *A busca da excitação*, de 1985, chega a criticar o desprezo para com os esportes ao questionar os estudos apenas de aspectos considerados racionais da vida social (ELIAS; DUNNING, 1992a).

De qualquer forma, para aqueles que julgam e tratam o futebol como um tema menor, acreditando existirem assuntos mais importantes, mais relevantes, mais salientes, talvez uma boa desculpa para o distanciamento e provável soberba.

Os reticentes em relação ao futebol denunciam sua futilidade por anestesiar o espírito crítico, afastando a reflexão e a contestação, o que dificultaria o processo de transformações sociais e políticas. Para Hilário Franco Júnior (2017), o futebol, neste sentido, não se diferencia da literatura, da televisão, do cinema e do teatro:

[...] o futebol, como outras formas culturais, expressa, repensa e reconstrói idealmente a sociedade, ainda que à sua maneira, em outro registro, com instrumentos próprios. [...] É verdade que o futebol não é realidade em si, mas fuga do real, representação imaginária (FRANCO JUNIOR, 2017, p. 394).

Vale destacar que quase todo brasileiro é um historiador do futebol, conhecedor de convocações, de momentos vividos, desenhador tático e crítico. Um “historiador” que não frequentou os bancos universitários e que, como tal, totalmente envolvido pelo senso comum. Para muitos, é tolice ver um sujeito saber a escalação de seu time em determinada época, em determinada situação, em determinado campeonato. Para muitos aparenta bobagem a lembrança de certa jogada. Para muitos é idiotice saber um hino de um clube de futebol de cor. Para muitos soa tolo o endeusamento de imortais como Lara², eterno goleiro-herói do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Mas para o apreciador de futebol, não. Ou seja, para o aficionado pelo esporte, lembrar e relembrar detalhes de uma partida ou campeonato, significa reviver todo um momento

² Eurico Lara foi goleiro do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense entre 1920 e 1935. Lendário, acredita-se que quando atuava pelo clube o mesmo não era derrotado. Em setembro de 1935, mesmo com problemas cardíacos, atuou na decisão do Campeonato Farroupilha. Seu clube precisava da vitória. Conseguiu. Dois meses após, Lara morreu. Seu enterro parou Porto Alegre. O goleiro é reconhecido em sua história até mesmo pelos rivais colorados do Internacional gaúcho.

ou fase de vida pessoal. Isto porque futebol se vive, se consome e se pratica. E se sonha. Afinal, qual amante do jogo da bola nunca viveu, reviveu e imaginou jogadas pessoais espetaculares? Talvez por isso, em nossos dias atuais, um espectador veja, reveja e veja de novo uma mesma jogada de efeito, um mesmo gol, um lance interessante ou bizarro (no sentido de esquisito). Algo incompreensível para os distantes das pelepas. Um chapéu, um drible, uma ginga, podem valer mais que um gol, já que para o futebol não basta atingir a meta, mas os meios, assim como os fatos.

E por que a bola atrai tanto? Talvez por não poder ser personalizada e rolar sem fronteiras. Esta mesma bola – elemento de desejo do praticante de futebol – que seguiu os caminhos evolutivos capitalistas e midiáticos, combinando a história social e econômica da prática: emergiu de uma condição agrária para prevalecer em uma condição industrial, atestando a evolução contemporânea. No Brasil, um esporte tão apaixonante que até num funeral a bandeira do clube do coração do falecido aparece como adorno, decoração e acompanhamento, normalmente seguida da bandeira da escola de samba (caso de São Paulo e Rio de Janeiro), da unidade federativa, do partido político e, quem sabe, da bandeira do país.

O tratamento acadêmico, até então distante, não se resumiu ao futebol. A consideração aos esportes em geral dada por muitos historiadores foi, quase sempre e em geral, periférica e negativa. Ao que consta, as ciências humanas, a partir da segunda metade da década de 1950, tornaram-se quase que insensíveis aos envolvidos com a prática futebolística, assim como com os sujeitos envolvidos às experiências sociais que envolvem esse esporte. Na década posterior, as histórias do futebol brasileiro mantiveram-se à margem da academia, sendo narradas, em normalidade, por jornalistas e ex-jogadores. Talvez o desprezo acadêmico tenha se dado por ser o futebol uma manifestação que não gera a consciência social de classes.

No entanto, uma nova perspectiva historiográfica alicerçou-se a partir, em especial, da década de 1970. A História Social potencializou a utilização das fontes orais e quebrou barreiras intelectuais ao dedicar-se a temas que até então pareciam pouco atraentes. Tal flexibilidade temática permitiu a aproximação, a partir dos *Annales*, da História com a Sociologia e com a Antropologia Social, o que passou a impulsionar a formulação de questões relevantes relativas ao comportamento de diversos grupos sociais, além de estabelecer comunicação com os mitos, os rituais e os emblemas relacionados ao trabalho e ao lazer das comunidades com menos voz e

vez.

A partir da crítica feita pelos *Annales* ao historicismo marxista, passou-se a valorizar objetos considerados até então de pouca relevância para a compreensão das dinâmicas sociais das diversas sociedades, com ênfase ao aspecto cultural, como bem analisa Pesavento (1995, p. 12):

A nova tendência passou a afirmar a não existência de verdades absolutas, marcando o recuo de uma posição cientificista [...] Estimulando novos olhares e abordagens com a realidade, em uma e outra vertente, a história social dos anos 60 e 70 restabeleceu o ofício do historiador. Como um mestre da narrativa, este é alguém que munido de um método, resgata da documentação empírica as chaves para recompor o encadeamento das tramas sociais.

Desta forma, dentro do contexto da *Nova História Cultural*, percebe-se um novo caminho para o historiador: a busca do cotidiano, das crenças, dos mitos, das representações coletivas, permitindo que sejam vividos outros sujeitos e novas sensibilidades. Claro, sem que sejam perdidas as referências. Ou seja, a partir da Nova História, a luta de classes passou a não ter lugar cativo na História e o que se vê a partir dela (em especial através das ciências sociais), é a busca de novos elementos que permitam compreender melhor a vida social, não mais reduzida ao âmbito material e político.

O futebol deve ser compreendido como fenômeno histórico e social.

Assim, se até os anos 1970, o futebol era praticado e visto como uma manifestação artística, quase romântica, nos anos globalizados contemporâneos - próprio da espetacularização, onde os valores econômicos estão acompanhados do desenvolvimento da medicina esportiva – as perspectivas são outras, uma vez que a vida coletiva e individual ganhou novas projeções. Os mitos futebolísticos perdem sentido, mas o futebol não perde suas especificidades. Isto porque continua a gerar identidade e paixão, mesmo que envolto por irracionalidades.

A partir da década de 1970, inúmeras dissertações de mestrado e teses de doutorado passaram a se dedicar ao tema, reconhecendo o futebol como uma prática enraizada nos contextos sociais, culturais, econômicos e políticos de um país. No Brasil não é diferente. Ou seja, vários campos científicos passaram, nos últimos decênios, a mobilizarem-se em torno do tema: Psicologia (convergência passional e violência em torno do esporte), Comunicação (fenômeno midiático), Economia (finanças e desvio de recursos), Sociologia (impactos sociais) e a História (busca e

resgate de identidades). Mas ainda há muito a ser feito, como analisar o futebol como instituição estabelecida e enraizada nos mais diversos cantos do mundo.

Houve avanços nas últimas cinco décadas nos estudos sobre o tema futebol. Porém, há vazios a serem preenchidos, como o que aqui proponho: analisar como a popularidade do esporte foi utilizada por indivíduos e grupos em busca de controle e promoção pessoal, por dirigentes estatais e empresários como forma de conter/esvaziar o movimento operário brasileiro durante a Primeira República (1889-1930), pelo Governo Getúlio Vargas (1930-1945) como política de Estado (integrando-o à sua ideologia), e como o esporte continua a ser manipulado por indivíduos e grupos como forma de barganha e ganhos sobre os que desejam apenas jogá-lo, além da elaboração de breve análise sobre a absorção do futebol pela espetacularização.

Uma tarefa um tanto quanto rude, porém prazerosa, até porque a clandestinidade das organizações, a repressão estatal e o descuido com documentos são elementos que dificultam a obtenção de ocorrências (leia-se fontes), restando aos historiadores a utilização de materiais deixados pela imprensa regular e pela imprensa operária, além de registros orais e arquivos empresariais (atas, estatutos, relatórios e balancetes das agremiações³).

No final dos anos 1970 e início dos de 1980, antropólogos como Simone Lahoud Guedes, Arno Vogel e Roberto DaMatta passaram a trazer observações sobre a prática sob ângulos diversos da alienação e manipulação das massas⁴ e o meio acadêmico (antropólogos, sociólogos e, posteriormente, historiadores) passou a atentar ao fenômeno que estabeleceu raízes no Brasil desde o início do século passado.

Roberto DaMatta, ao publicar *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*, em 1979, reforçou explicações da sociedade brasileira através do futebol. Ao utilizar-se dos conceitos de ritual e social, DaMatta afirma que o futebol seria um meio privilegiado de observar uma série de problemas significativos da sociedade brasileira, o que justificaria a popularidade do esporte no país

³ Importante lembrar que o acesso é dificultado a tais documentos, uma vez que apenas clubes ligados a Ligas e Federações organizadas deixaram registros acessíveis. Outra dificuldade: o risco de utilização da imprensa jornalista regular que, na ânsia do consumo, mescla fato e mito, fazendo uso de excessos e metáforas.

⁴ Em parceria com estudiosos como Arno Vogel, Luiz Felipe Neves e Simoni Lahud Guedes, Roberto DaMatta organizou a obra *Universos do Futebol*, publicada em 1982. A obra rompeu com a visão alienante produzida pela prática futebolística, estabelecendo-a como elemento fundamental da cultura brasileira (DAMATTA *et al.*, 1982).

(DAMATTA, 1979).

A publicação da obra *História Política do Futebol Brasileiro*, de Joel Rufino dos Santos, em 1981, atraiu por chamar a atenção de muitos historiadores para a importância do futebol na história republicana brasileira e ao aproximar um tema lúdico aos momentos significativos da história brasileira e de sua própria trajetória social. Em seu trabalho, Rufino elenca temas como preconceito racial, a identidade da forma de jogar do brasileiro e mesmo o uso do futebol pelo Estado. Não estou, neste trabalho, me distanciando do caminho trilhado por Rufino dos Santos. Porém, meu desejo é alargá-lo, ampliá-lo (SANTOS, 1981).

Quase uma década após, J. Witter publicou *O que é futebol* (1990). Na obra, o autor tece considerações sobre a história da prática no país e procura demonstrar como o futebol-brincadeira passou a ceder espaço à competição, porém não deixando de analisar a inserção da prática no cotidiano dos brasileiros (WITTER, 1990).

O trabalho que considero mais relevante (e inspirador) no estudo da relação entre movimento operário e futebol é a dissertação de mestrado de Fátima Antunes, intitulado *Futebol de Fábrica em São Paulo* (1992), por trazer reflexões sobre os posicionamentos de anarquistas, anarco-sindicalistas e comunistas perante o avanço do futebol no meio operário. Para a autora, diante do avanço do futebol, tais segmentos políticos não teriam se posicionado de forma clara, apresentando contradições de posicionamento, com apoios e condenações ao fenômeno (ANTUNES, 1992).

A *Revista USP*, da Universidade de São Paulo, em seu número 22 (1994), dedicou seu dossiê ao futebol, quando pesquisadores como Waldenyr Caldas⁵ (com destaque a seus apontamentos sobre a exclusão de boa parte dos trabalhadores das fábricas como jogadores de futebol plenos), Francisco Costa, Roberto DaMatta, Décio de Almeida Prado, Nicolau Sevcenko, José Sérgio Leite Lopes, Luiz Henrique de Toledo e Fátima Rodrigues Ferreira Antunes (com bela e detalhada relação entre futebol, trabalho e trabalhadores) propuseram discussões sobre a prática.

Nos últimos anos, obras como *A Dança dos Deuses* (2007), de Hilário Franco Júnior (onde o autor procura analisar o futebol como fenômeno cultural total e como

⁵ Na obra *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro* Waldenyr Caldas analisa os aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais por ocasião da popularização do futebol no Brasil. A importância do trabalho foi a de lançar uma visão sociológica mais profunda sobre o tema (CALDAS, 1990).

fenômeno simbólico totalizante da experiência humana sem, contudo, romantizar o objeto) (FRANCO JUNIOR, 2007), *Veneno Remédio* (2008), de José Miguel Wisnik (WISNIK, 2008), e *O futebol Explica o Brasil* (2006), de Marcos Guterman (embora esta corrobore com Mário Filho ao edificar o futebol como uma atividade própria do brasileiro, fomentando mitos) (GUTERMAN, 2006), indicaram o caminho que procuro explorar: a de que sem o futebol pouco pode ser explicado de forma consistente no mundo republicano brasileiro.

Porém, a obra que mais tem sido utilizada como referência no meio acadêmico é *Footballmania, uma história social do futebol no Rio de Janeiro*, de Leonardo Pereira, publicada em 2000. Nela, o autor faz uso de vários tipos de fontes, ou seja, atas de clubes e de ligas de futebol, legislação, documentação policial e farta iconografia (PEREIRA, 2000). Mesmo assim, Pereira reproduz discurso de que o futebol teria se proliferado a partir de grupos sociais elitizados, seja com Charles Miller em São Paulo, seja com Oscar Fox, no Rio de Janeiro, desconsiderando o ângulo da espontaneidade da penetração da prática entre populares.

Particularmente, acredito que o futebol mereça ser observado além de como o é. Desta forma, compactuo com o sociólogo David Goldblatt (apud FRANCO JUNIOR, 2017, p. 415) quando afirma que “nenhuma história do mundo moderno é completa sem levar em conta o futebol”.

No Brasil, o caso do futebol é emblemático. Faz-se necessário entender como o brasileiro apropriou-se do esporte, como que o tomando das camadas mais abastadas que o introduziram no país. Mesmo com as tentativas das elites em coibir a prática, a posse se deu. Tal apropriação teria sido utilizada como forma de desviar atenções para as lutas operárias das primeiras décadas republicanas brasileiras para posteriormente ser assenhorado como objeto de consolidação do Estado Vargasista (1930-1945), particularmente durante o período do Estado Novo (1937-1945), período em que Getúlio Vargas passou a regulamentar todas as atividades produtivas do país, tornando o Estado a principal fonte de investimentos diretos.

No aspecto social, o estadonovismo procurou criar a imagem de plena harmonia entre população e governo, utilizando-se de dispositivos jurídicos que assegurassem a repressão aos movimentos de oposição, enquanto a aliança com as massas urbanas estruturou-se no conjunto da legislação trabalhista e na manipulação política propiciada por mecanismos de propaganda estatal, fazendo concreta a ideologia do trabalhismo e representando o atrelamento dos trabalhadores e de suas

organizações às diretrizes políticas empreendidas por Vargas.

Não se pode negar que, particularmente no Brasil, a prática futebolística está inserida nas relações sociais e, como tal, sujeita a novas participações, a novos sentidos e significados. Desta forma, é parte integrante das mudanças engendradas pelo processo histórico. Não se pode desconsiderar, também, que a popularização do futebol enquanto fenômeno que mobiliza multidões segue a lógica capitalista: publicidade, evolução editorial e das mídias televisivas (a expansão comercial do futebol e sua incorporação como fenômeno da indústria cultural e de massa têm atraído pesquisadores; porém, a visibilidade ainda é pequena perante tal dimensão).

Ajudar a desmistificar o futebol talvez nos faça entendê-lo como altamente relevante para aprofundamentos sobre a vida individual e social brasileira, até porque o brasileiro vive-o - a partir da absorção da prática - cotidianamente, independentemente das visões nacionalistas enraizadas por governantes e pelas mídias.

Acredito que para deixar de ser considerado folclórico, o futebol necessita ser historicamente desconstruído. Claro, com modelos, novas fontes e teorias que o revitalizem.

Certo me parece que desprezar o tema é rejeitar o cotidiano, o lúdico e o sentimento do brasileiro que permeia gerações, por onde insatisfações, frustrações e explorações são extravasadas, mesmo sem clareza, de um povo que sempre lutou, que quase sempre perdeu, mas que continua lutando (mesmo que, na maioria das vezes, sem rumos, ideais e caminhos claros e definidos).

Um povo que fala o “futebolês”: para uma conversa informal, “bate-bola”; para esquecer os problemas, “bola pra frente”; para arriscar um palpite, “um chute”; para deixar algo de lado, “chutar para o alto” ou “botar para escanteio”; para se insinuar, “dar bola”; para livrar-se, “dar um cartão vermelho”; para mandar para longe, “dar um bico”; para agir rispidamente, “entrar de sola”; para estar numa situação duvidosa, “entrar em bola dividida”; para uma trama, “uma jogada”; para demonstrar competência, “jogar para a torcida”; para acompanhamento a curta distância, “marcar homem a homem”; por se cometer um engano ou errar, “dar uma pisada na bola”; para assumir a responsabilidade, “matar no peito”; para trabalhar duro, “suar a camisa”; para resolver uma situação difícil, “tirar de letra”; “bola fora” para uma colocação imprudente, entre tantos outros jargões (para tanto, recomendo consulta

ao minidicionário “*Futebolês*”, que é “show de bola”⁶). Um povo que, em diversas ocasiões, sofre mais com um revés do time do coração do que com os milhões de habitantes que chafurdam na miséria ou ignorância. Um povo que exalta o brasão de um time tal qual uma imagem religiosa (totemismo, caso o entendamos como um conjunto de práticas baseadas na crença da existência de um parentesco místico entre os homens e a natureza)⁷.

Fato é que, nascido elitista, na década de 1920 o fenômeno futebol já contaminava jogadores, torcedores, dirigentes, jornalistas e treinadores brasileiros. Popularizou-se por ser exercido por gente simples, muito talvez pela origem humilde de praticantes como Leônidas da Silva. Talvez também como possibilidade simbólica de igualdades entre negros e brancos, pobres e ricos, inseridos e abandonados. Uma expressão poderosa, mesmo que, nos dias contemporâneos globalizados, dirigentes do esporte tentem “civilizá-lo” através da diminuição do tamanho dos estádios, moldando-os de forma restritiva, tal como centros de lojas modernas (shoppings centers).

Certo, mesmo, é que o futebol suaviza⁸. Paulistano do Brás, cresci envolvido pela prática, componente de meus estágios de socialização. O processo continuou, acompanhando minhas relações sociais, mesmo quando universitário do curso de Agronomia, onde a integração com companheiros de academia quase sempre foi feita em torno de boas peladas. O futebol escoltou-me também no curso de História, embora em menor proporção.

Na busca por dados para a realização deste trabalho, informalmente, passei a procurar jogadores e dirigentes esportivos. Confesso que os encontros foram muito prazerosos e acabei, na maioria das vezes, agindo muito mais como fã do que pesquisador. Na leva dos bons papos, Ademir da Guia (apesar de algoz histórico do meu time do coração), Biro-Biro (lendário e competente volante, símbolo da garra corintiana), Polozzi (zagueiro vigoroso e técnico, integrante da seleção brasileira que disputou a Copa da Argentina de 1978, em que o Brasil perdeu de forma invicta; aliás,

⁶ Por ser proveniente da Inglaterra, o futebol moderno absorveu muitos de seus termos dos ingleses. Alguns sofreram adaptação à fonologia do português e foram consolidados; outros foram sendo substituídos gradativamente por termos equivalentes existentes na língua portuguesa ou mesmo criados a partir de processos morfológicos. *Futebolês* (PAZ, 2009).

⁷ Interessante as alusões ao futebol feitas por Leonardo Boff na sua obra *Ecologia, mundialização, espiritualidade*. (BOFF, 2008).

⁸ Para os amantes de cinema, indico o filme “boleiro” ‘Maldito Futebol Clube’ (2009), que apresenta em seu enredo a história de rivalidade entre os técnicos Don Revie (Colm Meany) e Brian Clugh (Michael Sheen) na virada dos anos 1970. O roteiro é assinado por Peter Morgan.

a este indaguei se não ficava chateado por o bajularmos tanto, no que me respondeu: “você não sabe o quanto me é importante”), Ronaldo Fenômeno (sim, ele mesmo!), entre tantos outros.

Quanto aos dirigentes que procurei de forma coloquial, acabei envolvido mais pelo interesse dos bastidores dos grandes momentos decisivos de campeonatos (como é difícil ser racional no futebol!).

Mas as justificativas para o trabalho ora apresentado não são, claro, estas. Creio, são muito mais densas (pelo menos quero acreditar).

Afinal, para quê e para quem serviu e serve o futebol? Como esta prática enraizou-se tão violentamente na alma do povo brasileiro a ponto deste ver seus dias transformados após uma conquista, de indivíduos trajarem-se como se fizessem parte do elenco de uma agremiação, de zombarem do derrotado e satisfazerem-se com a humilhação do inimigo, desprezando as hierarquias sociais? Mais: o que está por trás do jogo, além do jogo em si?

A análise historiográfica dá-nos pistas de que a trajetória da popularização do futebol no Brasil pode nos fazer entender a relação entre o mesmo e as ações sociais, políticas e econômicas. Isto não significa que se almeja reduzir a prática do futebol a essas esferas.

Sim, cada ciência é particular por delimitar um campo de pesquisa com problemáticas, objetos e métodos próprios. Porém, muitas vezes a complexidade de alguns objetos de conhecimento exige que ciências se unam e componham estudos interdisciplinares ou transdisciplinares. Exatamente o que este trabalho, por vezes, procura estabelecer.

Aprofundar estudos sobre a difusão da prática no Brasil, em especial a partir das primeiras décadas do século XX, quando ideologias como o anarquismo e o comunismo nortearam as ações políticas dos setores sociais mais oprimidos em grandes centros como São Paulo, parece-me importante, assim como aparenta ser relevante entender por que tantos campos de futebol foram criados nos fundos das indústrias do Rio de Janeiro e nas fábricas e várzeas de São Paulo no período e porque os investimentos das indústrias e de particulares foram progressivamente se tornando mais significativos. Da mesma forma, há a procura em entender porque a imprensa vinculada aos interesses do Estado teria passado a “cobrir” os acontecimentos do futebol mais de perto.

Indagações e buscas à parte, fato é que a prática futebolística penetrou

profundamente na vida do brasileiro, passando a fazer parte do seu cotidiano. Desta forma, entender a trajetória do “jogo da bola” é entender um pouco mais do Brasil, de sua história e de sua gente.

Não se pode errar na ciência histórica. O historiador pode, sim, defender teses e revê-las quando oportuno e necessário. Neste sentido, somente ao se observar no espelho de sua História um povo pode entender um pouco mais de si.

Sei, a História está permanentemente aberta, esperando para ser feita, ampliada e reconhecida enquanto tal. Através dela, talvez possamos preencher o vazio do eu, vinculando-o ao nós.

Tenho sempre em mente o exemplo de um determinado poeta espanhol que admirava pelas manhãs o jardim da casa em que morava através de um vitral colorido. A cada dia, as flores assumiam tonalidades diferentes, dependendo do vitral que focava. Assim, creio, é a História enquanto ciência. Focá-la a partir de ângulos diversos é explorá-la e engrandecê-la.

Como já afirmado, para atingir os objetivos deste trabalho foram analisados jornais, atas, balancetes e periódicos diversos, utilizando tais materiais como fontes. Mas a identificação da trajetória de muitas personalidades envolvidas com o futebol exigiu o cruzamento de dados, tal qual uma investigação jornalística. Desta forma, análises biográficas, declarações pessoais informais, trajetórias políticas individuais, informações empresariais, estatutos de clubes, promoções de encontros (convites), pesquisas de origem e filiação de famílias, anúncios jornalísticos e levantamentos genealógicos mais completos e complexos, entre outros, tornaram-se fundamentais para o que se deseja comprovar: o futebol no Brasil teve sua promoção, em grande parte, ligada aos interesses dos desejosos em jogá-lo e aos interesses dos que favoreceram o jogo (normalmente, não sem intenções).

No que tange aos periódicos e jornais pesquisados, creio que se apresentam como tipo de fonte importante quando se deseja observar os momentos iniciais do futebol no Brasil e a trajetória deste esporte, uma vez que os mesmos são arquivos do cotidiano e podem nos dar uma impressão direta dos acontecimentos através das posições dos editores, articulistas e repórteres.

Com a *Nova História* e os *Annales*, jornais e periódicos passaram a ser mais facilmente aceitos como fontes de pesquisa, em que pese a dificuldade de se separar o tendencioso do verdadeiro e real.

Nesse aspecto, a contribuição da utilização da imprensa como fonte é muito

bem discutida por Tânia Regina de Luca (2008), uma vez que a pesquisadora discorre a respeito dos passos a serem seguidos por quem se dispõe a debruçar sobre os tais documentos. Segundo Luca (2008), é necessário que se observe a materialidade do impresso, a variação da aparência, os métodos de impressão disponível, o percurso das imagens, o espaço da escrita e o lugar social de tais registros, já que eles nada possuem de natural. Ou seja, é importante atentar para os aspectos que envolvem as circunstâncias de produção dos impressos (contexto histórico-cultural), como tais impressos chegaram às mãos dos leitores, a aparência do material, as relações de tais periódicos e jornais com o mercado, com o público e com a publicidade, além do local da publicação.

Segundo Tânia Regina de Luca, até a década de 1970 não foram muitos os trabalhos que utilizaram jornais e revistas como fontes de pesquisa. Luca destaca que já havia uma preocupação em escrever a história da imprensa, mas relutava-se em escrever uma história por meio da imprensa, apontando para o temor dos historiadores em confiar nos meios jornalísticos para investigações (LUCA, 2008). O temor por sua utilização se dá, de acordo com Maria Helena Rolim Capelato (1988, p. 21), na preocupação dos historiadores em busca da verdade:

Até a primeira metade deste século [século XX], os historiadores brasileiros assumiam duas posturas distintas em relação ao documento-jornal: o desprezo por considerá-lo fonte suspeita ou o enaltecimento por encará-lo como repositório da verdade. Neste último caso, a notícia era concebida como relato fidedigno da verdade.

Conseguir dimensionar o alcance de um impresso (periódico) pesquisado não é um trabalho fácil, embora essencial, até porque obter informações precisas de tiragem e do funcionamento interno das redações dos mesmos podem ser esclarecedoras. Ou seja, a linha editorial, por mais que seja percebida, não é tão clara, assim como não é facilmente observável o objetivo de se atingir anunciantes e o alcance do material. Quanto aos jornais de maior circulação, a missão é facilitada uma vez que o noticiário impresso, quando usado como fonte histórica, torna-se interessante pela periodicidade (registro diário da memória, facilitando a cronologia dos fatos). Porém, por apresentarem pensamentos e linhas editoriais próprias, os jornais devem ser observados com certo peso e precaução, isto porque possuem interesses próprios, sejam estes econômicos, comerciais, político-partidários, entre outros. Desta forma, precisam ser confrontados por poderem conter visões parciais.

Da mesma forma, a história oral requer cuidados (como toda fonte histórica) por permitir aparecer imaginários pessoais e visões particulares idealizadas, daí não me apegar a este tipo de registro.

Segundo Capelato (1988), jornais e revistas que possuem como título ‘variedades’, por exemplo, englobam abordagens completamente distintas para públicos diversos. Assim, torna-se fundamental analisar o material visto como fonte em todo o seu conteúdo, não apenas em alguns elementos. Afinal, um estudo rápido e desatento pode refletir em conclusões errôneas e precipitadas, uma vez que a mídia pode atuar na construção do acontecimento histórico (BUSETTO, 2008). Procurei ter este cuidado.

Recorri a vários documentos como forma de buscar a trajetória do futebol brasileiro. Confesso, não foi fácil. Busquei acervos da Eletropaulo, do Arquivo Público de São Paulo, da Federação Paulista e Fluminense de Futebol (vale lembrar que apenas há cerca de duas décadas os clubes paulistas e a Federação Paulista de Futebol passaram a valorizar a preservação de suas respectivas histórias; muitos documentos, no entanto, perderam-se por falta de conservação ou são, em exagero, superficiais), da Fundação Biblioteca Nacional, do Arquivo Nacional, do Museu da Imagem e do Som de São Paulo, de arquivos de jornais como *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo* (esses em boas condições). Mas a maioria dos documentos foi obtida com lamento pela forma como encontrada. Atas de diretorias e de Assembleias Gerais de clubes também se apresentam mal conservados e desorganizados, assim como súmulas de jogos e diversas imagens (em especial as do primeiro quartel do século passado). Tiradas as frustrações, ficou o prazer. Também foi feito o uso e análise obras literárias, históricas, sociológicas e, claro, um pouco das experiências pessoais (daí valer ter vivido um pouco mais para ousar realizar este trabalho).

A documentação obtida nos arquivos dos clubes, tal como cartas, relatórios, atas, circulares e estatutos⁹, atestam investimentos de empresas em práticas esportivas como o futebol. Afinal, vale lembrar que o número de clubes de futebol nas primeiras décadas do século XX não parou de crescer.

⁹ Resumidamente, balancetes são demonstrativos contábeis que reúnem contas de movimento de uma empresa; atas são documentos que registram de forma resumida as deliberações, ocorrências e decisões de reuniões e assembleias; estatutos são documentos que agrupam as normas jurídicas que regulam as relações entre os indivíduos que têm algo em comum (regulamento do funcionamento de uma pessoa jurídica); circulares entendidas como comunicações enviadas a determinado grupo associado sobre assuntos de interesse geral.

Como será observado, muitas das agremiações de futebol criadas por trabalhadores buscaram apoio para suas atividades junto às direções patronais, apoio este material e financeiro, como cessão de terreno para estruturação de campo e sede, material de jogo, alugueis, uniformes, deslocamentos dos praticantes, bolas, entre outros. Daí a importância da análise de documentos empresariais.

Importante que se entenda que trabalhar o futebol requer um “algo a mais” (talvez “a menos”). Ou seja, se o meio acadêmico exige racionalidade através de análises de uma documentação primária, ao se estudar o futebol não se pode exigir tanto rigor. Há uma riqueza na exploração do tema, envolto em memórias afetivas que permitem o envolvimento emocional do pesquisador.

Como nos pede Luiz Carlos Ribeiro (2004, p. 108): “[...] não podemos aprisionar nosso objeto de estudo a uma formalidade que anule a sua indeterminação, pois é nesse voo cego que se encontra grande parte do seu sentido”. Desta forma, como será observado, para efeito de melhor entendimento sobre o explicitado, por vezes dados resumidos serão apresentados, em especial de agremiações formadas nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Tais informações foram colhidas a partir do cruzamento de diversos dados das mesmas, a partir de estatutos, periódicos, atas dos clubes e de outras fontes utilizadas e apontadas ao longo do trabalho. Neste sentido, corro sério risco de questionamentos.

Quanto à sequência dos capítulos (estrutura do trabalho):

Capítulo 1 – estabelece breve histórico do futebol enquanto prática, relacionando-o, em seu contexto moderno, aos interesses do industrialismo e, próprio de seu desenvolvimento e apreciação, à sua espetacularização contemporânea;

Capítulo 2 – narra a introdução do futebol enquanto esporte em solo brasileiro, apontando para seu caráter preliminar elitista em centros como São Paulo e Rio de Janeiro; indica, ainda, histórico da formação das primeiras agremiações organizadas de futebol, tanto nas cidades de São Paulo quanto no município do Rio de Janeiro, então capital federal. Na continuidade, o capítulo analisa os elementos que contribuíram para a popularização do futebol no país a partir dos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, descrevendo a importância da mídia para o processo, com destaque à figura do jornalista Mário Filho;

Capítulo 3 – narra e analisa o encontro do futebol com as causas operárias e o estabelecimento da prática entre trabalhadores paulistas e fluminenses, bem como o posicionamento do movimento sindical diante da popularização do esporte entre os

trabalhadores urbanos;

Capítulo 4 – consolidado nos principais centros populacionais, políticos e econômicos do país, a partir da introdução dos torneios FIFA (Copas do Mundo de Futebol), em 1930, o capítulo atenta e analisa as intenções das autoridades governamentais brasileiras (leia-se Getúlio Vargas) em criar, através do esporte, uma identidade nacional, em cenário que envolveu debates étnico- raciais, a profissionalização do futebol e os interesses das mídias, indicando, ainda, como o esporte ganhou projeção global a partir da década de 1970 sob o comando da entidade maior do futebol mundial (leia-se, Federação Internacional de Futebol Associação);

Capítulo 5 – procura entender e desvendar os interesses particulares e de grupos no apoio ao contínuo desenvolvimento das agremiações de futebol nos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo, apontando para os dividendos obtidos com tais iniciativas;

Considerações Finais.

CAPÍTULO 1 - A TRAJETÓRIA DO FUTEBOL ENQUANTO ESPORTE: UM BREVE HISTÓRICO (DAS RAÍZES À ESPETACULARIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA)

*O futebol é o ópio do povo e o narcotráfico da mídia.
Millôr Fernandes*

Futebol, atletismo, remo, turfe, pugilismo. Eis alguns dos esportes originados na Inglaterra. A princípio, de caráter excludente, praticados por indivíduos das camadas sociais mais abastadas.

A penetração de tais práticas entre as demais camadas sociais inglesas significou a consolidação de novos hábitos culturais, a que Pierre Bourdieu denomina ‘violência simbólica’, apontando à adesão de um conjunto de hábitos e práticas representativas que definem certo estilo de vida. Ou seja, por meio da violência simbólica, a classe dominante impõe seus valores culturais aos dominados e legitima suas forças, expressando seus gostos e estilo de vida:

A violência simbólica consiste em uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também, com frequência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la (BOURDIEU, 1997, p. 22).

Pierre Bourdieu entende o esporte moderno como um fenômeno em que se atribui posições relacionadas ao capital social, econômico e cultural de cada agente. A busca pela hegemonia de determinadas práticas seria o acúmulo de uma distinção social de acordo com o seu potencial de poder simbólico.

Para se compreender o esporte, segundo Bourdieu (1997), seria necessário conhecer e reconhecer a posição que determinada atividade esportiva ocupa por meio da distribuição dos praticantes segundo a colocação do mesmo no espaço social, apontando para a necessidade de se perceber o tratamento do esporte na condição de fenômeno inscrito em um sistema mercadológico.

Marivoet (2013) reforça os entendimentos de Bourdieu ao estabelecer que práticas e gostos culturais constituem elementos indicadores da condição do indivíduo em uma estrutura social, incluindo aí os hábitos esportivos e as práticas de lazer.

E o lazer, de acordo com o sociólogo francês Henri Lefebvre (1958), pode constituir um rompimento e uma contradição da vida diária, na qual estão inseridos o

trabalho e a vida familiar. Quanto às possibilidades de entretenimento enquanto ruptura, o autor sustenta que tal descontinuidade se dá a partir dos elementos que a vida cotidiana não pode oferecer. Ou seja, o “passatempo” seria compreendido como quebra e responderia a necessidades sociais específicas, estando qualificado a trazer respostas às inquietações e fadiga da vida diária. Assim, para Lefebvre, a necessidade de diversão orienta o lazer.

Ainda segundo Lefebvre (1958), é nas práticas de lazer e por meio delas que os indivíduos, conscientemente ou não, realizam a crítica da vida cotidiana, uma vez que os momentos de ócio propiciam algo que o trabalho e mesmo a vida privada familiar - tal como são oferecidos no mundo capitalista - não podem ofertar, como a distância da noção de tempo, do cronômetro, da disciplina e da obrigatoriedade. Porém, o lazer não estaria dissociado do trabalho, o que significa dizer que nem sempre indica quebra, mas sim um distanciamento do que é normal enquanto atividade costumeira.

Vale destacar que uma sociedade industrial, a princípio, encarou a recreação como uma atividade marginal, que deveria ocupar uma parte mínima do tempo do trabalhador e não apresentar temas políticos explícitos, devendo portar-se apenas como um momento de diversão ou de esquecimento dos problemas cotidianos. Porém, o lugar do entretenimento, em sua evolução moderna, transformou-se em local depositário de aspirações e desejos quase sempre adiados e continuamente renovados, o que passou a ser observado por controladores do mundo do capital como ócio e, portanto, passível da necessidade de controle.

Victor Melo (2010) afirma que, desde que se organizou enquanto fenômeno social, o lazer apresentou-se como espaço de lutas simbólicas. Em primeira instância, porque foram conquistados e não cedidos pelos proprietários dos meios de produção. Em seguida, por permitirem compreender os interesses existentes no interior de uma sociedade, o que permite a compreensão das relações sociais. Para o autor,

A vida festiva tem seu valor reconhecido não só como válvula de escape, mas também como manutenção da pressão, da coesão, como estratégia de subversão. Os momentos de diversão são eivados tanto por elementos de conservação quanto de contestação da ordem. Mais ainda, como tempo/espaço de vivência cultural, seria local privilegiado para compreender como o erudito e popular se cruzam (MELO, 2010, p. 19).

A popularização dos esportes – entre os quais o futebol que, em tempos

contemporâneos, abandona progressivamente seu caráter recreativo para transformar-se em atividade vinculada ao consumo de massa – fundamentou-se (não só, mas acima de tudo) em relações capitalistas.

Segundo Bero Rigauer (1969), o esporte é uma adaptação à vida moderna, consistindo como forma dissimulada para o trabalho, reproduzindo, em si, o mundo do capitalismo por ter em sua constituição autoridade, concorrência, competência, aperfeiçoamento, organização e burocracia.

Vários autores apontam como causas da proliferação dos esportes modernos (caso, em especial, do futebol) fatores como o nacionalismo, interesses científicos e a cultura de massa. Porém, o destaque à popularização do futebol também deve ser atribuído à facilidade de praticá-lo, como bem define Glauco Souza (2015, p. 46):

De maneiras diversas, as classes baixas também puderam desfrutar do esporte bretão, pois o futebol, diferentemente do remo, do turfe, do ciclismo ou do alpinismo, não era refém de instrumentos para ser praticado, isto é, enquanto, sobretudo o remo e o turfe, precisavam, obrigatoriamente, de barcos e cavalos, o futebol não exigia nem mesmo uma bola oficial.

A afirmação de Glauco Souza nos remete à ideia de que o futebol é um esporte de fácil assimilação e improviso, quase anárquico, caso praticado informalmente. Talvez daí popularizar-se, arraigar-se entre os menos favorecidos, já que, caso sejam dispensadas as regras oficiais, joga-se como quiser. O campo de jogo pode ser adaptado, assim como as metas (gols), dois pares de chinelas podem ser o bastante para delimitar o objetivo, o campo pode ser um pedaço de calçada ou de rua, o piso pouco importa (regular, esburacado, íngreme), o tempo de jogo é livre (pode até ser por número de tentos marcados, tal como “vira a seis e termina a doze”), oficialmente, onze jogadores de cada lado, mas podem ser unidos quantos jogadores se desejar ou se tiver à disposição. Com goleiro, sem goleiro, com goleiro-linha. Pode-se apitar por consenso. A tática pode existir e ser traída e subtraída quando o futebol é praticado por diversão, no que Arlei Damo (2005, p. 35) intitulou prática da “bricolagem”, por não reproduzir a divisão social do trabalho através das especializações das funções em campo ou fora dele nem buscar o rigor disciplinar, do tempo e das regras. Mesmo embates entre casados e solteiros podem fazer alusão ao status (os providos e os desprovidos de liberdade).

Richard Mandell (1984) indica que diversas atividades físicas recreativas realizadas no mundo antigo e medieval podem ser associadas ao que definimos

atualmente como esporte. No entanto, Mandell aponta para uma relação entre formas de organização social e formas de competição esportiva, indicando ainda que a maioria dos esportes modernos¹⁰ possui características próprias. Ou seja, para que sejam entendidas as particularidades dos esportes intitulados modernos, necessário que nos aprofundemos nos estudos da evolução das estruturas sociais e culturais em que tais práticas foram desenvolvidas, o que determina que se leve em consideração as condições materiais de vida.

Desta forma, não é de estranhar o desenvolvimento do esporte moderno na linha trajetória do capitalismo em sua fase industrial: racionalização, padronização e cálculo de performance, acompanhando a transição para a vida de base urbano-industrial (competitiva, racional e marcada pela busca de eficiência), expressando a passagem para uma nova mentalidade social, enraizada entre membros sociais privilegiados (até pela disponibilidade de tempo livre entre membros de uma elite social), mas depois internalizada entre os trabalhadores (até como forma de reforço às mentalidades dos segmentos sociais dominadores).

Thompson (1987) afirma que seria ilusão imaginar que a Revolução Industrial (tanto a Primeira quanto a Segunda) substituiria o mundo rural por um mundo urbano sem conflitos, uma vez que jogos e trapaças, esportes brutais, superstições e celebrações populares permaneciam vivas e precisavam ser domesticadas, moralizando as diversões. Porém, segundo o autor, isso não significa que os trabalhadores envolvidos pelo processo revolucionário industrial dos séculos XVIII e XIX tenham reproduzido valores e práticas a eles indicadas sem levarem em consideração seus próprios padrões e costumes: adaptaram-nas ao às suas visões.

Dentro do contexto da urbanização trazido pelo processo revolucionário industrial, a educação passou a adquirir status de treinamento para o hábito do trabalho, com destaque à pontualidade e ao estabelecimento de regras rígidas. Ou seja, o espaço escolar ganhou contornos do espaço urbano, demonstrando a nova concepção em curso: trabalho e tempo como valores a serem absorvidos, o que vale dizer que a passagem da produção manufatureira para a industrial passou a impulsionar a substituição do tempo natural pelo tempo da produção, o que pode ser traduzido pelo novo imperativo: eficiência.

Thompson (1998, p. 294) formula hipóteses para a passagem da valorização

¹⁰ O conceito de moderno aqui utilizado faz referência à Era Industrial, ou seja, a partir das transformações decorrentes do processo industrial (meados do século XIX) no mundo ocidental.

do tempo natural para o tempo das fábricas:

A primeira geração de trabalhadores nas fábricas aprendeu com seus mestres a importância do tempo; a segunda geração formou os seus comitês em prol de menos tempo de trabalho no movimento pela jornada de dez horas; a terceira geração fez greves pelas horas extras ou pelo pagamento de um percentual adicional pelas horas trabalhadas fora do expediente. [...] Haviam aprendido muito bem a sua lição, a de que tempo é dinheiro.

Assim sendo, os esportes modernos surgiram na transição para o industrialismo pleno, com práticas como o futebol, o basquete e o vôlei respondendo às novas circunstâncias urbanas e disciplinares da segunda metade do século XIX, quando o tempo cronométrico passou a ser fator para avaliações do desempenho, o que significa dizer que o espírito profissional passou a superar o espírito lúdico como forma de recuperação da energia disponibilizada para o trabalho através do entretenimento. A penetração do futebol enquanto atividade entre trabalhadores talvez, mesmo que inconscientemente, teria como razão a possibilidade destes de recuperarem o que lhes foi retirado pela linha de produção fabril, trazendo-lhes a sensação de pertencimento de si e não à fábrica, com um importante ingrediente: levar o trabalhador a debatê-lo como forma de subtração do foco da exploração.

Sobre a origem do esporte moderno, Elias afirma que há uma relação íntima entre industrialização e esportivização, próprio “de uma transformação mais profunda das sociedades europeias, o que exigia dos seus membros uma maior regularidade e diferenciação de comportamentos” (ELIAS; DUNNING, 1992a, p. 225).

Para Elias e Dunning (1992a, p. 322), o aumento da importância das atividades esportivas relaciona-se a três aspectos:

[...] o desenvolvimento do desporto como um dos principais meios de excitação agradável; a transformação do desporto, em termos de função, num dos principais meios de identificação coletiva; a emergência do desporto como uma fonte decisiva de sentido na vida de muitas pessoas.

Immanuel Kant chegou a afirmar que a liberdade de objetivos é um dos critérios do jogo, em contraposição ao trabalho (KANT, 1923). Trabalho que, como atividade, recebe críticas de Paul Lafargue (2009, p. 61-62):

[...] uma estranha loucura apossa-se das classes operárias das nações onde impera a civilização capitalista. Esta loucura tem como consequência as misérias individuais e sociais que, há dois séculos, torturam a triste humanidade. Esta loucura é o amor pelo trabalho, a paixão moribunda pelo trabalho, levada até o esgotamento das forças vitais do indivíduo e sua prole.

Não se deve estranhar a multiplicação das regras esportivas a partir do século XVIII, em plena fase da explosão revolucionária produtiva industrial: corridas de cavalo, 1750; golfe, 1751; críquete, 1788; rúgbi, 1846; ciclismo, 1868; futebol, 1863. Isto porque Revolução Industrial e futebol (entre outros esportes) baseiam-se na competição, na produtividade, na especialização de funções (embora a armação do jogo com funções definidas tenha ficado mais clara apenas na segunda metade do século XX) e quantificação de resultados. Ou seja, no jogo social, restrições de comportamento possibilitam o controle dos interesses individuais em nome do que passa a ser intitulado “bem comum”.

Hans Gumbrecht (2007) busca a compreensão de serem as práticas esportivas tão apreciadas. Para ele, os torcedores não ganham nem perdem com o resultado dos jogos (a menos que façam apostas), apontando que o esporte – em especial o futebol – gera uma ruptura com o cotidiano. Ou seja, no caso da prática futebolística, como bem pode ser observado nos tempos atuais, o próprio deslocamento do público a um evento pressupõe uma transferência não apenas física, mas também emocional e simbólica (quem já viveu ou vive a experiência, sabe que no trajeto em direção a um estádio vão sendo construídas rupturas com o cotidiano através de pequenos ritos como cânticos, ingestão de bebidas alcoólicas, xingamentos ao adversário, entre outros; todo este conjunto de ritos e rituais não cessa com o espetáculo, já que continua nas programações esportivas, nos “replays” das principais jogadas, nas mesas de bar, nas redes sociais, nos jornais, nas mesas-redondas televisivas).

Norbert Elias identifica na organização do esporte um elemento do processo de “pacificação” social, uma vez que por meio dele os componentes de uma sociedade abririam mão de resolver diferenças aceitando as regras para uma disputa em que não haverá feridos ou mortos, pelo menos reais:

As condições que propiciavam a emoção forte, sobretudo a emoção socialmente compartilhada que poderia levar à perda do autocontrole, se fizeram então mais raras e menos toleráveis do ponto de vista social. O problema estava em como dar aos indivíduos a oportunidade de experimentar plenamente a excitação agradável que parece ser uma das necessidades mais elementares dos seres humanos sem os consequentes perigos sociais e pessoais para os outros ou para si mesmos (ELIAS; DUNNING, 1992b, p. 204).

A prática futebolística institui fundamentos ocultos de dominação ao localizar a dominação masculina na legitimação dos corpos. Na verdade, uma dominação pouco

evidente, o que significa que as diferenças biológicas mobilizam-se para fundamentar as diferenças entre os indivíduos de uma mesma estrutura social. A dominação masculina no futebol (e no universo esportivo de contato físico) mostra-se através de elementos que indicam força e virilidade. Ao feminino estariam destinadas práticas esportivas reforçadoras de características estéticas, ou seja, legitimadoras da feminilidade. Difícil para o futebol, neste sentido, firmar-se como prática integrada às mulheres:

Criado, modificado, praticado, comentado e dirigido por homens, o futebol parece pertencer ao gênero masculino, como parece também ser de seu domínio o julgamento de quem pode/deve praticá-lo ou não. É quase como se à mulher coubesse a necessidade de autorização masculina para tal (GOELLNER, 2000, p. 81).

Michel Foucault (1988) contribui com a discussão ao analisar as maneiras como a sexualidade foi construída na sociedade ocidental ao questionar a noção de como os discursos sobre a sexualidade enfatizam a repressão. Ou seja, Foucault correlaciona os mecanismos sociais de controle do indivíduo através da domesticação do corpo como forma de controlar o sujeito e, principalmente, fazê-lo internalizar as proibições e regras ligadas à sexualidade.

Para Elias e Dunning (1995, p. 64), as sociedades humanas procuram compensar as tensões acumuladas dos indivíduos; o esporte seria uma das principais atividades de satisfação dos impulsos instintivos, emocionais e afetivos cerceados pelas regras sociais, liberando tensões provocadas pelo esforço da pessoa em conter-se:

[...] O esporte – como outras atividades recreativas – [...] pode evocar uma determinada tensão, uma excitação agradável, permitindo assim que os sentimentos fluam com mais liberdade. Pode servir para afrouxar, liberar, talvez, as tensões por sobre-esforço (ELIAS; DUNNING, 1995, p. 64).

Procurando ilustrar suas proposições, Elias aponta ainda que o futebol propicia uma progressiva conformação entre seus praticantes e espectadores, com as regras do jogo vinculando-se à necessidade de dosar e estimular tensões perante um combate fictício, estabelecendo um equilíbrio entre prazer e controle dos instintos, em claro processo apaziguador. Ou seja, a origem do esporte moderno estaria associada a um contexto de transformação sociocultural que abrangeria as mudanças na personalidade dos indivíduos, nas relações sociais envoltas ao mundo do trabalho, do

lazer e da política, assim como nos estilos de vida, de contemplação do mundo e determinações dos papéis sexuais.

Arrisco afirmar que a vida humana ocidental, principalmente a partir do século XVIII, passou a aparentar partidas de futebol: embates, tempo medido, lutas pela titularidade e aceitação, torcidas agindo como partidos políticos, advertências, disputas, discussões de teses, improvisos, regras e transgressões, práticas de alienação, simbologias da socialização, teatralização da vida social, encenações abstratas de guerra, entre outros.

Seja como for, o futebol se assemelha às guerras ritualísticas de povos tradicionais. São disputas agonísticas, em que o importante é sobrepujar o adversário sem causar mortes, atacando-o para vê-lo acuado em seu campo. O território de jogo é o espaço da guerra e a bola o objeto desejado pelos grupos oponentes, como numa caça esportiva (não me estranha ter o futebol sido inventado pelos ingleses), onde cada bando “tenta impedir a morte simbólica de sua presa e matar a presa do outro bando” (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 195).

Os cantos, as bandeiras e a percussão da torcida fazem parte do ritual do jogo. Expressões utilizadas no meio deste esporte tais como “tiro-de-meta”, “canhão”, “bomba”, “ataque”, “defesa”, “artilheiro”, entre outros¹¹, são comuns e fazem parte de seu vocabulário (não espanta as táticas do jogo de futebol terem evoluído de acordo com as disposições de tropas no terreno em que devem combater). Porém, no futebol não há graça quando uma equipe faz muitos gols. Caso ocorra, será monótono e cansativo. Um gol ou uma defesa que evite um tento pode vir a ser mais interessante por fomentar a sensação de guerra, de disputa.

Diria que o futebol está vinculado ao poder e à tentativa de vencer bloqueios à base da força e da estratégia. Em verdade, futebol se joga como se guerreira: com as armas que se tem, com os espaços geográficos, políticos e sociais que se possui. Como exemplo, basta que nos remetamos à campanha da seleção holandesa de

¹¹ Alguns termos bélicos utilizados no futebol: arqueiro (referência a goleiro), armador (de jogadas), barreira (elementos de um time posicionados em cobranças de falta pretendendo impedir que a bola atinja o gol), batalha, carrasco (atleta que determina derrota ao time adversário), combate, convocação (chamada de jogadores para uma partida), desarme (tirar do adversário os meios de ataque), duelo, guerreiro (atleta que mostra vontade), herói (atleta que marca o gol da vitória ou salva o time de tomar um gol), lançamento, luta, matador (atleta que não desperdiça gols), ofensivo, ponta de lança (atleta que joga pelas extremidades do campo de jogo), torpedo (chute forte), vítima, vitória, xerife (atleta com liderança em campo), rival, peleja (briga). Para os apreciadores, recomendo a obra *O país da bola*, de Betty Milan (2014) que, entre outros, aborda o uso dos jargões do futebol em nossa vida cotidiana.

futebol na Copa do Mundo de 1974, realizada na Alemanha: um time articulado pelo técnico Rinus Michels para não guardar posição e preencher os espaços do campo do jogo, esquema que pode ter sido montado a partir das características naturais do país, de território pequeno e constituído de regiões planas e forte presença do mar, densamente povoado. Ou seja, vira-se como se pode.

Nascido na Inglaterra industrial dos 1860, o futebol ganhou regras fixas e, desde então, tem sido o sujeito predileto de intensas projeções simbólicas em todo o planeta, embora territórios que se associaram forçadamente ao império britânico tenham resistido ao esporte, caso da África do Sul, Austrália, Estados Unidos da América, Canadá e Nova Zelândia (da mesma forma no mundo islâmico, onde o futebol passou a ser apreciado e a desenvolver-se apenas a partir da década de 1970, depois que o símbolo do imperialismo deixou de ser o inglês para ser estadunidense, este último sem grande tradição na prática). Resistências...

Creio que quem acompanha futebol o faz não apenas para ver seu time triunfar. O faz, mesmo sem clareza, para aprender a viver melhor, para compartilhar coisas boas e ruins. Sofre-se por um time sem exigir muita coisa em troca. Neste sentido, o futebol torna-se interessantemente alienante.

Talvez só mesmo o futebol seja capaz de unir opostos (torcedores de condições sociais, econômicas, políticas e mesmo religiosas contrárias), além de inverter a ordem de importância do mundo (num encontro futebolístico, uma potência bélica e econômica pode se sentir inferior a um país sul-americano ou africano, afinal o arsenal é o mesmo para os dois, excluindo-se aí a participação da torcida, normalmente um fator de peso no desenvolvimento de um embate). Da mesma forma que une, o futebol proporciona a cristalização de rivalidades (FOER, 2005): protestantes e católicos na Escócia (vide Rangers x Celtic), resistência catalã na Espanha (Barcelona x Real Madrid), maragatos e federalistas no Rio Grande do Sul (Internacional x Grêmio).

Michel Houellebecq (2008, p. 10), escritor francês, afirma que o futebol seria a saída “para as frustrações ligadas ao desaparecimento das guerras e arte para as frustrações ligadas ao surgimento da democracia”. No caso, Houellebecq refere-se a Tocqueville, que identificou ser a democracia um regime em que é possível transformar uma sociedade em um rebanho obediente e uniforme entre si e com a propagação de apenas duas preocupações: prazer e saúde.

Segundo o historiador José Carlos Sebe Bom Meihy (1982), o futebol possui duas vertentes. A primeira é ideológica, de cunho mais cultural-nacionalista, quase

poético, usado com argumentos pró-união; a outra é de caráter empresarial, o que envolve os meios de comunicação, o futebol-empresa e os serviços gerais que envolvem a economia do meio futebolístico.

Walter Benjamin (1984) sugere que o futebol seja um jogo constituído de uma porção masculina e outra feminina. O ataque seria representado pelo caçador (centroavante); a defesa, pelo goleiro, responsável pela proteção ao espaço que não pode ser penetrado, violado¹². Seguindo seu raciocínio, um goleiro que coloque uma partida a perder pode ser execrado, tal como aconteceu com o goleiro Barbosa na Copa de 1950, quando o Brasil perdeu a final em uma Maracanã abarrotado a partir de uma suposta indefinição sua¹³.

Ao contrário do basquete, do vôlei, do futebol de salão e de tantas outras modalidades, o futebol de campo é praticado ao ar livre, ao natural (embora atualmente tenhamos arenas climatizadas e protegidas das impreviões da natureza, caso do Club Athletico Paranaense), exposto à natureza, mantendo sua origem rural. Certamente porque a Revolução Industrial Inglesa baseou-se em um capitalismo agrário, em uma transição rápida, mas que não quis perder seu limiar. Para Verdú (1980, p. 120), o vôlei, o handebol e o futsal são esportes “transportados da intempérie para a proteção do ginásio, como uma réplica da produção industrial que cobre o mundo agropecuário (viveiros, estábulos, granjas)”.

As regras do futebol favorecem, em normalidade, o talento. Em normalidade. Afinal, o futebol é o único esporte coletivo onde uma equipe inferior, ao desejar manter o placar que lhe é favorável, fecha-se em campo em defesa da vantagem obtida ou que deseja obter.

Mesmo as dimensões do campo, estabelecidas em formato retangular, impõem o jogo pelas laterais, verticalizando o objetivo: o gol.

Bem fez Hobsbawm ao afirmar que o futebol tornou-se a conversa social do bar, uma “língua franca”, principalmente para os trabalhadores, aproveitando-se do vácuo deixado pelas esferas comunitárias em desagregação na cidade moderna

¹² Caso desejemos aprofundar ainda mais a tese de Benjamin, até a década de 1970 o goleiro atuava basicamente como um guardião da meta. Com o avanço social do feminino - em especial a partir dos anos 80 do século passado - o guarda-metas passou a sair jogando, a participar plenamente do jogo, como líbero e até mesmo batendo faltas ou penalidades máximas. Até sua vestimenta abandonou o cinza ou o preto e coloriu-se, indo do rosa ao amarelo “marca-texto”.

¹³ Indico a curta-metragem de Ana Luiza Azevedo e Jorge Furtado: *Barbosa*. Barbosa foi o goleiro brasileiro na derrota da Copa do Mundo de 1950, realizada no Brasil. Tal qual “uma virgem deflorada” expulsa de casa, Barbosa foi considerado culpado pela derrota que chocou o país.

(HOBBSAWM, 1991), indicando para a popularização do futebol britânico a partir do contexto revolucionário produtivo e tomado como cultura de forma avassaladora entre operários do mundo ocidental, não sem transições.

Ao contrário do imaginado por muitos, o futebol percorreu um longo caminho como jogo em que a bola deveria ser controlada com os pés. Passou por diversos povos até chegar à modernidade, embora ainda busque aperfeiçoamentos.

Existem indícios de que na China antiga, praticava-se o *tsutchu*, palavra que significaria “golpe na bola com o pé”. Um único jogador poderia fazer malabarismos com um objeto parecido com uma bola; na competição entre equipes, os praticantes deveriam lançar o objeto sobre uma rede, com adversários tentando evitar que a mesma tocasse o solo, ou ainda duas equipes tentando arremessar a peça em redutos pré-fixados em cantos de um campo (o que podemos entender como gols) (PORTO; MÁXIMO, 1969).

O *kemari* (ke=chutar; mari=bola) foi praticado no Japão a cerca de três mil anos. Uma exibição de habilidade com um objeto semelhante a uma bola de pouco mais de vinte centímetros de diâmetro, composta de crinas de cavalo (AQUINO, 2002), mas onde os contatos corporais eram proibidos. Cada grupo (time) tinha oito jogadores e o campo de jogo (kikutsbo) era um quadrado demarcado por um pinheiro, um salgueiro, um bordo¹⁴ e uma cerejeira. Os jogadores deveriam conduzir a “mari” pelo alto, gritando a cada toque.

Na Grécia antiga, praticou-se o *epyskiros*, disputa entre equipes por uma bola, devendo ser utilizados os pés. Na Roma clássica, o *harpastum*, disputa entre os praticantes por uma pelota, com utilização dos pés e mãos em um campo retangular e metas em suas extremidades (BORSARI, 1989). No sul da França atual, célticos pré-romanos disputavam o *seault* ou *soule*, proibido por Filipe V¹⁵ em 1319. Na América Pré-colombiana, o *pirimatum*, o *tchoekah* e o *pok-tai-pok*, com disputas por uma bola de borracha maciça. Na Austrália, aborígenes disputavam o *marn grook* (jogo da bola), disputado por até cinquenta componentes das tribos Djabwurrung e Jardwadjali (a bola era feita de pele de cangambá¹⁶), havendo a utilização de mãos e pés. Os registros destas atividades, no entanto, são imprecisos.

¹⁴ Árvore do gênero *Acer* (família *Aceraceae*).

¹⁵ Filipe V & II (1293-1322), conhecido como Filipe, o Alto, foi rei da França como Filipe V e Rei de Navarra como Filipe II de 1316 a 1322.

¹⁶ Também conhecido como doninha-fedorenta, mamífero carnívoro caracterizado pela pelagem preta com listras brancas. Acuado, expele um líquido fétido.

Em tempos modernos, a bola já rolava em Florença. Em 17 de fevereiro de 1529, vinte e sete jogadores com camisas brancas e vinte e sete com camisas verdes disputaram o *calcio*. Teria sido a forma encontrada por dois grupos políticos rivais para solucionar suas diferenças. Essa partida do jogo de bola durou várias horas. Não houve vencedor, já que todos cansaram, desistindo. Assim, como única solução, foi decretado o empate.

Para conter a violência do embate, Giovanni di Bardi¹⁷ fixara as regras, procurando evitar fraturas de braços, pernas, dentes, narizes, muito comuns nestas pelejas. Não havia goleiros. Dos vinte e sete de cada equipe, quinze eram atacantes (*corridori*), cinco médios (*scontiarì*), quatro zagueiros avançados (*datori innanzi*), três zagueiros recuados (*datori addietro*). Válida era a utilização de pés e mãos para fazer a pelota rolar. Ultrapassada a linha existente em cada extremidade do campo: gol! (*caccia*) (KUPPER, 2014, p. 17).

Políticos como Alessandro de Médici, religiosos como os papas Leão X, Clemente VIII e Urbano VIII e escritores como Nicolau Maquiavel, teriam praticado o jogo precursor do futebol moderno. Mas as informações não são precisas.

William Shakespeare chegou a citar a prática do futebol em sua *Comédia dos Erros*, onde pergunta: “[...] tomais-me por uma bola de futebol? Vós me chutais para lá, e ele me chuta para cá. Se devo durar neste serviço, deveis forrar-me de couro”.¹⁸

Na França pré-revolucionária do século XVIII, a nobreza ociosa era amante do jogo da *péla*, prática apontada como sagrada e considerada ancestral do tênis (AQUINO, 2002, p. 15-16). Tal disputa era praticada em um campo retangular, com uma bola de borracha extremamente pesada e dura, representante do Sol. Os jogadores só podiam dar movimento à péla com a cabeça, braços e pernas (não podiam fazer uso das mãos e pés). A peleja simbolizava o combate das forças cósmicas e servia de fonte de presságios. A vitória da equipe que ocupava o lado ensolarado do campo era vista como indicação de algo favorável ocorreria. Ao contrário, a vitória do time que ocupava o lado sombrio seria um sinal de que algum acontecimento negativo estaria por ocorrer.

Mas foi nos anos finais do século XVIII, com a consolidação do parlamentarismo e a Revolução Industrial, representando a vitória do capitalismo na

¹⁷ Conde de Vernio, foi militar, compositor e escritor.

¹⁸ A *Comédia dos Erros* é tida pelos pesquisadores como a primeira peça de Shakespeare, com sua estreia nos palcos tendo ocorrido provavelmente em 1594 (SHAKESPEARE, 2000).

sociedade inglesa, que começaram a ocorrer mudanças no jogo da bola. Aos dirigentes da aristocracia interessava reformular a educação então dominante no país e valorizar o cristianismo atlético, visão voltada para ampliar a fibra moral das elites inglesas.

O futebol, esporte que vinculava disciplina e solidariedade, serviria ao propósito. Porém, praticado sem regras claras, recebia críticas e propiciava resistências:

Mesmo no seio da classe trabalhadora havia aqueles que consideravam que o jogo era algo promovido pela elite local como um tipo de paternalismo que encorajava os trabalhadores a se comportar de modo pouco respeitável [...]. A parcela mais bem remunerada da classe trabalhadora, sobretudo, começou a se dedicar a outros lazeres, como a leitura, a dança, os passeios, os parques e a jardinagem. Isso mostra que estava havendo uma mudança na sociedade no sentido de uma pacificação dos costumes, embora as diferenças de comportamentos entre as classes ainda fossem muito significativas (ALVITO, 2014, p. 27).

Com a finalidade de disciplinar o jogo, regras fixas deveriam ser criadas. Em 1823, na Rugby School, a discussão se deu: deveria a prática permitir também o uso das mãos? Com a aceitação, nasceu o chamado *rugby*¹⁹ (MARTINS, 1997). Também entre o final do século XVIII e segunda metade do século XIX, foram estabelecidas as regras para o golfe, para o críquete²⁰, para o ciclismo e para as corridas de cavalos.

Para Elias e Dunning (1992b, p. 34), essa “[...] desportivização dos passatempos foi um esforço para a diminuição das disputas pelo poder, agora inseridas em regras e normas para regular o jogo social”.

Pode-se afirmar que o processo de urbanização vivido na segunda metade do século XIX na Inglaterra relaciona-se com o processo de proletarização do futebol.

Giulianotti (2002, p. 20) indica que, entre 1820 e 1860, abriu-se um vazio no lazer popular inglês a partir do abandono dos antigos esportes praticados nas aldeias (entre eles, o adestramento de cães e a briga de galos), cujas populações seguiam em massa rumo às cidades em busca de emprego nas fábricas emergentes. Desta forma, uma nova forma de lazer se fez necessária para preencher os momentos de distração: o futebol teria servido ao propósito.

¹⁹ Esporte em que duas equipes de quinze jogadores se enfrentam, usando as mãos e os pés; o objetivo é levar a bola (oval) até a linha de fundo adversária ou fazê-la passar por entre as traves da meta (localizada sobre tal linha).

²⁰ Esporte disputado em gramado envolvendo duas equipes de onze jogadores, com pequena bola maciça e pás de madeira para batê-la e rebatê-la entre as balizas, de um lado e do outro.

Em 26 de outubro de 1863, surgiu o chamado *football association* (futebol moderno), quando representantes de onze clubes e escolas reuniram-se e fundaram a Football Association, em Londres (acredita-se que o número de onze jogadores tenha sido definido a partir dos onze representantes reunidos; porém, o número de praticantes por equipe pode relacionar-se ao críquete). Neste mesmo ano, o futebol foi codificado em apenas quatorze regras (atualmente, são dezessete), tornadas públicas em livros e cartilhas distribuídas pelo país, como uma forma de controle sobre as emoções. Como as discussões mantinham-se, necessária a introdução de um árbitro. Decidiu-se, ainda, que os jogos deveriam ser decididos por gols, com prorrogações até que houvesse desempate (NORONHA, 1975, p. 294). Ao que consta, as regras do futebol vinculam-se ao parlamentarismo, onde o poder não está concentrado apenas em um indivíduo, mas é dividido entre setores sociais rivais, o que exige negociação e revezamento dos grupos através de leis, porém com regras de conduta e participação. Tais normas, ao serem definidas, teriam procurado pressupor a igualdade de condições entre os competidores. Já o triunfo representaria os valores capitalistas: a vitória obtida a qualquer sacrifício, com o adversário devendo ser superado a qualquer custo.

A pacificação do esporte através de regras definidas possibilitou sua expansão entre diferentes grupos sociais ingleses e, à medida que situações não previstas nas regras ocorriam, alguns aperfeiçoamentos: acréscimos no tempo de jogo, redes nos gols, introdução de penalidades máximas (pênaltis), introdução de auxiliares ao árbitro principal, a determinação para que a bola saída nas laterais passasse a pertencer ao adversário e não a quem a alcançasse primeiro, limite de ação aos goleiros com a mão em área definida, uniforme diferenciado para os guarda-metas (goleiros) e a introdução da lei do impedimento.

Figura 1 - Freemasons Arms, Londres



Fonte: Kupper (2014, p. 31).

Neste local (imagem acima) nasceu a primeira associação de futebol, a Football Association, em 26 de outubro de 1863, época em que o capitalismo industrial consolidava-se. No local, a definição das regras do esporte, a menos de um quilômetro da casa que serviu de moradia a Karl Marx.

Aos poucos, na Inglaterra, o futebol, até então restrito às associações de elite e aos colégios, foi sendo incorporado pela cultura operária, passando a ocupar o tempo livre do trabalhador, na prática do jogo e nas discussões sobre ele. Em 1885, dados imprecisos apontam já estarem estruturados mais de mil clubes de futebol em solo inglês, ano da profissionalização da prática no país.

A febre futebolística vivida na Inglaterra a partir da segunda metade do século XIX espalhou-se pelos mais diversos cantos britânicos (escolas fábricas, portos e ferrovias) e do planeta, encontrando no continente americano um de seus campos mais férteis, talvez porque a tendência humana seja a de querer chutar, demonstrando a necessidade de agressão humana a algum objeto que role em nossa direção (uma disposição que o futebol procurou disciplinar).

Os clubes ingleses foram associados ao processo industrial, estruturando-se a partir de empresas siderúrgicas (caso do West Ham), ferroviárias (Manchester United) e armamentistas (caso do Arsenal). Não é à toa que vários clubes tenham adotado nomes ingleses, caso do Banfield, Newell's Old Boys, River Plate (Argentina), Sport Club Corinthians, River, Tránsvias (Brasil), Everton, Green Cross (Chile), The Strongest (Bolívia), isto para ficarmos na América do Sul.

Ou seja, a difusão do futebol seguiu a influência cultural inglesa: num primeiro momento a proliferação da prática nas ilhas britânicas; em seguida, na Europa germânica, chegando posteriormente à Europa Latina e na América Latina (no Brasil, embora mais enraizado em São Paulo e Rio de Janeiro – próprio de investimentos

britânicos – espalhou-se simultaneamente por vários pontos de seu território) (FRANCO JUNIOR, 2007).

Berço da produção industrial, o futebol significa trabalho em equipe, diferenciando a fábrica moderna da produção familiar artesanal.

João Boaventura (s/d) aponta quatro elementos do taylorismo²¹ presentes no futebol: velocidade, especialização de habilidades, cronometragem e trabalho em equipe. Os gols seriam os produtos e os espectadores os consumidores.

Tal qual uma fábrica que exige disciplina do trabalhador, do jogador de futebol também se espera obediência às instruções de um treinador se não quiser perder seu posto de atuação. O respeito à hierarquia do clube também deve ser levado em consideração (caso o jogador - como o trabalhador - não queira perder sua vaga, sempre disputada, quase sempre provisória).

A duração de uma partida de futebol não depende de uma contagem de pontos (caso do vôlei e do tênis), mas do cronômetro (caso da fábrica). Sua busca é por rendimento quantitativo, onde o triunfo se dá a partir da meta atingida a partir do trabalho em equipe, segundo a divisão de tarefas. Assim como a produção industrial, o todo deve estar voltado para que se atinja o objetivo: produzir e defender o produzido de qualquer revés, segundo técnicas e regulação.

O futebol estabeleceu-se a partir de um processo de modernização que passou a atingir vários países, principalmente a partir do processo revolucionário industrial. O Brasil não fugiu à regra. Ou seja, o futebol transformou-se em *hobbie* para inúmeros trabalhadores.

Agnes Heller (1977) afirma que os hobbies apontam para a necessidade humana de criar um mundo diferente, distinto do real, ou seja, de fuga da realidade, onde é estruturada uma pseudoindividualidade, o que significa apontar para a busca da substituição do real pelo imaginário. Agnes aponta, ainda, que quanto maior é a liberdade social e menor a alienação no ambiente de trabalho, mais o jogo é desenvolvido sem responsabilidades. Ao contrário, quanto maior a alienação e menor a liberdade, o jogo torna-se uma fuga e refúgio à opressão.

Assim como no sistema produtivo, no futebol alguns realizam, outros pensam e dirigem; outros colhem os resultados.

²¹ Frederick Taylor (1865-1915), em seu livro *Princípios de administração científica*, propôs a aplicação de princípios científicos na organização do trabalho, buscando maior racionalização do processo de produção.

A prática do esporte em uma fábrica propicia, em normalidade, um sentimento de grupo, em que pese a existência de uma hierarquia existente dentro de seu corpo. Desta forma, as tensões internas tendem a diminuir, encobrendo as contradições, gerando o que no futebol moderno intitulamos “fair play”.

O futebol e seu desenvolvimento e expansão teriam feito parte de uma estratégia dos empregadores e patrões, em geral para recuperar o controle e harmonizar a produção. A atividade seria uma poderosa aliada da disciplina operária (HERSCHMANN; LERNER, 1992).

Roberto Ramos baseia-se no conceito de Louis Althusser (1918-1990) a respeito dos aparelhos ideológicos do Estado, que tornam a repressão desnecessária, apontando o futebol como “aparelho ideológico do Estado”, tendo como função reproduzir as condições econômicas que interessam à classe dominante:

O futebol nasceu na Inglaterra, berço do capitalismo. Na década de 1860, os patrões perceberam que o proletariado se interessava por esse esporte. Investiram na expansão do futebol para impedir a organização política e sindical dos operários. [...] O uso do futebol como ideologia, significando inversão da realidade, se fortaleceu (RAMOS, 1984, p. 5).

Já Eric Hobsbawm (1987, p. 284, 287) identifica no incentivo à prática do futebol entre os operários uma forma sutil de esvaziamento da luta sindical, ao afirmar que:

[...] O operário se identificava com o seu time contra o resto do mundo — na verdade, em cidades suficientemente grandes, ele se identificava com uma das metades —, City ou United, Forest ou Country, que entre si definiam o cidadão de Manchester, Nottingham ou de qualquer parte.

Para Gerhard Vinnai (1970), eventos como os encontros em torno do futebol direcionam os indivíduos para determinadas formas de conduta solidária. Para o psicólogo alemão, a prática deste esporte, enquanto fenômeno social, expressa a visão de tempo livre no desenvolvimento das forças produtivas, refletindo sobre o exercício da realidade ao manter unidos os trabalhadores dentro do aparato industrial alienado, reproduzindo o mundo do trabalho laboral, além de organizar e controlar os homens e o mundo relacionado ao expediente, inclusive durante o tempo em que os mesmos não estão trabalhando diretamente.

Assim como Vinnai, outros estudiosos (tais como Rigauer, Bohme e Laguillaumie) apontam o esporte como fenômeno burguês ao analisarem-no como atividade de repressão das necessidades e mecanismo de adaptação e manipulação,

impedindo a conscientização do sistema social opressor, além de disciplinar os corpos (BRACHT, 1997).

Fato que as últimas décadas do século XIX tiveram como uma de suas características o crescente fortalecimento das paixões nacionalistas, sobretudo nas sociedades capitalistas centrais, empreendedoras de vigorosa expansão imperialistas (ANDERSEN, 1989; HOBBSAWM, 1991). Paralelamente, emergiram algumas resistências à adoção do futebol enquanto prática esportiva. Mas por pouco tempo. O esporte proliferou, chegando à França em 1872, à Suíça em 1879, à Bélgica em 1880, à Holanda, Dinamarca e Alemanha em 1889, à Itália em 1893, ao Brasil em 1895 (de forma oficial). Na América Latina, a rápida propagação da modalidade foi facilitada pela presença no continente de comunidades inglesas ligadas a empresas e empreendimentos do capitalismo inglês (AQUINO, 2002).

O mundo esportivo do século XIX reproduziu valores e mentalidades das camadas privilegiadas da época. Quando se organizou como atração para espectadores, o futebol manteve uma administração amadora ao não se converter em negócio e ao não se curvar, de imediato, aos interesses nacionalistas. Porém, no século seguinte, dentro de uma nova conjuntura social, política e econômica, passou a servir aos interesses políticos, dentro do contexto das Copas do Mundo organizadas pela Federação Internacional de Futebol Associação. Isto porque a criação da FIFA²², em 1904, universalizou as regras do futebol, permitindo uniformidade e maior expansão desta modalidade esportiva. Funcionou. Não só para a FIFA. Para os ideais nacionalistas também (basta que verifiquemos o uso político através do futebol na última Copa do Mundo realizada na Rússia em 2018, quando o país sede fez uso do torneio para reafirmar-se mundialmente).

Ao ganhar status de esporte popular mundial, o futebol passou a possibilitar a construção de diferenças entre as nações (basta que se observe que, em dia de jogo

²² A Federação Internacional de Futebol Associação (FIFA) foi fundada em 21 de maio de 1904 em Paris, França, por sete países membros: Bélgica, Dinamarca, França, Holanda, Espanha, Suécia e Suíça. Porém, sua sede está localizada em Zurique, Suíça. A FIFA, progressivamente, constituiu-se em uma corporação devido à grande influência política e econômica que detém, controlando o futebol no planeta e detendo o monopólio sobre o espetáculo através de sua cadeia de agências continentais, nacionais e regionais. Através de suas seis confederações (Ásia, África, Europa, América do Sul, Oceania e América do Norte, Central e Caribe), consegue estabelecer completo domínio sobre cada região do mundo em que se joga ou se aprecia futebol, organizando torneios, comercializando cotas de patrocínio, negociando direitos de transmissões televisivas, agenciando produtos licenciados, atuando sobre negociações entre clubes e jogadores e dispondo sobre estádios e torcedores. Atualmente, a FIFA tem 211 países filiados, mais do que os 193 da Organização das Nações Unidas. Mesmo assim, não consegue cobrir todo o mundo do futebol.

de uma seleção em Copa, em normalidade o clima do país é de feriado, seja do trabalho, seja das desigualdades sociais, seja das questões étnicas, caso do Brasil), efeito da progressiva espetacularização e comercialização do esporte. Ou seja, se o futebol surgiu com intenções específicas, em sua evolução histórica ganhou contornos diversos, ao ponto de apresentar-se de forma mais peculiar no contexto atual de vida.

Desta forma, a mercantilização do futebol passou a envolver, nas últimas décadas contemporâneas, conceitos e práticas que envolvem empresários, clientela, eficiência e competitividade, exigindo organizações profissionais de empresas de entretenimento (televisão, jornais, revistas especializadas e rádio), atletas, dirigentes, artistas plásticos, atores, clubes, entre outros.

E muito dos contornos mercadológicos e de espetacularização adquiridos pelo futebol contemporâneo se deve às ações do brasileiro João Havelange (1916-2016), ex-presidente da Confederação Brasileira de Desportos por ocasião da conquista do tricampeonato brasileiro em 1970 que, ao assumir a presidência da Federação Internacional de Futebol Associação, em 1974, ampliou o espaço de domínio do esporte no planeta. Uma boa forma de demonstrar tal amplitude nos vem de números. Assim, se o continente africano tinha, antes de 1974, cinquenta e três países associados à FIFA, com a gestão Havelange ganhou mais dezesseis. A Europa, de cinquenta e três associações afiliadas em 1974, teve um incremento de 35%, saltando para setenta e quatro. O caso da Oceania é ainda mais revelador: de onze, saltou para dezenove associações, em um incremento impressionante. Na América do Sul, nenhum ganho, até pela pequena quantidade de países²³.

A expansão no número de associados à maior entidade gerenciadora do futebol mundial está vinculada ao poder político na entidade. Afinal, cada novo membro passou a significar um voto eleitoral. Desta forma, não é de se estranhar ter sido a gestão Havelange tão longeva (de 1974 a 1998).

Quando eu cheguei no escritório da Fifa, encontrei uma casa velha e vinte dólares no caixa. No dia em que fui embora, vinte e quatro anos depois, deixei propriedades e contratos no valor de mais de quatro bilhões de dólares. Entre 1974 e 1998, eu visitei cada país membro pelo menos três vezes [...] Acho que o único que não consegui ver foi o Afeganistão, porque eu não conseguia entrar lá.²⁴

²³ Dados obtidos a partir da análise dos relatórios da FIFA no período.

²⁴ Trecho da entrevista de João Havelange concedida por ocasião da Copa da Alemanha (apud FAVERO, 2009).

Na atualidade, a FIFA possui domínio total em relação ao futebol profissional do planeta, o que significa dizer que não existe futebol profissional fora da entidade. Assim, ocorrendo alguma situação dentro das instâncias hierárquicas estabelecidas, a entidade FIFA pode intervir, alegando autoridade e competência sobre o ocorrido (GIULIANOTTI, 2002, p. 46).

Por meio da realização de uma Copa do Mundo, a FIFA vê elevados seus lucros. Além do evento em si, a entidade arrecada valores significativos através do programa de licenciamento de sua marca em produtos esportivos.

Outra estratégia da FIFA para obtenção de receitas provém da busca da similitude de torcedores de futebol e clubes e de torcedores de futebol e seleções, através da identidade nacional, facilitando a obtenção de patrocinadores que objetivam associar suas marcas a um contexto internacional, nacional e/ou regional. Ao fomentar os sentimentos nacionais e nacionalistas, os lucros da entidade tornam-se progressivamente maiores. Ou seja, a identificação do torcedor com um clube local e com a seleção nacional, composta por jogadores dos clubes (em que pese a globalização contemporânea) projeta agremiações com formações planetárias (caso do Futbol Club Barcelona, do Real Madrid Club de Fútbol e Paris Saint-Germain Football Club).

A hierarquia FIFA, por intermédio das confederações e federações associadas à entidade, valida tal dominação.

Vale apontar que, na contramão das intenções da entidade maior do futebol mundial, tal prática esportiva é diferente no mundo dos negócios. Mesmo sendo tratado em nossos dias contemporâneos como produto, não se troca uma paixão clubista como se permuta um produto qualquer, já que a relação é emotiva. Como tal, necessário que sejam mantidas as rivalidades entre os clubes e a história de uma agremiação (de sucessos e fracassos) deve ser preservada e contada por gerações, uma vez que pela história de uma entidade de futebol se torce, se briga, se luta. Ou seja, para a manutenção das intenções de lucro, de acordo com os contornos adquiridos pela FIFA a partir da década de 1970, recorre-se ao processo identitário construído historicamente como forma de fortalecimento de vínculos, tais como descendência, marginalização de grupos periféricos urbanos, segmentos sociais específicos, identificação local, entre outros. Aos torcedores, a ideia de pertencimento; aos atletas profissionais, de passagem.

Desta forma, a produção do espetáculo de futebol, tal qual o temos em dias

globalizados capitalistas, também se torna obra de empresários, promotores e patrocinadores, caracterizando uma intermediação e uma divisão de trabalho. No caso dos patrocinadores (empresas fornecedoras de material esportivo), há a promoção da marca através da substituição do físico pelo imaterial em busca do incentivo ao consumo. Sendo assim, a espetacularização do futebol ganha densa intenção mercadológica, caracterizando a perda de autonomia dos atletas para produtores, agentes de venda e mídia, embora sejam os primeiros os protagonistas do espetáculo que se quer produzido. Assim, jogadores transformam-se em patrimônio de empresários e clubes e um estádio moderno ganha contornos e aparência de um centro de lojas moderno (shopping), de ópera (para apreciação) e de prisão (se visto como local apropriado para determinado fim).

No mundo capitalista do futebol contemporâneo, o que mede a força de uma agremiação é o tamanho da clientela (torcedores), a audiência (capacidade de atração de espectadores) e a possibilidade de crescimento da marca consumida (clube). Mesmo os competidores necessitam um do outro para a produção do que se deseja vender, daí a necessidade de entidades que organizem as competições.

Ao contrário do que ocorre no mercado convencional, no futebol globalizado o sucesso de um clube vincula-se ao sucesso e prosperidade de seus concorrentes (as receitas diminuem caso apenas uma agremiação for vitoriosa, vide o caso do campeonato espanhol em que se espera a vitória de Barcelona ou Real Madri, o que impulsiona torcedores à valorização dos campeonatos continentais).

Desta forma, o esporte-espetáculo se distancia da visão recreativa do praticante e do caráter educativo da prática. Ou seja, o esporte-espetáculo valoriza o profissional em detrimento da inspiração amadora.

A educadora Ana Maria Souza argumenta que:

O esporte, enquanto fenômeno da cultura, é expressão da ludicidade, socialização e comunicação que, uma vez na forma esportiva, permitem ao homem efetivação e aferição da auto-superação de suas capacidades humanas. A partir do momento em que assume a forma de espetáculo, praticado para uma assistência pagante e ligado a um capital comercial, com vistas à reprodução deste mesmo capital, o esporte passa a ter características de uma mercadoria e a possuir um valor-de-troca que será determinante para sua história (SOUZA, 1991, p. 73).

Na atualidade, fruto das ações FIFA, clubes de capital aberto (tipo de clube-empresa) são comuns em países europeus. Na América Latina, mais comum a

existência de clubes sem fins lucrativos. Ou seja, no caso europeu, um clube pode ser vendido. Nos países latino-americanos, as organizações sociais definem o poder interno de uma agremiação. Porém, tanto numa como em outra estrutura, o cidadão não-sócio só torce e não participa das decisões²⁵. Segundo Proni:

Ainda no final dos anos setenta, apesar dos esforços mencionados, estabeleceu-se um certo consenso de que aumentara a defasagem da estrutura profissional do futebol brasileiro em relação à do futebol europeu. Não era incomum aparecerem proposta de modernização para o futebol brasileiro, que tinham como referência o novo modelo de organização que vinha sendo desenvolvido na Europa: o chamado —futebol-empresa. De fato, enquanto os clubes brasileiros continuavam a ser administrados passionalmente e a depender de receitas oscilantes, enquanto imperava a desorganização nas federações, com alterações frequentes de datas e horários de jogos, em alguns países da Europa o futebol já era mais bem planejado e melhor administrado, com várias equipes testando novas estratégias de marketing e implementando métodos modernos de gestão esportiva, como fontes de receitas mais permanentes e campeonatos mais lucrativos [...] (PRONI, 1998, p. 205).

Na busca de manutenção e crescimento de suas receitas, a FIFA determina que apenas três atletas de futebol acima de vinte e três anos participem dos selecionados nacionais nos Jogos Olímpicos (embora valha destacar que a FIFA organiza, desde os anos finais da década de 1970, a Copa do Mundo de Futebol Júnior, em clara intenção de rivalizar e enfraquecer os confrontos da prática por ocasião das Olimpíadas, uma vez que o futebol praticado no evento ficaria, em termos de importância, situado entre a Copa Júnior e a Copa do Mundo).

A intenção da entidade é, portanto, a de espetacularizar o futebol com o objetivo de lucro, procurando estabelecer diversas divisões nos campeonatos nacionais como forma de “qualificar” os jogos. Havelange teria projetado o cenário atual do futebol mundial.

Para Merchán (apud SÁNCHEZ, 1998, p. 1), na atualidade

[...] o esporte não é somente o exercício físico entendido como jogo, nem sequer como espetáculo catalisador de paixões e rivalidades; é um produto de consumo, um meio fantástico de publicidade, e porque não dizer, um grande negócio e um instrumento de poder e de influência social.

No Brasil, embora permaneçam vícios de origem sobre o comando do futebol,

²⁵ Entre clubes de expressão, o Athletic Bilbao, do País Basco, constitui uma exceção, uma vez que nele só atuam jogadores de origem basca (ou da região) e de comercialização restrita.

vive-se, nos dias hodiernos, uma etapa de transição, demonstrada pela evolução na legislação no que se refere ao papel do Estado e da iniciativa privada sobre o futebol e sobre o esporte em geral. Ou seja, mesmo envolto a particularidades, as transformações seguem os interesses do capital e do espetáculo. Basta que se observe que a hierarquia dos campeonatos organizados pela Confederação Brasileira de Futebol – entidade ligada à FIFA – favorece alguns campeonatos em detrimento de outros e que as competições nacionais classificam os melhores clubes colocados dos campeonatos estaduais para torneios nacionais e internacionais.

No processo de espetacularização do futebol, tal qual nos tempos contemporâneos, a televisão, paulatinamente, galgou espaços, contribuindo decisivamente para o fenômeno.

O momento capital da dominação do futebol pela mídia televisiva se deu a partir da Copa da Suíça de 1954, quando a mesma passou a dar à prática cobertura expressiva, suplantando a hegemonia das transmissões radiofônicas²⁶. A primeira transmissão ao vivo de uma partida de futebol de Copa do Mundo foi entre Iugoslávia e França (abertura do torneio). Apenas oito países receberam o sinal de televisão. Na Copa seguinte, na Suécia, em 1958, transmissões televisivas foram realizadas para todos os países europeus, enquanto outros continentes puderam assistir aos jogos com atraso de aproximadamente vinte e quatro horas. Em 1962, na Copa do Chile, o tempo de espera para assistir aos jogos diminuiu (o primeiro jogo do Brasil, contra o México, em 30 de maio, por exemplo, foi gravado e disponibilizado dois dias depois de sua realização para a cidade de São Paulo). Em 1966, as redes de televisão passaram a pagar direitos de transmissão, operando com satélites artificiais.

A primeira Copa do Mundo de Futebol transmitida a cores (embora a maioria dos aparelhos de televisão se mostrasse preto e branco) pelas emissoras de televisão foi a do México, em 1970, com apenas quatro câmeras de captação dos lances. No

²⁶ Pairam dúvidas sobre a primeira transmissão de uma partida de futebol via televisão no Brasil. Para alguns especialistas, teria sido um embate entre o São Paulo Futebol Clube e a Sociedade Esportiva Palmeiras, no dia 15 de outubro de 1950, pela TV Tupi, cerca de trinta dias após a inauguração da emissora. Outros dados afirmam que a primeira transmissão ocorreu em 18 de dezembro de 1951, em partida realizada na cidade de Santos (SP), entre o Santos Futebol Clube e a Sociedade Esportiva Palmeiras. Em relação aos programas esportivos, a TV Rio teria sido pioneira ao criar o *Grande Revista Esportiva Facit*, em 1959, reunindo nomes como João Saldanha, Nelson Rodrigues e Armando Nogueira. O programa apresentou comentários sobre as rodadas de futebol do campeonato carioca. Em 1966, o quadro foi absorvido pela TV Globo. Em São Paulo, o pioneirismo da programação esportiva coube à TV Record através do *Mesa Redonda*, reunindo nomes como Raul Tabajara e Geraldo José de Almeida.

Brasil, a exclusividade das transmissões foi da TV Globo.

Em 1974, na Alemanha, as transmissões ao vivo e a cores popularizaram-se, com cinco câmeras passando a cobrir cada jogo²⁷.

Nos mundiais seguintes, os números, em geral, foram crescendo. As receitas envolvendo jogos ganharam expressão significativa, tornando-se a principal fonte de arrecadação das seleções, o que passou a condicionar os horários dos jogos às exigências das programações televisivas (na Copa do México, 1986, por exemplo, algumas partidas foram realizadas ao meio-dia local, atendendo às exigências midiáticas, com o produto tornando-se mais importante do que o esporte em si). No que cabe à televisão, cada partida passou a ter onze câmeras, tendo início o software que paralisava a imagem de um lance para esclarecimento de polêmicas.

Na Copa dos EUA, em 1994, a televisão iniciou o uso do recurso da câmera lenta, acabando com o problema das repetições (“vídeo tapes”). Já na Copa de 2002 (realizada conjuntamente entre Coréia do Sul e Japão) foram iniciadas as transmissões em alta definição (HD). Imagens passaram a ser enviadas por fibra ótica para uma estação, passando por três satélites até chegar ao destino final. Em 2006, na Alemanha, as primeiras transmissões televisivas em “FULL HD”²⁸. Na Copa seguinte, realizada na África do Sul, trinta e duas câmeras por partida passaram a ser utilizadas para a captação das imagens de cada jogo. No mesmo torneio, testes de transmissão em 3D²⁹.

Em 2010, a Copa da África do Sul foi transmitida para 204 países por 245 canais de televisão diferentes. Dentro dos estádios, 3.170.856 espectadores nas 64 partidas. No Brasil, quatro anos depois, 3.429.873 espectadores nos estádios³⁰.

A média de público nos estádios durante os eventos de Copa do Mundo também foi progressiva: 1962, Chile, 27911. México, 1970, 50124. EUA, 1994, 68991. Brasil (2014), 53592³¹.

A audiência televisiva alcançou 3,2 bilhões de indivíduos (46,4% da população mundial, considerando telespectadores que acompanharam pelo menos um minuto da cobertura da Copa de 2010). Considerando-se os telespectadores que

²⁷ Os dados apresentados foram coletados junto a relatórios da Federação Internacional de Futebol Associação entre 1974 e 2018.

²⁸ Full HD é a sigla de *Full High Definition*, que significa Máxima Alta Definição.

²⁹ Televisão 3D é um equipamento que permite a visualização de imagens em três dimensões (computação gráfica).

³⁰ Relatórios FIFA 2013 e 2014.

³¹ Relatório FIFA 2014.

sintonizaram ao menos vinte minutos ininterruptos, 2,2 bilhões³².

Na Copa de 2014, realizada no Brasil, surgiram as primeiras transmissões televisivas com quatro vezes maior definição do que em FULL HD. Trinta e quatro câmeras passaram a ser utilizadas por partida, segundo dados do ano da própria entidade maior do futebol.

Na atualidade, a quantidade de jogos de futebol (entre torneios mundiais e locais) transmitida pela mídia radiofônica e, principalmente, televisiva (no Brasil e no exterior), é espantosa, exigindo um grande aparato, tal como grande número de profissionais e especialistas em geral, que discute, reflete e debate. Cada gol, cada lance, cada falha de um praticante, cada curiosidade ocorrida em um jogo (um impedimento mal anotado, uma falta mais violenta, um cartão de advertência, um gol mal anulado, merece destaque). No caso de uma jogada mais ríspida, profissionais passam a fazer uso de discursos moralizantes. No caso de uma jogada sem objetivo de gol (um drible desconsertante, por exemplo), recorre-se à ética, sob o argumento de diminuição moral do adversário, taxando tais lances como antidesportivos, ou seja, fora dos propósitos do espetáculo, o que viria a ferir o princípio lúdico da atividade. Mesmo assim, caso ocorra algum ato humilhante ao adversário, o mesmo é veiculado inúmeras vezes o que, contraditoriamente, espetaculariza ainda mais a prática futebolística, próprio da tríade entretenimento- jornalismo- publicidade. Vale a audiência, próprio dos interesses midiáticos.

Nos dias contemporâneos, os choques entre torcidas são reprovados pela mídia, porém espetacularizados, mesmo que agindo a favor do afastamento de torcedores dos estádios. Em verdade, a ética dos meios de comunicação é distinta dos envolvidos diretamente ao esporte, sejam eles jogadores, torcedores ou profissionais clubísticos. Porém, para os veículos de comunicação, que cobrem eventos do futebol, chutar a bola ou o adversário possui o mesmo valor, desde que prevaleça o que pareça mais atrativo para o espectador.

Salomé Marivoet (2002) procurou compreender o conflito do desporto enquanto fenômeno sociológico, afirmando que a ética, enquanto realidade, insere-se em determinado contexto histórico, dependendo das mudanças sociais em curso, embora princípios éticos estejam consagrados.

No processo de transformação do futebol em espetáculo esportivo globalizado,

³² Relatório FIFA 2010.

atletas são vistos como mercadoria, torcedores como consumidores e o jogo como ativo financeiro (GONÇALVES; MAGALHÃES FILHO; ALCÂNTARA, 2003). Isto significa dizer que, com sua modernização total, o futebol progressivamente abandonou o lúdico para tornar-se uma indústria de entretenimento que movimenta bilhões de dólares em todo o planeta.

Próprio do processo de mercantilização do futebol, pressões e disputas por recursos e inovações. Desta forma, dirigentes esportivos, consultores de marketing esportivo e cronistas especializados ganham rapidamente espaço, assim como, no âmbito de busca de recursos, a cessão de direitos federativos sobre as imagens de atletas e verbas de televisão, além do estabelecimento de parcerias e a instituição de arenas de multiuso (futebol, shows, concertos, congressos, ente outros).

Com efeito, é inegável a economización del deporte ou sportbusiness gerando fluxos monetários nos mais variados âmbitos: artigos desportivos (chuteiras, vestuário, bolas etc.), espetáculo desportivo (cobrança de ingressos para assistir às competições), retransmissões desportivas (direito de retransmissão por TV aberta, canais fechados ou pelo sistema *pay per view*), mercado de trabalho desportivo (atletas, técnicos, preparadores físicos, árbitros etc.), publicidade e patrocínio (nas arenas, praças estádios desportivos), imprensa desportiva (comentaristas, locutores, repórteres, crônica especializada etc.), infraestrutura e equipamentos desportivos, medicina desportiva (médicos, psicólogos, fisioterapeutas, massagistas etc.) e seguros formalizados para cobrir os riscos da prática desportiva e dos espectadores, são apenas alguns exemplos (MELO FILHO, 2004, p. 93).

No que tange aos atletas presos profissionalmente aos clubes, o chamado 'Caso Bosman' veio alterar as relações entre clubes e jogadores de futebol, uma vez que Jean-Marc Bosman, atleta belga, deu início a uma ação judicial contra a Federação de Futebol de seu país e contra a União das Associações Europeias de Futebol (UEFA) entre 1989 e 1990. Com a ação, Bosman conseguiu a liberdade para negociar seu passe com outros clubes. O processo teve duração aproximada de cinco anos. No recurso, Bosman apontou para a ilegalidade da *lei do passe* que prendia jogadores aos clubes, bem como questionou a limitação do número de jogadores estrangeiros pertencentes à União Europeia entre clubes do continente, uma vez que, até então, as equipes europeias só podiam escalar até três jogadores não originários do país de atuação da agremiação.

O caso virou referência para a circulação livre de atletas e desbancou o limite

de jogadores “estrangeiros” em um clube³³.

Com a liberdade de mercado aos jogadores, profissionais denominados no meio do futebol como “agentes”, emergiram, tratando das negociações de contratos para diversos atletas. A intermediação gera lucros e, na prática, “prende” os profissionais do futebol a empresários intermediadores de contratos.

Próprio do grande negócio que representa o futebol, além da mídia televisiva passaram a se tornar comuns patrocínios de uniformes (camisas, calções e meias que levam o nome de empresas), a venda de nome de arenas de multiuso, cessões de direitos sobre a marca do clube, verbas de televisão e cessão de direitos federativos sobre a imagem de atletas.

Neste sentido, a dependência das agremiações e clubes de futebol em relação à arrecadação nas bilheterias torna-se progressivamente menor, principalmente das entidades ligadas ao esporte que possuem maior número de torcedores.

Efeitos dos novos tempos.

³³ Dentro desta perspectiva modernizadora do futebol brasileiro, foram aprovadas a Lei nº 8.672/93 (Lei Zico) em 1993 (BRASIL, 1993) e a Lei nº 9.615/98 (Lei Pelé) em 1998 (BRASIL, 1998), indicativas da pressão modernizadora do futebol brasileiro, ao menos do ponto de vista institucional. O Artigo 28 da Lei número 9.615/98 (Lei Pelé) estabeleceu que o jogador profissional de futebol, empregado por uma entidade desportiva, deve ter seu contrato regido pela legislação trabalhista (CLT, artigo 3). A lei acabou com o vínculo duradouro do jogador com um clube ou entidade, permitindo ao atleta de futebol escolher outro empregador, ou seja, transferir-se para uma outra agremiação após o fim do contrato estabelecido entre as partes.

CAPÍTULO 2 - O FUTEBOL ENTRA EM CAMPO NO BRASIL

O jogo é um modelo da vida. Ele exige temporadas, palcos, equipamentos (mesas, baralhos, dados, roletas, bolas, uniformes, redes, tacos) e regras, de modo a garantir uma atenção apaixonada. E como tem início, meio e fim, o jogo reduz a indiferença da vida. Com isso, faz com que meros passantes possam posar de campeões. [...] Os jogos são passagens secretas que permitem escapar de nós mesmos.

Roberto DaMatta

O futebol enquanto modalidade esportiva é popular em vários cantos do mundo. Porém, a forma como se desenvolveu no Brasil tem alto grau de peculiaridade.

Não só no Brasil, mas no contexto da América do Sul, o futebol teve uma receptividade espantosa. A prática teria sido introduzida na Argentina através de Buenos Aires. No Uruguai, por Montevideu. No Chile, por Valparaíso (GUTTMANN, 1994; MASON, 1995; SANTA CRUZ, 1996).

Na Argentina, trabalhadores ferroviários fundaram o Central Argentine Railway Club (atual Rosário Central), em 1889. Já o Argentino Juniors foi fundado em 1904 como Mártires de Chicago, em homenagem ao Primeiro de Maio, Dia do Trabalhador, mesma data escolhida para a fundação do Chacarita Juniors, em 1906.

No Uruguai, o futebol foi introduzido formalmente em 1881. Dez anos depois foi fundado no país o Central Uruguay Railways Cricket Club, reunindo jovens ingleses, empregados da empresa Railways (empresa de transporte ferroviário instalada em 1878 no país). Doze anos após, especificamente em 1903, o espaço do Central foi ocupado por operários uruguaios, passando à denominação de Peñarol (referência ao bairro operário local, onde estava concentrada a maioria de seus jogadores e torcedores). Em 1909, trabalhadores do porto de Montevideu fundavam o River Plate Football Club. Cinco anos se passaram até ser fundado o Club Atlético Progreso, com cores vermelhas devido às prováveis influências de pensamentos anarquistas sobre seus articuladores.

No Brasil, a existência de numerosos portos, aliada ao grande território do país, torna difícil precisar um local correto da introdução do futebol. No entanto, São Paulo - até pelos inúmeros empreendimentos e investimentos ingleses - teria sido a primeira cidade brasileira a assistir a pelepas disseminadas pelas suas vias, porém acompanhada bem de perto pelas partidas de futebol improvisadas da cidade do Rio de Janeiro.

Em realidade, as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro assumiram o papel de

destaque no futebol desde o início do século XX, independentemente do pioneirismo da prática. A primeira pelo desempenho econômico; a segunda por ser o centro político do país. Desta forma, deve ser visto como natural o fato de terem sido criadas nestas duas cidades as duas primeiras entidades gerenciadoras da modalidade esportiva no Brasil: a Federação Brasileira de Futebol, em 25 de setembro de 1915, em São Paulo, e a Federação Brasileira de Esportes, em 15 de novembro de 1915, no Rio de Janeiro³⁴. Mas o destaque que é dado a São Paulo e Rio de Janeiro enquanto centros propulsores do futebol, ocorre, principalmente, por existirem neles registros históricos mais abundantes e pela organização precoce da prática.

Vale apontar que há pouco mais de cem anos o futebol é praticado de forma proliferada no Brasil. Há indícios de que partidas do esporte foram disputadas durante o II Reinado (1840-1889) e é fato que as primeiras menções ao futebol em nosso país foram feitas no século anterior (os anais de 1746 da Câmara Municipal de São Paulo atestam para a proibição do jogo da bola, pois o considerava provocador de agrupamentos de vadios e desordeiros) (CUNHA, 1994).

Crê-se, no entanto, que os ingleses foram os primeiros a jogar bola nas praias e capinzais existentes no litoral brasileiro. Informações pouco precisas dão conta de que, por volta de 1875, trabalhadores ingleses e brasileiros pertencentes a empresas britânicas se enfrentaram em partidas de futebol no campo do Payssandu Cricket Club, no bairro Laranjeiras, cidade do Rio.

O *futebol association* foi trazido para o Brasil (especificamente, São Paulo) por Charles Miller (1874-1953), filho de pai escocês e mãe brasileira de ascendência inglesa, nascido à rua Monsenhor Andrade, no bairro paulistano do Brás, que teria contado com o auxílio do professor alemão Hans Noibiling (que fundou na cidade de São Paulo o Germânia, atual Pinheiros). Oscar Cox (que havia estudado na Suíça) teria levado a prática ao Rio de Janeiro, sendo um dos fundadores do Fluminense Football Club.

Porém, pairam dúvidas a respeito da introdução do futebol moderno no Brasil. Os gaúchos, por exemplo, afirmam que o futebol teria sido introduzido no país por Sir Artur Lawson (CUNHA, 1994). De qualquer forma, o fato de o Sport Club Rio Grande do Sul, fundado em 1900, ser o mais antigo clube brasileiro em atividade, não coloca

³⁴ A FIFA determinou que deveria existir uma única entidade representando os interesses futebolísticos do Brasil. Estava criado o primeiro impasse do futebol brasileiro, solucionado apenas em 1916 com a criação da Confederação Brasileira de Desportos, em 06 de novembro.

o Estado como precursor da prática no Brasil, como afirma a literatura esportiva gaúcha (MASCARENHAS, 2001).

Para Santos Neto (2002), o futebol teria sido introduzido enquanto atividade no Brasil a partir do Colégio Jesuíta São Luís na cidade de Itu, São Paulo, a partir das visitas de professores jesuítas a instituições de ensino europeias. Tais professores teriam trazido ao país o futebol – especificamente ao colégio em questão – introduzindo-a como atividade recreativa entre os discentes. Algumas citações apontam que clérigos católicos viam no futebol uma forma de solucionar problemas disciplinares entre os discentes (SOARES; LOVISOLO; HELAL, 2001). Há referências, também, de que ao final do século XIX colégios jesuítas do Rio Grande do Sul e maristas do Rio de Janeiro praticavam futebol como parte integrante dos exercícios físicos e que instituições de ensino adotaram a prática futebolística como atividade curricular (Colégio Pedro II, Delamare, Paula Freitas, Anglo-Brasileiro e Arquidiocesano):

Fontes dizem que o Football chegou ao Brasil com marinheiros ingleses em 1872, no Rio de Janeiro. Outros dizem que foram os trabalhadores ingleses das fábricas de São Paulo que trouxeram o futebol. Recentes estudos nos mostraram que o futebol já era praticado em diversos colégios pelo Brasil. Em 1880 já se praticava o esporte no colégio São Luiz, em Itu; em 1886 se praticava no colégio Anchieta, no Rio de Janeiro; também no Rio, em 1892, se praticava o "esporte bretão" no colégio Pedro II (LIMA, 2002, p. 9).

John Mills (2005) defende, no entanto, que independentemente das atividades futebolísticas terem sido praticadas em instituições de ensino como o Colégio São Luís, foi Charles Miller quem institucionalizou tal esporte no país. Voeja - como o faço e afirmo - a dúvida se o futebol não teria penetrado no Brasil através de outras portas, até pela vastidão territorial do país.

Para Hilário Franco Júnior (2007), atribuir a introdução do futebol no Brasil a Charles Miller é querer privilegiar as elites³⁵ como protagonistas da história brasileira. Se assim, imputar a introdução do esporte em solo brasileiro a Miller talvez sirva ao propósito ideológico de referendar a determinados dirigentes contemporâneos o comando das federações e dos principais clubes.

Acredito que as iniciativas introdutórias pouco esclarecem ou interessam para a proliferação da prática, criadora de novas relações sociais. Vale lembrar que Charles

³⁵ O conceito de elite utilizado remete a Peter Burke: poder, riqueza e status (BURKE, 1991, p. 16).

Miller também teria introduzido o rugby no Brasil, porém este não caiu nas graças populares tal como o futebol.

Independentemente, porém, da paternidade do futebol em solo brasileiro, a prática esportiva em questão (que emergiu entre membros sociais mais abastados) foi rapidamente absorvida por populares, ao contrário do que ocorreu com outras modalidades esportivas, caso do turfe, do ciclismo, da ginástica, do automobilismo e do remo, lenta e progressivamente menosprezadas:

Mais do que saber quem foi ou não foi o “pioneiro”, parece mais interessante entender os movimentos de gestação do “campo”, um conjunto de ocorrências que acabam por ter desdobramentos futuros na conformação do fenômeno social. Esse esforço deve, obviamente, estar articulado com a compreensão do contexto em que se dá tal estruturação (MELO, 2017, p. 920).

A historiografia assinala a data de 14 de abril de 1895 para a realização do primeiro confronto oficial de futebol do país. Já o ano de 1898 assistiu à criação do primeiro clube destinado à prática no Brasil: a Associação Atlética Mackenzie College (SP).

Até antes da popularização do futebol no Brasil, os exercícios físicos restringiam-se a atividades como pescar, caçar, nadar, cavalgar, remar, entre outras atividades similares (exceção feita a práticas como o jogo de malha e da capoeira). Remo, natação, futebol e hipismo teriam sido absorvidos pelo Brasil como forma de moldar o país aos valores europeus e seus valores de vida saudável. Seja como for, de todas as essas práticas, o futebol tornou-se fenômeno popular de massa, passando a fazer parte do cotidiano dos brasileiros, em especial em centros urbanos como São Paulo e Rio de Janeiro (SEVCENKO, 1992).

No Brasil, nas primeiras décadas do século XX, a ociosidade das camadas populares mostrou-se preocupante, não só para empresários e agentes governamentais, mas também entre as lideranças operárias, principalmente anarquistas e comunistas, que viam na ausência de atividades regulares e no consumo de álcool a possibilidade de enfraquecimento do corpo para a resistência à exploração fabril, como será melhor demonstrado em capítulo específico. O periódico anarquista *A Voz do Trabalhador* chegou a indicar tal preocupação em várias de suas edições: “O álcool é, sem dúvidas, o maior flagelo da humanidade. Combatê-lo é dever de todo trabalhador consciente.” (A VOZ DO TRABALHADOR, 1933, p. 1).

Para tanto, periódicos como o citado propunham a prática de exercícios corporais regulares, a higiene como hábito e a educação para o enfrentamento à exploração. Desta forma, os discursos das lideranças operárias – mesmo sem objetivá-los - direcionaram-se aos interesses capitalistas.

Neste sentido, nas primeiras décadas do XX, ampliaram-se as organizações assistencialistas, sindicais, culturais, esportivas e recreativas, mesmo que fornecidas pelos empregadores.

O impulso ao futebol entre jovens está, provavelmente, calcado na visão de que cada participante deve realizar sua função da melhor forma possível, o que colaboraria para realçar a importância do indivíduo dentro de um grupo, assim contribuindo para o bom convívio de seus membros. Além das noções disciplinares, a preocupação seria estabelecer entre os elementos o hábito de seguir rotinas.

Seja como for, até os últimos anos do século XIX, em boa parte da América do Sul (ao contrário da Inglaterra), o futebol enquanto prática vinculou-se mais a jovens estudantes e a técnicos especializados das companhias inglesas (PEREIRA, 2000) devido à expansão do capital e aos investimentos britânicos em países como Brasil, Argentina e Uruguai. A presença de trabalhadores ingleses e estudantes de famílias abastadas nestes países identifica o imperialismo britânico na região.

Alguns trabalhos procuram reforçar a tese do elitismo no futebol, caso *de A História do Football em São Paulo*, de Antonio Figueiredo (1918). Na obra, o autor corrobora para a construção de um imaginário elitista sobre o futebol praticado na cidade de São Paulo ao longo da primeira metade do século XX, indicando que o esporte teria sido introduzido na cidade por uma quantidade seleta de abastados influenciados por ideias modernizadores na chamada *Belle Époque*³⁶.

A curiosidade maior da obra de Figueiredo é a apresentação do estabelecimento do período de difusão dos esportes na capital do Estado de São Paulo: transição do Império para a Primeira República, período de significativo desenvolvimento comercial e industrial da cidade, o que significa dizer que o autor aponta pelo desinteresse por práticas desportivas pelos brasileiros, pelo menos até o último quartel do século XIX.

³⁶ Belle Époque é um período da história francesa marcado pela paz e harmonia territorial, com os avanços artísticos e tecnológicos, A Belle Époque ("bela época", em português) deve ser compreendida como um estado de espírito do povo francês, que começou em meados do século XIX e terminou com o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914.

Apesar de direcionar a proliferação do futebol em São Paulo a clubes da elite paulista, Figueiredo não esconde o entusiasmo da população menos abastada pelo esporte, apontando a prática do futebol nas escolas e nas várzeas paulistas.

De qualquer forma, pode-se afirmar que o processo de introdução e proliferação espacial do futebol no Brasil acompanhou a heterogeneidade territorial do país, ou seja, a distribuição e a estrutura do sistema urbano, as conexões com o exterior e o dinamismo de cada cidade. Somente num segundo momento é que as nascentes metrópoles passaram a atuar como difusoras do futebol.

Assim, suponho que cada cidade apresentou um grau próprio de exposição ao futebol, dependendo da presença de britânicos e suas empresas (fixas ou passageiras, caso do comércio portuário), assim como o grau de presença dos mesmos em determinada região do Brasil. Seja como for, os ingleses foram os agentes que demonstraram a prática futebolística, apontando-a como uma novidade esportiva. Tal grau de exposição dependeria, em última análise, da presença fixa de ingleses (empresas atuantes) ou de passagem (comércio portuário, por exemplo). Neste caso, a cidade de São Paulo revela-se como destaque. Vale salientar Milton Santos, para quem: "[...] a história de uma dada cidade se produz através do urbano que ela incorpora ou deixa de incorporar; esse urbano que em outros lugares pode tardar a chegar e que em São Paulo sempre chegou quase imediatamente" (SANTOS, 1994, p. 71), indicando que o forte movimento de urbanização da cidade seria resultado de uma taxa de natalidade elevada e uma taxa de mortalidade em contínuo descenso devido os progressos sanitários e ao crescimento técnico e de informações, aliados ao processo contínuo do ritmo industrial.

Mário Rodrigues Filho (1964), por sua vez, assim periodiza a história do futebol brasileiro: da introdução da prática no país, até 1910, um jogo de elite; de 1911 a 1930, a aproximação de outras camadas sociais ao esporte (excetuando-se a participação de negros e pobres, mesmo que estes procurassem se envolver com as pelezas); a partir dos primeiros anos da década de 1930, a efetivação dos negros nos campos da prática futebolística.

A elitização do futebol no Brasil estaria associada à visão de associação de atividades físicas ao fortalecimento mental e corporal, o que nos remete a uma visão discriminatória de certo tempero racial. Isto porque a escravidão havia sido abolida há pouco tempo em relação à chegada do futebol moderno (1888) e o trabalho mostrava-se associado ao esforço (visão vinculada a negros e pobres, com perdão à

redundância).

Discussões à parte, nos primeiros anos do século XX o caráter da prática era mesmo elitista³⁷, com agremiações fechadas, preenchendo o tempo livre dos filhos das famílias mais abastadas. Ou seja, a princípio, o futebol foi utilizado como forma de distinção social. Tal elitismo pode ser demonstrado nos preços cobrados aos que desejassem se associar aos clubes familiares que foram sendo formados: altíssimos, para a época. Outro indicativo dessa condição: ao serem anunciados pra uma partida (escalação), os jogadores tinham os nomes antecidos por “Senhor” (MAZZONI, 1950) (o senso comum aponta que a origem da palavra ‘torcida’ provém do traje dos acompanhantes das partidas de futebol: em normalidade terno, com lenço às mãos que servia para o enxugamento do suor, sendo tal peça espremida pelo apreciador nos momentos mais emocionantes de uma peleja). Isto significa que, a princípio, o futebol tornou-se símbolo da virilidade de uma juventude estruturada em uma cultura patriarcal. Aos garotos mais pobres restava assistir aos treinos dos estudantes, aproveitando para chutar a bola quando a mesma rolava em sua direção, experimentando-a (assim como ocorre com o tênis nos dias contemporâneos, quando “boleiros”, por alguns trocados, apanham as pequenas bolas, devolvendo-as aos seus reais praticantes).

Joel Rufino dos Santos (1981, p. 15) aponta ocorrências em partidas de futebol quando o esporte reunia apenas elementos das camadas sociais privilegiadas no Brasil:

Mesmo os que conseguiam pagar o preço da geral sentiam-se intrusos no espetáculo: os craques, ao saldarem a torcida, nunca se dirigiam a eles, mas à seleta assistência da arquibancada, bouquet de moças e rapazes de boa família. Era o tempo em que os intelectuais ainda gostavam de futebol e comparavam, em artigos derramados e versos eloquentes, os jogadores a deuses gregos, os estádios ao Olimpo (SANTOS, 1981, p. 15).

O futebol foi implantado de forma organizada no Brasil por sócios do São Paulo Athletic Club, entidade que reunia altos funcionários ingleses da Companhia de Gás, do Banco de Londres e da São Paulo Railway. Já a primeira equipe essencialmente brasileira foi composta por alunos do Mackenzie College de São Paulo, que fundaram

³⁷ A questão do elitismo no futebol pode ser debatida, uma vez que a construção da ideia teria servido para legitimar a atuação de grupos mais abastados como dirigentes de espetáculo, em especial a partir do momento em que partidas de futebol passaram a ganhar interesses de rentabilidade econômica e financeira.

um clube com a mesma denominação. Hans Nobiling, em 1899, teria fundado o Germânia (atual Clube Pinheiros), reunindo jovens funcionário do comércio.

Na então capital federal, Rio de Janeiro, assim como em outras unidades brasileiras, o futebol teve trajetória semelhante a São Paulo, embora em tempos e dinâmicas diferentes. Ou seja, se a princípio esteve reservado a membros mais abastados, progressivamente foi sendo tomado por populares como lazer.

No Brasil, o regulamento dos primeiros torneios de futebol previa que apenas jogadores alfabetizados e não realizadores de trabalhos braçais poderiam atuar. Em verdade, o futebol, nos primeiros anos da República Velha brasileira (1889-1930), mostrou-se como a mesma: oligárquica e excludente. Segundo Hilário Franco Júnior, um esporte de bacharéis envolto à desigualdade social, ou melhor, uma prática esportiva de brancos em uma sociedade com marcas escravistas (FRANCO JUNIOR, 2007).

Em unidades como Rio de Janeiro e São Paulo, o futebol, paulatinamente, foi construindo a “marca do jogo da higiene e da saúde” (PEREIRA, 2000, p. 52), constituindo-se, assim, em elemento atrelado à busca do bem-estar físico dos praticantes.

Desde 1901, ligas foram fundadas em São Paulo. No Rio de Janeiro, desde 1905. Daí por diante, surgiram ligas de futebol em Estados como Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul.

No Brasil, nomes como o do médico e escritor Afrânio Peixoto (1876-1947) chegaram a alardear as vantagens da prática do futebol como forma de estancar os males sociais do Brasil a partir da disciplina e do desenvolvimento do espírito de grupo. Depois de assistir a uma partida de futebol envolvendo um time nacional e um de estrangeiros (vencido pelo segundo por quatro gols a zero) Afrânio Peixoto (PEIXOTO, 1915, p. 97) entusiasmou-se, definitivamente: “[...] vencer no foot-ball, vencer nos sports, significa disciplina, cooperação, solidariedade eficaz”.

Nas palavras de Peixoto, o futebol poderia colaborar para que cada indivíduo, disciplinarmente, cumprisse sua função, ou seja, sua tarefa social. Para tanto, a prática também colaboraria “para a degeneração da raça mestiça que acompanha o país” (PEIXOTO, 1976), acompanhando as teorias eugênicas defensoras da recuperação da raça como forma de se atingir o progresso no Brasil, apontando, ainda, que o futebol, ao ganhar força em solo brasileiro, estaria “refazendo o caráter do país, ao trazer disciplina e ordem” (PEIXOTO, 1918, p. 285).

Lima Barreto (1881-1922) parecia prever sobre o uso do futebol como agente da despolitização. Para Barreto, o esporte seria uma cria do imperialismo, chegando a afirmar que “[...] o futebol é coisa inglesa ou nos chegou por intermédio dos arrogantes e rubicundos caixeiros dos bancos ingleses, ali, da rua da Candelária e arredores” (SANTOS, 1981, p. 25).

Barreto assustava-se com o desenvolvimento do futebol no Brasil, criticando-o, principalmente por causar discussões e desavenças entre os seus praticantes, causando paixões e ódios, ao ponto de eleger Coelho Neto - um dos maiores defensores da prática - como inimigo: “[...] é o sujeito mais nefasto que tem aparecido no nosso meio intelectual” (BARRETO, 1956a, p. 189). A aversão ao futebol fez o romancista da Primeira República tratar o esporte como um “jogo de pontapés, produtor de uma possível oxicefalia” (BARRETO, 1956b, p. 277).

Da mesma forma, Graciliano Ramos, em seu único texto em que faz referência ao futebol, chegou a afirmar que a prática seria a “prova da superioridade europeia sobre o brasileiro”, apontando ainda que a popularidade do futebol seria apenas um “fogo de palha pelo frágil biótipo dos que habitam o Brasil” (RAMOS, 1921).

O escritor Paulo Coelho Neto (1964) via no futebol dos primeiros anos do século XX um divertimento de estrangeiros, porém acreditava que o esporte se transformaria em um meio para uma nova herança cultural para o país caso fossem deixadas de lado os interesses pessoais em prol de um patriotismo ainda inexistente no país, sempre como forma de se frear paixões e promover a regeneração social que controlasse impulsos entre seus praticantes.

Para estudiosos do futebol, no Brasil a prática tornou-se popular por ser fácil de jogar. Para Jocimar Daolio, tal visão é inadmissível, até porque outros esportes também apresentam regras claras e simples de serem compreendidas e absorvidas e, no entanto, não tiveram a repercussão:

Sem entrarmos no mérito das duas teorias citadas, parece ter havido uma combinação entre o código de futebol e o contexto cultural brasileiro. Em outros termos, o futebol demandaria um estilo de jogo, uma experiência técnica, uma eficácia e uma eficiência que se adequaram às características culturais do povo brasileiro. Assim, o novo esporte que chegava da Inglaterra não oferecia apenas momentos lúdicos de lazer a seus participantes, mas permitia, principalmente, a vivência de uma série de situações e emoções típicas do homem brasileiro. [...] O futebol seria, ao mesmo tempo, um modelo da sociedade brasileira e um exemplo para ela se apresentar. [...] O homem brasileiro comportar-se-ia na vida como num jogo de futebol. [...] Poderíamos supor que essa característica do futebol brasileiro deve se à própria forma do

homem brasileiro dispor-se no mundo, conciliando e tirando vantagem da expressão individual sobre um plano coletivo (DAOLIO, 2000, p. 33).

Fato é que a prática proliferou pelo país, tomando-o. Para alguns estudiosos do futebol brasileiro, até mesmo a interpretação das regras do esporte pode ter feito parte da formação do jogador brasileiro: ao não entender claramente os preceitos oficiais e imaginando inicialmente que não poderia haver contatos ríspidos entre os praticantes por constituir-se em irregularidade, o jogador tupiniquim teria passado a fazer uso da ginga e de dribles como forma de se atingir o intento, o gol (TOLEDO, 2002). Ou seja, a individualidade brasileira no futebol, apreciadora dos dribles, constituiria nossa dificuldade de associação para se atingir objetivos coletivos comuns.

2.1 O FUTEBOL APROPRIADO POR PRIVILEGIADOS DO RIO DE JANEIRO

Proveniente da Suíça, após anos de estudos, Oscar Cox, em 1897, teria sido o introdutor do futebol na capital federal, Rio de Janeiro. Porém, persistem dúvidas a respeito, uma vez que registros pouco confiáveis atestam que marinheiros estrangeiros já o praticavam no cais do porto. Alguns testemunhos, também pouco confiáveis, dão conta que, paralelamente aos marinheiros, nos colégios mais refinados da cidade o *football* já seria uma prática comum (ETCHEGARAY, 1932).

Mesmo que não tenha sido Oscar Cox o introdutor do futebol na capital federal, foi seu grande incentivador e referência.

Em 22 de fevereiro de 1901, apontamentos indicam que a realização da primeira partida oficial de futebol na cidade do Rio de Janeiro aconteceu no Rio Cricket and Athletic Association, entidade fundada em 1896 por ingleses em Niterói (JORNAL DO COMMERCIO, 1906). Por tais indicativos, o número de jogadores era maior que o público presente e a partida foi considerada oficial por dispor de equipes uniformizadas, ter sido realizada em campo regulamentar e ter sido disputada com bola padronizada da época. Resultado da peleja: empate em um gol, ressaltando que a partida teve dois tempos de vinte minutos.

O futebol ainda não havia caído nas graças dos cariocas e fluminenses, ao contrário da Europa, onde a prática já fora absorvida pelo gosto popular, principalmente entre operários, caso das cidades inglesas de Manchester e Nottingham.

Na busca do incentivo à prática do futebol no Rio de Janeiro, foi marcada uma nova partida, com boa cobertura da imprensa carioca, principalmente dos jornais *O Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil*: de um lado uma equipe do Rio de Janeiro; de outro, uma paulista. Final da peleja: empate. Por mais que alguns veículos impressos tenham destacado o encontro do dia 19 de outubro de 1901, pouco entusiasmo na capital federal com o evento.

Em 21 de julho de 1902, foi fundado o Fluminense Football Club³⁸. Seus sócios eram basicamente estudantes provenientes do velho continente e a agremiação foi a primeira a ter como objetivo essencial a prática do futebol (A GAZETA DE NOTÍCIAS, 1906; COELHO NETO, 1969; REVISTA DO FLUMINENSE, 1954).

No ano seguinte, surgiu o Foot-ball and Athletic Club, fundado em 27 de Setembro.

Aos poucos, outras agremiações foram inserindo a prática na cidade, caso do Club de Regatas do Flamengo³⁹ e do América Football Clube. Porém, as joias e as mensalidades⁴⁰ para ingresso e manutenção nessas agremiações eram altíssimas, impossibilitando acesso popular.

No caso do Bangu Atletico Club, fundado em 17 de abril de 1904, a Companhia Progresso Industrial (criada como fábrica de tecidos no bairro do mesmo nome e com capital português, em 1892), apropriou-se do futebol a partir de técnicos ingleses que passaram a praticá-lo, a princípio sem o apoio da direção da empresa⁴¹.

No mesmo ano de 1904 surgiu o Botafogo Foot-ball Club⁴², especificamente em 19 de setembro. No time do bairro de mesmo nome, a ideia foi formar uma agremiação autêntica de brasileiros praticantes de futebol. A mensalidade estipulada foi de 2\$000. No ano seguinte, tal a procura por interessados em associar-se ao clube, a contribuição foi majorada para 5\$000⁴³, restrita, portanto, a jovens abastados ou

³⁸ Fluminense Football Clube, fundado em 21 de julho de 1902, no Rio de Janeiro. Estádio atual: das Laranjeiras. Ganhou a alcunha de Tricolor e tem como mascote atual um Guerreiro. Seus primeiros associados pertenciam aos setores privilegiados da capital, tais como industriais, profissionais liberais e intelectuais literatas. Oscar Fox foi o primeiro presidente do clube.

³⁹ Fundado a 17 de novembro de 1895 (surgiu como clube de regatas; em 1911, incorporou esportes terrestres). Alcinha/Mascote: Rubro Negro/Urubu.

⁴⁰ Joia: taxa mais elevada para que um novo integrante seja aceito na agremiação; mensalidade: taxa mensal paga pelo associado para frequentar as dependências da agremiação, sob o pretexto de manutenção das estruturas da mesma.

⁴¹ Clubes de futebol de fábrica não constituem fenômeno exclusivamente brasileiro. Em países da Europa, eles logo se difundiram. Também na América do Sul, caso do Uruguai e da Argentina.

⁴² Fusão entre Club de Regatas Botafogo e Botafogo Football Club. Fundação: 01/07/1894 (regatas); 12/08/1904 (futebol); 08/12/1942 (fusão). Alcinha/Mascote: Estrela Solitária e Glorioso/Manequinho.

⁴³ Atas da diretoria Botafogo FC, 4 de Julho e 27 de Agosto de 1905.

provenientes de famílias socialmente privilegiadas (CASTRO, 1951; PORTO, 2005)⁴⁴.

O América Foot-ball Club, por sua vez, originou-se de uma dissidência do Club Atlético da Tijuca⁴⁵, tendo como associados iniciais membros das camadas sociais mais privilegiadas da cidade do Rio de Janeiro, com destaque à família Morsted, fundadora e organizadora da agremiação (ASSAF; MATINS, 2019).

Daí para frente, mais clubes foram surgindo: Riachuelo, Cosme Velho FC, Boêmios FC, Humaitá FC e Brazilian FC (PEREIRA, 2000).

O incremento no número de clubes de futebol na cidade do Rio de Janeiro nos primeiros anos do século XX demonstra o interesse pelo esporte (em especial pela juventude carioca mais abastada). O grande atrativo para os membros era pertencer a agremiações seletivas, sendo, portanto, indicativo de certa diferenciação social. A formação dessas agremiações – excetuando o Bangu A.C. - são exemplos de mecanismos sociais segregadores, ou seja, os clubes estruturados nas zonas centrais e sul da cidade foram organizados em torno da elite social privilegiada da cidade-capital republicana:

Na verdade, a sociedade e a cultura da elite na capital continuaram a promover e a defender os interesses desta elite, ajudando a criar um sentimento de continuidade aristocrática, estabelecendo locais exclusivos para contatos e alianças, reforçando valores e pressupostos compartilhados se, mais importante talvez, promovendo um sentimento de legitimação (NEEDELL, 1993, p. 31).

Num primeiro momento, o material de jogo – excetuando-se o praticado na Companhia Progresso Industrial através do Bangu Atlético Clube, como será abordado mais à frente – era importado de solo britânico, mesmo que pequenas fábricas cariocas já produzissem uniformes para o esporte⁴⁶.

No Rio de Janeiro, o futebol ganhou maior projeção após a reurbanização da cidade durante o governo presidencial de Rodrigues Alves (1902-1906), sob comando do então prefeito Francisco Pereira Passos.

Na modernização da capital federal (também com interesse de consolidar o regime republicano no país e incorporar a cidade ao “mundo civilizado”, afinal era o

⁴⁴ Estatutos do Botafogo de 19 de abril de 1913.

⁴⁵ Fundado em 18 de Setembro de 1904, incorporou patrimônio do Haddock Lobo Football Club e do Riachuelo Football Club; em 1960, adquiriu o campo do Andarahy FC. Alcinha/Mascote: Brasinha/Diabinho.

⁴⁶ Ao ser percebido o desenvolvimento no futebol na cidade do Rio de Janeiro, surgiram pequenas unidades produtivas de material esportivo em produção sob encomenda, porém sem registros legais.

principal núcleo urbano do país), centenas de habitações de segmentos sociais menos favorecidos foram colocadas abaixo para dar lugar, entre outros, a suntuosas avenidas. A grande parcela da população prejudicada pelas obras não tardou a revoltar-se, fazendo surgir a primeira grande revolta urbana da história brasileira: a Revolta da Vacina⁴⁷ (1904), reprimida com a força da polícia e, quem sabe, com o estímulo ao futebol nos terrenos baldios e nas praias, em especial entre as maltas⁴⁸, já que a prática da capoeira passou a ser incessantemente perseguida após o apoio destes às manifestações ocorridas na cidade (AQUINO, 2002)⁴⁹.

O futebol, neste início do século XX, estava intimamente ligado ao processo de modernização pelo qual passava a cidade do Rio de Janeiro e dessa maneira era uma tipificação dos valores daquela sociedade (MALAIA, 2008). Segundo Shirts (1982), não apenas o futebol, mas

[...] O chá da tarde, a moda, o mobiliário das casas, o envio de rosas às senhoras. [...] Havia, pois uma extrema valorização dos hábitos estrangeiros pelas elites urbanas brasileiras em ascensão. [...] Ocorreu uma nivelção de gostos e atitudes: modo capitalista de pensar, agir e ter gosto esportivo (SHIRTS, 1982, p. 91-92).

Ou seja, na transição do século XIX para o século seguinte, a cidade do Rio de Janeiro viveu uma série de transformações, acompanhada de um impulso esportivo. Para os mais abastados, a intenção do culto ao corpo através de práticas como o futebol, o remo, o turfe e o ciclismo. Afinal, com a intenção de inserir a capital federal no mundo civilizado, caberia às elites sociais e a membros médios urbanos a procura de distinção social; associar-se a uma agremiação esportiva seria o “carimbo” demonstrador da inserção do indivíduo nos novos tempos.

Para os menos favorecidos, o lazer à sua maneira. O futebol, até pela não exigência de equipamentos sofisticados, estruturava-se como possibilidade de abandono à condição de meros espectadores para a condição de protagonistas. Isto significa que, se para os habitantes de maior renda da capital federal as disputas

⁴⁷ A Revolta da Vacina teve como motivação não apenas a obrigatoriedade da vacinação contra a varíola. Foi gerada também pela insatisfação popular ante as transformações urbanas da capital, o aumento do custo de vida, a intransigência governamental e a ausência de participação popular nas decisões políticas na República recém instalada.

⁴⁸ Grupos de capoeiristas.

⁴⁹ Verificar Santos (1981, p. 22), onde afirma que os conflitos de rua de 1904 teriam feito o governo federal entender a necessidade de substituir a capoeira e a tradição de luta do carioca pelo futebol.

futebolísticas (partidas) eram usadas como forma de diferenciação social; para os de menor poder aquisitivo, entretenimento.

Progressivamente foram surgindo mais clubes nesta primeira década do século XX, muitos deles como pontos de diversão, tais como o Aldeia Campista FC e o Boêmios de Vila Isabel FC⁵⁰. Desta forma, o futebol tendia a organizar-se em clubes de regiões suburbanas da cidade do Rio de Janeiro, caso do Pedregulhense Futebol Club, do Sport Club Mangureira, do São Cristóvão FC, do Club Athletico Meyer, do Nacional Football Club, do Guarany Football Club, do Alumínio Football Club, do Shoot Americano Football Club, do Mauá Football Club, do Eden Brasil Football Club, entre diversos outros. Organizar uma agremiação (fosse ela de dança, carnaval, leitura, xadrez ou futebol) mostrava-se como uma tentativa de acompanhar o que ocorria nas zonas mais privilegiadas e valorizadas da cidade, concedendo aos dirigentes certa notoriedade, mesmo que local (apropriação de capital simbólico).

Boa parte das agremiações que emergiu nas duas primeiras décadas do século XX pode ser identificada como seletiva (cobrança de joia e mensalidades significativas), portanto com restrição à participação popular (com exceção de clubes formados em regiões suburbanas da capital federal). O Sport Club Americano, fundado em 26 de Agosto de 1914, por exemplo, deixava claro quem poderia aderir à agremiação ao impedir em seus quadros a presença de negros. Em seus estatutos, um de seus artigos (o quarto), indica que “não poderão fazer parte do Club qualquer indivíduos de côr escura”⁵¹.

Em 08 de julho de 1905, na sede do Fluminense, representantes do Botafogo, do Athletic and Foot-ball Club, do próprio Fluminense e do Bangu (este representado por um diretor da fábrica), resolveram fundar uma liga para organizar a prática do futebol (estruturação de torneios e disputas entre clubes que dessem visibilidade à prática, atraindo público e renda, além de proteção às agremiações componentes desse tipo de associação) na cidade através de campeonatos: a Liga Metropolitana de Foot-ball⁵². Uma das intenções da entidade era evitar a infiltração de clubes populares na capital federal, criando mecanismos protetores que mantivessem o futebol sob o controle de um restrito segmento social. Para tanto, para constituir-se, um clube passaria a ter que pagar à liga 50\$000 anuais e 30\$000 de mensalidade,

⁵⁰ “Sport”, *Correio da Manhã*, 27 de agosto de 1905 e “Sport”, *O Paiz*, 06 de setembro de 1905.

⁵¹ Estatutos do Sport Club Americano de 26 de Agosto de 1914. Arquivo Nacional, C6-479.

⁵² “Sport”. *O Malho*, 07 de outubro de 1905.

além da aceitação pelo mesmo de incorporação à entidade recém-surgida, impedindo o acesso em seus quadros de trabalhadores manuais⁵³.

Mais popular, uma semana após as determinações da Liga Metropolitana, o Bangu AC, ao não aceitar tais imposições, desligou-se da entidade (GAZETA DOS SPORTS apud PEREIRA, 2000). Isto porque, pela forma como surgiu e desenvolveu-se, o Bangu proletarizou-se e já havia determinado em seus estatutos a presença de sócios das mais diversas origens em seus quadros, além de permitir o comparecimento dos operários da fábrica nas pejejas que o clube disputava.

O desligamento do Bangu da Liga não teria incomodado as demais agremiações, até pela distância que devia ser percorrida pelos clubes filiados à entidade para as partidas naquele bairro operário. Além disso, na procura por manter em suas estruturas clubes elitizados, causava certo mal-estar à Liga ver surgir agremiações menores e proletárias a partir do exemplo dado pelo Bangu, caso do Sport Club Manguera e do Esperança Futebol Clube (também formado por funcionários da Companhia Progresso Industrial do Brasil). Para tê-los sob domínio, a Liga procurou incorporar tais agremiações, porém relegando-as à segunda divisão sob o argumento de prestigiar os clubes mais antigos e precursores da organização.

De qualquer forma, alargava-se a base social da Liga Metropolitana do Rio de Janeiro, mesmo com medidas como procurar restringir a participação de jogadores “pouco qualificados”, tais como “cocheiros, carroceiros, covoqueiros, barbeiros, soldados, caixeiros de venda, de hotel, de botequim e uma porção de cousas mais”⁵⁴.

Durante o ano de 1906 teriam sido fundadas mais de trinta agremiações de futebol na capital federal, todas elas ligados às famílias mais ricas da cidade, em clubes restritos, devendo ser ressaltado, no entanto, que populares, mesmo sem acesso a tais organizações, procuravam uma brecha que lhes permitisse assistir aos jogos disputados em festivais, tal a curiosidade pelo esporte. Em 1907, o número de clubes na cidade chegou a quarenta (FEDERAÇÃO DE FUTEBOL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 2019). Na ocasião, a capital federal contava com 662 estabelecimentos industriais e 34.850 operários, passando a apresentar aspectos de metrópole (CARONE, 1978, p. 77).

Como a adesão à Liga Metropolitana mostrava-se muito restritiva, foram sendo desenhadas novas organizações, novas ligas (como a Liga Suburbana de Football,

⁵³ “Gazeta dos Sports”. *Gazeta de Notícias*, 10 de maio de 1907.

⁵⁴ *O Imparcial*, 14 de agosto de 1913.

criada em 1907) e novos campeonatos para que fossem abrigadas as novas associações de futebol. Ao surgir, a Liga Suburbana de Football teve a intenção de agregar equipes modestas que não apresentassem condições materiais e de estrutura para participação nos torneios da Liga Metropolitana: “sob o título de Liga Suburbana de Football, quatro clubs se confederaram para este ano disputar um campeonato regional sob seus auspícios. Fazem parte da referida Liga, o Riachuelo F.C., Nacional F.C., Sampaio F.C. e Mangureira F.C”.⁵⁵

Outras ligas alternativas suburbanas foram sendo estruturadas no Rio de Janeiro como forma de dar estrutura organizacional a torneios que promovessem embates entre agremiações.

Em julho de 1908, uma partida entre a seleção argentina e jogadores brasileiros foi disputada na cidade do Rio de Janeiro, em jogo acertado pela Liga Metropolitana local. Vitória Argentina nos três duelos. Apesar do cavalheirismo característico do futebol de então, ao que consta já se desenhava um sentimento de pertencimento jamais visto na capital, uma vez que o placar adverso de 3 a 0 da primeira partida levou torcedores inconformados com o resultado às ruas centrais da cidade, causando certa confusão. Nos outros dois jogos, o mesmo placar favorável aos gringos. Novos distúrbios que fizeram perceber ser inevitável a transformação do futebol na capital federal em um evento de massas em poucos anos.

A multiplicação de clubes na cidade-capital foi tão intensa que, em 1914, a Liga Metropolitana propôs uma terceira divisão em seus quadros. A medida deixou clara a intenção de separar clubes de classes sociais distintas, afinal as regras da Liga apontavam que o vencedor da segunda divisão subiria à primeira e o último da primeira teria que acatar o descenso à segunda divisão. Desta forma, abria-se um precedente perigoso ao elitismo carioca. Ao perceber a ameaça, no ano seguinte surgiu uma proposta de se fazer uma série operária dos clubes, preservando o elitismo de várias as agremiações. Desta forma, os clubes filiados à entidade seriam divididos em três séries: uma para trabalhadores “não-braçais”, outra para operários e outras profissões mecânicas e uma terceira para praças e soldados (OS NOVOS..., 1915).

A proposta teria gerado muitas discussões e acusações de favorecimentos, não sendo aprovada. Porém, na prática, a Liga passou a organizar, a partir de 1917, um campeonato operário, que não prosperou já no ano subsequente.

⁵⁵ *Jornal do Brasil*, 15 de Abril de 1907, Geraes. Notícias relacionadas à iniciativa podem ser encontradas na *Gazeta de Notícias* (Sports), de 5 e 11 de Maio de 1907.

No ano de 1915, estruturou-se o Clube de Regatas Vasco da Gama⁵⁶, agremiação composta, a princípio, por membros da colônia portuguesa da cidade do Rio de Janeiro, em sua maioria prósperos comerciantes (RELATÓRIO..., 1929; ROCHA, 1975; SANTOS, 2000).

Em normalidade, mulheres eram aceitas nos clubes que se formavam no Rio de Janeiro se dependentes dos sócios, caso do Amaro Football Club (1923) e do Sport Club Galeão (1919), da Ilha do Governador⁵⁷. Muitas dessas agremiações não admitiam analfabetos, caso do Sport Club Nacional, fundado em 25 de Julho de 1918⁵⁸. A análise de estatutos das diversas agremiações fluminenses indica que a honra e o bom comportamento dos associados era prerrogativa para aceitação de sócios⁵⁹. Para tanto, como sinal de “idoneidade”, indivíduos com certo destaque social eram colocados como membros diretores das entidades esportivas constituídas.

As estatísticas relativas à prática do futebol na cidade do Rio de Janeiro indicam que as três principais ligas da capital federal (Liga Metropolitana, Liga Suburbana e Associação Atlética Suburbana) apresentaram o registro, no ano de 1919, de mil cento e noventa e dois jogadores participantes entre cinquenta e seis clubes (PEREIRA, 2000, p. 126). O jornal *O Imparcial*, no entanto, calculou entre “quatro e cinco mil o número de praticantes de futebol, argumentando que deveriam ser considerados clubes não filiados às Ligas constituídas ou filiados a ligas menores e independentes”⁶⁰.

A título de projeção, considerando que dos 1.157.873 habitantes do Rio de Janeiro, cerca de seiscentos mil eram homens⁶¹, dois em cada cem moradores do sexo masculino da cidade praticavam futebol em 1919.

O “boom” futebolístico na cidade do Rio de Janeiro fez com que Flamengo e Fluminense passassem a cobrar uma joia de ingresso de 25\$000 e mensalidade de 10\$000 na tentativa de manter restrições aos associados. Para que se tenha uma ideia, clubes mais populares que se estruturaram no período cobravam uma mensalidade que raramente ultrapassava 3\$000 (de cento e trinta e sete clubes,

⁵⁶ Fundado em 26 de Novembro de 1915, a princípio como clube de remo. Ao absorver o futebol, ganhou a alcunha de Gigante da Colina.

⁵⁷ Estatutos do Sport Club Galeão (05 de Outubro de 1919) e do Amaro Football Club (08 de Abril de 1923), disponíveis no Arquivo Nacional.

⁵⁸ Estatutos do Sport Club Nacional de 25 de Julho de 1918. Arquivo Nacional.

⁵⁹ Análise de Estatutos de agremiações como Ramos FC, Portinho FC, Cocotá FC, Fidalgo FC e Primor FC, disponíveis no Arquivo Nacional.

⁶⁰ *O Imparcial*, 28 de abril de 1919.

⁶¹ Recenseamento do Brasil, realizado em 01 de setembro de 1920 (apud MORTARA, 1947, p. 72).

cinquenta e quatro cobravam 1\$000 e sessenta e oito 2\$000) (PEREIRA, 2000, p. 167). De qualquer forma, já se debatia uma abertura maior para novos sócios no Botafogo e no América como forma de aumento de renda dessas agremiações. Com a mesma intenção de aumento de arrecadação, propiciar bons jogos para atrair torcedores pagadores de ingressos para os espetáculos.

Em maio de 1919, a disputa do campeonato sul-americano de futebol se deu em terras brasileiras. Mais especificamente na capital federal (o torneio seria realizado no ano anterior, porém o surto de gripe espanhola que atingiu a cidade forçou a transferência para o ano seguinte). Mais especificamente ainda, no estádio do Fluminense, quando cerca de vinte e cinco mil pessoas compareceram ao evento.

O Brasil chegou à final do campeonato sul-americano. Seu adversário foi o Uruguai. Empate no primeiro jogo. Na derradeira partida, foi decretado ponto facultativo na capital para funcionários públicos. Bancos fecharam e casas comerciais não funcionaram a partir das doze horas⁶². Resultado da peleja: vitória brasileira na prorrogação, gol de Friedenreich⁶³. Brasil campeão.

Euforia na capital. Manifestações por toda a cidade.

Apesar da popularização do esporte - em especial após a conquista brasileira do campeonato sul-americano de 1919 - a presença de jogadores negros em eventos esportivos e no selecionado brasileiro era praticamente nula, apesar da forte presença negra nas torcidas.

A efetivação do torneio em solo brasileiro marcou, segundo alguns estudiosos, o início do futebol como símbolo da identidade nacional, o que deve ser visto com certo exagero, afinal, até pelas dificuldades de transportes, o país não apresentava campeonatos interestaduais, restringindo-se a encontros esporádicos entre agremiações das unidades federativas brasileiras (basta que se verifique que as ligas metropolitanas e estaduais prevaleciam nos primeiros anos do século XX, tais como as ligas paulista, carioca, mineira, gaúcha e a baiana).

⁶² *O Imparcial*, 11, 17 e 28 de maio de 1919 e *O Paiz*, 29 de maio de 1919.

⁶³ Arthur Friedenreich(1892-1969) é considerado por muitos especialistas o primeiro grande jogador brasileiro de futebol. Era conhecido por "Fried". O seu desempenho no Campeonato Sul Americano de 1919 (hoje Copa América) foi tão destacado que os uruguaios o apelidaram de *El Tigre*. Marcou o gol da vitória final e foi o artilheiro da competição. Pixinguinha, Benedito Lacerda e Nelson Ângelo compuseram o chorinho "*Um a Zero*" em homenagem ao gol de Fried que selou a vitória ao Brasil. Fried foi para a Europa em 1925 em excursão do Clube Paulistano. O clube venceu todas as partidas, inclusive a França por 7 a 2. Os franceses o denominaram de "Roi du Football" (Rei do Futebol). Voltou da Europa classificado entre os dez melhores do mundo. Jogou vinte e três vezes pela Seleção Brasileira (indico a película dirigida por Genésio Arruda, *Campeões de Futebol*, de 1931, que homenageia alguns jogadores de futebol como Friedenreich; o roteiro é de Menotti del Picchia).

Porém, jogadores transformaram-se, paulatinamente, em ídolos. A ligação entre nacionalismo e futebol dava seus primeiros passos. A Confederação Brasileira de Desportos, nascida em 1916, passou a ganhar a adesão das várias unidades da federação a partir do resultado obtido.

A difusão do futebol brasileiro, portanto, está intimamente relacionada a Arthur Friedenreich, filho de um alemão com uma brasileira. O gol que marcou em 1919 contra o Uruguai abriu ao negro um espaço pouco esperado para a época. Tanto que lhe chegou a ser chamado de “um dos maiores brasileiros vivos” (MAZZONI, 1950, p. 85).

A ideia de futebol-arte (distinto, ofensivo e imprevisível) como algo específico brasileiro, teria sido construída através da figura do jornalista Mário Filho, embora Franzini (2003) aponte que, após o Campeonato Sul-americano de 1919, vencido pelo Brasil, o jornal *O Estado de S. Paulo* teria iniciado o protótipo de futebol-arte no Brasil, indicando um estilo único de se jogar futebol, diferentemente de outras seleções: individualista, indisciplinado, sem rigor no esquema de jogo e alegre (baseado nas improvisações), próprio da mestiçagem brasileira. Fábio Franzini, em *Corações na ponta da chuteira* (FRANZINI, 2003), destaca a importância do evento e na comoção dos brasileiros com a organização e vitória no Torneio, quando o autor do gol do título foi o mestiço Friedenreich, tornando-se exemplo da mestiçagem e do “embranquecimento” do povo brasileiro⁶⁴.

2.2 O FUTEBOL EM SÃO PAULO

A cidade de São Paulo, por ocasião da realização do primeiro censo do Brasil, realizado em 1872, ainda durante o II Reinado (1840-1889), possuía cerca de trinta e dois mil habitantes. A quinta cidade em população absoluta, atrás do Rio de Janeiro, Salvador, Recife e Belém. Em 1886, cerca de quarenta e quatro mil.

As festas religiosas eram a principal forma de diversão e lazer na cidade na segunda metade do século XIX. A Festa da Penha, a Festa do Divino Espírito Santo, as festividades da Semana Santa, procissões, romarias e as Festas Juninas gozavam de grande popularidade. Já as festas cívicas não despertavam o mesmo interesse da população (ELAZARI, 1979).

⁶⁴ Para interessados, interessante artigo de Helal e Gordon Junior (1999), que analisa a ascensão social do negro a partir do futebol.

Excetuando-se as festas religiosas, os divertimentos na cidade de São Paulo nos anos finais do século XIX resumiam-se às touradas e ao lançamento de fogos de artifício. De tão escassas as possibilidades, até mesmo cerimônias fúnebres constituíam-se em “divertimentos sui generis” (MOURA, 1998, p. 67). Pelo menos até o início do século XX, quando o dia da Independência e a data da proclamação da República, assim como o dia 21 de abril (Tiradentes), o dia do Trabalho (primeiro de Maio) e a data da abolição da escravidão (13 de maio), passaram a ser exaltadas pela estrutura republicana recém-instalada: “quase todas tinham um caráter celebrativo nas quais a participação da população se restringia a assistir aos espetáculos, quase sempre desfiles militares, discursos políticos ou peças de teatro” (ELAZARI, 1979, p. 45).

Tabela 1 – População das principais cidades brasileiras

Ano	Rio De Janeiro	Salvador	Recife	Belém	São Paulo
1872	275.000	129.000	116.000	61.997	32.000
1890	523.000	174.000	112.000	50.064	65.000
1900	811.000	206.000	113.000	96.560	240.000
1920	1.158.000	280.000	240.000	236.406	579.000

Fonte: Cano (1998, p. 24).

Até 1880, existiam em São Paulo dezesseis fábricas, ligadas principalmente aos ramos de fiação de algodão, produção de fósforos e serrarias (DEAN, 1971). A cidade mostrava-se cercada por chácaras, não havendo segregação entre os grupos sociais na divisão urbana. Ou seja, senhores e escravos conviviam em espaços democráticos, em que pesem as diferenças e preconceitos de origem:

A cidade escravocrata é pouco segregada. O centro é local de moradia e trabalho das classes dominantes, marcado pela presença constante dos escravos e do comércio – da negra com seu trabalho ao grande armazém. A periferia é o cinturão caipira e o local de ricas chácaras. As ruas e praças do centro misturam grupos sociais e funções. No entanto, os limites e fronteiras entre os grupos sociais são claras e rigidamente definidos (ROLNIK, 1981, p. 44).

O produto que acelerou o desenvolvimento do Estado de São Paulo, particularmente da capital, foi o café, atrelado ao desenvolvimento ferroviário - caso da ferrovia Santos-Jundiaí, existente desde 1867 - e à localização geográfica do Estado e, claro, da capital:

[...] à semelhança do que já ocorrera anteriormente com os caminhos de tropa, a capital tornou-se o polo irradiador da rede ferroviária do Estado: as várias linhas a ela convergiam, prosseguindo o fluxo exportador até Santos através da única linha até então existente nesse trecho. Dessa forma, todo o movimento comercial do Estado tendia a se concentrar em São Paulo (LAGENBUCH, s/d, p. 3).

Também contribuiu para o desenvolvimento industrial de São Paulo a emergência do trabalho livre e a entrada de milhares de imigrantes, principalmente europeus. Entre 1900 e 1917, o país teria recebido 1.424.350 imigrantes. Destes, 906.764 teriam se estabelecido no Estado de São Paulo. Ou seja, mais da metade do conjunto de imigrantes do país, a maioria italianos, espanhóis e portugueses⁶⁵.

A chegada de grande volume de imigrantes fez a cidade de São Paulo passar por grandes transformações, quando as chácaras estruturaram-se em bairros e grandes reformas urbanísticas passaram a ser colocadas em prática, em especial durante as gestões de Antonio Prado (1899-1910) e Raimundo Duprat (1911-1914). Durante tais administrações, o triângulo central da cidade agregou novas áreas de ocupação.

A capital paulista crescia e se transformava rapidamente⁶⁶. O telefone, introduzido na Paulicéia em 1884 como grande novidade, demonstra tal crescimento: em 1901, já era de mil e quarenta o número de aparelhos na cidade. Em 1891, a capital paulistana ganhou o Viaduto do Chá e viu seu primeiro automóvel: um Peugeot de rodas altas e três cavalos e meio de força, pertencente a Santos Dumont (dez anos após, tal a proliferação de veículos, a cidade criou um imposto específico para automóveis circularem). Em 1896, São Paulo ganhou o Velódromo Paulista, nas imediações da Igreja da Consolação. Em 1903, o Instituto Pasteur, atuando pelas vítimas de doenças como a raiva e desenvolvendo soros contra difteria e tétano. Em 09 de Julho (sem se imaginar o significado da data a partir de 1932) de 1911, foi lançada a pedra fundamental do Paço Municipal. Em 12 de setembro de 1915, foi inaugurado o Theatro Municipal com a ópera Hamlet, de Ambroise Thomas, apresentada pela Companhia Titta Ruffo, e introdução orquestral d' O Guarani, de Carlos Gomes. Em 1913, na rua 15 de Novembro, surgiu a Mappin Store e foi edificado o Grande Hotel Rotisserie Sportsman. Em 1918, foi inaugurado o Parque do

⁶⁵ Inmigración Y Estadísticas em el Cono Sur da América: Argentina, Brasil, Chile, Uruguay. Hernan Asdrúbal Silva, Organización de los Estados Americanos, 1990.

⁶⁶ A obra *A Capital da Vertigem: uma história de São Paulo de 1900 a 1954*, de Roberto Pompeu de Toledo traz a evolução da cidade de São Paulo em números e análises minuciosas (TOLEDO, 2015).

Anhangabaú.

Nos primeiros séculos, uma cidade silenciosa, onde apenas os sinos das Igrejas interrompiam o sossego por anunciarem as missas, os anúncios fúnebres e os nascimentos. Na virada do século XX, motores, apitos de trens, buzinas, automóveis, linhas de bonde, sirenas de fábricas e chaminés concorrendo em altura com as torres das igrejas passaram a indicar as transformações paulistanas.

Este crescimento abrupto da cidade trouxe transtornos, principalmente aos bairros operários, tais como a grande presença de lixo, águas estagnadas, ruas esburacadas, deficiência sanitária, entre outros. Ao que consta, a cidade embelezava-se em regiões pontuais, em detrimento dos bairros populares operários. Tal processo de valorização espacial trouxe à capital do Estado de São Paulo dois tipos de logradouros: os com melhorias e equipamentos urbanos, direcionados a uma elite, e os deficientes em estrutura básica, destinados aos menos favorecidos, em especial os trabalhadores fabris:

[...] o vetor Sudoeste, desenhado a partir do percurso Campos Elíseos/ Higienópolis/ Paulista, e que depois se completaria com os loteamentos da Cia. City no Jardim América, configura uma centralidade da elite na cidade, o espaço que concentra valores imobiliários altos, o comércio mais elegante, as casas ricas [...], a maior quantidade de investimentos públicos. (ROLNIK, 1981, p. 46).

Segundo Monbeig (1953, p. 24), o distanciamento geográfico das localizações elitizadas em relação às das camadas sociais mais populares (incluindo aí os operários) teve motivações e tendências deliberadas “[...] da burguesia e da nova classe média a desertar os antigos bairros, as vizinhanças das estações, das fábricas e das várzeas”.

Das novidades que chegaram a São Paulo nos primeiros anos do século XX, poucas foram absorvidas como o futebol. Talvez tenham feito frente à atividade, o cinema e o teatro musicado. Para Lúcia Gama, “[...] o cinematógrafo do salão de variedades [...], o teatro musicado, picadeiros e pavilhões de circo” (GAMA, 1998, p. 43), mobilizaram estratos sociais médios e populares da cidade.

O crescimento urbano de São Paulo despertava necessidades de redes de sociabilidade, em especial entre os moradores dos bairros nobres da cidade. Marcelino Rodrigues aponta que a indústria do espetáculo e os rituais coletivos ofereceram a opção de tal sociabilidade, “com o objetivo de mantê-las sob controle,

conduzindo-as a um estado de êxtase febril e permanente mobilização” (SILVA, 2006, p. 55), trazendo novos mercados de bens de consumo (inclusive culturais) e estimulando as práticas inerentes ao capitalismo. O futebol teria sido um desses elementos modernizadores e, na popularização desse esporte, os reflexos das tensões da sociedade passaram a aparecer.

Em 1896, a cidade de São Paulo acompanhou a paulatina transformação do jardim central do seu principal velódromo em campo de futebol, seguindo as medidas adotadas pelos ingleses, uma vez que o crescimento do interesse pelo esporte por membros da elite paulistana era notório. Segundo registros da Câmara Municipal, o nivelamento do terreno foi comandado pelo empreiteiro Valério José⁶⁷. Para a adequação, a pista de ciclismo foi tomada por arquibancadas, inclusive uma parte coberta que podia abrigar entre setecentas e mil espectadores (REIS FILHO, 1990). Com a destinação, em definitivo, do velódromo para a prática futebolística a partir de 1900 (como já afirmado, para membros das camadas mais abastadas da sociedade paulistana), a Várzea do Carmo passou a ser utilizada por populares, evitando as disputas por espaços. Ou seja, o Carmo ficaria para os “varzeanos” (SANTOS NETO, 2002, p. 49). Além da separação dos campos de atuação para o futebol, foi criada a Liga Paulista de Futebol (1901), restrita à participação de agremiações da elite paulistana⁶⁸.

Não só na capital o velódromo passou a ser útil ao futebol. Velódromos de cidades como Rio Claro, Sorocaba e Taubaté também passaram por transformações até se tornarem campos de futebol (REIS FILHO, 1990).

Na capital, o Coliseo Festa Alegre (bairro da Penha), desapareceu, enquanto o velódromo Bois de Boulogne (bairro da Consolação) também passou a ser tomado pelo futebol, tornando-se (até pela arquitetura dos espaços), palcos para pelepas futebolísticas.

Nos últimos anos do século XIX nasceu o São Paulo Athletic Club⁶⁹ e discentes do Mackenzie College fundaram a Associação Atlética Mackenzie College (1898),

⁶⁷ Giuseppe Valori, citado por alguns historiadores da cidade como Valério José. A demolição completa do Velódromo ocorreu em 1917.

⁶⁸ A cidade do Rio de Janeiro adotou o mesmo procedimento ao criar a Liga Metropolitana de Football, em 1905, como apontado.

⁶⁹ O São Paulo Athletic Club foi criado em 13 de maio de 1888 (surgiu como clube de críquete, rugby e tênis) por britânicos que moravam e trabalhavam no Brasil (em Companhias como a São Paulo Railway). Utilizava para suas práticas esportivas a chácara do norte-americano Charles Dullely, no Bom Retiro; em 1895, Charles Miller ali introduziu o futebol.

formada por jovens brasileiros descendentes da elite paulista⁷⁰. Em 1899, o Sport Club Internacional⁷¹ e o Sport Club Germania⁷². Em 1900, o Clube Athletico Paulistano⁷³, cuja diretoria era formada principalmente por fazendeiros cafeeiros e políticos locais (BERGAMIM JUNIOR, 2010; CLUBE ATLÉTICO PAULISTANO, 2019).

Acompanhando a novidade desenvolvida pela elite paulistana, é provável que o futebol tenha sido apropriado nos bairros como forma de integração social e identificação local, seguindo os passos dos mais seletos paulistanos. Ou seja, os times de futebol informal desenvolveram-se paralelamente à organização formal, expressando identidades e projetando certa integração social.

Em 14 de dezembro de 1901, foi organizada a Liga Paulista de Futebol, regulamentando os clubes existentes e estruturando os campeonatos na cidade. Mas o processo de democratização do futebol em São Paulo se deu mesmo através dos times de várzea e dos clubes formados nas fábricas, como será observado mais à frente.

Entre 1902 e 1904, o jornal *O Estado de São Paulo*⁷⁴ apontou para a existência de trezentos e trinta clubes praticantes de futebol, só na cidade de São Paulo, influência provável da febre que o esporte ganhou, principalmente como elemento de lazer.

A prática do futebol na cidade de São Paulo foi regulamentada pela Lei de número 702 de 1904 pelo Prefeito Antonio Prado, cujo filho foi um dos idealizadores do Club Atlético Paulistano:

⁷⁰ A Associação Atlética Mackenzie College foi fundada em 18 de Agosto de 1898, tendo entre seus frequentadores jovens da elite paulista, caso de Augusto Shaw e Belfort Duarte (apud MAZZONI, 1950). Jornal *A Gazeta Esportiva Ilustrada*, edição especial de Janeiro de 1962.

⁷¹ O nome faz referência à variedade das nacionalidades dos jogadores: brasileiros, espanhóis, alemães, portugueses e ingleses. O Sport Club Internacional foi formado em 19 de Agosto de 1899 e contava em seus quadros com nomes como Hans Nobiling e Artur Ravache que colaboraram na formação do Internacional, mas por pretenderem um clube ligado especificamente à colônia alemã, criaram o Sport Club Germânia em 07 de Setembro de 1899. Teve o apoio da Cia. Paulista de Transportes da Chácara Dulley (bairro do Bom Retiro, ao lado do Jardim da Luz, propriedade pertencente às famílias Dulley e Fox, onde teria sido demarcado o primeiro campo de futebol da cidade de São Paulo, originalmente campo de críquete). Jornal *A Gazeta Esportiva Ilustrada*, edição especial de Janeiro de 1962.

⁷² Atual Esporte Clube Pinheiros. Seu suporte inicial foi dado pela colônia inglesa paulista e pela Cia. Paulista de Transportes da Chácara Dulley. Seu principal nome foi Hans Nobiling (alemão que chegou ao Brasil em 1897; membro de família de comerciantes de Hamburgo; filho de Oscar Nobiling; filólogo; foi funcionário chefe de departamento do Brasilianische Bank für Deutschland entre 1907 e 1930 e organizou jogos e deu estrutura inicial à Liga Paulista de Futebol) Jornal *A Gazeta Esportiva Ilustrada*, edição especial de Janeiro de 1962; Instituto Hans Staden (1975, p. 192-194).

⁷³ Fundado em 29 de Dezembro de 1900. Seu principal nome foi Bento Pereira Bueno, político, foi secretário do Interior do Estado de São Paulo entre 1900 e 1906 e primeiro presidente da agremiação.

⁷⁴ Edições do jornal *O Estado de S. Paulo*, pesquisadas no período de 1902 e 1904.

Art. 1 – Fica o Prefeito auctorizado a regulamentar o divertimento do foot-ball, de maneira a serem resguardadas as pessoas e propriedades de quaisquer ofensas ou danos.

Art. 2 – O campo de foot-ball será estabelecido de maneira a seus limites guardarem sempre a distância nunca menos de vinte metros das casas, jardins, propriedades de terceiros, praças públicas, e será separado do terreno por uma tēla de arame pelo menos, construída à custa das pessoas ou associações que mantiverem o divertimento.⁷⁵

Vale ressaltar que a disseminação do futebol se deu a partir de um contexto urbano. Não é por acaso que a Inglaterra tenha sido o berço da Revolução Industrial (como já observado) e do futebol. Em São Paulo não foi diferente, a partir da criação de bairros operários. De acordo com Odette Seabra (2003, p. 337):

Clube, futebol e política formam uma unidade problemática que acompanha a modernidade desde a origem e compreende níveis de estruturação que vão do âmbito local ao internacional. Relativamente ao futebol, o clube de bairro chegou a ser o nível mais elementar dessa articulação. [...] Nos locais de industrialização, quando a população proletária se acomodava nos arrabaldes da cidade, formaram-se lideranças locais que se envolveram desde muito cedo, aqui, em São Paulo, como o futebol.

Desta forma, o futebol transformou-se em caminho para proporcionar o encontro político dos trabalhadores na cidade e nos bairros, onde as especificidades locais foram se consolidando. Na sociedade paulistana de bairros, o futebol emergiu como ponte de integração entre os bairros através de festivais que envolviam atividades musicais, brincadeiras e gincanas.

A princípio, o futebol varzeano paulista foi tomado como encontros entre desordeiros e vadios, sendo perseguido pelas forças policiais. Por ocasião de sua popularização, a imprensa da época procurou distinguir o futebol das elites (elegante e bem organizado) do futebol informal das várzeas (improvisado e violento) tratando-os como modalidades opostas e distintas. Santos Neto evidencia assim o preconceito com o futebol praticado nas várzeas da cidade de São Paulo:

Para os primeiros jornalistas esportivos, assim como para os primeiros dirigentes, havia o 'grande futebol', o das elites, e o 'pequeno futebol', dos times de várzea. Uns eram os dignos representantes do nobre esporte bretão, e os outros não estavam à altura do reconhecimento oficial e da igualdade na forma de tratamento. Os times populares eram vistos como brutos, incapazes de seguir as regras de conduta do futebol e dos gentlemen ingleses, e por várias vezes foram até mesmo ridicularizados pelas folhas como um bando

⁷⁵ Relatório de governo do Senhor Prefeito Antonio da Silva Prado (1911). São Paulo: Seção de Obras Raras da Biblioteca Mário de Andrade.

de jogadores que davam chutões para o alto, sendo chamados de ‘canelas negras’ (SANTOS NETO, 2002, p. 53).

Muito difícil, até pela ausência de uma política de preservação de documentos e a precariedade das sedes das agremiações, quase sempre improvisadas, precisar o número de equipes varzeanas que atuaram na capital paulista nos primeiros anos do século XX. Levantamento do Jornal *A Gazeta Esportiva*, estimou em cerca de seiscentas⁷⁶. Agremiações como o Domitilla F.C., Parahyba F.C., Parada Zero F.C., Minerva F. C., Arco Íris F.C., Vinte e Cinco de Março F.C, entre outras, despontaram como os pioneiros, atuando na várzea do Carmo. Ao fim da primeira década do século, já atuavam na várzea agremiações como o Onze de Agosto F.C., o Bello Horizonte, o Botafogo F.C., Argentino F.C., Enotria F.C., Mackenzinho F.C., Guapirano F.C., A.A. Maranhão e Lazio F.C⁷⁷ .

Em 1914, o jornal *O Estado de São Paulo* procurou fazer um levantamento estatístico esportivo em todo o território paulista. Para tanto, solicitou informações das agremiações que conseguiu identificar, tais como nomes dos dirigentes, denominações das associações, endereço de sedes, número de associados e atividades esportivas desenvolvidas. Em uma primeira lista, foi constatada a existência de cento e trinta e seis associações, com grande maioria na capital paulista (o restante em cidades do interior do Estado). Concluiu, no entanto, existirem à época no Estado, aproximadamente dois mil praticantes de futebol⁷⁸.

Entre os clubes da capital e do interior do Estado de São Paulo, começavam a aparecer de forma mais significativa embates esportivos de futebol, como demonstram algumas citações:

Sport— Conforme noticiamos, os rapazes do Concórdia Futebol Clube irão hoje a Jundiaí disputar um match de futebol com um clube daquela localidade [...]

Match de futebol— Segue hoje para Pindamonhangaba o primeiro time do São Paulo Railway

Futebol Clube, que vai disputar um match de futebol com o Brasil Futebol Clube daquela cidade [...].⁷⁹

⁷⁶ Os dez “azes”! Ainda o lufa-lufa em torno dos nossos melhores quadros varzeanos – Os campeões de antigamente. *A Gazeta Esportiva*, 22 de junho de 1930, p. 9.

⁷⁷ A várzea de todos os tempos! Pequenos factos que muito aficionado suburbano ignora. *A Gazeta Esportiva*, 5 de maio de 1930, p. 8.

⁷⁸ *O Estado de São Paulo*, Seção Sport, 14 de agosto de 1915, p. 7.

⁷⁹ *Jornal O Comércio de São Paulo*, 18 de agosto de 1915 (apud NEGREIROS, 1992).

O futebol, rapidamente, transformou-se em fenômeno mobilizador. Agora também integrador de regiões.

A relação entre a prática do futebol e grandes empresas em São Paulo foi estreita, o que também colaborou para a rápida popularização do esporte.

No ano de 1905, a capital do Estado de São Paulo observava o crescente interesse de seus habitantes pelo futebol, a ponto de Monteiro Lobato, após assistir a concorridas pelepas entre paulistanos e ingleses, afirmar:

Essa luta tinha para a população de São Paulo um significado moral dez vezes maior do que a eleição para um presidente do Estado. [...] o último gol do Paulistano provocou a maior tempestade de aplausos jamais conhecida em São Paulo. [...] É desta espécie de homens que precisamos. [...] Mais homens, mais nervos, mais corpúsculos, para que um Camilo Castelo Branco não possa repetir que ele tem sangue corrompido nas veias e farinha de mandioca nos ossos (LOBATO apud ROSENFELD, 1993, p. 79).

Com população imigrante, oriunda principalmente de países de pensamento predominantemente libertário, o bairro da Mooca foi marcado pelo ativismo anarquista, socialista e comunista, sendo a atual confluência da Avenida Paes de Barros e das ruas Mooca, Taquari e Osório, conhecida como “Praça Vermelha”⁸⁰.

No final do século XIX, a Mooca recebeu as indústrias de massas Romanelli, Carolina Gallo e Rosália Medio, enquanto o casal Antônio e Helena Zerrenner fundou a Companhia Antártica Paulista. Já a Regoli (fundada em 1896) foi comprada em 1909 pelo conde Rodolfo Crespi e batizada como Cotonifício Crespi. À medida que a fábrica ganhou corpo, foram construídas casas para seus operários (a maioria italianos), além do famoso “estádio da Rua Javari” (Estádio Conde Rodolfo Crespi).

A The São Paulo Tramway, Light & Power Co Ltd., fundada em Toronto, Canadá, iniciou suas atividades na cidade de São Paulo em 1900. Incorporou a Cia. Água e Luz e construiu a usina hidrelétrica de Parnaíba, no rio Tietê, a cerca de trinta quilômetros do núcleo urbano, com vistas à instalação de bondes elétricos, agindo, desta forma, sobre o transporte coletivo urbano. No mesmo ano, três linhas de bondes elétricos foram inauguradas na cidade, ligando os bairros da Vila Buarque, Bom Retiro e Barra Funda (THE SÃO PAULO TRAMWAY, 1950).

Aos poucos, a Light foi expandindo seus serviços pela capital do Estado através

⁸⁰ Um episódio retrata bem o espírito revolucionário do bairro: em 30 de outubro de 1930, operários cruzaram o rio Tamanduateí em direção ao bairro do Cambuci para participar do que denominaram “Queda da Bastilha”, visando o fim do tratamento hostil dado aos sindicalistas e agitadores presos na delegacia da rua Barão de Jaguará.

da construção de barragens, reservatórios e usinas termoelétricas e hidroelétricas, tornando-se, gradualmente, mais uma empresa estrangeira a dominar setores da economia brasileira.

Por sua origem britânica, a Light passou a incentivar a prática do futebol nos seus quadros de funcionários⁸¹.

O bairro paulistano do Brás, por sua vez, ao receber grande impulso industrial e comercial, reuniu, a partir do primeiro quartel do século XX, muitos trabalhadores e empresários. Segundo Sylvio Floreal (2003, p. 19):

[...] o Brás, durante o dia, é um verdadeiro poema homérico de atividade e trabalho. É a ânsia em marcha, desabusada e audaciosa [...] O exagero e o absurdo nesse bairro atuam e prosperam num conúbio admirável de entendimento tácito. Ao lado de maltrapilhos e mendigos que pechincham uma fugitiva esmola, cruzam industriais arrogantes e garbosos.

O impulso industrial do Brás se deve, em grande parte, àquele que se definia como um imigrante que vencera através do trabalho e coragem, mas que fazia questão de ser tratado com um título de nobreza: conde Francisco Matarazzo.

Nos anos finais do século XIX, Francisco Matarazzo transferiu seus negócios da cidade de Sorocaba para a capital paulista. Industrializava e comercializava produtos à base de banha de porco.

Em 1900, Matarazzo estruturou um moinho de farinha de trigo no bairro do Brás. Em 1904 foi a vez da Tecelagem de Algodão Mariângela. Paulatinamente, as investidas de Francisco Matarazzo foram ampliadas: serrarias, fábrica de óleo de algodão e de sabão, fiação, tinturaria, beneficiamento de arroz, ao ponto de, em 1911, surgirem as Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo que, mesmo sendo uma sociedade anônima, manteve-se em bases familiares:

[...] Fiação, Tecelagem, Malharia e Tinturaria Mariângela, a Branquearia e Estamparia Mariângela, o Moinho Matarazzo, a Fábrica de Banha, em Capão Bonito, um Engenho de Arroz, em São Paulo, e outro em Iguape, à beira do Rio Ribeira, a Fábrica de Óleo e Sabão Sol Levante e o Cascamifício Mariângela, entre outros. O setor de tecelagem da empresa e outros foram ampliados, com a construção da Tecelagem Belenzinho, da Amideira Matarazzo, um belo exemplo da arquitetura industrial da época, e com a aquisição de armazéns e trapiches em portos, como o de Antonina, no Paraná, pela subsidiária S. A. Indústrias Matarazzo do Paraná, além de filiais em Santos, Rio de Janeiro e Curitiba (VICHNEWSKI, 2004, p. 60).

⁸¹ De acordo com a empresa, em 1934 a Light empregava 7008 trabalhadores em seus vários ramos de atuação (THE SÃO PAULO TRAMWAY, 1950).

Francisco Matarazzo viria a ter uma íntima relação com o Palestra Itália de São Paulo (rebatizada em 1942 como Sociedade Esportiva Palmeiras), uma das maiores agremiações de futebol da história paulistana.

O Sport Club Corinthians⁸² surgiu enquanto agremiação em 1910, às margens do rio Tietê (cujo brasão destaca dois remos; importante lembrar que nas primeiras décadas do século XX, o rio Tietê, assim como do rio Pinheiros, tornou-se importante ponto de lazer dos paulistanos, recebendo, aos finais de semana, famílias inteiras; ou seja, as margens do Tietê eram, acima de tudo, um espaço de festa: piqueniques, partidas de futebol, serenatas, pescarias, provas de remo e natação)⁸³. A agremiação tornou-se popular rapidamente entre os paulistanos ao ser fundado por um grupo de artesãos e pequenos funcionários no Bom Retiro, São Paulo: “ao lado dos grã-finos do São Paulo Athletic e do The São Paulo Railway, havia, agora, um time do povo” (SANTOS, 1981, p. 16).

Na mesma década, especificamente em 1914, foi estruturado o Palestra Itália (atual Sociedade Esportiva Palmeiras⁸⁴), a apenas três quilômetros de distância da sede corintiana, especificamente à antiga rua Marechal Deodoro, esquina com a Rua Direita. A agremiação foi fundada a partir de convocação de membros da colônia italiana no jornal *Fanfulla* (publicado em italiano) em 14 de Agosto (ALVIM, 1986; ARAÚJO, 2000; BOSI, 1994; MORBIO, 2000)⁸⁵. De base étnica, o Palestra só foi aceito como membro efetivo da APSA (Associação Paulista de Sports Athleticos) em 1916. A justificativa da entidade foi que a agremiação teria por base imigrantes e descendentes, o que era visto pela APSA com ressalvas. Há uma ideia formada de que o Palestra seria fruto de dissidência do S. C. Corinthians Paulista, o que não se constitui verdade.

O Corinthians Paulista iniciou suas atividades no futebol em campos de várzea. Sua primeira taça não veio do futebol, mas do pedestrianismo, conquistada em uma corrida de dez quilômetros. Ingressou no futebol de forma oficial apenas em 1913. Seu

⁸² Fundado em 1 de Setembro de 1910. Alcinha/Mascote: Fiel/Mosqueteiro. Atas Extraordinárias do SCCP, 01/09/1915 e 27/07/1916, Jornal *Folha da Tarde*, edição de 13 de Abril de 1959 (FIGUEIREDO, 1918).

⁸³ Em seu entorno, foram fundados clubes de regatas como o Espéria italiano (ao qual os membros se referiam como *Società dei Canottieri*, inaugurado em 1899) e o Clube de Regatas Tietê (1907).

⁸⁴ O clube foi fundado em 26 de Agosto de 1914. Tem como Alcinha Verdão e, como Mascotes, o periquito e porco. A agremiação tem, em sua estrutura, base étnica (imigrantes, principalmente colonos italianos, com destaque a Luigi Cervo, Luigi Marzo, Vincenzo Ragoanetti e Ezequiel Simone)

⁸⁵ Arquivos da Federação Paulista de Futebol; Jornal *O Estado de S. Paulo*, edição de 06 de Janeiro de 1915, *Sports*, p. 6.

primeiro grande ídolo foi Neco, jogador contratado pela equipe e que se manteve nela até 1930. Apenas em 1914⁸⁶ o Corinthians venceu seu primeiro Campeonato Paulista de futebol, invicto, com dez vitórias em dez jogos, tendo Neco como seu artilheiro, com doze gols. No ano seguinte, 1915, a agremiação não disputou jogos oficiais por não entrar em entendimento com nenhuma das duas ligas do futebol paulista. Em 1916, o Corinthians teve Amílcar Barbuy convocado para amistoso contra o Uruguai, o que o fez o primeiro corintiano a vestir a camisa da seleção. Em 1918, o clube inaugurou seu primeiro estádio, o da Ponte Grande, às margens do Rio Tietê. Alguns anos depois, 1926, a agremiação adquiriu o terreno do Parque São Jorge, zona leste da capital paulista, erguendo ali sua nova sede, inaugurada em 1928.

Apenas em 1917 ocorreu o primeiro encontro entre o Corinthians e o Palestra Itália, num momento em que o futebol paulista encontrava-se em um momento de cisão, já que os dois times não disputavam os mesmos campeonatos: o primeiro disputava o torneio organizado pela Liga Paulista de Futebol, enquanto o Palestra disputava o torneio organizado pela Associação Paulista de Esportes Atléticos, entidade a que estava também filiado o Paulistano, considerado o mais bem estruturado clube paulista no período.

O encontro entre Palestra e Corinthians se deu a partir da união das duas entidades pela organização de um só campeonato. O Corinthians havia sido bicampeão pela LPF. O Palestra não possuía títulos por estar em sua segunda disputa de campeonato.

Um fato acirrou os ânimos do jogo: dois anos antes do primeiro encontro entre as duas agremiações, especificamente em 1915, o habilidoso zagueiro Bianco Spártaco Gambini (Bianco), que fora campeão paulista no ano anterior, atuou pelo Mackenzie, pelo próprio Corinthians e pelo Palestra (à época, um jogador podia atuar por qualquer equipe, desde que não abandonasse um time no meio de uma competição para defender outra agremiação). Em 1916, porém, Bianco, de origem italiana, decidiu jogar apenas pelo Palestra, o que levou a um estremecimento entre os dois clubes. Em clima de rivalidade, a aguardada partida foi disputada no dia 6 de maio de 1917, num Parque Antártica lotado. Resultado: 3 a 0 para o Palestra,

⁸⁶ Segundo levantamento do jornal *O Estado de S. Paulo*, no ano de 1914 existiam na cidade de São Paulo cento e trinta e seis associações esportivas (entre clubes de futebol e outras). Neste mesmo ano, teriam sido realizadas, apenas num domingo, trinta e sete partidas de futebol envolvendo setenta e quatro clubes, cento e quarenta e oito times e cerca de mil e seiscentos jogadores, atestando a popularização da prática na cidade de São Paulo.

colocando fim a uma invencibilidade corintiana de vinte e cinco partidas e que entrou para a história como o primeiro dérbi⁸⁷. No ano seguinte, novo encontro, porém desta vez na Ponte Grande, o primeiro estádio de propriedade corintiana. Empate.

No ano de 1920, estruturou-se em São Paulo, a partir da iniciativa de comerciantes de descendência portuguesa da capital (intenção étnica), outra agremiação que fez história na cidade, no Estado e no país como um todo: a Associação Portuguesa de Desportos⁸⁸. Sob a alcunha de lusa e tendo como mascote um leão, o clube surgiu a partir da fusão entre Luzíadas Futebol Club, Associação 5 de Outubro, Esporte Club Lusitano, Associação Atlética Marquês de Pombal e Portugal Marinhense (ACERVO DA BOLA, 2019; DUARTE, 1986, DUARTE, 1999).

Apenas em 1930, acompanhando o sucesso do futebol na capital de São Paulo, estruturou-se o São Paulo Futebol Clube⁸⁹, a partir da fusão entre Associação Atlética das Palmeiras e Club Athletico Paulistano e da iniciativa de indivíduos componentes da elite paulistana.

Fato é que o futebol, introduzido por membros seletos das sociedades metropolitanas de cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, aos poucos foi sendo abraçado por outros componentes sociais, seja pela atração espontânea, seja pela indução, segundo interesses diversos. No entanto, a popularização definitiva do esporte em questão em solo brasileiro merece uma análise mais criteriosa.

2.3 OS CAMINHOS DEFINITIVOS DA POPULARIZAÇÃO DO FUTEBOL NO BRASIL

O jogo de futebol, impressionantemente, seja na cidade de São Paulo, seja na cidade do Rio de Janeiro, perdeu rapidamente seu caráter elitista, ganhando força entre os “cabras”, em especial no primeiro quartel do século XX, quando operários viviam às turras com o sistema opressor das fábricas e eram guiados em suas reivindicações por ideologias como o anarquismo. Em São Paulo, a distração. No Rio de Janeiro, a alienação. Nos dois casos, o futebol transformou-se em um elemento externo ao praticante, como se deseja mostrar ao longo deste trabalho, fenômeno do qual fará uso Getúlio Vargas na década de 1930. Como num prenúncio às ações

⁸⁷ O termo ‘dérbi’ é alusivo ao ‘derby’ inglês: corrida de cavalos muito disputada (acirrada).

⁸⁸ Fundada em 14 de Agosto de 1920.

⁸⁹ O “tricolor do Morumbi” emergiu a partir da iniciativa de indivíduos componentes da elite social paulistana e teve nas figuras de Cícero Pompeu de Toledo e de Laudo Natel seus principais nomes históricos.

varguistas, já no início do século XX, governantes passaram a isentar os campos de futebol de impostos em São Paulo; no Rio de Janeiro, a polícia deixou de reprimir jogos em terrenos baldios.

Nas ruas próximas aos cortiços e, portanto, às fábricas paulistas, ocorriam brincadeiras nos raros momentos de folga, em especial de futebol, até pela facilidade de improvisação propiciada pela prática, para desagrado dos que entendiam as vias públicas como espaço de locomoção. A grande quantidade desses jogos improvisados de futebol fez com que a Secretaria de Justiça do Estado passasse a considerar contravenção a prática em vias de circulação:

Recomendo as vossas providências no sentido de serem rigorosamente observados, no policiamento da cidade, as determinações constantes do Aviso Circular expedido por esta secretaria em data de 21 de Dezembro de 1912, relativamente à proibição de jogos de foot-ball, peteca e outros semelhantes, nas ruas desta capital, com prejuízo do socego público e do livre-transito. Saúde e Fraternidade, Eloy Chaves. Circular n. 1426/1430, São Paulo, 06;10;1914, Snr. Primeiro Delegado de Polícia da Capital. (SÃO PAULO, 1914).

Como já citado, a possibilidade de improvisação, própria do futebol (como adaptar bola e campo de jogo), teria colaborado para a popularização do esporte no país. Desta forma, emergiu o futebol praticado em áreas de várzea, o futebol de rua e o de fábricas. Importante destacar que a crescente popularidade do futebol em São Paulo foi resultado não apenas do sucesso dos clubes elitizados, mas da absorção da prática entre os que se dirigiram à cidade em busca de trabalho nas unidades produtivas fabris, além da expansão da malha ferroviária.

Utilizando o termo “informal” para designar o futebol de várzea, é importante ressaltar que o mesmo não evoluiu a partir das margens dos rios Tietê e Tamanduateí, São Paulo. No bairro do Brás, clubes como o S.C. Hipódromo, o C. A. do Braz e o S. C. Domitilla, já possuíam seus campos. Na rua Glycério, o S. C. Alliança.

Independentemente de territórios de várzea, o futebol informal emergiu também em diferentes regiões da capital paulista e continuou a proliferar durante toda a primeira metade do século passado, caso dos bairros da Lapa, Mooca, Barra Funda, Vila Buarque, Bom Retiro, Liberdade e Perdizes. Desta forma, surgiram agremiações como o C A Estados Unidos, o Clube Nacional do Bom Retiro, a Associação Atlética Barra Funda, o Flor do Bosque, o Garibaldi FC, o Democráticos FC e a Associação Atlética Anhanguera, esta última ainda em atividade (SILVA, 2012).

Os times de várzea surgiram a partir do processo de popularização do futebol. Dali despontaram jogadores pobres (brancos e negros) que migraram para times mais tradicionais, da mesma forma que saíram jogadores a partir de times formados nas fábricas.

Ao longo da década de 1910, tal a volúpia da prática futebolística em São Paulo, já havia periódicos especializados e voltados ao esporte, porém reduziam suas matérias aos agendamentos e resultados dos jogos, sem a preocupação de uma cobertura prévia das pelepas ou grandes comentários das performances dos jogadores, tal como ocorre nos dias contemporâneos. De qualquer forma, a criação da Associação dos Cronistas Esportivos, tanto em São Paulo (oficializada apenas em 1941) quanto no Rio de Janeiro (1917), demonstra a importância que o jogo de futebol passou a ganhar no país, particularmente nestes centros. Vale ressaltar, no entanto, que a imprensa escrita dos primeiros anos do século XX idealizava o futebol como símbolo da modernidade e que sua progressiva atenção ao esporte se deu em paralelo à democratização e popularização do mesmo.

Em 1919, por exemplo, o jornal *O Estado de S. Paulo* chegou a anunciar em seu caderno de esportes um balanço do que fora o ano anterior (1918) em termos esportivos na cidade:

O ano esportivo que ontem findou foi, nesta década do século XX, o mais fértil em grandes acontecimentos de alcance imediato e de alcance futuro para o esporte brasileiro. Nunca se viu no Brasil tão intenso e tão geral movimento [...] como também da introdução de esportes novos (O ANO..., 1919, p. 5).

No primeiro quartel do século XX, na formação de novos clubes de futebol no Rio de Janeiro manteve-se a associação por vizinhança, caso do Cascadura FC, Bonsucesso⁹⁰, Santa Thereza FC, Engenho de Dentro Athletic Club (ENGENHO DE DENTRO ATLÉTICO CLUBE, 2019) (fundado em 03 de novembro de 1912 e que teve grande destaque no futebol suburbano do Rio de Janeiro) e Del Castilho. Ao serem estruturados por laços de vizinhança, normal que prevalecessem operários, funcionários públicos, caixeiros e outros trabalhadores de salários menores. Normal, também, que as mensalidades cobradas se tornassem, com o tempo, mais acessíveis, com a joia (ingresso), em geral, equivalente a uma mensalidade, posição muito

⁹⁰ Bonsucesso Football Club, fundado em 12 de outubro de 1913, Rio de Janeiro.

diferente de clubes mais sofisticados como Botafogo, Flamengo e Fluminense. Da mesma forma, passava a não haver distinção de cor ou nacionalidade (com exceção dos clubes considerados “grandes” da capital). Mas o critério de vizinhança não era o único a propiciar a criação de clubes e associações esportivas: empregados de uma mesma loja ou operários de uma mesma fábrica passaram a estruturar suas agremiações futebolísticas.

Assim como nas regiões centrais da cidade-capital, Rio de Janeiro, clubes foram sendo estruturados nas regiões suburbanas⁹¹. Nestes, os estatutos das agremiações mostravam-se mais democráticos na admissão de novos sócios, sendo aceitos indivíduos, independentemente da cor, opção política e religiosa e nacionalidade⁹², o que colaborou de forma decisiva na popularização do esporte local. Normalmente, seus dirigentes eram pessoas simples, que utilizavam endereço pessoal como indicativo da sede da agremiação criada (por vezes, até mesmo o endereço de atuação profissional; em outras, endereço desconhecido). Interessante observar que mesmo a estrutura do estatuto de uma pequena agremiação seguia o modelo das grandes. O uso do distintivo da organização do associado também lhe conferia certo “status”.

Uma vez que indivíduos que migraram para áreas de subúrbio levaram consigo costumes e hábitos florescentes adquiridos das regiões centralizadas e urbanizadas do início do século XX, não é de se estranhar a penetração do futebol como prática nas regiões periféricas, porém com um diferencial construído: identidade e identificação, próprio da discriminação estabelecida.

Nos estatutos da Associação Athletica Suburbana, por exemplo, não era exigida a indicação da profissão dos atletas, abrindo a possibilidade estatutária para que os clubes contassem com jogadores que se dedicassem em tempo integral ao futebol.

No caso do futebol suburbano do Rio de Janeiro, vale destacar a cobertura à prática do jornal *A Gazeta Suburbana*, que circulou entre 1910 e 1920, cobrindo e

⁹¹ Segundo Giancarlo Fabretti (2013), subúrbio refere-se a área no entorno metropolitano ocupada por uma massa de trabalhadora proletarizada. Contribuiu para a ocupação dessas áreas as reformas implementadas nos primeiros anos do século XX (reformas urbanas de Francisco Pereira Passos, marcadas pelo saneamento e alargamento das vias centrais da cidade, o que provocou a elevação dos preços de terrenos, afugentando populares das áreas atingidas; foi o que ocorreu na Baixada Fluminense e em áreas da Zona Norte).

⁹² Para a obtenção de dados de formação e desenvolvimento de pequenos clubes, foram analisados diversos periódicos, constituições estatutárias e registros de agremiações (disponíveis no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro).

impulsionando o futebol periférico através de coberturas que exaltaram o desempenho das equipes, incentivando, inclusive, a migração de muitos jogadores para os clubes do Rio de Janeiro mais bem estruturados (profissionalismo informal).

Paulatinamente, ao ver o futebol ganhar apreço entre populares, propagandas industriais e de ambientes de comércio passaram a ser veiculadas pela mídia (leia-se jornais) utilizando o esporte enquanto tema. A estratégia, claro, era a de atrair a atenção através de ações que agradavam os torcedores-consumidores. Muitas casas comerciais cariocas auxiliavam o football através da promoção de jogos, doação de taças e reserva de espaço em lojas e mercados para exposição de uniformes esportivos das equipes locais. Afinal, auxiliar o esporte permitia a determinada empresa construir uma boa imagem, passando a visão aos consumidores de que em seu interior havia a preocupação com a saúde física e emocional dos adeptos do esporte.

Em São Paulo, o ano de 1919 em nada perdeu em termos de desenvolvimento esportivo para o ano anterior, mantendo-se intenso nas atividades físicas quando foram realizadas, segundo Nicolau Sevckenko (1992, p. 44):

[...] provas pedestres, náuticas, ciclísticas, motociclísticas, automobilísticas, provas de natação, nado coordenado, saltos ornamentais, provas de tiro, esgrima, polo, boxe, luta romana, ginástica sueca, ginástica com aparelhos, ginástica rítmica, demonstrações coletivas, beisebol etc.

O impulso dado ao futebol para tornar-se mania nacional veio da disputa, em maio de 1919, do campeonato sul-americano de futebol no Rio de Janeiro, então capital do país. A vitória brasileira (como indicado anteriormente), com grande participação paulista (nove titulares no selecionado), incentivou ainda mais a prática na cidade. Neste ano de 1919, o número de clubes regulares de futebol era de cento e cinquenta e reunia quinze mil atletas⁹³.

Nas tradicionais várzeas paulistas clubes esportivos se disseminavam, levando a Associação Paulista de Sports Atléticos (APSA) a criar o Campeonato Municipal de Football. O objetivo era “garimpar” novos talentos à prática (O CAMPEONATO..., 1919). As Uniões Operárias passaram a organizar suas unidades, estimulando, entre outras atividades, o futebol.

⁹³ Relatório da Associação Paulista de Sports Athleticos, APEA, 1919 (Arquivos da Federação Paulista de Futebol).

Da mesma forma, várias empresas particulares paulistas passaram a estimular o futebol em seus quadros, realizando campeonatos e subsidiando equipes, além do fornecimento de troféus, medalhas e prêmios⁹⁴. Vale lembrar Martins Netto (1976, p. 143), que afirma que o futebol, no entanto, não era para todos os trabalhadores:

Com as vitórias sucessivas do time, os que jogavam só por prazer foram ficando marginalizados; pois a disputa se tornando mais ferrenha, o time teve que começar a contratar jogadores de fora, o que gerou um descontentamento muito grande, surgindo como alternativa ao impasse que começava a se esboçar, a criação de um segundo time, este sim nos moldes do time antigo, onde os operários só jogavam por prazer. O recrutamento de pessoal para a empresa passou então a ter um duplo papel, tanto para a seleção de jogadores, quanto para a seleção de operários; eram contratados operários que pudessem ser bons jogadores antes de serem bons operários, ficando estes com privilégios, e com o serviço mais leve dentro da fábrica.

Demonstrações de afeto ao futebol por parte da população paulistana passaram a ser frequentes. No dia 10 de novembro de 1919, por exemplo, cerca de vinte mil pessoas assistiram ao jogo entre o Corinthians Paulista e o Palestra Itália no Parque Antártica, apesar da chuva que caía à hora do encontro. Uma semana depois, o Palestra e o Paulistano encontraram-se para um público ainda maior.

Porém, a paixão pelo futebol crescia mais rapidamente do que as estruturas dos clubes ou governamentais para acomodar tal fanatismo, tais como serviços de deslocamento e segurança e uma praça de futebol que pudesse abrigar com mais segurança grandes públicos.

Nas duas primeiras décadas do século XX, há registro de cerca de dois mil clubes de futebol no Estado de São Paulo (NEGREIROS, 1992, p. 51).

Em 1920, um dos editoriais de *O Estado de S. Paulo*, chegou a atestar:

Provavelmente nunca se verificou tão acentuado gosto popular pelo futebol como nesses últimos tempos. As associações dedicadas ao cultivo desse esporte se multiplicam pela cidade [...] e a realização dos jogos em que tomem parte clubes [...] é acontecimento que interessa fundamentalmente a quase toda população [...] E a política dos footballers, ativos ou platônicos, é já hoje tão acirrada que chega a fazer sombra à dos políticos (O ESTADO DE SÃO PAULO, 1920, p. 2).

No mesmo ano de 1920, o Brasil ganhou notoriedade internacional a ponto de receber o rei Alberto, da Bélgica. Para tanto, a Liga Metropolitana do Rio de Janeiro organizou uma parada esportiva que reuniu mil e quinhentos atletas, que desfilaram

⁹⁴ *O Estado de S. Paulo*, 16 de julho, 17 de setembro e 17 de outubro de 1919.

em homenagem à “ilustre presença”⁹⁵. Times de futebol da zona sul carioca (vestidos com as cores da Bélgica) e times da zona norte (trajados com uniforme da Liga Metropolitana) disputaram um jogo festivo para o fechamento das atividades e homenagens. Números – provavelmente superestimados – apontam para trinta e cinco mil torcedores no evento, segundo os organizadores.

Ainda em 1920, o prenúncio de unidade nacional foi manchado pela cisão entre o futebol paulista e carioca, uma vez que o primeiro recusou-se a ceder seus jogadores para o campeonato sul-americano do ano. Com a iniciativa, foram selecionados apenas cariocas, gaúchos e dissidentes santistas (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS, 1921, p. 29). As desavenças entre paulistas e cariocas manteve-se por alguns anos (e mantém-se, de certa forma, até os dias atuais), acirrando uma disputa que ultrapassava a busca pela liderança política e cultural do país, apesar dos apelos dos dirigentes da Confederação Brasileira de Desportos para que o bairrismo não prevalecesse.

Mesmo ganhando alguns contornos nacionalistas (apesar das divergências entre São Paulo e Rio de Janeiro), a presença negra no futebol brasileiro manteve-se restrita a torcedores, ao menos na década em questão. O próprio presidente da República, Epitácio Pessoa, auxiliou a Confederação Brasileira de Desportos com 50.000\$000 para a disputa do campeonato sul-americano de 1921 na Argentina, desde que não fosse permitida “a ida para o Rio da Prata de jogadores que não sejam rigorosamente brancos”⁹⁶, determinação que foi desmentida pela CBD.

Nos anos 1920, a febre e proporção adquirida pelo futebol na capital de São Paulo tornou difícil percorrer algum bairro num domingo sem observar alguma peleja. Por quase todos os cantos e pontos, moleques e indivíduos sem ocupação, em busca de diversão, corriam atrás da bola. Mesmo entre operários, no intervalo do almoço, a pelota corria solta, ao ponto de trazer transtornos à ordem pública ao invadir espaços como praças e ruas. As estatísticas confirmam o aumento de casos de violência nos finais de semana na cidade a partir da ampliação do número de jogos de futebol devido às grandes concentrações públicas e às rivalidades entre os clubes (SEVCENKO, 1992). Segundo Nicolau Sevcenko (1992, p. 65):,

⁹⁵ *O Paiz*, 24, 25 e 26 de setembro de 1920.

⁹⁶ *Correio da Manhã*, 17 de setembro de 1921 (coluna Correio Sportivo); *O Estado de S. Paulo*, 18 de Setembro de 1921 (O selecionado brasileiro), em matéria transcrita do *Correio da Manhã*.

O sintoma da violência, externa ao espetáculo, era contudo parte constitutiva dos próprios impulsos agressivos estimulados pelo jogo. Tanto que nos jogos e momentos mais críticos dos torneios uma ação coordenada, envolvendo a imprensa, os dirigentes esportivos e a autoridade policial, procurava criar um efeito compensatório, dissuadindo os aficionados, pela propaganda ou pela intimidação, de darem livre vazão aos ânimos. Inibidos assim de exteriorizarem as excitações que lhes despertavam essa dança guerreira codificada como representação lúdica, os fiéis do novo culto incorporavam as disposições hostis, dando-lhes uma vazão sincopada na forma de uma coreografia fascinante, simultaneamente corporal e subepidérmica, que combinava inflexões súbitas de extremo sofrimento e de prazer extremo. O corpo de cada aficionado se tornava assim o foco da ação e o teatro no qual repercutiam em profundidade as vicissitudes do combate simbólico absorvido como espetáculo.

Diferentes estratos sociais praticavam futebol nas várias regiões da cidade de São Paulo. Mas foi nas áreas periféricas da cidade que a prática não oficial do futebol ganhou abrigo maior, isto porque, conforme São Paulo ganhava projeção de metrópole, a prática progressivamente passou a expulsar das regiões centrais da capital paulista os admiradores do esporte, que passaram a buscar alternativas para o jogo (em 1920, a cidade já contava com mais de setenta mil edificações e pouco mais de oitenta mil domicílios, além de trinta prédios com cinco pavimentos e sete com mais de cinco; bastante, caso observemos que em todo o Brasil – excetuando a cidade de São Paulo – existiam trinta e quatro prédios com mais de cinco).

Oswald de Andrade teria ficado atônito com a explosão futebolística no Brasil. Seu modernismo teria se consolidado diante da autenticidade técnica do futebol brasileiro (ANDRADE, 2012).

Em 1921, na distante Palmeira dos Índios (Alagoas), Graciliano Ramos mostrava-se descontente e desapontado com o prestígio da prática no país devido ao caráter estrangeiro do futebol: “[...] por desgraça, esportes nossos estão abandonados pela débil mocidade de hoje; [...] é roupa de empréstimo que não nos serve” (PEDROSA, 1967, p. 165). Talvez para Ramos - assim como para outros intelectuais – o verdadeiro esporte nacional devesse ser a capoeira.

Por ocasião do centenário da independência brasileira, em 1922, o Brasil sediou novamente um campeonato sul-americano. Os paulistas acertaram suas diferenças com os cariocas. Resultado: nova vitória brasileira.

Mais euforia. Maior adesão ao esporte bretão, inclusive por parte da imprensa escrita, que passou a divulgar de forma mais ampla os resultados das partidas de futebol, até pelo crescente interesse demonstrado pelos leitores.

A partir da década de 1930, os meios de comunicação passaram a dar ainda

maior espaço para a prática, possibilitando sua expansão e transformação em esporte de massa. Pesquisa do Departamento Nacional do Comércio atesta que os periódicos esportivos foram os que mais cresceram em número nas primeiras décadas do século, afinal saltaram de cinco jornais em 1912 para cinquenta e oito em 1930 (O BRASIL..., 1942). O número não parou de crescer nos anos seguintes.

Não só os periódicos esportivos passaram a dar atenção ao futebol. Também o rádio, introduzido no Brasil na década de 1920.

A primeira transmissão radiofônica oficial no Brasil foi um discurso do presidente da República de então, Epitácio Pessoa. Data: 07 de setembro de 1922. Já a primeira emissora de rádio do país foi a Sociedade do Rio de Janeiro, fundada em 20 de abril de 1923 por Roquette Pinto e Henry Morize. No mesmo ano, surgiram a Rádio Clube do Brasil (RJ) e a Rádio Clube de Pernambuco. Em 1926, entrou no ar a Rádio Mayrink Veiga e a Rádio Educadora Paulista. No ano seguinte, a Rádio Cruzeiro do Sul (SP).

No entanto, as rádios surgidas na década de 1920 eram amadoras. Somente na década seguinte o Decreto Federal 21.111, de 01 de março de 1932, definiu as estações de rádio como de interesse nacional e função educativa, abrindo perspectivas publicitárias.

Quanto ao futebol, segundo Almeida e Micelli (2004), a primeira narração de uma partida ocorreu em 19 de julho de 1931, em São Paulo. O embate envolveu as seleções de São Paulo e Paraná e foi narrada por Nicolau Tuma, na Rádio Educadora Paulista. A peleja terminou 6 a 4 para os paulistas.

Por ter se tornado um esporte agregador de massas, o futebol foi apropriado pelas estações de rádio que se espalharam pelo país, com transmissões que passaram a atingir grande parte do território nacional, principalmente a partir de São Paulo e Rio de Janeiro, com destaque à Rádio Nacional (RJ) e Rádio Tupi (SP).

Em São Paulo, as transmissões esportivas e programas dedicados à prática do futebol se desenvolveram a partir da Rádio Record e Rádio Panamericana, ainda na década de 1930. “Plantões Esportivos” foram criados, repórteres de campo foram introduzidos, as narrativas dos jogos de futebol tornaram-se dramáticas, vinhetas⁹⁷ e

⁹⁷ Destaque a Ari Barroso que, atuando na Rádio Tupi do Rio de Janeiro, criou vinhetas utilizando uma gaita como uma espécie de sinal não eletrônico. Ari foi o primeiro narrador a usar a irreverência e o fanatismo como marca registrada de suas transmissões, mesclando informações com opiniões pessoais, sendo responsável pela ampliação do setor esportivo nas rádios em que trabalhou, com destaque à Rádio Cruzeiro do Sul, onde criou um programa diário sob o título de “Esportes na Batata”. Foi o introdutor do primeiro repórter de campo em jogos de futebol (Aílton Flores).

jingles passaram a incitar a imaginação dos ouvintes:

Brincando com as palavras, criando neologismos e empregando um ritmo veloz e de emoção, os narradores esportivos encontraram fórmulas que caíram no gosto popular, tanto quanto o futebol. O rádio buscou através dos vários recursos da linguagem radiofônica (a capacidade emotiva da voz, músicas, vinhetas, cortinas sonoras) levar a magia do espetáculo ao ouvinte, por meio do apelo a sua imaginação. O objetivo era levar o ouvinte a ver praticamente outro jogo, mais vibrante, que o prendesse ao rádio durante os 90 minutos. E levando esse jogo, irradiado de São Paulo ou do Rio, os dois polos de desenvolvimento, aos mais distantes lugares do Brasil através das ondas curtas. Captadas por pequenas emissoras locais, ou por radioamadores, as partidas eram retransmitidas muitas vezes por alto-falantes instalados na praça principal (ALMEIDA; MICELLI, 2004, p. 10).

Retornando aos periódicos, com a entrada em cena de Mário Rodrigues Filho (1908-1966) nas coberturas sobre partidas de futebol no Brasil, as condições de trabalho de jornalistas e das coberturas esportivas modificaram-se. O futebol, com ele, ganhou ainda maior projeção popular.

Mário Rodrigues Filho iniciou sua carreira jornalística no jornal *A Manhã*, fundado por seu pai, Mário Rodrigues, em 1925, no Rio de Janeiro (da mesma forma, seu irmão, Nelson Rodrigues). Em 1928, ao perder o controle de *A Manhã* para seu sócio, Antônio Faustino Porto, Mário Rodrigues fundou um novo periódico: *Crítica*. Mário Filho acompanhou o pai na nova empreitada, tornando-se responsável pela página esportiva do novo jornal. Ali, Mário Filho criou uma nova forma de cobrir as competições esportivas ao produzir matérias anteriores aos jogos, acompanhando treinos e momentos de preparo (até então as notícias relacionadas aos esportes eram veiculadas após a realização dos embates), além de simplificar as denominações dos clubes de futebol (Fluminense Football Club, por exemplo, tratado apenas como Fluminense).

No caso específico do futebol, Mário Filho passou a produzir matérias sobre a vida dos jogadores, deixando de lado formalidades. As novas práticas contribuíram para aproximar os jogadores dos torcedores clubistas. Manchetes chamativas, closes ampliados de jogadores e fotos de atletas com uniforme de jogo, tornaram-se comuns.

Segundo Fátima Antunes (2004, p. 125):

As inovações introduzidas por Mário Filho na cobertura de eventos esportivos consolidar-se-ia com o tempo e, aos poucos, também seriam adotadas por outros jornais, acompanhando, sobretudo, o aumento da popularidade do futebol, o crescimento do público leitor e a mobilização favorável à oficialização do futebol profissional.

Em 1931, Mário Filho assumiu a página esportiva de *O Globo*. A seção esportiva do jornal transformou-se ao abrir espaço para relatos pré-jogos, expectativas de atletas e torcedores, bastidores dos clubes, além de detalhes sobre a vida fora de campo de jogadores. Charges, fotos e caricaturas passaram a realçar personagens da prática, num “processo de retroalimentação em que a notícia criava interesse pelo jogo, que por sua vez atraía mais leitores para o jornal” (SILVA, 2006, p. 77).

Em 1936, Mário Filho adquiriu, juntamente com Roberto Marinho, o *Jornal dos Sports*. O impresso passou a manter publicação diária a partir de então (o *Jornal dos Sports* originou-se como uma derivação do jornal *Rio Sportivo*, que até então circulava duas vezes por semana).

A partir de 1937, as seções de esporte ganharam espaço em jornais como *O Estado de S. Paulo* e *A Noite*, este do Rio de Janeiro, em detrimento, em inúmeras ocasiões, à seção de política, porém “combinando” discursos sobre o tema.

A presença e o desenvolvimento do rádio como meio de comunicação de massa, na década de 1930, foram tão marcantes que Getúlio Vargas e o Estado Novo tornaram-se seu principal meio de interlocução com as multidões. Assim como procedeu em relação ao rádio, o populismo getulista também tentou regar e se aproximar da música popular, do carnaval e do futebol (MORAES, 1994, p. 92).⁹⁸

Mário Filho incentivou em suas crônicas a rivalidade entre as equipes. No jornal *O Globo*, Filho fez uso de recursos sensacionalistas e de fotos tiradas em close que captavam jogadores em ação nas partidas, procurando “construir notícias” (SILVA, 2006, p. 118), além de obter informações através de repórteres enviados aos treinos e mesmo a residências de jogadores, além de realizar registros nos ambientes como o vestiário antes e depois de uma peleja de futebol.

Nas matérias de *O Globo*, Mário Filho teria colaborado para converter atletas de futebol em ídolos através de matérias dramatizadas, em tons que seguiam uma linguagem policial. Ao mesmo tempo, procurou humanizar os jogadores junto ao público ao fazer matérias sobre a trajetória de vida de determinado praticante, geralmente dando conotação sentimental à origem sofrida do mesmo, caso de Leônidas da Silva, colaborando para aproximar craque e público, ou seja, criando uma identificação entre ídolo e torcedor. Ao mesmo tempo, Mário Filho procurou dar ênfase às declarações de jogadores, exaltando polêmicas (nos moldes do realizado na

⁹⁸ A este respeito, ver, entre outros, Tota (1983, p. 105).

atualidade): “Mário Filho amplificava essas vozes e buscava suas tonalidades mais dramáticas, de modo que fosse impossível para a opinião pública não ouvi-las e levá-las em consideração” (SILVA, 2006, p. 121).

Mário Filho teria renovado a linguagem e os recursos da representação dos fatos esportivos utilizados na imprensa esportiva, como bem destaca Marcelino Rodrigues na obra *Mil e uma noites de futebol* (SILVA, 2006). Para o autor, Mário Filho teria criado um repertório de representações que teria contribuído para a edificação do imaginário futebolístico, isto porque Filho teria praticado um jornalismo esportivo semelhante a romances, apegando-se a aspectos e acontecimentos dramáticos e pitorescos do esporte. Com isto, o jornalista teria criado um caminho diverso do jornalismo tradicional, marcado até então pela rigidez e seriedade⁹⁹.

A popularização do futebol enquanto esporte passou pelo entusiasmo com que populares o abraçaram. Jornais e rádios envolveram-no dentro de seus objetivos, com destaque à figura de Mário Filho, o que significa dizer que o fenômeno futebol gerou uma grande transformação midiática na forma de observação e cobertura sobre a prática. No entanto, a forma como o futebol alinhou-se entre trabalhadores operários merece um capítulo à parte.

⁹⁹ Em 1949, Mário Filho tornou-se sócio majoritário do *Jornal dos Sports*. A partir de então, a publicação passou a abrir espaço para leitores através de cartas, além de noticiar bailes de carnaval, filmes de cinema e peças de teatro, além de promover eventos nos recessos dos campeonatos de futebol na praia de Copacabana, na Quinta da Boa Vista, Lagoa Rodrigo de Freitas, no Aterro do Flamengo e mesmo em estádios como o de São Januário. Seu objetivo foi o de manter a dinâmica esportiva da cidade, mantendo a venda regular do jornal. Mário Filho comandou o JS até 1966, ano de seu falecimento. Porém, no rastro de seu sucesso, novos periódicos surgiram no Brasil, caso de *A Gazeta Esportiva* (anos 1940), *Revista Placar* (Editora Abril, anos 1970) e a revista *O Lance* (anos 1990).

CAPÍTULO 3 - O ENCONTRO DO FUTEBOL COM A VIDA POLÍTICA OPERÁRIA BRASILEIRA

*Não é com dificuldade que entramos no mundo desaparecido da classe operária nas primeiras décadas da história da República no Brasil
McDonald e Pinheiro (1979, p. 15)*

O progressivo avanço do futebol em solo brasileiro também deve ser atribuído ao apego dos trabalhadores ao esporte, seja de forma espontânea, seja pelos estímulos dados por dirigentes fabris com intenções de controle sobre o lazer e a vida dos trabalhadores fora do ambiente produtivo.

A visão da historiografia de que a vida operária resumia-se à fábrica e ao sindicato esteve equivocada por muitos anos, muito provavelmente por não se perceber a existência de outros espaços de atuação dos trabalhadores¹⁰⁰.

Em parte, isto se deve aos próprios historiadores do movimento operário, que tendiam a concentrar-se sobre os estudos da ideologia, dos programas e organizações associadas ao movimento da classe operária, e sobre a história de suas lutas e atividades de massa mais visíveis. [...] Entretanto (exceto em momentos ocasionais), o mundo dos militantes e dos líderes e ideólogos não era o mesmo mundo da maioria (HOBSBAWM, 2000, p. 259).

Pois bem, o mundo operário, particularmente no Brasil, não se resume a lutas e exploração. Amplia-se para o cotidiano e para as tensões e relaxamentos diários, onde a vida também foi e é compartilhada.

Os principais estudos sobre o movimento operário brasileiro foram realizados entre os anos finais da década de 1970 e meados dos anos 1980. Trabalhos como os de Ângela de Castro Gomes, Margareth Rago, Boris Fausto, Francisco Foot Hardman, Michael Hall, Cláudio Batalha, Paulo Sérgio Pinheiro, Warren Dean, Edgard Carone, Sheldon Marem, Edgard de Decca e Victor Leonardi retrataram a estrutura econômica e social de grandes cidades brasileiras como São Paulo e Rio de Janeiro, alertando para as péssimas condições de vida dos operários adultos e menores nas fábricas do primeiro quartel do século XX.

A ascensão da República no Brasil, a partir de 1889, não alterou o quadro econômico do país, que se manteve agrário-exportador e baseado no trabalho livre nas fazendas de café. Embora a população brasileira se mostrasse

¹⁰⁰ Destaco a obra de Sidney Chalhoub (2008), onde o autor destaca a vida cotidiana dos trabalhadores da então capital federal (Rio de Janeiro), independentemente do movimento operário articulado.

predominantemente rural por ocasião da queda do Império, a imigração passava a ser vista como aspecto da modernização pelo qual passava o país. Assim como o crescimento industrial em cidades como São Paulo.

A indústria em São Paulo inicia-se como extensão da produção cafeeira, desencadeadora das estradas de ferro e da imigração.

Os industriais instalaram suas fábricas em locais vizinhos às estradas de ferro, procurando obter facilidade no transporte das mercadorias e no preço dos terrenos locais, já que, ao longo das mesmas (próprio do barulho e da sujeira), os valores solicitados eram menores.

A São Paulo Railway, nos primeiros anos republicanos, cortava a cidade de São Paulo num traçado de orientação leste-oeste. Nesta linha, alojaram-se as fábricas e, junto a elas, as habitações operárias, tornando alguns bairros ainda mais populares na cidade.

A transição de um Brasil rural para um país urbano trouxe novos hábitos sociais. Entre eles, o futebol, como visão do moderno, da sociabilidade e práticas higienistas tão propaladas no período.

Como afirmado, quase sempre os operários eram imigrantes. A expansão das lavouras de café foi o grande atrativo para trabalhadores europeus dirigirem-se ao Brasil a partir da segunda metade do século XIX. O capital acumulado com o produto impulsionou a indústria de São Paulo (estima-se que no ano de 1900 cerca de 90% da força braçal industrial paulista era composta por estrangeiros; em 1912, as onze fábricas têxteis da cidade de São Paulo empregavam 10.184 trabalhadores, 8.741 eram estrangeiros) (ALVIM, 1986).

À medida que o processo industrial avançou no país, associações de resistência procuraram organizar os trabalhadores em torno da luta pela defesa de seus interesses materiais e morais ameaçados pela exploração do trabalho. Sindicatos, sociedades mutualistas¹⁰¹ e recreativas, agremiações esportivas, grupos musicais e teatrais, tornaram-se, a partir da organização operária, locais de convívio coletivo fora das fábricas.

O I Congresso Operário Nacional foi realizado em 1906 com a presença de delegados enviados por tais associações, ligas, sindicatos e uniões operárias de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Alagoas, Pernambuco, Ceará e Rio

¹⁰¹ Também conhecidas por sociedades de socorros mútuos beneficentes, organizadas, patrocinadas e administradas pelos patrões ou seus representantes (LUCA, 1990).

Grande do Sul. Em 1908, instalou-se a Confederação Operária (COB) no Rio de Janeiro, representando dezenas de associações de trabalhadores de todo o país (DULLES, 1977).

De acordo com o censo de 1907, existiam três mil quatrocentos e dez estabelecimentos industriais no Brasil¹⁰², ocupando pouco mais de cento e cinquenta e seis mil operários, responsáveis por uma produção avaliada em setecentos e sessenta mil contos. O Rio de Janeiro aparecia como o maior centro fabril do país, com 30% da produção total e empregando 24% do operariado brasileiro, seguido de São Paulo, com 16,5% (vale lembrar que neste ano, em São Paulo, 46% das fábricas e 63% da população operária concentrava-se na capital; os outros 37% da população operária paulista espalhavam-se por cidades como Santos, Jundiaí, Campinas, Sorocaba, Piracicaba, Itu, Tatuí, São Bernardo do Campo, Taubaté, entre outras) (SIMÃO, 1966, p. 23). Ou seja, a capital paulista comportava cento e cinquenta e quatro empresas das trezentas e vinte e seis instaladas no Estado inteiro (47,24% das empresas do Estado) e 13.314 operários (de um total de 24.186 do Estado). O restante (pouco mais de 50%) dividia-se entre os Estados do Rio Grande do Sul (7%), Minas Gerais (4%), Paraná, Pernambuco, Bahia e outros (SINGER, 1968, p. 320).

Apesar de considerado incompleto enquanto quadro estatístico, o censo de 1907 consegue fornecer informações sobre os diversos setores da produção industrial brasileira do período: o setor alimentício era o maior, envolvendo refinação de açúcar e cereais, fabricação de bebidas, massas alimentícias, doces, biscoitos, banha e charque.

A indústria têxtil já se encontrava nos principais Estados fabris brasileiros. Já a indústria química representava apenas 9,4% da produção das fábricas em 1907 e a metalurgia quase irrisória.

A exploração do trabalho nas fábricas instaladas no Estado de São Paulo provocava denúncias de jornais operários do período:

[...] o suplício dos operários atingiu o cúmulo inquisitorial nas fábricas de tecido de São Paulo [...] os teares e as máquinas nunca param nem de dia nem de noite. Os homens [...] trabalham 16 horas por dia; as mulheres trabalham, segundo os ramos, 14, 12 e 11 horas por dia [...] As crianças trabalham das 5 da tarde às 6 da manhã com uma hora de intervalo, sob a vigilância dos guardas.¹⁰³

¹⁰² Recenseamento Brasileiro Industrial de 1907.

¹⁰³ Jornal *A Terra Livre*, 23 de janeiro de 1907.

Segundo o jornal *A Voz do Trabalhador*, a classe dos tecelões foi a “mais explorada, a que mais horas trabalha e uma das que menos ganham” (NAS FÁBRICAS..., 1908). Em outra de suas edições, o mesmo periódico chegou a afirmar que “um operário mais ágil não consegue mais de 5\$ trabalhando das seis da manhã às cinco horas da tarde; o alguém das casas é de 45\$ por mês” (A ESCRAVIDÃO..., 1909).

Percebendo o perigo que representava à estabilidade produtiva a politização de trabalhadores, em 1904 foi aprovada a Lei de Expulsão de Estrangeiros, que passou a autorizar a expulsão do país de todo imigrante envolvido em movimentos sociais. O objetivo maior era o de atingir lideranças anarquistas, em especial italianas e espanholas:

[...] a Lei Adolfo Gordo, que fora encaminhada ao Congresso nacional em 1903 e aprovada em 1904 [...] objetivava, fundamentalmente, coibir a organização de sindicatos e a liberdade de pensamento: proibia qualquer manifestação pública de oposição ao governo e principalmente a movimentação operária e a deflagração de greves. A polícia dispunha de todos os recursos para garantir a repressão ao operariado e aos anarquistas (ALVES, 2002, p. 20).

Levantamento de 1912, baseado na instalação trinta indústrias têxteis, apontou que entre nove mil operários 80% eram estrangeiros (HALL, 2004).

Como reflexo da I Guerra Mundial (1914-1918), o Brasil passou a compor de forma mais eficaz seu parque industrial, em razão das dificuldades de importar produtos manufaturados europeus, assim como de obter créditos no exterior. Com o desenvolvimento paulatino das indústrias, passaram a ser produzidas no país as mercadorias de que a população necessitava. Esse surto industrial, no entanto, ocorreu sem qualquer política de incentivo do governo federal, cujas ações se voltavam para a proteção da cafeicultura e de outros produtos do setor primário. Mesmo assim, os obstáculos não impediram que o setor industrial brasileiro se desenvolvesse. Um exemplo: em 1907, havia no Brasil 3 250 pequenas indústrias; em 1914, seu número era de 7 430; em 1920 existiam cerca de 14 mil estabelecimentos industriais no país (SINGER, 1968). Com o desenvolvimento industrial, a estrutura da sociedade brasileira se diversificou, trazendo para o cenário de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Recife e Porto Alegre um novo componente da dinâmica social: a classe operária. Nessas cidades, a maior parte dos trabalhadores fabris continuava a ser constituída por imigrantes europeus e descendentes (italianos, portugueses,

espanhóis, entre outros).

Tabela 2 - A Indústria Brasileira (1880-1920)

Ano	Número de Estabelecimentos	Número de Operários
1889	636	--
1907	3.250	150.841
1914	7.430	153.163
1920	13.336	275.512

Fonte: Adaptado de Carone (1978, p. 74).

As condições de vida dos trabalhadores fabris do Brasil (embora poucos em número num país ainda de base rural) eram lastimáveis, em especial a partir da aceleração industrial brasileira advinda como consequência da explosão da Primeira Guerra Mundial (1914-1918): casas infectas, falta de água, ausência de rede de esgoto e iluminação, baixos salários, inflação galopante, ausência de regulamentação mínima de trabalho, alta jornada diária, exploração em massa de mulheres e crianças nas fábricas, disciplina rigorosa no interior dos centros produtivos.

Com o advento da I Guerra Mundial, o custo de vida nos principais centros produtivos crescera 46% entre 1914 e 1918, segundo os índices econômicos do período analisados por Leslie Maram, com as despesas com alimentação representando 45% desse total (MARAM, 1979). A crise impulsionou as classes trabalhadoras, alavancando greves:

Em 1914, o início da Primeira Grande Guerra Mundial, veio agravar ainda mais o estado de penúria da classe trabalhadora, com a carestia crescente e o fantasma do desemprego. Porém, não houve uma reação imediata do movimento operário; pelo contrário, diminuíram as greves. Somente em julho de 1917, com a greve geral em São Paulo, se abriu um novo período de ascenso do movimento operário, que se estenderia até 1920 (HARDMAN; LEONARDI, 1991).

O crescimento desordenado e abrupto da população da cidade de São Paulo, trouxe como consequência a proliferação de cortiços (localizados próximos ao espaço fabril até como forma de contenção de gastos com deslocamentos, lembrando que bondes específicos para deslocamentos dos mesmos só surgiram na cidade em 1919) em vários bairros como Barra Funda, Brás, Belenzinho, Bom Retiro, Bexiga e Lapa. Em 1916, a situação atingia os bairros da Água Branca, Ipiranga, Mooca, Vila Prudente, Pinheiros, Tatuapé e Pari, onde a situação repetia-se: quintais tornaram-se coletivos e cômodos passaram a ser alugados por famílias inteiras.

No interior das fábricas, a disciplina era rigorosa, não só quanto aos horários. Erros insignificantes acarretavam multas. Algumas fábricas utilizavam-se da aplicação de castigos corporais a menores aprendizes.

À medida que o processo de industrialização avançava em áreas como São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Minas Gerais, o antagonismo entre burguesia e proletariado industrial engrandecia. Passaram a surgir associações demonstradoras da obtenção progressiva de consciência do proletariado em formação (sindicatos, ligas, partidos, uniões operárias, entre outras), lapidados em ideias pela experiência de imigrantes estrangeiros, com as ligas ou associações de resistência organizando os trabalhadores na luta por melhores condições. Como muitos dos estrangeiros provinham de regiões do sul do Velho Mundo, contaminadas por fortes ideias anarquistas¹⁰⁴, não é de se estranhar que tais ideologias passassem a prevalecer sobre as lutas trabalhistas. Os representantes desses grupos mantiveram uma imprensa sindical atuante (nas primeiras três décadas do século XX, o país contava com cerca de trezentos jornais e periódicos anarquistas, tais como *O Sociocrata*, *O Combate*, *O Syndicalista*, *A Revolta*, *A Vida*, *A Plebe*, *A Dor Humana* e *A Vanguarda*), que, em geral, pregavam a greve geral dos trabalhadores como método radical de enfrentamento aos patrões e ao Estado. Alguns jornais tiveram vida longa, caso de *A Plebe*, publicado de 1917 a 1951.

O sindicalismo brasileiro, no primeiro quartel do século XX, embora mostrando instabilidades, foi precursor como instrumento da organização operária, gerando certa aflição à burguesia industrial. Para Edgard Carone (1979, p. 45), as funções do sindicato deveriam ser apresentadas através da “consciência de classe em defesa de seus princípios e o da vida social educativa, representando local de conferências literárias, festas, vida social e artística”, contribuindo para uma maior ligação entre operários e seus familiares, para a preservação dos valores culturais e para a arrecadação de fundos para a manutenção das associações de classe, dos jornais representativos dos operários, das escolas livres e para a luta por melhores condições de trabalho (como a redução da jornada de trabalho e melhores salários). Na prática, a aproximação dos trabalhadores junto aos sindicatos se dava através da realização dos congressos operários.

¹⁰⁴ O termo anarquista é usualmente empregado para identificar o militante que atuava junto ao movimento operário, porém fora dos quadros sindicais; o militante que atuava nos sindicatos era identificado como anarco-sindicalista e/ou sindicalista revolucionário.

Em 09 de junho de 1917, iniciou-se uma onda de greves que paralisou São Paulo e várias indústrias do interior do Estado. A paralisação de quatrocentos dos pouco mais de mil e trezentos operários do Cotonifício Crespi, localizado no bairro da Mooca, generalizou-se no dia 29, com os trabalhadores exigindo aumento de 20% nos salários. Nos dias seguintes, aderiram ao movimento a Companhia Antártica Paulista, a Fábrica de Tecidos Ipiranga, a Fábrica de Tecidos Mariângela, entre outras. A morte do sapateiro anarquista José Martinez, em 9 de julho (com apenas 21 anos de idade), acirrou ainda mais os ânimos.

As reclamações operárias tornaram-se mais intensas, inclusive com reclamações com a especulação com gêneros alimentícios de primeira necessidade. As diversas Ligas Operárias elevaram suas exigências: aumento de 35% nos salários inferiores a 5\$000 (por jornada) e de 25% para os mais elevados; abolição do trabalho noturno para mulheres e menores de 18 anos; garantia de emprego; jornada de oito horas/dia; proibição de trabalho para menos de 14 anos; respeito ao direito de associação; libertação dos grevistas detidos.

O movimento grevista reuniu mais de quarenta mil trabalhadores paulistas. Bondes, cocheiros, taxis, também paralisaram suas atividades.

De ontem para hoje, o movimento grevista tomou maior vulto: são inúmeras as fábricas que hoje tiveram o seu pessoal abandonado o trabalho. Umas, trata-se de um gesto de solidariedade com os operários da Antártica, Crespi e Matarazzo. Noutras, porém, reclamam elas várias melhorias, de salários e condições de serviço. Os maiores núcleos grevistas são a fábrica de tecidos Mariângela, com mais de 2500 operários; fábricas de Tecidos de juta, com 2000, Cotonifício Crespi, com 1500, estamperia Matarazzo, com 2000, fábrica de alpargatas, com 1000; Antártica, com 1000, fábrica de tecidos Boys com 800, canteiros de diversas localidades, com 800 etc. [...] Esperam-se para hoje a adesão dos operários, oleiros, tiradores de areias, leiteiros e de tecelões de diversas fábricas, companhias de gaz e outros.¹⁰⁵

Por ocasião da greve operária de 1917, o jornal *O Estado de S. Paulo*, chegou a publicar reportagem afirmando que:

Por ocasião do recente movimento grevista, uma das reclamações mais insistentes dos operários era contra a exploração dos menores nas fábricas. Aliás, não faziam mais do que exigir o cumprimento de leis existentes. Entretanto, os industriais [...] continuam a empregar menores em trabalhos impróprios. (...) Essas crianças, entrando àquela horam, saem às 6 da manhã. Trabalham, pois, onze horas a fio, em serviço noturno, apenas com um descanso de vinte minutos à meia noite! O pior é que elas se queixam de que são espancadas pelo mestre de fição. Muitas nos mostraram equimoses

¹⁰⁵ Jornal *O Combate*, 11 de julho de 1917, edição 644.

nos braços e nas costas. Algumas apresentam mesmo ferimentos produzidos com uma manivela. Uma há com as orelhas feridas por continuados e violentos puxões. Trata-se de crianças de 12, 13 e 14 anos.¹⁰⁶

Não tardou para que medidas mais enérgicas fossem tomadas por parte das autoridades, ordenando, inclusive, que soldados atirassem em manifestantes com o intuito de evitar passeatas e que fossem aprisionados os principais líderes do movimento que, neste mesmo ano, já passava a influenciar trabalhadores de outras unidades da federação (PETTA, 2004).

Em vários pontos da cidade travaram-se, como é sabido, verdadeiras batalhas entre o povo e a força armada. Foram tiroteios incessantes que os grevistas heroicamente sustentaram forçando a debandar, em completa desordem, numerosos contingentes da força pública. A cavalaria, sobretudo, teve seu quinhão. No Bom Retiro e Ponte Pequena, os grevistas formaram verdadeiras barricadas de onde alvejavam, num fogo certo e vivo, os inconscientes e militarizados defensores do Estado e do Capitalismo, princípio e causa de sua própria desgraça e da desgraça daqueles que são os seus irmãos de sofrimento e miséria.¹⁰⁷

Órgãos públicos municipais e a Força Pública, na tentativa de evitar a tomada da cidade, proibiram as passeatas, procurando indicar um itinerário para as manifestações como forma de evitar que os grevistas chegassem às lojas centrais e depredassem patrimônio, além de evitar que fosse apropriada a delegacia na tentativa dos grevistas de libertarem grevistas detidos pelas forças policiais.

O sapateiro anarquista José Martinez foi morto em confronto com forças policiais em manifestações de rua ocorridas entre 09 e 13 de Julho de 1917. Em decorrência do falecimento de Martinez, indústrias e trabalhadores pararam. Calcula-se que dez mil pessoas acompanharam o cortejo fúnebre que passou pelo Viaduto do Chá, Praça da República, rua da Consolação e avenida Municipal até o Araçá¹⁰⁸.

¹⁰⁶ Jornal *O Estado de S. Paulo*, 5 de dezembro de 1917, p. 1. A Conflagração.

¹⁰⁷ Jornal *A Plebe*, ano 1, n. 6, 21 de julho de 1917.

¹⁰⁸ Jornal *O Estado de S. Paulo*, 20 de julho de 1917.

Figura 2 - Cortejo fúnebre pelas ruas centrais da cidade de São Paulo



Fonte: Jornal *A Plebe*, 1917, ano 1, número 6, de 21 de julho de 1917.

Para que o processo grevista de 1917 fosse detido, algumas concessões foram feitas por parte do patronato: aumento de 20%, a não demissão de operários grevistas e a libertação de operários detidos durante a mobilização. Em 16 de julho o movimento grevista começou a ser dissolvido.

Porém, novos movimentos de greve ocorreram em São Paulo, Porto Alegre, Salvador (1919) e Rio de Janeiro (1918). Exigia-se jornada de oito horas/dia (posteriormente concedida pelos industriais).

O pensamento libertário foi influenciador direto das paralisações operárias deflagradas em São Paulo (1917 e 1919) e no Rio de Janeiro (1918), mesmo existindo a oposição e a repressão sistemática do Estado à ideologia. Em São Paulo, a influência anarquista sobre os trabalhadores era maior, até porque a população da cidade se apresentava mais homogênea e com uma classe operária mais encorpada (FAUSTO, 1976).

3.1 O FUTEBOL COMO FORMA DE CONTROLE

Para Antunes (1994), foi no ambiente das fábricas que o futebol ganhou corpo e estrutura, com os trabalhadores, na busca de lazer, criando soluções para praticar o esporte:

Inúmeros clubes surgiram de partidas de futebol improvisadas na rua ou no pátio da fábrica, durante o intervalo para o almoço. Aos poucos, a brincadeira ia ganhando organização. Como muita gente queria participar, os times começaram a ser formados no interior de cada seção de uma mesma indústria. Com o crescimento do número de times, mais partidas iam sendo realizadas, aumentando o tempo do jogo. Logo, só o intervalo para o almoço já não bastava. Estendeu-se, então, a atividade para os fins de semana (ANTUNES, 1994, p. 104).

No Rio de Janeiro, foi criada, em 1892, a Companhia Progresso (como apontado em páginas anteriores). A mesma conheceu algumas greves que a paralisaram: em 1894, 1896 e em 1903 (neste último ano, o movimento atingiu outras fábricas do Rio de Janeiro - reclamatória da alta jornada de trabalho imposta aos trabalhadores e por melhores salários – e envolveu dezoito mil e setecentos trabalhadores da capital federal¹⁰⁹). Importante salientar que, em 1900, a população de Bangu, bairro sede da Companhia Progresso, foi estimada em quatro mil habitantes; seis anos após, o bairro contava aproximadamente com cerca de 6.300 habitantes, o que representou 55% de crescimento referente ao dado anterior. Deste número, Santos Junior (2013) sustenta que 1.500 eram trabalhadores da Fábrica Bangu, demonstrando a importância da indústria. Em 1912, o número de operários local saltou para 2.754 (SILVA, 1985).

No caso específico da Companhia Progresso, a paralisação de 1903 teve motivos próprios: diminuição salarial dos funcionários da empresa, elevação dos aluguéis das casas que formavam a Vila Operária local (que chegou a ter trezentas residências erguidas como forma de abatimento na incidência de impostos), atrasos salariais e elevação dos preços dos gêneros alimentícios comercializados localmente por negociantes estabelecidos com autorização da companhia (vale lembrar que o bairro de Bangu mostrava-se como uma espécie de “fábrica-fazenda”, distante do centro do Rio de Janeiro).

Além das greves, a Fábrica Bangu assistiu, em seus primeiros anos, a embates entre brasileiros e imigrantes. Entre 1899 e 1901, trabalharam na empresa dezenove ingleses, setenta e um portugueses, treze espanhóis, seis franceses, oitenta e seis italianos, nove alemães, vinte russos e oito trabalhadores de outras nacionalidades¹¹⁰. Normalmente, os desentendimentos foram de caráter pessoal e particular.

Por ocasião da greve de 1903, o diretor-presidente da Companhia, o luso

¹⁰⁹ Jornal *O Paiz*, 22 de agosto de 1903, p. 2

¹¹⁰ Relatório da Assembleia Geral Ordinária da Companhia Progresso Industrial do Brasil, realizada em 2 de Abril de 1903 (Typografia da Papelaria União, Rio de Janeiro).

Eduardo Gomes Ferreira, pediu exoneração do cargo em 17 de Agosto do mesmo ano. Desta forma, foi elevado á condição de diretor-gerente interino da Companhia Progresso o tesoureiro espanhol João Ferrer, que adotou um estilo paternalista ao procurar criar um espírito solidário entre os diversos trabalhadores do empreendimento.

Com Ferrer na direção, os mestres têxteis ingleses foram atendidos em uma antiga reivindicação: a fundação de um clube de futebol, nos moldes do existente em seu país de origem.

Ferrer entendeu que o futebol (ainda uma novidade no Brasil), poderia servir para unir os trabalhadores da Companhia.

De acordo com as intenções da Companhia, surgiu o Bangu Athletic Club (primeiro clube de fábrica do Brasil), em 17 de Abril de 1904. Reuniram-se dez chefes de seções empresa (oito ingleses, um italiano e um português). Poucos empregados foram aceitos no novo clube, prevalecendo os funcionários especializados de origem estrangeira e sua disposição para o lazer. A escalação do time de futebol do Bangu, divulgadas pelo *Jornal do Commercio*, demonstra que, por ocasião do surgimento da agremiação, prevaleceram praticantes ingleses: William Procter, James Hartley, José Villas Boas, Augusto Rosemberg, Clarence Hibbs, William Hellowell, Andrew Procter, Thomas Donohoe, John Stark, Francisco de Barros e Fred Jacques¹¹¹:

De início, o clube congregava parcelas muito restritas dos empregados da fábrica, compondo-se somente de trabalhadores especializados de origem estrangeira, que ocupavam cargos de chefia. [...] A necessidade de apoio por parte da fábrica fez, porém, com que os fundadores do clube logo ampliassem esse impulso inicial, atendendo aos interesses da Companhia (PEREIRA, 2000, p. 32).

Nos primeiros anos após a sua fundação, Bangu ainda era um lugar distante, com apenas dois logradouros: Rua Estevão (homenagem ao presidente da fábrica, Estevão José da Silva) e Rua Fonseca (homenagem ao primeiro diretor-tesoureiro da Companhia Progresso, Manuel Moreira da Fonseca).

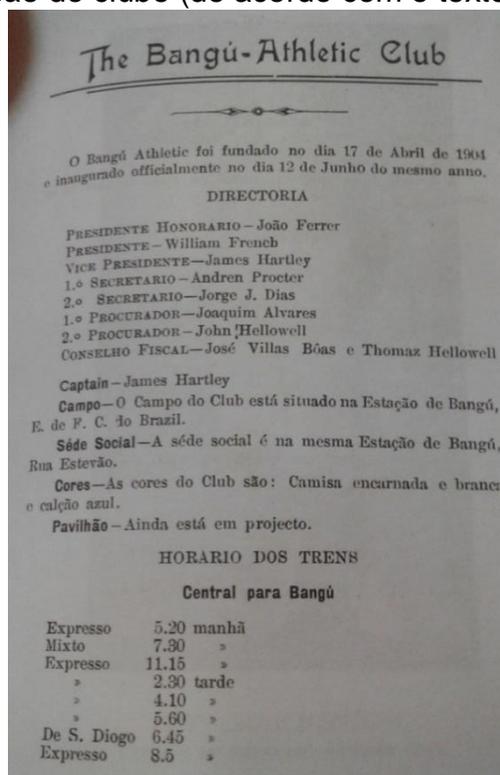
No entanto, a necessidade de apoio para a manutenção do futebol na fábrica - até pelo número de praticantes que se mostrava reduzido, impedindo, muitas vezes, a formação de times – fez com que fosse aberta a participação de operários de outras

¹¹¹ *Jornal do Commercio*, 06 de agosto de 1904 (primeira Ata do Bangu, 17 de Abril de 1904).

origens¹¹². O valor para o ingresso (joia) foi estipulado em 2\$000 e o da mensalidade em 1\$000, como forma de angariar trabalhadores de origem mais humilde (a título de comparação, o Fluminense, altamente elitizado, cobrava mensalidade de 5\$000)¹¹³.

O Bangu distingue-se de outros clubes do Rio de Janeiro por ser o precursor da democratização do acesso às práticas futebolísticas, por ter sido o primeiro time operário do Rio de Janeiro, por ter dado aos jogadores-operários privilégios (abono de faltas e garantia de emprego, por exemplo), por receber por parte da diretoria certo paternalismo da Companhia Progresso e por iniciar a subordinação à vigilância das ações operárias, demonstrando dependência e o interesse dos trabalhadores em fazer parte de uma “elite operária”.

Figura 3 - Ata da fundação do clube (de acordo com o texto original, abaixo)



Fonte: Revista Bangu e Suas Glórias, ano 1, Novembro de 1981

Aos 17 de abril de 1904, na casa nº 12 da Rua Estevão, com a presença dos seguintes Senhores: John Starck, Fred Jacques, Clarence Hibbs, Thomas Hellowell, José Soares, William Procter, William Hellowell, William French, Segundo Maffeu e Andrew Procter, fundou-se um Club Athletic sob a denominação de “BANGU ATHLETIC CLUB”.

¹¹² Ata da sessão de 17 de abril de 1904 (Revista Bangu e Suas Glórias, 1981)

¹¹³ O padrão da moeda no Brasil, foi, até 1942, o mil-réis. Um mil-réis era escrito como 1\$000. Usava-se o conto para indicação de grande quantidade de dinheiro. Um conto equivalia a 1 mil réis (1\$000.000)

Foi convidado de presidir o meeting Sr. John Starck, servindo de Secretário o Sr. Andrew Procter. O Presidente expôs os fins do Club que serão os jogos de "Foot-ball", "Cricket", "Lawn Tennis" e outros jogos variados.

Foi proposta pelo Sr. Jacques que a entrada de sócios seja de 2\$000 e que a mensalidade é de 1\$000 pagável no dia 1º de cada mês que foi adoptado unanimemente. Foi decidido que as cores serão branca e encarnado e o Sr. Stack foi convidado de falar com o Director da Fábrica, afim de arranjar o panno necessário para fazer o fardamento do Club. Foram eleitos para servirem na Directoria para o primeiro anno os seguintes Senhores:

Presidente Honorário João Ferrer

Presidente William French

Vice Presidente Thomas Donohoe

Secretário e Thezoureiro. Andrew Procter

Conselho Fiscal José Villas Boas, James Hartley e José Soares

Cap of "Foot-ball" John Starck

Cap of "Cricket" Thomas Hellowell

Cap of "Lawn Tennis" Fred Jacques

Ficou resolvido que será jogado um match entre os teams do Capitain e Secretario, no domingo dia 24 deste mês. Jogo para principiar às 4 horas da tarde.

O Secretário foi autorizado de anunciar a formação do Club nos jornais e também anunciar na Fábrica, convidando os rapazes de entrar como sócios. Quem quizer dará o seu nome ao Secretário. Foi convocado para domingo 24 uma nova reunião da Directoria afim de tratar dos assumptos do Club.

Não havendo mais nada de tratar foi dissolvida a assembléia na maior harmonia.

(a) – John Starck – José Soares – Fred Jacques – Thomas Hellowell e Andrew Procter.

17 de Abril de 1904

O campo do Bangu transformou-se em um “quintal” da fábrica, numa espécie de continuidade do espaço de trabalho (PEREIRA, 2000, p. 259). Normal, desta forma, que a direção da Companhia Progresso o tratasse como um departamento, sendo feita a cessão de terreno, de móveis e de utensílios para o clube, além de uniformes e incentivos à promoção de festivais entre os seus sócios¹¹⁴.

Que mal fazia um operário jogar futebol? Deixava de ser operário por isso? No domingo dava seus pontapés na bola, corria em campo molhando a camisa, na segunda-feira cedinho, quando o portão da fábrica se abria, lá estava ele. Ia para os teares como os outros operários, trabalhava, trabalhava, só parava na hora do almoço, para voltar, depois, até às quatro horas. Nem tinha tempo de se lembrar do jogo da véspera. E lembrar para quê? Na hora do trabalho, só trabalho, na hora do jogo, só jogo. Afinal de contas, o Bangu era, apesar do *the*, um clube dos trabalhadores da Cia. Progresso Industrial do Brasil. Se não fosse a fábrica, como o clube arranjaría um campo? O campo só? E o resto? O resto era tudo (RODRIGUES FILHO, 1964, p. 9).

Para ser sócio do Bangu, foi estabelecido em assembleia que o pretendente

¹¹⁴ Ata da Sessão de 21 de janeiro e 1915 e Ata da Sessão de 10 de fevereiro de 1916. Livro de Ata do Bangu AC.

deveria ser empregado da Companhia. Caso saísse da empresa por comportamento inadequado, o então sócio deveria “deixar o quadro da associação”¹¹⁵.

Rosenfeld (1973, p. 61), ao analisar o caso do Bangu Athletic Club, apresenta a hipótese de que o incentivo do futebol entre os operários:

[...] seria uma forma de domesticar seus corpos para o trabalho e infundir neles um sentimento de grupo, identificado com a empresa: Em virtude da distância do subúrbio, entretanto, não foi possível aos ingleses (empregados da Fábrica Bangu) constituírem equipes fechadas chamando os compatriotas da cidade. Viram-se obrigados a recorrer aos operários da fábrica, estimulados pela direção esclarecida, que provavelmente soubera que os fabricantes de tecidos ingleses na Rússia fomentavam o futebol entre os turnos para animar sua disposição ao trabalho e seu esprit de corps.

Com a apreciação contínua da prática, a direção da fábrica Bangu passou a conceder privilégios aos bons jogadores-operários, como trabalho mais leve, promoções e licenças especiais para treinamentos. Aos poucos, o futebol do Bangu tornou-se mais famoso que a fábrica em si. Desta forma, muitos jovens passaram a ser admitidos mais pela habilidade futebolística do que pela capacidade de trabalho. Porém, o clube ampliou-se, assim como foram ampliadas as atividades, que passaram a dedicar-se não apenas ao futebol. Segundo o *Jornal do Commercio*, a Fábrica Bangu deixava, ao conceder benfeitorias a seus trabalhadores “[...] homens, mulheres e crianças alegres, satisfeitas de sua sorte porque nada lhes falta: o médico, a farmácia, a escola, as diversões, o conforto”¹¹⁶.

Em 1906, Ferrer cedeu um campo de futebol ao Bangu AC num terreno da fábrica para que a associação disputasse o Primeiro Campeonato Carioca. No mesmo ano, construiu um teatro que foi doado à Sociedade Musical Progresso de Bangu (Casino Bangu).

Por ocasião da realização do Primeiro Congresso Operário Brasileiro, em 1906, decidiu-se por uma campanha por oito horas de trabalho. Bangu, com seus 1651 trabalhadores, não abraçou a causa. Para o dia do Congresso, 01 de Maio, Ferrer promoveu a inauguração de um jardim na Fábrica Bangu, seguida de um jogo de futebol entre o Bangu e o Esperança¹¹⁷. Segundo o editorial do *Jornal Gazeta de Notícias*, na maior fábrica do Rio de Janeiro, os operários não tinham nada a reivindicar, mas a agradecer.

¹¹⁵ Ata da Sessão de 24 de abril de 1904, Livro de Atas do Bangu AC.

¹¹⁶ *Jornal do Commercio*, 12 de junho de 1906, p. 1

¹¹⁷ *Jornal Gazeta de Notícias*, 05 de maio de 1906 (00076 BN).

João Ferrer não participava diretamente do dia-a-dia do clube. No entanto, sempre que necessário ou lhe fosse solicitado, não se esquivou em fazer aporte financeiro para a associação, como no caso da compra de um piano pelo valor de 2800\$000, em 1911, “[...] visto que o clube não tem esta quantia em caixa, o nosso Presidente Honorário, Senhor João Ferrer, ofereceu a quantia que falta para completar a compra do piano”¹¹⁸.

Em 24 de Agosto de 1909, foi entregue pela direção da Fábrica Bangu uma sede social à associação do Bangu AC.

Com suas ações, João Ferrer teria conseguido controlar o operariado da Companhia Progresso, afastando-o das discussões e reivindicações dos trabalhadores do período. Contava, ainda com o apoio da imprensa escrita, exaltadora de seus feitos. Críticas apenas da imprensa operária através do *Jornal A Voz do Trabalhador*.

[...] Como a imprensa não se cansa de agitar o seu turúbulo, incensando a benemerência dos senhores de Bangu, tivemos vontade de conhecer a fábrica e saber as condições econômicas dos companheiros que ali trabalham [...] A situação era igual ou pior do que a de outras fábricas. Não havia liberdade, mas havia uma forte depressão mental para fazer esquecer e até louvar o cativoiro.¹¹⁹

Em 1910, a direção da Companhia Progresso entregou ao operariado as Igrejas de Santa Cecília e São Sebastião, antiga reivindicação dos trabalhadores locais. Com elas, Ferrer fechou o ciclo de obras na Vila Operária banguense. Para Carlos Molinari (2015, p. 10),

Ferrer foi também capaz de transformar o 1º de maio - uma data determinada pelos sindicatos para o protesto da classe trabalhadora - em um dia festivo e de homenagens a si próprio e fazer a comunidade inteira ir às ruas comemorar com foguetório a inauguração de uma igreja, marcada para o dia de seu aniversário. Desta forma, manteve a Companhia isolada de greves por mais de uma década. Sua estratégia era, além de uma ótima convivência com a imprensa, convencer o trabalhador de que não havia fábrica melhor para se trabalhar, tal a quantidade de benefícios que se oferecia. Este tipo de “afago” ao operariado pode ser visto como uma coação psicológica bem eficiente, afinal, o tecelão poderia perder o pouco que tinha se não se conformasse à vida imposta pela Companhia.

No caso do Bangu, mais do que combater o sindicalismo, o futebol serviu para

¹¹⁸ Ata da Sessão de 21 de Junho de 1911, Livro 3 de Atas das Sessões da Diretoria do Bangu.

¹¹⁹ *Jornal A Voz do Trabalhador*, 15 de Junho de 1909, p.1.

unir empregados de nacionalidades diferentes. Nas fábricas que seguiram o modelo banguense, sim. Tanto que em Bangu, foram também incentivadas outras modalidades esportivas como o tênis e o críquete¹²⁰. Em Bangu, o futebol significou um elemento de união e pertencimento.

Os Estatutos do Bangu AC apontaram ser dever dos sócios “[...] a condução com a máxima correção quando uniformizados ou com o distintivo do club e quando estiverem no recinto deste. Os sócios serão censurados pela diretoria; na reincidência, suspensos ou eliminados.”¹²¹

O futebol serviu, sim, para unir operários da Fábrica Bangu, mas não parece ter gerado uma consciência de classe. O Artigo 50 dos Estatutos do Bangu AC de 1915 desqualificava tal propósito ao prever ser “[...] expressamente proibidas, no recinto do club, as discussões de caráter político, religioso ou de nacionalidade.”¹²²

Um jogador de futebol de destaque do Bangu, normalmente ascendia na fábrica, com cargo mais elevado e salário maior.

O Bangu AC fez “escola”.

Para Cláudio Batalha (2004, p. 114), entre as indústrias têxteis “os clubes transformaram-se em mais um dos mecanismos de controle da empresa sobre seus empregados”.

Muitas associações de futebol passaram a ter em seus quadros membros das diretorias das unidades produtivas, até como forma de se obter auxílio financeiro em caso de necessidade. Tê-los também era uma forma de se obter legitimidade dos clubes e seus sócios junto às autoridades policiais (BRETAS, 1997), da mesma forma que a ação, ao que consta, diminuía a distância e as contradições entre empregados e empregadores.

Para muitos operários, no entanto, o apoio dado pelos diretores de fábricas (caso do Bangu e do Carioca FC) era visto como uma dádiva recebida. Porém, a análise de diversos estatutos clubistas atesta que tais diretores exigiam relatórios que indicassem as aplicações, gastos e atividades desenvolvidas, controlando o desenvolvimento de tais agremiações esportivas. Tal controle estendeu-se a outras associações subsidiadas por fábricas em outros pontos do país, caso de São Paulo.

¹²⁰ “Ata da Sessão de 17 de Abril de 1904”. Livro 1 de Atas das Sessões da Diretoria do Bangu AC, 17 de Abril de 1904 a 07 de Fevereiro de 1905 (manuscrito)

¹²¹ Estatutos do Bangu AC aprovados em Assembleia Geral realizada em 20 de abril de 1915, p. 3 (Diário Oficial, 1918, p. 2510).

¹²² Estatutos do Bangu AC, 1915, p. 10.

As iniciativas da Companhia Progresso (Bangu AC) de apoio ao futebol entre seus colaboradores teriam sido seguidas por outras companhias têxteis da cidade do Rio de Janeiro: Companhia de Fiação e Tecidos Carioca (Carioca Football Club, 1907), Fábrica Cruzeiro (Andarahy Athletic Club, 1909), Companhia Brazil Industrial (Paracambi Football Club, 1912), Companhia Confiança Industrial (Confiança Atlético Clube, 1915) e Fábrica Mavilis (Mavillis Football Club, 1915, em alusão às iniciais de Manuel Vicente Lisboa, um dos diretores da Companhia América Fabril e grande incentivador do esporte entre os funcionários da empresa). Vale citar que o Mavillis teve seu campo e sede estruturado pela companhia e apresentou em seus estatutos dispositivo que eliminava do quadro de seus associados os envolvidos em “crimes ou ofensa moral”¹²³.

Fundado em novembro de 1909, com o objetivo de “[...] promover e facilitar o desenvolvimento physico de seus associados por meio dos sports athleticos em geral e, em particular, pela prática do football” (SANTOS JÚNIOR, 2019, p. 1), o Andarahy Athletic Club deve ser caracterizado como um clube fabril já que buscou e obteve recursos para a estruturação de sua agremiação junto à Fábrica Cruzeiro, como a construção de um campo de futebol (SANTOS JÚNIOR, 2012, p. 53). Para tanto, seus fundadores tiveram o apoio dos representantes da empresa, Alfredo Coelho da Rocha e Domingos Alves Bebbiano, que providenciaram, a mando da direção, um terreno, localizado à Rua Prefeito Serzedello:

O campo amplo e elegantemente circunscrito por um gradil pintado de verde, com grama em ótimas condições, e o terreno, que defronta o gol dos fundos, convenientemente preparado para receber a elegante arquibancada [...] a qual se destinará exclusivamente aos sócios e às distintas famílias da região.¹²⁴

Os custos das obras do Andarahy não poderiam ser financiados apenas pelo clube, o que demonstra a participação da Fábrica. Mesmo sendo as mensalidades pagas pelos sócios mais elevadas do que as do Bangu AC (cerca de três vezes maior), a agremiação não poderia arcar com as estruturas erguidas. Desta forma, para sua manutenção, o Andarahy, - além das mensalidades pagas pelos sócios - passou (com aval da diretoria da Fábrica Cruzeiro) a alugar seu campo como forma de

¹²³ Estatutos do Mavillis Foot Ball Club, 23 de setembro de 1915 (IJ6-758, Arquivo Nacional RJ).

¹²⁴ *O Imparcial*, 1917, n. 10

complemento da renda do clube¹²⁵. Seu presidente honorário sempre foi um dirigente da Fábrica, embora os estatutos do Andarahy apontassem que o cargo seria apenas ornamental e nunca apresentaria qualquer relação com o clube e suas decisões: “Serão honorários os que, não pertencendo ao club, fizerem jus a esse título, a juízo da assembleia”¹²⁶. O fato de possuir um presidente honorário, no entanto, sempre facilitou a obtenção de recursos para a agremiação, além de facilitar a criação e manutenção de laços de identidade entre trabalhadores e patrões, caracterizando a estrutura clubista como fabril.

O Paracambi Football Club (atual Brasil Industrial Futebol Clube), por sua vez, surgiu da iniciativa de praticantes de futebol egressos do Bangu AC. A agremiação, fundada em 1912, ganhou a simpatia da Companhia Têxtil Brasil Industrial, inaugurada oficialmente em 1871. Seus estatutos foram inspirados nos do Bangu e sua primeira diretoria teve como presidente de honra Dominique Level (diretor da Companhia situada em Macacos, atual Paracambi, próxima ao Vale do Paraíba Fluminense). O fato de Level ter sido empossado como presidente de honra demonstra as intenções dos fundadores da agremiação em angariar simpatia da empresa para o desenvolvimento de suas atividades. Funcionou: tanto que o primeiro campo do clube localizou-se em frente ao pátio interno da fábrica que o abraçou (posteriormente foi deslocado para outra área, distante cerca de trezentos metros da estrutura inicial por atrair e desviar as atenções dos trabalhadores durante treinos da equipe).

O Confiança Atlético Clube¹²⁷ (a princípio, Republicano Athletico Club) estruturou-se enquanto agremiação de futebol pertencente à fábrica de tecidos do mesmo nome (Companhia Confiança Industrial). Localizado no bairro Aldeia Campista, no Rio de Janeiro, o clube de futebol projetou-se a partir de 1924, quando passou a disputar o Campeonato Carioca da Primeira Divisão. Projetou-se, assim como a fábrica que o subsidiou. Em seus estatutos, a clara determinação da valorização do trabalho e do bom comportamento¹²⁸

Outro exemplo do Rio de Janeiro provém do Byron Football Club (alusão ao

¹²⁵ Estatutos do Andarahy Athletic Club, 1918, aprovados em 29 de dezembro de 1918 (apud SANTOS JR, 2013).

¹²⁶ Estatutos do Andarahy Athletic Club, 1918 (aprovados em 29 de dezembro de 1918).

¹²⁷ O Confiança Atlético Clube foi extinto na década de 1990, sendo sua sede incorporada à quadra da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro.

¹²⁸ Estatutos do Republicano Athletico Club, de 23 de Julho de 1912. (Arquivo Nacional RJ – C6-367) apud Malaia (2008).

poeta inglês Lord Byron), que surgiu em 1915 em Niterói. Sua sede foi fixada no bairro do Barreto e possuía salão de festas, quadra poliesportiva e campo de futebol. O terreno da sede era alugado pela Fábrica Manufatora de Tecidos (vale lembrar que o Byron Football rivalizava com o Barreto, clube de fábrica também mantido com a colaboração da Fábrica Fiat Lux de Fósforos de Segurança).

Entre as dezenas de agremiações de futebol surgidas nos primeiros anos do século XX no Rio de Janeiro, vale destacar o São Cristóvão Futebol e Regatas e o Sport Club Mangueira, não associados, a princípio, a nenhuma instituição fabril.

O Sport Club Mangueira foi fundado por operários da fábrica de Chapéus Mangueira, em 1906. Local: bairro da Tijuca, zona norte do Rio de Janeiro. Como a maioria dos funcionários da fábrica em questão morava no morro, a localidade passou a ser denominada “Mangueira”. O fato da agremiação não vincular-se à fábrica, mas reunir-se para diversão de seus associados, fez com que seu time de futebol sofresse a maior goleada de que se tem notícia na história do futebol brasileiro: 24 x 0 para o Botafogo, em 1909. Sua história de fracassos talvez esteja relacionada ao fato de não buscar qualquer apoio empresarial. Já o São Cristóvão Futebol e Regatas¹²⁹, fundado no bairro de São Cristóvão em 1909, surgiu a partir da fusão do Club Regatas São Christóvão e do São Christóvão Athletic Club. Seu campo estava localizado próximo ao quartel do Primeiro Regimento de Cavalaria Divisionário, daí valer-se da alcunha de “time dos cadetes”. Sua história passou a ser valorizada somente a partir de 1926, quando o industrial de chapéus Álvaro Teixeira Novaes passou a colaborar com a agremiação, tornando-se seu presidente de honra.

Em diversos estatutos das associações esportivas do primeiro quartel do século XX analisados consta a proibição de discussões políticas, sindicais ou religiosas. O artigo 74 dos estatutos dos Lanifícios Minerva (Rio de Janeiro), de 1921, por exemplo, estipulava que seria “vedado ao club envolver-se em manifestações e atos de caráter político” e que os sócios estariam “impedidos de tratar de assuntos políticos na sede social”¹³⁰. Tais dispositivos demonstram os compromissos entre os subsidiados e patrocinadores dos clubes como uma forma de se evitar a participação dos integrantes das agremiações em greves e movimentos reivindicatórios, passando a imagem de

¹²⁹ Quem visita a sede atual do São Cristóvão, à Rua Figueira Melo, Rio de Janeiro, encontra logo na entrada a frase: “Aqui nasceu o Fenômeno”. O Fenômeno em questão é Ronaldo Nazário de Lima, centroavante revelado nas divisões de base do clube, que tanto sucesso fez no mundo do futebol. No entanto, outro craque foi revelado na agremiação: Leônidas da Silva, o Diamante Negro.

¹³⁰ Arquivo Nacional, SPDF, caixa IJ – 759.

uma relação amigável entre patrões e empregados.

Na Companhia América Fabril, que adquiriu a Fábrica de Tecidos Carioca em 1920, o futebol só podia ser praticado em horários fora do expediente (WEID; BASTOS, 1986). A intenção parecia ser a de preparar o operário para a produção, desenvolvendo o físico e desviando a atenção dos mesmos para outras preocupações.

Da mesma forma que no Rio de Janeiro, em São Paulo o futebol passou a ser incorporado a diversas instituições fabris, caso do Juta Sant'Anna Football Club, que foi estruturado por funcionários da Companhia Nacional de Tecidos Juta (Fábrica Juta Sant'Anna) na década de 1910 no bairro do Brás. O time recebeu, de acordo com seus relatórios, total apoio da empresa, como suporte financeiro para a constituição de seu campo e sede, além de subsídios para manutenção. A Fábrica produzia sacarias (sacas) para armazenamento de café. Seu crescimento acompanhou a produção e comercialização do produto e pertenceu a Jorge Street que, a partir da Fábrica Sant'Anna (adquirida em 1904), formou a Companhia Nacional de Tecidos de Juta, em 1908 (DECCA, 1987, p. 42).

Jorge Street, dono da Companhia Nacional de Tecidos de Juta (CNTJ), no bairro Belenzinho, seguiu os passos da Companhia Progresso Industrial do Brazil, erguendo, entre 1911 e 1917, a Vila Maria Zélia para seus operários. Tudo indica que suas intenções eram as mesmas de outros centros produtivos. Para industriais como Nicolau Scarpa, também de São Paulo, o patrocínio aos grêmios seria uma forma de resolver “os complexos problemas da questão social ao solucionar o conflito entre capital e trabalho” (RAGGO apud PEREIRA, 2000, p. 181).

A CNTJ tornou-se um complexo industrial produtor de tecidos e sacaria de juta para a exportação de café e a Vila Operária Maria Zélia, finalizada em 1917 e que contava com cento e noventa e oito casas, estruturada como forma de solucionar o problema habitacional da cidade de São Paulo. Eram habitações em série, com casas pequenas e médias. Administradores e famílias mais numerosas ocupavam as moradias maiores. A Mesma iniciativa foi tomada pelo Cotonifício Crespi, pela Vidraçaria Santa Marina, pela Cigarros Sudan, pela Matarazzo e pela Companhia Lacta.

Segundo Nei Jorge,

A estratégia implementada por essas fábricas se caracterizava pela tentativa de solucionar os problemas relacionados à permanência, ao controle e à formação de força de trabalho. Assim, o recurso às vilas operárias e, posteriormente, a adoção de uma política de cunho social, permitiu a criação de mecanismos de controle sobre a mão de obra que transcendia aquela exercida apenas ao nível da jornada laboral. Tais mecanismos foram progressivamente desenvolvidos e institucionalizados, manifestando-se de forma direta no cotidiano dos trabalhadores em vários aspectos: na moradia; na educação, através da construção de escolas primárias para trabalhadores e familiares; e no lazer, na criação de agremiações que promoviam bailes, piqueniques, passeios, jogos de futebol, sessões de cinema e teatro. (SANTOS JUNIOR, 2017, p. 48).

Voltando à CNTJ, importante destacar que Jorge Street passava a visão de que fábrica e vila formavam uma grande família. Para tanto, incentivou entre seus trabalhadores a prática futebolística, com o time Maria Zélia fazendo fama no meio operário. O empresário subsidiava o time, com equipamentos como material de jogo e uniformes. Para as crianças, escola, obrigatoriedade de frequentar a missa aos domingos, o catecismo e a primeira comunhão. Perante às concessões, a imposição da restrição à manifestação política. Normas de conduta faziam parte do cotidiano dos moradores da Vila.

Jorge Street conduziu a CNTJ até 1923, quando se afastou das atividades empresariais, mas o complexo só se desfez em 1937, quando foi incorporada pelo Estado.

Já o Santa Marina Football Club (atual Santa Marina Atlético Clube) foi fundado em agosto de 1913 por trabalhadores da Companhia Vidraria Santa Maria, estruturado a partir da iniciativa de empresários portugueses e italianos, devotos de Santa Marina. A denominação do clube é, portanto, uma homenagem à empresa.

A sede do Santa Marina Football Club teve terreno doado pela Companhia e localizou-se na Vila operária da empresa (casas estruturadas para abrigar seus trabalhadores), quando trabalhadores se reuniram para a estruturação de um clube, em 1909. Sua primeira diretoria teve como presidente José Bonelli. O apoio à prática do futebol teria sido dado, inicialmente, por Antonio Prado, membro da família que comandava a Companhia e ex-prefeito de São Paulo. As cores adotadas pelo clube fazem referência à França (país de origem da empresa). O clube destacou-se no futebol, porém manteve outras atividades esportivas como o atletismo, basquete e ciclismo, sempre com apoio da empresa (o primeiro campo de futebol do Santa Marina localizou-se na Rua Sabaúna, quando a Vidraria Santa Marina levou o time para dentro de suas instalações produtivas).

Em São Paulo, os clubes da Light não eram diferentes de outros criados nas fábricas, mas sua tendência era a de descentralizar as atividades esportivas entre seus colaboradores, não chegando a estabelecer um modelo padrão a ser seguido por suas associações esportivas. Desta forma, formaram-se pequenos e diversos núcleos recreativos entre as diversas seções e departamentos do conglomerado.

A Light, companhia canadense de origem inglesa, formou pequenos times de futebol no interior de suas estruturas, caso do Bonde Team, do Mediadores e Associação Atlética Light & Power (Aalp) e Sociedade Esportiva Linhas & Cabos (SELC)¹³¹.

Segundo relatórios anuais, a Light auxiliava a SELC na manutenção de suas atividades e de sua sede social e esportiva. Entre seus membros (sócios e jogadores), havia integrantes da União dos Trabalhadores da Light, entidade filiada à Federação Operária de São Paulo (FOSP), que publicava o jornal *O Trabalhador da Light* e organizava comemorações ao Primeiro de Maio.

A Light foi responsável pela primeira partida noturna de futebol ocorrida no Brasil (quem sabe no mundo) entre as equipes da Sociedade Esportiva Linhas e Cabos (formada por funcionários da Light) e Associação Atlética República. A peleja foi realizada em uma área da Light localizada à rua do Glicério, no bairro do Cambuci no dia 24 de junho de 1923. A dificuldade de se enxergar a bola neste jogo (marrom, de couro natural), fez com que, no jogo noturno seguinte, a bola fosse pintada de branco.

Em 1920, as Indústrias Matarazzo apresentavam ramificações em várias partes do Brasil e também no exterior, produzindo bebidas, álcool, perfumes, sabão, velas, óleos diversos, gesso, entre outros produtos.

Mesmo com tamanha ampliação dos negócios, a concentração das decisões administrativas ficou a cargo de Francisco Matarazzo. E é a uma dessas resoluções que faço menção especial: a criação da Associação Atlética Matarazzo, fundada em 1914 e voltada basicamente para o incentivo ao futebol, embora a associação também organizasse bailes e festivais esportivos e recreativos: “[...] o presidente da S/A Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo é, de direito, presidente honorário da Associação Atlética Matarazzo”¹³².

Um empregado, ao ser admitido na Matarazzo, tornava-se sócio,

¹³¹ A SELC foi fundada em 17 de setembro de 1920, encerrando suas atividades em abril de 1943.

¹³² Estatutos da Associação Atlética Matarazzo, capítulo 1, artigo 3, de 18 de abril de 1932.

automaticamente, da Associação Atlética (ANTUNES, 1992, p. 101). As mensalidades variavam de acordo com as faixas salariais, descontadas em folha de pagamento. Tais contribuições, obrigatórias, livravam as Indústrias Matarazzo de subsídios com aluguéis da sede social e do campo de futebol da Vila Maria Zélia, localizado no bairro do Pari, das contas de energia elétrica e água, das despesas com material esportivo e com os salários dos empregados da Associação. Seus estatutos eram rígidos:

Capítulo II, artigo 9 – O sócio que faltar aos deveres ou às decisões da Diretoria [...] ou, de qualquer forma, prejudicar moral e materialmente os fins ou os interesses sociais, poderá [...] ser suspenso de um a seis meses ou, enfim, eliminado;

[...]

Artigo 12 – O sócio que tornar indigno de estima ou for demitido da Casa Matarazzo por faltas graves, será 'ipso facto' eliminado.¹³³

Próprio do comportamento concentrador de Francisco Matarazzo, a Associação Atlética gerenciava os grêmios das várias unidades das Indústrias Matarazzo. O futebol, por sua vez, foi uma atividade presente desde a fundação da Associação, que realizava campeonatos internos entre as diversas seções dos escritórios centrais. Deles (grêmios das Indústrias Matarazzo da capital e interior de São Paulo¹³⁴), saía o time principal que disputava os campeonatos internos das fábricas do Estado de São Paulo. Para muitos dos trabalhadores das Indústrias Matarazzo era a possibilidade de aumento salarial ou mesmo complementação dos vencimentos (bichos).

O interesse no investimento com incentivos aos operários-jogadores da Matarazzo foi, a princípio, o de projetar o nome das empresas do grupo já que, ao que consta, não havia torcida nos jogos da Associação, diferentemente de outras agremiações. Segundo Fátima Antunes (1992), existem registros falsos de jogadores profissionais ou semiprofissionais na empresa para que as vitórias da Associação ocorressem com maior frequência. Muitos desses colaboradores, ao encerrarem a carreira, tornavam-se empregados nas empresas Matarazzo pelos serviços prestados

¹³³ Estatutos da Associação Atlética Matarazzo, 18 de abril de 1932 (apud ANTUNES, 1992, p. 107).

¹³⁴ A Associação Amália de Desportos Atlético (AADA), fundada em 01 de janeiro de 1940, empresa localizada nos arredores da cidade paulista de Ribeirão Preto e ligada à S/A Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, tinha em seus Estatutos o objetivo de promover a prática de todos os esportes, principalmente o futebol. Em seus Estatutos foi possível identificar a intenção de despolitização de seus associados, conforme Capítulo II, artigo 8: “ são deveres dos associados: [...] d) abster-se de manifestação ou discussão de natureza política, religiosa ou de classes, nas dependências da associação” (ANTUNES, 1992, p.132).

através do futebol.

Em 1924, na capital paulista, nasceu o Clube Atlético Juventus. Ao que consta, o conde Rodolfo Crespi era torcedor da Juventus italiana e seu filho, Adriano, torcedor da Fiorentina. Daí a origem do nome e das suas cores (alusão às cores da Fiorentina). Tanto o Juventus quanto o Bangu carioca teriam se tornado, com o tempo, mais famosos que as próprias fábricas. No ano seguinte, 1925, Rodolfo Crespi cedeu ao seu clube de fábrica amplo terreno situado à Alameda Javary, n. 117 (atual rua Javari). O local, até então utilizado como cocheira de cavalos, passou a servir à prática do futebol entre seus colaboradores.

No primeiro quartel do século XX, tornaram-se frequentes campeonatos internos em municípios de São Paulo com nomes de fábricas, indício do patrocínio fornecido pelas mesmas para a organização e viabilização de equipes de futebol operárias, o que, além de ser uma forma de divulgação do nome das empresas protetoras (assim como de seus produtos) promoveu de forma crescente a popularização de atividades esportivas (caso do futebol). Ou seja, para o empregador, uma forma de representação da fábrica e interferência/disciplina no tempo do colaborador (controle sobre o tempo livre dos trabalhadores), além de passar a visão de uma empresa vencedora e propaganda de seus produtos. Já para o trabalhador, os objetivos eram outros, como de crescimento e reconhecimento por parte da fábrica, além de ganhos pessoais e possibilidades de lazer. No entanto, um objetivo pouco explícito: retirar os operários das discussões e organizações sindicais. Ou seja, ao assumirem o papel de mantenedores dos clubes esportivos, empresários acentuaram a dependência dos trabalhadores em relação a eles, sendo que o controle sobre tais colaboradores não ficou restrito à fábrica, mas à vida privada dos mesmos, incluindo moradia e lazer (fora dos limites da linha de produção). No entanto, vale destacar um objetivo pouco explícito: retirar os operários das discussões e organizações sindicais.

Nos anos 1920, difícil apontar uma indústria da capital paulista que não tivesse um time ou um clube de futebol. Apenas para ficarmos em São Paulo, podemos mencionar mais alguns clubes que continuaram ligados a empresas: Fábrica Sant'Ana, Gasômetro F.C., Associação Esportiva Casa Pratt, Maria Zélia F.C., Aniagem Paulista, Bloco Paraíba F.C., além dos grêmios das companhias inglesas como a São Paulo Railway, Gas Company e Light & Power (ANTUNES, 1992, p. 33).

Patrocinar um clube passou, também, a significar a criação de amizade com os colaboradores, o que teria contribuído para enfraquecer a mobilização da luta sindical

ao reforçar a identidade entre os trabalhadores e fábricas. E o fenômeno não se limitou ao futebol, uma vez que os diversos clubes passaram a promover encontros dançantes, concursos de beleza e bailes carnavalescos. Mais do que uma cultura operária, uma cultura fabril. Uma espécie de “coronelismo esportivo” que diminuía a distância dos empresários em relação aos seus subordinados (trabalhadores).

O estímulo ao lazer para os operários pode – como acredito que o fez – evitar contestações às condições de trabalho oferecidas por várias empresas por proporcionar aos jogadores operários melhores condições do que aos demais trabalhadores. Em muitos clubes ligados a empresas o operário-jogador estava impedido de associar-se aos sindicatos (porém, não se pode afirmar que o controle foi total; exceções como o Esperança Futebol Club, clube criado em Nova Friburgo, Rio de Janeiro, composto por jogadores de diversas unidades fabris, são ilustrativas de resistência; basta que se observe o antagonismo de classe observado quando das disputas entre o Esperança e o Friburgo Futebol Clube, este formado apenas por jogadores em cargos de gerência).

Segundo Maria Auxiliadora Decca (1987, p. 89), o lazer operário era motivo de preocupação de dirigentes fabris:

Alguns grandes estabelecimentos industriais em São Paulo, na década de 1910, junto às vilas operárias construídas para a habitação de mestres e contramestres, edificaram todo um aparato destinado à recreação daqueles que era necessário reter e controlar a produção.

Os patrocínios sempre foram bem aceitos pelos trabalhadores, numa espécie de vontade de manutenção de dependência, característica que, arrisco a afirmar, é bem própria de boa parte dos brasileiros. No entanto, Decca (1987), em seus estudos, aborda sobre formas de como as elites industriais e os poderes públicos, lançando mão de diversos dispositivos de coerção e repressão, buscaram se inserir no cotidiano dos trabalhadores, apontando aos mesmos uma série de práticas sociais e conhecimentos próprios que se tornaram pontos de resistência às incursões dos empresários na rotina operária.

Joel Rufino dos Santos (1981, p. 22) aponta que os empresários, ao promoverem o futebol no interior das fábricas, procuraram criar um elemento disciplinador através da prática: “[...] como uma criança que manda brincar para queimar energias, mandados jogar futebol”.

Levando-se em consideração que a prática do futebol seja disciplinadora, os clubes operários estruturados a partir das fábricas reproduziram a dominação existente no interior do ambiente produtivo. Ou seja, oferecer subsídios a um clube de futebol operário de forma assistencialista e com interesses disciplinadores, foi uma forma encontrada por empresários de esvaziar movimentos reivindicatórios e controlar a vida dos trabalhadores. Mas, de certa forma, estruturaram uma resistência à dominação imposta pelo cotidiano, afinal, creio, a ação humana não deve ser vista apenas sobre as relações de produção. Se assim, não restaria qualquer manifestação de autonomia humana.

Patrocinados pelas direções fabris, as mesmas exigiam certo retorno dos investimentos, fiscalizando atividades as atividades através de balancetes e relatórios. Uma forma de controle. Com isto, os operários tinham papel secundário na organização e direção dos clubes formados, já que regimentos internos e estatutos eram elaborados, estabelecendo direitos e deveres aos associados.

Anatol Rosenfeld levantou a possibilidade de interesse do incentivo à prática do futebol pelos diretores das fábricas para aprimoramento físico dos trabalhadores.

Waldenyr Caldas (1990) rejeita o argumento de que os empresários industriais valiam-se do futebol como forma de aprimoramento e disposição física dos trabalhadores como forma de se aumentar a produção. Para o autor, se fosse assim, todos os colaboradores teriam acesso à prática, o que realmente não se confirmou, uma vez que havia seleção rigorosa entre os praticantes: os que não jogavam tornavam-se meros espectadores das partidas. Seguindo a mesma linha argumentativa, Martins Netto (1976) indica que a maioria dos trabalhadores foi excluída da prática futebolística, enquanto alguns se valeram dela para conquistar benefícios pessoais na empresa em que estava ligado:

Com as vitórias sucessivas do time, os que jogavam só por prazer foram ficando marginalizados [...] surgindo como alternativa ao impasse que começava a se esboçar a criação de um segundo time, este sim nos moldes do time antigo, onde os operários só jogavam por prazer. O recrutamento de pessoal para a empresa passou então a ter um duplo papel, tanto para a seleção de jogadores quanto para a seleção de jovens operários.(MARTINS NETTO, 1976, p. 137).

Já Alfred Wahl (1986) argumenta que havia o interesse por parte dos empresários em criar uma identificação clube-empresa (“clube-família”), reduzindo os conflitos locais e otimizando a produção (produtividade).

Para os trabalhadores, não só a diversão, mas a possibilidade de ascensão na fábrica a cargos mais elevados e mais bem remunerados.

Fato que se tornou prática corriqueira a realização de campeonatos internos nas unidades fabris de São Paulo e Rio de Janeiro, com o objetivo de se revelar jogadores para o time principal das mesmas. Mas não só nestes centros.

Stédile (2011) aponta o caso do G. E. Renner, de Porto Alegre, para demonstrar a iniciativa de operários na montagem de um time de futebol, logo apropriado pelas empresas Renner (conglomerado de indústrias do ramo têxtil, químico e de cimento), colocando-o a serviço de seus interesses econômicos e publicitários. O clube, denominado Grêmio Esportivo dos Empregados da Renner, surgiu em julho de 1931 e reuniu diversas equipes que disputavam jogos de futebol entre si. O Grêmio Renner passou a disputar jogos com outros times operários de Porto Alegre.

Obtendo diversas vitórias, o clube teria convidado o empregador para acompanhar um jogo. Entusiasmado, o patrão teria doado um terreno para a construção de um campo com pequenas arquibancadas para o clube. A inauguração do estádio Tiradentes, em 1935, à rua Sertório, ao lado da fábrica, passou a determinar uma nova fase na história da agremiação. J. Renner, na ocasião, já ocupava a presidência de honra da equipe. Em 1936, o Renner participou da fundação da Liga Atlético Porto Alegrense. Porém, entre a inauguração do estádio em 1935 e a adesão à profissionalização em 1945, o G.E. Renner foi continuamente afastando-se do controle dos operários do conglomerado, tornando-se propriedade da fábrica (provavelmente, as despesas com a participação nas ligas principais passaram a exigir financiamento e dependência patronal, o que o tornou incorporado ao departamento esportivo empresa). Para a organização jurídica, passar a controlar o clube passou a significar também o controle sobre seus empregados e uma ferramenta publicitária, já que se mostrava como a agremiação de futebol com mais torcedores em Porto Alegre. Desta forma, para fortalecimento maior da equipe, os operários-jogadores passaram a ser substituídos pelos jogadores-operários (cujos empregos são apenas uma justificativa formal para sua presença na agremiação, uma estratégia para driblar as restrições ao profissionalismo, através de um complemento salarial).

É provável que inúmeros clubes de fábrica tenham surgido de simples "bate-bolas", ou seja, de partidas de futebol improvisadas, disputadas na rua ou no pátio da fábrica durante o intervalo para o almoço entre aqueles trabalhadores que se

dispusessem a jogá-lo. Certo, no entanto, que, aos poucos, a brincadeira foi ganhando maior organização. Com muitos trabalhadores querendo participar, os times começaram a ser formados no interior de cada seção de uma mesma fábrica. Com o crescimento do número de equipes, um maior número de partidas passou a ser realizado.

O incremento das atividades de clubes passou a requerer um aprimoramento organizacional. Em cada unidade fabril incentivadora do esporte, foi estruturada uma diretoria, cujos membros tinham por função gerenciar as atividades do grêmio. A tendência era de que esses diretores fossem recrutados dentre os membros dos próprios quadros burocráticos da empresa como chefes, diretores e gerentes. Também passou a se comum o(s) dono(s) da fábrica ou altos funcionários ocuparem posições de destaque na burocracia do time, como, por exemplo, "presidente de honra", em sinal do "reconhecimento dos sócios" pelos serviços prestados ao clube.

3.2 O POSICIONAMENTO SINDICAL PERANTE O FUTEBOL OPERÁRIO

Segundo Wahl (1986), na França houve interesse de empresários em promover a prática do futebol através da identificação entre clubes e empresas, procurando passar a imagem de "empresa-família". Isto significaria que não apenas no Brasil procurou-se difundir a visão de integração e de ausência de conflitos:

No começo do século, empresas criaram sua própria equipe de futebol. Assim, a Sociétee Générale fundou o CASG, cujos jogadores foram geralmente chamados de "bancários". Para os dirigentes do banco, o interesse da operação era duplo: primeiro, o clube de futebol constituiu, em razão de seus bons resultados, um suporte publicitário de impacto crescente; depois, a empresa reuniu o potencial de coesão e de espírito "casa" difundido entre os jogadores e os espectadores pelas emoções experimentadas em uníssono durante as partidas. Entre os amantes do futebol da Sociétee Générale, desenvolveu-se uma espécie de patriotismo de empresa. A família Peugeot imitou este caso exemplar mantendo, em primeiro lugar, o U.S.Valentigney e fundando, posteriormente, o F.C.Sochaux. (WAHL, 1986, p. 7).

No Brasil, a ascensão da República (1889) foi recebida pela classe operária com certo entusiasmo. No entanto, por não atender às expectativas da mesma, passou a ser combatida.

De acordo com Cláudio Batalha (2003, p. 174-175), uma das respostas à

desilusão operária com a República foi negar a política institucional¹³⁵.

Perante a popularização do futebol enquanto prática esportiva e de lazer entre os trabalhadores operários brasileiros nas primeiras décadas do século XX, as discussões sobre o tema entre anarquistas, anarco-sindicalistas e comunistas foram, na maioria das vezes, dúbias e não teriam contribuído para uma conclusão definitiva sobre o processo.

Em normalidade, os tipos de anarquismo, o comunismo e mesmo o socialismo, mostraram-se críticos no que concerne ao tema futebol e às atividades de lazer em geral dos trabalhadores, enxergando nas atividades lúdicas o descaminho para a busca da liberdade, como se as mesmas pudessem desfocar a luta contra a exploração econômica e a busca da consciência libertária.

Nas duas primeiras décadas do século XX, o anarquismo foi mais visível na organização do movimento operário brasileiro. Exatamente no período em que o futebol ganhava progressão popular.

Grosso modo, os anarquistas, tão atuantes nas primeiras décadas do século passado na vida operária brasileira, propunham a ação consciente e particular através da união de produtores livres e independentes, condenando todas as formas de poder, como o ideológico, o econômico e o político e combatendo a ideia de governo, de autoridade, do Estado (GUERIN, 1999). Woodcock (1981, p. 11) assim procura definir a corrente:

[...] sistema de filosofia social, visando promover mudanças básicas na estrutura da sociedade e, principalmente – pois esse é o elemento comum a todas as formas de anarquismo, a substituição do Estado autoritário por alguma forma de cooperação não governamental entre indivíduos livre.

Deve ser esclarecido que a experiência anarquista no Brasil foi predominantemente urbana (embora tenham apresentado a ambição de difundir seus propósitos também entre trabalhadores rurais, em especial entre os envolvidos com a produção cafeeira, e à sociedade como um todo), desenvolvendo-se a partir do processo de industrialização do país e negando o Estado ao sugerir a auto-gestão, além de rejeitar a “moral burguesa” e a Igreja, apontando a educação como caminho

¹³⁵ Uma das prováveis razões para que o anarquismo e o anarco-sindicalismo tenham prevalecido sobre a corrente socialista no Brasil teria sido o fato do socialismo defender mudanças através do processo eleitoral, até porque a participação dos trabalhadores era restrita, além dos vícios fraudulentos de votação

para a obtenção da consciência revolucionária. Segundo Toledo (2007, p. 72):

[...] acreditavam que o caminho para a transformação da sociedade era a transformação das pessoas pela educação e propaganda. Nesse esforço em favor da educação, a imprensa era o principal meio de expressão das ideias, pois se tratava do único veículo de grande alcance.

Os jornais anarquistas constituíram-se como a forma mais direta de divulgação dos propósitos da corrente, apresentando-se com a ausência de anúncios por acreditarem que deveriam ser sustentados pelos leitores para não perderem o ideal doutrinário, daí terem poucas páginas e apresentarem-se em formato tabloide¹³⁶. A presença do machado enquanto instrumento mostra-se recorrente (ideário libertador), assim como de animais (representando a fera dos trabalhadores em relação aos empregadores). Os patrões, por sua vez, apresentados, em normalidade, gordos, caracterizando o ócio e a rica alimentação. Já os trabalhadores eram comumente dispostos em poses denunciadoras da pobreza material e na condição de explorados.

As principais correntes anarquistas presentes em solo brasileiro foram o anarco-individualismo (princípio filosófico que parte do pressuposto de que um indivíduo pode se tornar anarquista por meio da consciência pessoal, independentemente de sua classe ou condição social), o anarco-coletivismo (pressupõe que explorados e oprimidos serão agentes revolucionários, sugerindo a produção coletiva de produção de subsistência através de associações comunitárias¹³⁷) e o anarco-sindicalismo (presume que a classe operária tem como predestinação realizar a revolução social que ponha fim à exploração do homem pelo homem, com grande influência marxista).

Para os anarquistas, a revolução é vista como um longo processo construído a partir da vida cotidiana, ou seja, pela educação, arte, família e lazer (não apenas pela sublevação das massas exploradas), que leve à solidariedade social. O fato de não considerar o proletariado como classe universal e não reconhecê-lo como protagonista do processo revolucionário também explica sua hegemonia no movimento operário em centros como São Paulo e Rio de Janeiro nas primeiras

¹³⁶ Formato de jornal que surgiu em meados do século XX, no qual cada página apresenta tamanho reduzido, sendo as notícias tratadas num formato mais curto e o número de ilustrações apresentando-se maior do que o dos diários de formato tradicional.

¹³⁷ A experiência da Colônia Cecília, entre os anos finais do século XIX e início do século XX é exemplo. Para tanto, fica a sugestão para a apreciação da obra 'Colônia Cecília, uma experiência anarquista', de Agnaldo Kupper (1992).

décadas do século XX, isto porque inseria em suas propostas os desprovidos de culturas diversas procurando atuar, inclusive, fora das fábricas:

A utopia anarquista tem paradoxalmente uma grande contemporaneidade. Sua crítica ao sistema educativo e à igreja, à família burguesa através da temática da igualdade entre os sexos, volta-se contra os núcleos básicos da reprodução do sistema e do comportamento autoritário da época. [...] buscando modelar um homem novo em contraposição ao que é fruto da sociedade de classes, abrangendo aspectos tão amplos como a educação ou um código moral, com suas normas e sanções implícitas. [...] embora de forma muitas vezes inadequada, o anarquismo busca dar resposta a um difícil problema: como criar, com gente dominada, uma sociedade livre? (FAUSTO, 1976, p. 80).

A participação anarquista nos sindicatos de trabalhadores no Brasil inicia-se a partir da segunda metade do século XIX com a fundação da Primeira Internacional, em 1864, que partiu da premissa de que as lutas do operariado contra a exploração capitalista só poderiam se dar com a organização dos trabalhadores. Não havia, no entanto, coesão nas ideias, já que para alguns anarquistas, ao se gerar a associação para a luta, estariam os operários levando em consideração o sistema capitalista ao invés de combatê-lo.

Os militantes anarquistas procuraram divulgar entre os trabalhadores a necessidade de manutenção de um corpo fisicamente saudável, combatendo, por exemplo, o alcoolismo.

Os lugares onde se vendiam bebidas eram taxados como ambientes de perdição, enfraquecimento do corpo e provocando sua degenerescência. Mas, como contraponto desta forma inapropriada de gozar o lazer, os anarquistas viam os exercícios ao ar livre (tais como a ginástica e possivelmente o futebol) como exercícios saudáveis. Contudo, tais atividades deveriam estar a serviço da pregação libertária e ser oferecido com cautela para não diluir o espírito revolucionário dos trabalhadores e não se tornar vícios que camuflassem o objetivo maior. Mais: as atividades de lazer poderiam se tornar um eficiente meio de propaganda de divertimento e confraternização (como, por ocasião de sua grande presença entre os trabalhadores brasileiros nas primeiras décadas do século XX, uma forma de levantamento de recursos para a manutenção e proliferação do movimento). Porém, um divertimento de conscientização, com destaque ao teatro de militância (no que tange à dança e ao futebol, muitos anarquistas consideravam tais atividades alienantes por colocarem em risco a razão e o poder da consciência).

Avaranis (2005, p. 181) aponta que a militância gaúcha, nos primeiros anos da República brasileira, via no corpo físico do trabalhador uma ferramenta de luta contra a exploração do trabalho. O corpo explorado e dominado pelo capital através das longas jornadas de trabalho, segundo a visão anarquista, deveria ser restaurado, uma vez que “[...] um corpo descansado iria facilitar o estudo, a emancipação intelectual e a educação associativa”. Neste sentido, o futebol (como a ginástica) seria bem vindo, desde que a serviço dos ideais libertários.

Maria Góes (1988), por sua vez, destaca que a posição da imprensa operária anarquista do Rio de Janeiro, de uma forma geral, foi a de alertar os trabalhadores sobre os malefícios dos jogos, especialmente o futebol, isto porque muitos operários estariam aderindo à prática como forma de agradar aos patrões, o que poderia desarticular a organização da classe operária:

Percebe-se que os patrões estavam atentos e tentavam estender o controle sobre o trabalhador e intervir em seu comportamento. Nesse sentido, algumas fábricas organizavam jogos de futebol, promoviam atos religiosos (missas), direcionando e intervindo nas formas de comportamento e de distrações dos trabalhadores. Os anarquistas percebiam e denunciavam o que se escondia por trás dessas atitudes dos patrões. Alertavam os trabalhadores para não se deixarem envolver por “essas manobras” que visavam impedir que eles se organizassem como classe (GÓES, 1988, p. 59).

Para Murilo de Carvalho (1998, p. 114),

[...] a partir da virada do século, o anarquismo fez incursões entre os operários, [...] trazendo propostas políticas e sociais que seguramente confrontavam as tradições. [...] A rejeição da ideia de pátria e de nacionalismo, a oposição ao serviço militar, era a nova ênfase na criação de uma cultura operária própria, de uma educação alternativa, de relações igualitárias entre os sexos. Os anarquistas [...] mostravam sua intolerância com certas tradições populares, como o carnaval, o futebol, o jogo.

Para os anarquistas, viver a vida sindical seria dever do trabalhador, assim como participar das atividades promovidas pelos sindicatos¹³⁸. Esta seria uma forma de sair do estado de dominação imposta pelos empregadores e pelo Estado (GOMES, 1988, p. 97). Muitos adeptos da ideologia consideravam a dança, o carnaval e o futebol atividades negativas por afastarem o trabalhador da vida sindical e das associações de classe, acusando ainda que, ao disporem de seu dinheiro para a manutenção dos clubes de futebol, os trabalhadores estariam sendo ainda mais

¹³⁸ “Sindicato dos tecelões”, *A Voz do Trabalhador*, 17 de abril de 1909.

explorados¹³⁹ e impedidos de observarem as condições da classe.

Já em 1906, perante a realização de uma partida de futebol entre operários da Votorantim, o jornal *A Terra Livre*, apontou:

[...] vamos ter também o elegante jogo do foot-ball, depois do qual os jogadores fatigados, aborrecidos, vão brigar com a família: é um jogo bom para os parasitas e ociosos que precisam exercitar os músculos em um trabalho inútil, desprezando ao mesmo tempo o trabalho útil e os que o fazem. Quanto a nós, temos exercícios de sobra. Exercício até rebentar¹⁴⁰

Em nova tiragem, no mês de dezembro, o mesmo periódico voltou a atacar a prática do futebol a partir, indicando-a como inútil aos trabalhadores:

É triste o espetáculo presenciado quando os operários da Votorantin saem exaustos [...] Os operários arrastam-se penosamente [...] Em tudo e por todos os lados somos explorados. [...] Quanto ao foot-ball, o caso foi assim. Um grupo de 10 ou 12 (alguns já com netos) foi pedir ao gerente licença para fazer um jogo de foot-ball. Os patrões gostam de que os operários gastem as suas energias nestas coisas e por isso o pedido foi aceito [...] decerto para divertir os amáveis burgueses. O escravo é também palhaço. Dias depois, foram os jogadores dizer ao gerente, que saindo às 8 e meia, não tinham tempo para preparar o campo de jogo. [...] Ora, em vez de pedir isso, porque não pediram a abolição do serão, coisa muito mais necessária? [...]. Entretanto, isto seria muito mais necessário e útil do que o esforço brutal e inútil do foot-ball [...] ¹⁴¹.

Os jornais e periódicos anarquistas, em geral, entendiam que o futebol, da forma como se popularizava entre os operários, estaria sendo o responsável por desviar o foco das reais intenções do movimento, a saber: o combate ao Estado, à Igreja e as formas de opressão e dominação que atingiam os trabalhadores. Acrescentavam que não deveria ser esquecido o fato de o futebol ter nascido no meio burguês, e isso, por si só, já sinalizaria cautela, pois a prática do desporto não poderia desestruturar ou atrapalhar a organização da classe operária. Paulatinamente, muitos simpatizantes do anarquismo passaram a condenar a prática, acusando-a de, juntamente com os bailes, promover e defender os nomes de empresas e desviar a atenção da luta operária por melhores condições (ANTUNES, 1992).

O periódico *A Plebe*, que incluía o futebol e o esporte como inimigos da causa operária, em posição contraditória, passou a acreditar na possibilidade da associação entre as reivindicações sindicais e o esporte:

¹³⁹ *A Voz do Trabalhador*, 15 de maio de 1914.

¹⁴⁰ Jornal *A Terra Livre*, coluna "Do Brasil Proletário", 27 de novembro de 1906.

¹⁴¹ Jornal *A Terra Livre*, 09 de dezembro de 1906.

[...] com franqueza deve-se dizer que parte tiveram bastante saliente do festival os duelos esportivos, aqueles rapazes sadios de energia trouxeram as milhares de pessoas que acorreram ao jardim em grande atividade. [...] Bravo! Aos moços esportivos. Oxalá continuem a se interessar pelas obras levantadas, demonstrando que não praticam o sport pelo sport.¹⁴²

Da visão comungava o jornal proletário *A Guerra Social* quando chegou a afirmar que:

[...] muitos operários se dedicam mais aos jogos, especialmente ao football, para agradar aos patrões, do que a instruírem-se na luta para defender seus direitos. [...] O foot-ball serve somente para distraí-los de seus reais interesses, aproximando-os de seus inimigos¹⁴³.

Vale destacar, no entanto, que a proliferação do futebol e a queda da prática no gosto do trabalhador, se teve ataques sutis por vezes e diretos em outras (como o fez o periódico *A Plebe* que o chamou de “derivativo domesticador”¹⁴⁴), não era assunto de destaque por não ser considerado relevante, além do custo de uma edição, o que não lhe permitia “perder” espaços com assuntos não relacionados à situação política, econômica, social e sindical. De qualquer forma, os ataques mostraram-se, com o tempo, contínuos, com o fragmento abaixo demonstrando o desprezo pelo lazer quando fora das organizações de classe:

Lastimamos profundamente o estado em que se encontra a juventude contemporânea em relação ao seu valor físico, moral e intelectual. Afigura-se-nos oportuno, algumas considerações a respeito. Presentemente a juventude está corrompida pelos divertimentos prejudiciais ao organismo e à educação. Uma infinidade de rapazes atira-se inconscientemente à dança e ao foot-ball, duas calamidades modernas que dizimam milhares de seres humanos. A dança, hoje em dia bate o Record da imoralidade, atinge o apogeu da loucura e do crime [...] as sociedades dançantes e os clubes de foot-ball pululam nos bairros suburbanos, onde é grande a população proletária. [...] o foot-ball atrai igualmente milhares de rapazes que exercitam no funesto jogo de um selvagismo atroz. [...] o foot-ball é uma diversão violenta, além de produzir o mal físico, produz também o mal moral. Mais úteis à humanidade e a si próprios, seriam esses rapazes se em lugar de se ocuparem em semelhantes passatempos, ingressassem antes no sindicato e nas ligas operárias a fim de poderem enfrentar o vilismo patronato.¹⁴⁵

Em artigo publicado no periódico *A Voz do Trabalhador*, órgão da Confederação Operária Brasileira, de orientação anarquista, mais uma denúncia

¹⁴² *A Plebe*, 23 de Agosto de 1919 (n. 27).

¹⁴³ *A Guerra Social*, 20 de agosto de 1911..

¹⁴⁴ *A Plebe*, 09 de setembro de 1919 (n. 29).

¹⁴⁵ *A Plebe*, 30 de outubro de 1917 (n. 41).

referente aos males do futebol:

[...] Ora, eu sou um dos sócios do Grupo Germinal [...] seu feito principal: instruir e cultivar o cérebro dos operários [...]. Eram mais ou menos quatro horas da tarde, quando saltei do bonde e dirigi-me para a sede do Grupo [...] Na mesma rua existe também uma poderosa fábrica de fósforos. Ao lado dessa fábrica de fósforos há um grande terreno baldio [...] transformado em campo. Não um campo de pastagem, como pode parecer, e o que seria altamente proveitoso, mas um campo de futebol, com o maior dos entusiasmos imagináveis. [...] Vendo o Grupo Germinal às moscas e o campo de futebol vibrante de entusiasmo, naquela tarde quente de domingo, eu me lembrei, piedoso, das palavras do carnavalesco ilustre e intendente, que é o sr. Ribeiro Leite ou Leite Ribeiro [...]: “Senhores... enquanto o povo se diverte, não conspira [...]” (Tristão).¹⁴⁶

Mesmo procurando não lhe conceder grande espaço, os anarquistas reconheciam o crescimento da prática entre os trabalhadores:

Atualmente, são três os meios infalíveis que os ricos exploradores dos miseráveis e necessidades do povo empregam para tornar a classe operária uma massa bruta: o esporte, o padre e a política. Não existe nenhuma vila que não de futebol, os operários de ambos os sexos tornam-se aficionados e torcedores e brutaliza-se a ponto de só viverem discutindo entre os seus companheiros os lances e proezas dos campeões.¹⁴⁷

Com o passar do tempo e observando ser o futebol uma prática que se enraizava, tirando o operário da vida sindical, periódicos como o semanário *Germinall*, editado em italiano, passou a atacá-lo de forma mais veemente: “Uma jornada de faina árdua e enervante para os moços bonitos e escovados da nossa melhor sociedade (!?!); bronquite, luxações nas pernas ou deslocamentos de clavícula, eis o resultado de um jogo bárbaro”¹⁴⁸.

Da mesma forma que *O Germinall*, o periódico anarquista *A Plebe*, atacava, costumeiramente, a prática do futebol:

Tenta-se desorientar os ferroviários no intuito de desviar a atenção dos operários da mesma empresa (São Paulo Rainway). [...] Tiveram a idéia de organizar um clube de foot-ball com a boa intenção de fazer com que os seus operários passem a vida mais alegremente possível. [...] Mandam-nos aos domingos dar patadas como burros loucos, no meio de um pasto.”¹⁴⁹

No entanto, o jornal *A Plebe*, – mesmo ratificando sua posição contra a forma

¹⁴⁶ *A Voz do Trabalhador*, n. 53-4, 1º de maio de 1914.

¹⁴⁷ *A Plebe*, 28 de janeiro de 1919 (n.1, ano 2).

¹⁴⁸ *Germinall*, 13 de setembro de 1919, ano 1, 1918.

¹⁴⁹ *A Plebe*, 07 de setembro de 1919 (n.28).

como o futebol se desenvolvia no meio operário – apresentou, na mesma edição em que faz a denúncia acima, anúncio em que convocava a classe trabalhadora para participar de festivais em que o futebol estaria presente entre as atividades programadas: “Grande Festival no Jardim da Aclimação – domingo, 21 de setembro. Programma: match de foot-ball, corridas, exercícios de gymnastica, etc”. E ao perceber o quanto o futebol enquanto assunto entre os trabalhadores, o periódico chegou a noticiar eventos que envolviam o esporte:

O match de foot-ball foi disputado com galhardia pelos times dos clubes do Sport Clube Saturno e da Associação Atlética República, saindo vencedor a primeira por 2 gols a 1. Disputaram igualmente bastante interesses corridas a pé e de bicicleta, bem como os exercícios de salto de cujo o resultado nos ocuparemos amanhã. Devemos, entretanto desde já evidenciar a com garbo que todos se portaram, associando-se bravamente aquela festa de expansões proletárias. Bravo! Aos moços esportivos. Oxalá continuem a se interessar pelas obras levantadas, demonstrando que não praticam o sport pelo sport”.¹⁵⁰

Tanto que na organização de eventos como festivais operários, passou a constar de forma frequente partidas de futebol, mesmo com críticas dos que viam na prática “elementos culturais próprios da burguesia” (ANTUNES, 1994, p. 106).

Principalmente após a I Guerra Mundial (1914-1918), as reuniões operárias, principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro, passaram a idealizar festivais, piqueniques e excursões a lugares públicos, patrocinadas pela imprensa operária de inspiração anarquista (jornais como *A Plebe*, *Voz do Povo* e *A Vanguarda*). Ou seja, os festivais educativos e doutrinários passaram a ser gradualmente substituídos pelo entretenimento coletivo, porém sempre com a intenção de efetivar os laços de solidariedade de classe (HARDMAN, 2002).

Como exemplo: em novembro de 1920, *A Plebe* convocou trabalhadores para um “Grande Festival” em benefício d’*A Vanguarda* (jornal operário que passou a circular em 1921). O local escolhido foi o Parque São Jorge, em São Paulo:

Programa grandioso, constante de um match de futebol entre dois importantes clubs desta capital, entre os quais será disputada a Taça Proletária; representações teatrais, canções típicas, regatas, natação, luta greco-romana, cinematógrafo etc. Bandas de música – Fogos de artifício – Bondes em quantidade.¹⁵¹

¹⁵⁰ *A Plebe*, n. 31, 23 de setembro de 1919.

¹⁵¹ *A Plebe*, n. 88, 06 de novembro de 1920.

Um ano antes, 1919, *A Plebe* também organizou o “Grande Festival do Jardim Aclimação”. No programa:

Match de Foot-ball. Será disputada a taça Escola Moderna em um emocionante match de foot-ball entre os valorosos quadros de S. S. República e Saturno F.B.C. Também corridas, exercícios de ginástica, baile, representações teatrais, exposição zoológica, tômbola, regatas e natação e cinematographo.¹⁵²

A intenção dos sindicatos operários era o de ocupação e domínio sobre os espaços públicos de cidades como São Paulo.

Em edição posterior ao evento, *A Plebe* denunciou sabotagem da Light ao programa, principalmente nos serviços de transporte público (bondes)¹⁵³. Ao que consta, o temor das autoridades era que os bairros nobres fossem invadidos por populares, desmontando a segregação estabelecida pelo “plano diretor” da cidade de São Paulo.

Percebe-se através das programações estabelecidas que, apesar da crítica doutrinária dos anarquistas ao futebol e aos bailes, tais atividades foram sendo incorporadas na forma de espetáculos nas grandes festas operárias, demonstrando o quanto a prática futebolística - assim como as atividades dançantes - popularizaram-se e popularizavam-se entre os trabalhadores.

Assim, se a princípio os anarquistas tratavam o futebol com certa indiferença e mesmo atacando a prática por considerá-la vulgar, violenta, inútil, de descendência burguesa, deterioradora do intelecto, incitadora de paixões e instrumento de dominação e alienação, perante sua aceitação e popularização entre trabalhadores várias lideranças da corrente passaram a aceitá-lo e mesmo inseri-lo em suas programações como uma atividade de aproximação, de instrumento de propaganda e fator de aglutinação, em clara mudança de posicionamento e reelaboração de conceitos.

A disseminação do futebol teria colocado anarquistas em favor da prática como forma de disputar com os patrões a conscientização, tirando-a do controle patronal. Nos próprios festivais anarquistas, atividades esportivas ganharam espaço (caso do futebol, de corridas de bicicletas e gincanas diversas). Tal como demonstra *A Plebe*, até então um periódico combativo ao esporte:

¹⁵² *A Plebe*, n. 9, 17 de setembro de 1919.

¹⁵³ *A Plebe*, n. 15, 24 de setembro de 1919.

Com franqueza deve-se dizer que parte tiveram bastante saliente do festival os duelos esportivos, aqueles rapazes sadios e cheios de energia trouxeram as milhares de pessoas que acorreram ao jardim em grande atividade. [...] O match de foot-ball foi disputado com galhardia pelos times dos clubes do Sport Clube Saturno e da Associação Atlética República, saindo vencedor a primeira por 2 gols a 1. Disputaram igualmente bastante interesses corridas a pé e de bicicleta, bem como os exercícios de salto de cujo o resultado nos ocuparemos amanhã. Devemos, entretanto desde já evidenciar a com garbo que todos se portaram, associando-se bravamente aquela festa de expansões proletárias. Bravo! Aos moços esportivos. Oxalá continuem a se interessar pelas obras levantadas, demonstrando que não praticam o sport pelo sport.¹⁵⁴

Mesmo jornais como *A Voz do Povo* passaram a divulgar os resultados das disputas esportivas da capital federal durante os encontros operários. Da mesma forma, o jornal *O Intransigente* que, na intenção de atrair trabalhadores para suas fileiras, chegou a promover concursos que procurassem estimular e desenvolver os pequenos clubes de futebol da cidade do Rio de Janeiro¹⁵⁵.

Figura 4 - Festival Operário de 1919. Sem poder resistir, os encontros passaram a inserir o futebol nos festivais operários. Em tais festivais era comum a mistura de equipes de trabalhadores para fotos, em poses que demonstravam unidade entre os trabalhadores.



Fonte: *O Malho* (1919 apud PEREIRA, 2000, p. 274).

¹⁵⁴ *A Plebe*, 23 de Setembro de 1919, n. 29

¹⁵⁵ *A Voz do Povo*, 05 de julho de 1920; "Concurso de foot-ball do Intransigente", *O Intransigente*, 02 de setembro de 1921.

Para anarco-sindicalistas, que tiveram atuação destacada na vida sindical do país, principalmente entre 1906 e 1930, a função das associações operárias era a promover atividades de lazer, culturais e educativas, em substituição ao mutualismo (associações organizadas para socorros entre os trabalhadores). Tais atividades, acreditavam, poderiam gerar a consciência de classe e a solidariedade entre os trabalhadores (ALVES, 2002) e deveriam ser organizadas nas proximidades dos bairros operários e fabris, com destaque aos salões de representação teatral, aos bailes e às conferências e assembleias. Neste sentido, associações como Sociedade de Beneficência Guglielmo Oberdan (São Paulo, 1809), Associação das Classes Laboriosas (São Paulo, 1891) e Cooperativa de Produção da Companhia Santa Marina (Osasco, estruturada a partir de 1909), tiveram atividades intensas dentro dos propósitos a que foram erguidas, pelo menos até 1930, quando foram substituídas ou incorporadas pelo corporativismo e controle do Estado.

O anarco-sindicalismo, por propor uma prática política indicadora de objetivos mais amplos e imediatos (como salários mais justos), teria sido mais agregador do que o anarquismo, debatedor constante do sindicalismo. Porém, assim como o anarquismo, o anarco-sindicalismo identificava com clareza os inimigos da sociedade: as classes dominantes e o Estado. Porém, a corrente divergia no método de ação anarquista. Segundo Batalha (2003, p. 29-31), o anarco-sindicalismo

[...] fundou-se na rejeição de intermediários no conflito entre trabalhadores e patrões; na condenação da organização partidária e da política parlamentar. Na proibição de funcionários pagos nos sindicatos, tendo como diferença perante o anarquismo de atribuir ao sindicato o papel da sociedade futura e a greve geral, o de único instrumento para a realização da revolução social.

Ou seja, para os anarco-sindicalistas ou sindicalistas revolucionários, a organização do movimento operário deveria ter como princípios a educação, a propaganda e a rebelião por meio da consciência advinda de eventos culturais de conscientização.

Mas as necessidades urgentes, tais como melhores condições de trabalho e de salários, prevaleceram. Ou seja, a visão de longo prazo acabou perdendo espaço para o premente.

O empresariado fabril, preocupado com a ascensão das mobilizações operárias, teria adotado um caráter paternalista ao buscar instrumentos que viessem a controlar as camadas populares e sua possível ligação com a vida sindical. O

crescente interesse dos operários pelo futebol fez com que a classe empresarial visualizasse no esporte um possível fator adversário às mobilizações sindicais organizadas (MASCARENHAS, 2014).

As lideranças sindicais anarco-sindicalistas, a princípio, viam o esporte com certa desconfiança, por ser uma “[...] forma de alienação produzida pelos donos das fábricas para desviar a atenção do proletariado em relação à causa operária” (PEREIRA, 2000, p. 263). Muitos dirigentes sindicais anarco-sindicalistas (como também anarquistas) acusavam nos jornais e panfletos proletários que a prática de apoio ao futebol por parte dos patrões tinha uma clara intenção alienante e servil, conformando trabalhadores à exploração (BATALHA, 1992). Da mesma forma, os centros esportivos passaram a ser criticados por muitos sindicalistas por distraírem os funcionários e impedirem que questionassem as péssimas condições de trabalho e baixar remunerações oferecidas (PEREIRA, 2000).

Heloísa Bruhns (2000) chega a insinuar que a prática do futebol teria sido um instrumento quase imperceptível utilizado para esvaziar o movimento sindical ao afirmar que

[...] o processo de difusão do futebol entre a classe trabalhadora não pareceu estranho a anarquistas e comunistas, durante as primeiras décadas do século. A questão ocupou alguns sindicatos, recebendo a denominação de ‘esporte burguês’, poderoso ‘ópio’, capaz de minar a união e a organização de classes, [...] tanto que anarquistas quanto comunistas assistiram à derrota de suas resistências, reconhecendo a popularização do esporte e sua adoção pela classe trabalhadora como irreversível (BRUHNS, 2000, p. 212).

No Rio de Janeiro, o fenômeno se repetiu. Ou seja, no início do século XX, o critério de vizinhança deixou de ser a única forma de organização dos centros esportivos, já que outro padrão emergiu: clubes, empregados de uma mesma loja ou operários de uma mesma fábrica (caso do Bangu e do Carioca Football Club) conseguiram dos patrões o apoio para a consolidação do futebol. Segundo Pereira (2000, p. 255), “[...] a caracterização do jogo como um elemento alienante perpetuaria a dominação ao desviar sua atenção dos assuntos realmente importantes”.

Em seus estudos, Michelle Cabral (2007, p. 113) atentou para as tensões existentes nas atividades de lazer e propaganda dos trabalhadores anarquistas do Rio de Janeiro através dos Teatros Anarquistas e do Futebol Solidário, observando que a transição da prática do teatro para a do futebol “[...] já era uma realidade dentro e fora da fábrica, e já estava consolidado como atividade esportiva e de lazer em meio às

camadas populares”. Cabral indica que, da indiferença frente à prática do futebol, os anarquistas passaram a atacar o futebol, com especial crítica ao seu formato, em que se colocam frente a frente, em uma alegoria de combate, dois grupos distintos de operários, expondo um “[...] caráter moralista e limitador”, devendo-se buscar “[...] ‘passatempos mais elevados’, como o teatro por exemplo”. Entretanto, ao “[...] perceberem a disseminação dos esportes entre os operários”, os anarquistas procuraram adaptar-se ao fenômeno, fazendo ataques e denúncias em relação aos subsídios cedidos aos empregadores como forma de organizar o lazer dos trabalhadores (CABRAL, 2007, p. 113).

Algumas fábricas passaram a oferecer, em especial entre paulistas e fluminenses, remuneração especial sob forma de pequenos presentes ao jogador-operário, inclusive um segundo salário configurando o que foi denominado “amadorismo marrom”. Para o jogador-operário, uma forma de construir identidade própria, agindo independentemente da ação de patrões e sindicatos.

Aos jogadores-operários que se diferenciavam pelas habilidades esportivas, poderiam ser concedidas certas regalias como, por exemplo, a de serem promovidos a cargos mais elevados e que exigiam menores esforços físicos.

O incentivo ao futebol através dos clubes operários nas fábricas tornou-se motivo de orgulho para as empresas, figurando até nas ações mercadológicas, com álbuns sendo elaborados para divulgar a imagem da indústria nacional no exterior. Na década de 1920, os grandes clubes de futebol associados às fábricas foram abertos a novos sujeitos, com times passando a incorporar em seus quadros jogadores que antes nem entrariam em suas sedes. Como resultado, aos poucos, o futebol transformou-se em um jogo majoritariamente praticado por desfavorecidos sociais, abrindo novas possibilidades para jogadores que até então tinham nos clubes do subúrbio (Rio de Janeiro) ou de várzeas (São Paulo) seu único meio de sobrevivência¹⁵⁶.

Caso seja levada em consideração a intenção da proliferação do futebol como agente “esvaziador” do movimento operário, o dia primeiro de maio de 1921 serviria como denunciador: poucos operários participaram das reuniões agendadas nos

¹⁵⁶ Domingos da Guia (segundo depoimento pessoal dado ao Museu de Imagem e do Som, em 01 de Setembro de 1967) passou a jogar no Bangu em 1929 e recebia do dono da fábrica, Guilherme da Silveira, “bicho” por atuações (entre \$500 e \$1.000); Leônidas da Silva, após perambular por vários times, migrou, em 1931, para o Bonsucesso carioca, clube que fazia parte da Associação Metropolitana do Rio de Janeiro.

sindicatos. Trocaram-nas por um jogo de futebol realizado no Parque Antártica¹⁵⁷, ao ponto de dirigentes trabalhistas concordarem com a afirmação feita no jornal *A Vanguarda* de que “um novo rumo deve ser dado às lutas operárias” (FAGUNDES, 1921)

O jornal *A Plebe*, em uma de suas edições, como que concluindo suas denúncias por ocasião da proliferação do futebol entre os trabalhadores, chegou a afirmar:

Atualmente, são três os meios infalíveis que os ricos exploradores das misérias e necessidades do povo empregam para tornar a classe operária uma massa bruta: o esporte, o padre e a política. Não existe nenhuma vila ou aglomeração de casas de operários que não tenham o campo de futebol, a igreja e os gorjetados incitadores políticos¹⁵⁸

O jornal *O Trabalhador Gráfico* chegou a apontar como fundamental o desenvolvimento do esporte para o desenvolvimento da juventude, porém com ressalvas:

A burguesia se aproveita desse fato para canalizar todos os jovens das fábricas para os seus clubes. Que fazem os jovens nos clubes burgueses? Defendem as cores desses clubes. Se o clube é de uma fábrica é o nome e a cor da fábrica que defendem; a burguesia cultiva neles a paixão e a luta contra a juventude das outras empresas. Todo operário footbailer deve ingressar nos clubes proletários. No mundo obreiro ninguém mais ignora que o esporte bretão tem sido útil ao capitalismo para desviar a atenção das massas trabalhadoras dos seus sindicatos profissionais¹⁵⁹.

Na mesma posição, o jornal *O Internacional*, afirmou em uma de suas edições que “[...] o proletariado [...], se não nos dias de carnaval, nos domingos, nos campos de futebol burguês, deixa-se levar por um entusiasmo contrário àquele que devia ser!”¹⁶⁰

Já a edição d’*O Trabalhador Chapeleiro*, denunciou:

[...] observamos que uma grande parte das responsabilidades cabe a nós exclusivamente, porque até hoje, aceitando o engodo dos interessados na perpetuação do regime de exploração, temos corrido ao futebol, bailes, às igrejas e aos centros políticos de todos os matizes, descuidando do sindicato

¹⁵⁷ Jornal *A Vanguarda*, 05 de Maio de 1921.

¹⁵⁸ *A Plebe*, 28 de janeiro de 1933 (ano 1; nova fase, n. 11).

¹⁵⁹ *O Trabalhador Gráfico*, 25 de maio de 1928.

¹⁶⁰ *O Internacional*, 15 de fevereiro de 1929.

que é donde de fato o trabalhador adquire a consciência de si próprio, o valor de sua personalidade¹⁶¹.

O jornal *Nossa Voz*, por sua vez, chegou a fazer o seguinte comentário em uma de suas tiragens, quando o futebol consolidara-se como prática entre os operários: “Trabalhadores que somos, organizaremos os nossos clubes, as nossas ligas, feitos e dirigidos por nós mesmos, sem interesses de dinheiro, mas só animados pelo espírito de solidariedade proletária”¹⁶².

Se o anarquismo e o anarco-sindicalismo influenciaram fortemente a organização operária brasileira entre o final do século XIX e 1922, é passível de afirmação, também, que a eclosão da Revolução Russa de 1917 trouxe a força de novas orientações à luta trabalhista no mundo (no Brasil tais influências ganharão impulso principalmente entre 1919 e 1922, inclusive com muitos líderes anarquistas e anarco-sindicalistas migrando para o comunismo). As ações contínuas de repressão à organização dos sindicatos de trabalhadores brasileiros (tais como prisões e deportações de líderes) associadas às dissidências de lideranças, apontavam o cenário do movimento operário nacional no ano de 1921: desarticulação (para não dizer desorganização). A fundação do Partido Comunista Brasileiro, em 1922, associada à decadência do anarquismo e anarco-sindicalismo enquanto forças influenciadoras da organização dos trabalhadores do país, trouxe ao movimento operário novas inspirações (ALVES, 2002). E serão exatamente estes novos estímulos que nortearão a luta sindical brasileira a partir de então, ao menos até a Revolução de 1930. No que tange ao futebol, os comunistas, ao contrário dos anarquistas, acreditavam que a prática se estabeleceria como um campo de luta pela libertação das formas de miséria e opressão do trabalhador.

A penetração do futebol entre os trabalhadores, segundo lideranças comunistas sindicais, não era positiva por atrapalhar a luta operária. Uma indicação dessa tendência é encontrada no sétimo número de *A Classe Operária*, datada de 13 de junho de 1925:

É inegável que o futebol não se tenha enraizado, e tomado à dianteira aos demais esportes tanto no Rio, como em São Paulo e nos outros Estados. Mas, como em tudo no atual regime, os esportes em geral são manejados e dominados pela classe capitalista em detrimento da classe operária. Atualmente a classe patronal do Rio conseguiu por meio do futebol que seus

¹⁶¹ *O Trabalhador Chapeleiro*, 01 de janeiro de 1933.

¹⁶² *Nossa Voz*, 01 de julho de 1934.

operários organizassem encontros esportivos, facilitando-lhes alguns meios para se distraírem. [...] Sabeis, operários esportistas, quais os seus intuitos? É muito fácil saber, conta os casos concretos. Ei-los: Dentro da fábrica, ou na hora do almoço, o assunto predileto é o futebol, e enquanto perdeis um tempo precioso a discutir esse assunto, deixais de tratar do que mais vos interessa, como seja, a organização do vosso sindicato, as melhorias nas condições de vida, etc. Outro fato: enquanto a burguesia se fortifica, vós vos dividis. Não continueis a aceitar o auxílio da classe patronal para praticar o esporte. Acontece que, ao ser promovido um encontro de futebol entre os operários de uma fábrica, com os de outra fábrica originam-se, com o entusiasmo de vencer o adversário, muitas rivalidades pessoais, das quais se aproveita o patrão, porque, enquanto os operários se dividem, naturalmente, eles ficam contentes; porque assim os seus operários não irão à sua corporação, discutir e aprovar as reivindicações a que têm direito os trabalhadores.¹⁶³

Porém, o posicionamento de muitos comunistas teria se modificado a partir da intensa proliferação do futebol, desde que o esporte fosse direcionado à união dos trabalhadores, conforme pode ser observado em edição posterior, especificamente em 1928, do mesmo *A Classe Operária*:

No mundo obreiro ninguém mais ignora que o sport bretão tem sido útil ao capitalismo para desviar a atenção das massas trabalhadoras dos seus sindicatos profissionais [...] Nós estamos a ver com sympathia a proletarização que do foot-ball se vem fazendo entre nós, com a fundação de departamentos sportivos junto às organizações operárias e criação de clubes nas fábricas, enfim, em toda parte onde existe consciência proletária. Entretanto, urge fazer um reparo: esse clubes, já em crescido número deviam, todos, entrar num entendimento e ingressarem nas sedes dos sindicatos, onde ficariam em departamentos anexos [...]¹⁶⁴.

Os comunistas, que durante muito tempo foram radicalmente contrários à adoção do futebol pelos trabalhadores, chegaram a propor a criação de uma federação que reunisse clubes de futebol organizados pelos sindicatos, chegando a defender uma ‘proletarização do esporte’ com capacidade de transformar “em um campo de luta pela libertação de toda forma de miséria e opressão” (DECCA, 1987, p. 121). Quando criticados por anarquistas a propósito da segregação dos jovens operários que o futebol promovia, os comunistas brasileiros argumentavam que, “[...] caso estes jovens não tivessem acesso à prática do futebol dentro dos sindicatos, eles o teriam fora deles” (DECCA, 1987, p. 123).

A proliferação do futebol no Brasil, quando incentivado enquanto prática por anarquistas, comunistas e capitalistas, possui defesas. Algumas discussões apontavam o futebol como um elemento positivo e unificador de um país miscigenado,

¹⁶³ *A Classe Operária*, 13 de junho de 1925.

¹⁶⁴ *A Classe Operária*, 01 de maio de 1928.

que pode promover a educação e a solidariedade. Outros viam o futebol como expressão do atraso e do subdesenvolvimento. Como exemplo de apoio, o periódico *A Voz do Povo* chegou a apresentar defesa um prol de uma educação revolucionária a ser desenvolvida pelos jovens, defendendo a participação dos mesmos em atividades esportivas: “[...] E o que é que alimenta ou pode alimentar a vocação da mocidade de hoje e que não pode ser apresentado? A música, o teatro, a pintura, o sport, etc., afinidades estas em que se devidirá a escola [...]”¹⁶⁵.

A dicotomia pareceria escancarada. O confronto de posições divergentes em relação ao futebol é relevante por permitir a visualização variada de sentidos atribuídos à prática: de um lado, os que viam no universo futebolístico a possibilidade de quebra de preconceitos, de uma maior integração social, do rompimento de barreiras conservadoras. De outro lado, aqueles que viam na prática a possibilidade de retirar do trabalho a consciência de luta por melhores condições de trabalho e vida. Como exemplo do posicionamento dúbio, Edgar Rodrigues (1976, p. 304) indica que

[...] a mudança das manifestações no Primeiro de Maio de 1928 foram colossais. Para uma parte, resumiam-se obtusas festas do trabalho, com jogos de futebol. [...] O Primeiro de Maio, que já fora no Brasil um dia de reivindicações e de protestos, tinha agora uma nova fisionomia, era o dia propício para campanhas eleitorais, para suplicar votos aos trabalhadores.

Se a maioria anarquista mostrou-se contra a prática do futebol condenando-a como agente alienante, sindicatos comunistas teriam percebido ser difícil lutar contra o esporte que ganhou a simpatia dos trabalhadores. Passou a procurar utilizá-lo como forma de luta, propondo a “proletarização do esporte”, numa tentativa de aproximar jovens trabalhadores da vida e luta sindical. Os comunistas chegaram mesmo a propor a criação de uma federação composta apenas por clubes de futebol organizados pelos sindicatos, como atesta *O Trabalhador Gráfico*:

Viva o Esporte Proletário! A necessidade do esporte para a juventude é um fato incontestável. A burguesia se aproveita desse fato para canalizar todos os jovens das fábricas para os seus clubes. Que fazem os jovens nos clubes burgueses? Defendem as cores desses clubes. Se o clube é de uma fábrica é o nome e a cor da fábrica que defendem; a burguesia cultiva neles a paixão e a luta contra a juventude das outras empresas. [...] Todo operário “footballer” deve ingressar nos clubes proletários. Já existem alguns, outros entretanto devem ser criados. No mundo obreiro ninguém mais ignora que o esporte bretão tem sido útil ao capitalismo para desviar a atenção das massas trabalhadoras dos seus sindicatos profissionais. [...] Nós estamos a ver com

¹⁶⁵ *A Voz do Povo*, 15 de fevereiro de 1920 (grafia original).

simpatia a proletarização que do futebol se vem fazendo entre nós, com a fundação de departamentos esportivos junto às organizações operárias e criação de clubes nas fábricas, nas oficinas de jornais, enfim, em toda aparte onde existe consciência proletária. Entretanto, urge fazer um reparo: esses clubes, já em crescido número, deviam todos entrar num entendimento e ingressarem nas sedes dos sindicatos, onde ficariam em departamentos anexos, e, em seguida, organizariam uma entidade suprema, uma Federação, por assim dizer.¹⁶⁶

Defendendo o esporte proletário em prol dos interesses associativos dos trabalhadores, os comunistas chegaram a indicar que as atividades esportivas poderiam trazer mais trabalhadores para a luta contra a exploração sobre o trabalho:

Porque somos pelo esporte proletário? Primeiro: porque esse constitue um dos meios de arrancarmos das garras da burguesia uma parcella importante de trabalhadores. Segundo: porque conseguiremos que muitos companheiros [...] amonte nas sedes dos respectivos syndicatos. Terceiro: aquelles que são jogadores de clubs burguezes converte-se-ão em fervorosos esteios dos organismos operários, emancipando-se pelo menos esportivamente da exploração da burguezia [...]¹⁶⁷.

Desta forma, a proposta comunista era a de aproximar trabalhadores com seus pares, distanciando-os da tutela dos patrões, inclusive dos descontos mensais sobre as folhas de pagamentos destinados à manutenção do clube da respectiva fábrica: “Trabalhadores que somos, organizaremos os nossos clubes, as nossas ligas, feitos e dirigidos por nós mesmos, sem interesse de dinheiro, mas só animados pelo espírito de solidariedade proletária.”¹⁶⁸

A iniciativa comunista sofreu resistências e críticas negativas por parte dos anarquistas, que viam na ação a possibilidade de se transformar sindicatos em “clubes recreativos e dançantes” (DECCA, 1987, p. 123).

Em ‘Primeiro de Maio’, conto dos anos 1930, Mário de Andrade (1973) registrou a tendência crescente do uso do futebol por empresas e fábricas, patrocinadoras de encontros futebolísticos como forma de controle sobre o lazer operário. Ao que parece, Andrade não estava errado, já que uma partida de futebol esvaziara a celebração do Dia do Trabalho.

O futebol teria cumprido uma de suas tarefas, colocando o trabalhador para jogar num domingo, discutir o jogo jogado na segunda, talvez terça, preparando-o para o próximo embate na quarta, quinta, sexta e envolvendo-o completamente na véspera

¹⁶⁶ *O Trabalhador Gráfico*, 25 de maio de 1928.

¹⁶⁷ *O Internacional*, 01 de maio de 1929.

¹⁶⁸ *Nossa Voz*, 1 de julho de 1934.

da peleja.

A rígida disciplina das fábricas pode ter conseguido controlar o trabalhador dentro da esfera produtiva. Fora dela, não se pode afirmar o mesmo.

Nicolau Sevcenko (1992), perante à atração do futebol no meio operário, afirma que não se pode negligenciar o potencial lúdico do jogo, apesar dos embates entre patrões e operários.

Segundo Sidney Chalhoub (2012 p. 257), no Rio de Janeiro o futebol não apenas manipulou, mas demonstrou a existência de resistências do trabalhador, mesmo que sutis, na vida cotidiana do trabalhador:

Mas aqui se revela também algo que talvez se desejasse ocultar: a tentativa de imposição de hábitos de trabalho compatíveis com os desígnios burgueses de acumulação de capital que encontrou firmes obstáculos nos velhos hábitos e no modo de vida tradicional dos pobres urbanos em questão. Neste caso, a estigmatização do espaço por excelência do lazer popular revela aquilo que a história na versão dos vencedores se empenha sempre em ocultar: a transição para a ordem burguesa na cidade do Rio de Janeiro no período foi um processo de luta, de imposição e resistências, e não um caminhar harmônico, linear e tranquilo.

Mesmo frequentando espaços de lazer das camadas sociais mais privilegiadas (como assistir aos jogos de futebol), os trabalhadores não deixaram de desenvolver seus próprios espaços e experiências, caso dos encontros em bares e prostíbulos, em uma espécie de resistência – mesmo que inconsciente – às intervenções impostas pelo Estado e dirigentes fabris aos divertimentos, sempre na tentativa de controle do tempo livre do trabalhador.

Joel Rufino dos Santos, ao contextualizar a popularização do futebol, afirma que tanto em São Paulo quanto no Rio de Janeiro a febre pela prática teria sido resultado direto da intervenção dos patrões e do poder público já que a emergência das greves operárias de 1917 teria feito “ver às autoridades industriais que a cidade precisava de um esporte de massas, como uma criança que se manda brincar para queimar energias” (SANTOS, 1981, p. 22). Por esta visão, os operários teriam sido incentivados a “jogar bola”, já que a prática disciplinaria a produção. Rufino indica ter sido o futebol utilizado como um instrumento de controle das populações urbanas nas primeiras décadas do século XX, “redirecionando para a alienação das energias políticas das greves de 1917, em São Paulo” (SANTOS, 1981, p. 22).

Na mesma linha de raciocínio, Herschmann e Lerner (1992, p. 35) elaboram contexto que nos permite compreender que o esforço para recuperar o controle e

harmonizar a produção após as greves articuladas a partir de 1917, teria no jogo um poderoso aliado, fazendo do futebol um eficiente elemento disciplinador utilizado pelos patrões. No entanto, não se pode desconsiderar que recorrer à fábrica enquanto entidade financiadora ou colaboradora tornou-se uma forma de manutenção da atividade futebolística até porque os valores de contribuição fornecidos pelos praticantes às agremiações formadas eram irrisórios, o que os fez recorrer comumente à direção das fábricas e a personalidades de certo destaque social, que passaram a subsidiar a atividade, como cessão de terreno e construção das sedes sociais dos clubes, além do pagamento de aluguel, energia elétrica, uniformes, chuteiras, limpeza dos uniformes, transporte de jogadores, entre outros. Ou seja, a promoção e sucesso do futebol exaltava a empresa e seus produtos no mercado, sendo utilizada como veículo publicitário da organização capitalista.

3.3 OS INVESTIMENTOS NO FUTEBOL NO INTERIOR PAULISTA

A formação de clubes de futebol no interior do Estado de São Paulo teve um cenário diferente em relação à capital. Muitas agremiações foram estruturadas com face popular (no sentido de maior abertura e aceitação de associados e menos seletiva, aceitando ferroviários, trabalhadores de companhias de gás e eletricitários) (ANJOS, 2004, p. 62). Mais: o interior paulista mostrou-se um tanto quanto distante das lutas e embates sindicais (menor intensidade).

Porém, nos núcleos interioranos de São Paulo, assim como no do Rio de Janeiro, clubes foram organizados com a mesma intensidade das capitais, diferentemente de outras unidades da federação, onde a concentração de clubes de futebol se deu, em normalidade, nos centros econômicos e sedes administrativas, caso da Bahia e Pernambuco.

A formação de agremiações de futebol no interior do Estado de São Paulo foi marcada pela relação mais próxima entre os trabalhadores, ávidos por atividades de lazer, incorporando diversos segmentos sociais (a capital de São Paulo, a princípio, tinha nos clubes de elite seus praticantes, cabendo aos trabalhadores a prática em campos edificadas nas várzeas). Ou seja, nas cidades interioranas paulistas, os clubes apresentaram maior homogeneidade, até como forma de encontro dos diferentes estratos sociais (entenda-se trabalhadores e proprietários rurais, comerciais e industriais), em arranjos para “dar time”.

Alguns registros atestam que quando um clube do interior era convidado para disputar alguma partida contra alguma agremiação da capital, ao(s) dirigente(s) do clube interiorano era reservado maior prestígio local. Isto porque, ao estruturarem-se, equipes interioranas tinham como gestor(es) indivíduo(s) que possuíam condições de adquirir o material esportivo e condições gerais para a prática, tais como cobertura para deslocamentos e fornecimento do campo de jogo.

Clubes do interior paulista foram estruturados (pelo menos até a década de 1940) sem ingerência ou regulamentação do Estado. Daí a visão carismática obtida pelo patrocinador/dirigente, normalmente marcada pela continuidade (descendência familiar). Raízes foram criadas e, de forma contrária aos clubes da capital, a “pequenez” foi mantida, dificultando o estabelecimento de elementos modernizadores, inclusive administrativos (não deve ser considerado estranho a formação de dirigentes “folclóricos” em clubes interioranos). Mais: os símbolos (flâmula, insígnia, alcunha ou apelido, mascote) estruturaram certa adoração, carinho e identificação, mantendo, desta forma, certo conservadorismo.

Em cidades paulistas como Campinas, Bauru, Piracicaba, Jundiaí, Limeira e Sorocaba, o impulso ao futebol também foi dado pelas Escolas Agrícolas da Capital (estudantes tomavam gosto pela prática e no retorno à sua respectiva cidade, procuravam impulsioná-lo como forma de manutenção da atividade).

Mas o maior incentivo ao futebol veio pelo setor ferroviário, próprio do avanço da produção cafeeira que tomou as primeiras décadas do século XX, caso da Companhia Paulista de Estradas de Ferro (incentivadora de agremiações de futebol como o Paulista Futebol Clube, a Associação Atlética Ponte Preta, o Rio Claro Foot Ball Club, Clube Atlético Pirassununguense, Oeste Futebol Clube de Itápolis, o XV de Novembro de Jaú e Associação Atlética Internacional de Bebedouro), Estrada de Ferro Sorocabana (caso do Esporte Clube Noroeste, do Clube Atlético Sorocabana de Itapetininga, do Capivariano Futebol Clube e da Associação Atlética Ferroviária de Assis), Companhia Mogiana de Estradas de Ferro (caso da Associação Atlética Francana, do Mogi Mirim Esporte Clube, do Esporte Clube Mogiana, do Palmeiras Futebol Clube da cidade de São João da Boa Vista, da Associação Atlética Ituveravense e do Botafogo Futebol Clube de Ribeirão Preto), Companhia Ituana de Estradas de Ferro (caso do Ituano Futebol Clube), Companhia de Estradas de Ferro Rio Claro (caso da Associação Ferroviária de Esportes de Araraquara), Estrada de Ferro Bragantina (caso do Clube Atlético Bragantino, atual RB Bragantino), Estrada

de Ferro Araraquara (caso do Mirassol Futebol Clube, da Associação Ferroviária de Esportes, do Rio Preto Esporte Clube e do América Futebol Clube) e Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (caso do Esporte Clube Noroeste, do Bandeirante Esporte Clube da cidade de Birigui, do Clube Atlético Linense e do Clube Atlético Ferroviário de Araçatuba). Ao longo de seus trajetos, a edificação de estações e, no entorno das mesmas, a estruturação de pequenas vilas erguidas a partir da iniciativa de funcionários que trabalhavam na manutenção das linhas. Vilas que se transformaram em cidades, caso dos municípios de Araçatuba, São José do Rio Preto e Mirassol.

Benévolo (1953) aponta os procedimentos das Companhias Ferroviárias que atuavam no interior do Estado de São Paulo, onde os funcionários eram controlados rigidamente, com o estabelecimento de punições severas aos assalariados que infringiam as determinações e normas. Segundo o autor, “[...] o tempo de trabalho necessário para a sobrevivência ultrapassava as duzentas horas mensais obrigatórias, que resultava em jornada mínima de oito horas, incluindo o sábado [...]” (BENÉVOLO, 1953, p. 45). As horas extras pareciam estar incorporadas no cotidiano.

Assim como em algumas localidades da capital paulistana, no interior, mais do que agirem como mecenas, industriais, comerciantes, proprietários agrícolas, entre outros com certo poder econômico-financeiro, talvez tenham sido induzidos a financiá-lo. Desta forma, surgiram agremiações como o Votorantim Athletic Club, fundado em 1902 na cidade de Sorocaba a partir da iniciativa de engenheiros e técnicos ingleses que, nas horas de folga, praticavam o esporte (QUERIDO, 1986, p. 1). No ano seguinte, sócios italianos do Votorantim Athletic Club formaram um segundo time, o Savóia Team que, com o tempo, substituiu o Votorantim e passou a agregar o clube dos empregados da Fábrica de Tecidos Votorantim¹⁶⁹. A empresa fornecia todo o material para a prática para os times montados nas seções de mecânica, transportes e tecelagem, tais como uniformes e bolas.

O Votorantim Athletic Club tornou-se o time oficial da fábrica, enquanto o Sport Club Savoia atuou na várzea da cidade. Em 1917, durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) - que dificultava as exportações, em combinação com as greves operárias - agravaram a crise levando a fábrica de tecidos Votorantim à falência. As instalações da Fábrica de Tecidos de Votorantim foram arrendadas por Francisco

¹⁶⁹ A Votorantim, localizada próxima de Sorocaba, São Paulo, também construiu uma vila operária com acomodações para cerca de três mil operários, equipada com áreas de lazer (campo de futebol e bocha), escolas e iluminação elétrica.

Scarpa e por Antonio Pereira Inácio, que criaram as Indústrias Votorantim e que continuaram apoiando a equipe de futebol do Savoia ao reforçar a equipe com jogadores que eram registrados como funcionários da Fábrica, num procedimento que se tornaria comum na fase pré-profissional do futebol.

A partir da fusão de agremiações esportivas (Savoia, Sorocabano e Fortaleza Club, este mantido pela Fábrica Santa Rosália, de fiação e tecelagem), emergiu o Club Athletico Chapeleiros, mantido pela fábrica de chapéus Souza Pereira. Com a extinção da Chapeleiros, surgiu o Sorocaba Athletic Club em 14 de Setembro de 1913 e que, no ano seguinte, passou a ser denominado Sport Club São Bento (atual Esporte Clube São Bento), que teve na figura do Coronel Quinzinho de Barros um apoiador por ter cedido terreno para o erguimento do estádio da agremiação, inaugurado em 1934 (na ocasião, foi homenageada Iza Stillitano, filha de Francisco Stillitano, médico e dirigente do clube, de grande prestígio social local) ¹⁷⁰.

Assim como nos clubes de fábricas, as agremiações esportivas e culturais apoiadas pelas Companhias Ferroviárias também sofriam supervisão, através da exigência de relatórios de movimentação financeira e de balancetes regulares, embora a maior parte dos investimentos estivesse diretamente vinculada às empresas.

Recorramos a alguns exemplos.

Visando ter controle sobre o lazer operário, a Companhia Paulista de Estradas de Ferro, estabelecida em Rio Claro desde 1872 (aproveitando-se das instalações das oficinas da The Rio Claro São Paulo Railway Company), deu suporte ao Grêmio Recreativo dos Empregados da empresa, embora a iniciativa tenha partido dos funcionários locais (MINA, 2017). Ano: 1896. Oficialmente (de acordo com os estatutos da agremiação), o objetivo era de proporcionar aos associados atividades musicais, de dança e arte, além da difusão de esportes amadores (segundo estimativas, no ano da fundação da agremiação, eram cerca de dois mil trabalhadores na empresa) (SANTOS, 1951). O Grêmio teria surgido a partir da Sociedade Musical “União dos Artistas” (banda musical), criada pela Companhia. Como muitos dos funcionários eram atraídos para as partidas de futebol, a intenção de lazer teria sido ampliada, daí a mudança de denominação para Grêmio Recreativo em 1905 (embora a data de fundação da banda de músicos tenha sido mantida como oficial: 05 de

¹⁷⁰ Arquivo pessoal de Luiz Carlos Gomes (historiador oficial do clube).

Agosto de 1896¹⁷¹). Os documentos estatutários do Grêmio apontam uma determinação específica: “[...] não permissão de promoção e participação em manifestações de caráter político ou religioso, além de só ser autorizada a prática de jogos legais”¹⁷². Outro detalhe: a presença estatutária distinguindo sócios funcionários da Companhia Paulista dos que nunca tiveram vínculos com a mesma.

Entre os sócios do Grêmio Recreativo, vários descendentes de ingleses e funcionários de elevados cargos da empresa, que formavam a cúpula diretoria da agremiação, contribuindo, desta forma, com o controle e disciplina dos hábitos dos associados (como a coibição da participação dos empregados associados em atividades sindicais ou ligas operárias)¹⁷³. Em contrapartida, a manutenção da instituição recreativa através do pagamento de contas e impostos, cessão de material esportivo e a cessão do terreno para a construção do clube¹⁷⁴. Tanto que, até 1970, a presidência da agremiação foi determinada pela cúpula dirigente da Companhia Paulista (vale destacar que o Grêmio mantém-se ativo nos dias atuais).

A partir da agremiação, em 09 de Maio de 1909, foi fundado o Rio Claro Football Club¹⁷⁵. Seus idealizadores foram funcionários do alto escalão da Companhia (Beto Estevam de Siqueira, João Lambach e Constantino Carrocine) e o professor Joaquim Arnold (praticante do esporte, campeão paulista pelo Germânia no ano de 1906). Tonini (2014), ao estudar a história e desenvolvimento do clube, acrescenta que em 29 de abril de 1914 os dirigentes do Rio Claro FC solicitaram ao Grêmio autorização para realizarem treinamentos de futebol em suas instalações. A partir do estabelecimento das relações entre o Grêmio e o Rio Claro Futebol Clube, os dirigentes da Companhia Paulista passaram a colaborar mais intensamente com as duas agremiações, aproximando-as em definitivo. No entanto, os regulamentos e estatutos do Rio Claro Futebol Clube, elaborados de acordo com as determinações da Companhia Paulista, apontam para um controle firme por parte da empresa. A admissão de novos associados, por exemplo, passava pela aprovação de uma comissão de sindicância montada pela Companhia, para que não se colocasse “em

¹⁷¹ Estatutos Sociais do Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Rio Claro, p. 3.

¹⁷² Estatutos do Grêmio Recreativo dos Empregados da Cia. Paulista de EF. Rio Claro, p. 4.

¹⁷³ Livro de Atas do Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista de EF – dezembro de 1913 a dezembro de 1916.

¹⁷⁴ Jornal *O Alpha*, edição de 28 de Fevereiro de 1914, p. 2

¹⁷⁵ O primeiro clube de futebol fundado em Rio Claro foi o Pery Foot Ball Club, em 1902; extinto em 1905.

risco a ordem da agremiação”¹⁷⁶.

Para a realização das partidas de futebol, a empresa passou a fornecer material esportivo e mesmo a liberação de ferroviários à prática do futebol. Desta forma, o Rio Claro FC tornou-se uma extensão do Grêmio, assim como o representante efetivo da Companhia no que tange ao futebol, percorrendo vários municípios do Estado; para tanto, os jogadores e comissão tinham passe livre da ferrovia (TONINI, 2006). Apesar do “Azulão” (como popularmente ficou conhecido em Rio Claro e região) ter se desligado do Grêmio em 1930, no ano seguinte, com apoio da Companhia de Estradas e através de Francisco Penteado Júnior, membro de tradicional família do município e presidente do clube, conseguiu ter seu estádio, erguido em estilo inglês¹⁷⁷.

A partir da iniciativa do Rio Claro Futebol Clube, outras equipes de futebol emergiram no município, provenientes de grupos escolares e iniciativas populares diversas, caso do Flor da Mocidade Futebol Clube, em 1913, do Sport Club Juvenil, em 1916, e do Ipiranga Infantil, em 1923, além de outras equipes ligadas a atividades comerciais, caso da Associação Esportiva Comercial (1917) e do Comercial Futebol Clube (1919). A maior parte dessas associações não prosperou e encerrou suas atividades por falta de estrutura para manutenção, muito por não terem sido apadrinhadas.

Não foi o caso da Associação Esportiva Velo Clube Rioclarense, que aflorou na cidade de Rio Claro por iniciativa de Miguel Ferrari, Amadeu Rocco, Venâncio Baptista e Miguel Brandoleze, porém com a intenção de desenvolver o ciclismo no município (FITTIPALDI, 1985). O local para a construção da pista de ciclismo foi cedido pela prefeitura local. Porém, na esteira do sucesso do futebol na cidade, Felício Castellano e Aldino Tebaldi introduziram a prática no clube a partir da fusão do Velo Clube e do Comercial Futebol Clube. A partir da aliança, a agremiação passou a denominar-se Associação Sportiva Velo Clube Rioclarense (TONINI, 2006, p. 42).

A rivalidade entre o Velo e o Rio Claro FC teria se iniciado a partir de 1921 quando o primeiro incorporou atletas do segundo. A Companhia Paulista admitiu a ação e passou, também, a contribuir com a manutenção do Velo. Em 1921 foi criada a Liga de Futebol Rioclarense, o que facilitou a captação de recursos de outras

¹⁷⁶ Livro de Atas do Rio Claro Futebol Clube, 16 de dezembro de 1915.

¹⁷⁷ Ainda na cidade de Rio Claro, foi fundado em 1910, - um ano após o Rio Claro FC - a Associação Velo Clube Rioclarense, com dedicação ao ciclismo. Porém, devido ao crescimento da prática, o futebol foi introduzido no Velo Clube em 1920, gerando certa rivalidade entre as agremiações.

empresas como casas comerciais e pequenas indústrias locais para a organização de um campeonato regional que, em normalidade, levava o nome do financiador (“Carlos Zoega”, restaurante e padaria, em 1921; “Chalé Central”, hospedaria, em 1924, entre outros)¹⁷⁸.

Iniciativa idêntica à da Companhia Paulista de Estradas de Ferro seu deu com a criação, em 17 de Maio de 1909 (apenas oito dias após a criação do Rio Claro Futebol Clube), do Paulista Futebol Clube de Jundiaí. O principal nome da agremiação foi Jayme Cintra (1886-1962), engenheiro da Companhia a partir de 1908 e ex-presidente da mesma entre 1950 e 1961 (BETTINE, 2013). Jayme Cintra dá nome ao estádio da agremiação, inaugurado em 1957 com sua colaboração, uma vez que usou a estrutura da empresa para erguimento e iluminação da estrutura.

Em 1910, na cidade de Bauru, foi fundado o Sport Club Noroeste, com apoio da Companhia Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (que iniciou seus trabalhos na região em 1904). A análise dos seus estatutos nos leva à conclusão que o modelo e intenções da empresa foram os mesmos da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Da mesma forma que ocorreu com o Rio Claro e o Paulista de Jundiaí, o Noroeste teve entre seus primeiros diretores personalidades que ocupavam altos cargos na CEFN do Brasil, tal como o primeiro presidente do clube, o engenheiro Carlos Gomes Nogueira (BETTINE, 2013). Nas décadas de 1930 e 1940, políticos locais incorporaram-se à agremiação, colaborando com a manutenção do mesmo, caso de Eduardo Vergueiro (prefeito do município entre 1925 e 1930) e Ernesto Monte (prefeito entre 1938 e 1941). Um incêndio parcial do estádio do Noroeste (estádio Alfredo de Castilho), em 23 de novembro de 1958, mobilizou a cidade, bem como políticos locais na reconstrução do mesmo.

Recorrer a personalidades, fábricas e empresas para a formação de agremiações de futebol passou a ser comum nos vários municípios do interior paulista. Para os praticantes, apoio. Para personalidades, fábricas e empresas, estar vinculado a uma agremiação de futebol, tal seu desenvolvimento e popularização no Brasil, parecia interessante do ponto de vista de reconhecimento, promoção e mesmo controle sobre o lazer e o tempo livre dos trabalhadores.

A análise histórica da formação de clubes de futebol no interior paulista demonstra o que desejo comprovar. Foi o caso da fundação de clubes como o

¹⁷⁸ Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro “Oscar de Arruda Pentead”, 1985.

Jaboticabal Atlético (30 de abril de 1911), quando um grupo de jovens se reuniu na sede do jornal *O Combate* para tratar da formação de uma entidade esportiva no município. Para a estruturação da agremiação (que também teve o tênis como modalidade), foram procuradas personalidades de posse da cidade, como Robert Todd Locke, engenheiro canadense residente no município e que coordenou medição de terras para loteamento na região, que veio a tornar-se o primeiro presidente do clube (CAPALBO, 1961).

Na cidade litorânea de Santos foi organizado o Santos Futebol Clube (fundado em 14 de abril de 1912). Cinco dias antes da fundação oficial da agremiação, o *Jornal Diário de Santos* publicou o seguinte comunicado:

Vários sportsmen desta cidade estão empenhados em organizar um poderoso club de football, tendo já para isso, conseguido um vasto e esplendido terreno de propriedade do sr. J.D. Martins, à rua Aguiar de Andrade, no Macuco, onde será installado o ground da nova sociedade esportiva. A comissão organizadora do clube compõe-se dos três esforçados cavalheiros seguintes: Mario Ferraz de Campos, Raymundo Marques e Argemiro de Souza Júnior. Essa comissão, no desempenho da árdua tarefa que se impõe, está percorrendo o nosso alto commercio para aquisição de socios, tendo já conseguido alistar para mais de 200 pessoas. No próximo domingo, às 2 horas da tarde, haverá uma reunião na séde do clube Concordia, para serem apresentadas as bases do novo clube, eleita a sua directoria e tomadas outras deliberações attinentes aos fins da nova agremiação esportiva. Era já sensível a falta, entre nós, de um bom clube dedicado ao bello sport do football. Acreditamos que o novo clube venha preencher essa lacuna.¹⁷⁹

Realizada a reunião agendada, a primeira diretoria do clube foi composta por nomes como Sizino Patusca (presidente e pai de Araken Patusca, que veio a se tornar o primeiro ídolo do clube como jogador de futebol), George Fox (vice), José Martins, Raul Dantas, Jomas de Pachec, Dario Frota e Leonel Silva. Todos nomes da elite da sociedade santista da época, demonstrando as intenções de arregimentação de fundos para o clube (CUNHA, 2003; TORERO; PIMENTA, 1987; SANTOS FUTEBOL CLUBE, 2017).

Os mesmos passos seguiram agremiações como a Associação Atlética Francana (Franca, 1912, que tem na figura do Coronel Francisco de Andrade Junqueira, conhecido como “Nhô Chico”, importante alicerce para sua organização já que o mesmo foi o doador do terreno e fornecedor de suporte físico estrutural para a

¹⁷⁹ *Jornal Diário de Santos*, 9 de abril de 1912.

agremiação em seus primeiros anos de existência¹⁸⁰) (SILVEIRA, 2012) o Rio Branco Esporte Clube (Americana, 1913, agremiação estruturada a partir do apoio da Companhia Paulista de Estradas de Ferro¹⁸¹), o São José Futebol Clube (São José dos Campos, 1913, agremiação da qual se originou, em 1933, o São José Esporte Clube, que ganhou apoio de setores industriais locais em busca de promoção de suas marcas) (ROQUE, 2012), o Esporte Clube São Bento (Sorocaba, 1913; embora citado acima, importante observar que o clube estruturou-se a partir do Club Athletico Chapeleiros, mantido a partir da fábrica de chapéus Souza Pereira e que, com a extinção do Chapeleiros, integrantes organizaram a nova agremiação com apoio da fábrica de arreios Ferreira e Cia.¹⁸², a Associação Atlética Internacional de Limeira (1913, estruturada com apoio da Companhia Paulista de Estradas de Ferro na busca de controle sobre trabalhadores e oferecimento de lazer e que teve suporte para sua manutenção da Família Levy, com destaque a José Levy Sobrinho (1884-1957), comerciante, industrial, proprietário de terras e político local (foi vereador e prefeito entre 1910 e 1913), um dos introdutores da citricultura no município¹⁸³; vale observar que seu estatuto determinava que o associado deveria ser “disciplinado, sob possibilidade de expulsão da agremiação”(ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA INTERNACIONAL – LIMEIRA, 2019, o Esporte Clube XV de Novembro (1913, Piracicaba, impulsionada pela Companhia Ituana de Estradas de Ferro, com objetivos de proporcionar lazer a seus trabalhadores; seu primeiro presidente foi o cirurgião dentista e capitão da Guarda Nacional – que existiu entre 1831 e 1922 - Carlos Wingeter¹⁸⁴, doador do terreno para a edificação do campo do clube), o Esporte Clube Taubaté (1914; surgiu por iniciativa da Associação Comercial local, interessada em incentivar o futebol, além da principal modalidade da cidade à época que era o ciclismo; teve na figura do Prefeito local, Gastão da Câmara Leal, seu primeiro) (MUSEU DO FUTEBOL, 2019), o Jabaquara Atlético Clube (Santos, 1914, mas que foi batizado como Hespanha Football Club por ser originário de imigrantes europeus, em especial espanhóis; destaque ao apoio dado à agremiação pela Fábrica de Conservas de Lulas e Sardinhas de Antônio Alonso, doador do terreno para

¹⁸⁰ Acervo Histórico Municipal de Franca “Capitão Antônio Pinheiro”.

¹⁸¹ Relatórios da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, de 1972 a 1875.

¹⁸² D. Rocha Neto. Arquivo Histórico do Futebol Paulista. Piracicaba, 2000 (arquivo pessoal).

¹⁸³ Jornal *O Estado de S. Paulo*, edições de 02 de Junho de 1927 e de 21 de Dezembro de 1927; Relatórios Anuais da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, 1876.

¹⁸⁴ Arquivo familiar da Família Wingeter.

estruturação do estádio da agremiação¹⁸⁵), o União Agrícola Barbarense Futebol Clube (Santa Bárbara do Oeste, 1914, por iniciativa de fazendeiros da região, especificamente da Usina Santa Bárbara), o Nacional Atlético Clube (São Paulo, 1919; ligado à São Paulo Railway Limited e, portanto, subsidiado por esta; teve na figura de Nicolau Alayon, uruguaio, funcionário da companhia ferroviária São Paulo Railway, seu principal presidente; Alayon articulou cessão do terreno por parte da São Paulo Railway para construção do estádio do clube em 1937) (CÉSAR, 2013), o Rio Preto Esporte Clube (São José do Rio Preto, 1919, que, em sua estruturação contou com o apoio da Estrada de Ferro Araraquara e de personalidades de grande influência política e social da cidade, caso de seu primeiro presidente, Belmiro José Gomes, maçom, funcionário público, jornalista e comerciante e que foi proprietário dos jornais *O Porvir*, *A Cidade* e *A Ordem* e um dos fundadores da Associação Comercial e Industrial da cidade, e de Gilberto Lex, farmacêutico e político local de grande influência¹⁸⁶) e o Radium Futebol Clube (1920, Mococa; o nome é uma homenagem à Madame Curie e a agremiação foi fundada a partir da iniciativa da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, inaugurada em 1890¹⁸⁷).

A análise da ata de fundação do Comercial Futebol Club de Ribeirão Preto, datada de 10 de outubro de 1911, permite concluir que as intenções de um grupo de comerciantes da cidade em criar (com apoio da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro) a agremiação foi o de alavancar negócios a partir do futebol - modalidade que ganhava espaço no Estado de São Paulo - além de ter controle sobre seus associados, em especial trabalhadores locais. A agremiação foi inaugurada por Antídio de Almeida, Alvino de Souza Grota, Aducto de Almeida, Argemiro de Oliveira e Djalma Machado. Em sua história, o grande apoio do Comercial FC veio de Francisco de Palma Travassos (1895-1977), fazendeiro da região, engenheiro e sócio da construtora Azevedo & Travassos (RAMOS, 2011). Travassos foi doador do terreno para a construção do estádio da agremiação. Entre as propostas da agremiação ribeirão-pretana estavam, segundo seu estatuto:

- a) a mensalidade e as joias seriam de mil réis cada (baixas para atrair interessados); b) os considerados sócios fundadores terão isenção das joias e mensalidades; c) a aceitação ou expulsão de sócios seriam de responsabilidade da diretoria (em itens subliminares, a possibilidade de

¹⁸⁵ Arquivos da Federação Paulista de Futebol.

¹⁸⁶ Arquivos da Federação Paulista de Futebol.

¹⁸⁷ www.radiumfc.com.br (acesso em 26 de Janeiro de 2019).

exclusão de manifestantes políticos ou associados a entidades “subversivas”); d) isenção ou abono de mensalidades de sócios desempregados ou enfermos (impossibilitados de trabalhar) durante tal período (desde que não se associassem a entidades promotoras de manifestações políticas)¹⁸⁸.

Também com interesses comerciais, políticos e de promoção familiar, surgiram clubes como o Esporte Clube São Bernardo (1928), de São Bernardo do Campo, que teve Humberto Coppini como seu primeiro presidente, então dirigente maior do Partido Democrático Paulista (PD)¹⁸⁹ e representante das tradicionais famílias locais.

O caso da Associação Atlética Portuguesa, de Santos, fundada em 1917, merece destaque por surgir apoiada em tradições étnicas e pela Companhia Doca de Santos, desejosa em proporcionar atividades de lazer entre seus funcionários. Teve na figura de Ulrico Mursa (1862-1934), superintendente da Companhia, figura de destaque, patrocinador que foi do erguimento do estádio da agremiação em 1920, projetando-se socialmente no município¹⁹⁰.

Assim como no Rio de Janeiro, merece destaque a formação de agremiações paulistas vinculadas a usinas e usineiros, caso do União Agrícola Barbarense Futebol Clube, fundado na cidade de Santa Bárbara do Oeste em 22 de Novembro de 1914. A Usina Santa Bárbara tem como base a produção de cana-de-açúcar e seus derivados e reuniu infraestrutura social a seus patrões, diretores, trabalhadores da lavoura e empregados fabris, composta de escola, capela, Igreja, armazém, farmácia e espaços para lazer e esporte. Foi constituída a partir de 1877, porém foi oficialmente inaugurada em 1914 e funcionou até 1996 (QUECINI, 2000). Em 1918, a agremiação passou a ser denominada Atlético Barbarense Foot-Ball Club para, no ano seguinte, ganhar um novo nome: Sport Club Atlético Barbarense. Em 1920, fundiu-se com o 7 de Setembro da Fazenda São Pedro e alterou a denominação para Sport Club União Agrícola Barbarense. Porém, no mesmo ano, passou a ser conhecido como União Agrícola Barbarense Futebol Clube. Profissionalizou-se em 1964. Seu principal personagem foi Antônio Lins Ribeiro Guimarães, (que dá nome ao estádio local, inaugurado em 1921).

Lins Ribeiro (1885-1931) foi funcionário da Estrada de Ferro e Agrícola de Santa Bárbara, atuando como contador. Foi presidente da agremiação e reivindicou à

¹⁸⁸ <http://www.comercial-fc.com.br/historia/>, consultado em 12 de abril de 2019.

¹⁸⁹ *Diário Nacional*, edições de 23/04/1929 e 10/01/1932.

¹⁹⁰ *Jornal Diário da Noite*, edição de 30 de Abril de 1935 (Companhia Docas de Santos A02326); *Jornal Correio da Manhã*, edição de 30 de Novembro de 1937.

diretoria da Usina Santa Bárbara (de propriedade da família Alves de Almeida, dos grupos Ometto e Cosan) infraestrutura social para os colaboradores da empresa como escola, capela, armazém, farmácia e espaços de lazer. A área para a construção do estádio de futebol local foi cedida pela Agrícola Santa Bárbara, daí a introdução definitiva de Agrícola no nome do clube. Somou-se ao interesse dos praticantes a necessidade de ampliação de formas de lazer desejada pelo patronato da empresa (BELLANI, 2014; QUECINI, 2000).

Na cidade de Araras, também surgiram times de futebol ligados a usinas de cana e derivados, caso da Usina São João.

Hermínio Ometto, dono do empreendimento, foi o principal mantenedor de agremiações como a Associação Atlética Ararense (fundada em 16 de Setembro de 1926 na Fazenda São Joaquim, por iniciativa de funcionários locais) e do Comercial Futebol Clube (26 de Agosto de 1929). A intenção de apoio por parte de Ometto teria sido a de promover o nome da empresa e proporcionar lazer e controle sobre os funcionários, seguindo os passos da estrutura clubista de Santa Bárbara do Oeste.

Também apoiada por usineiros (de açúcar e álcool), na cidade de Santa Rita do Passa Quatro foi fundada a Associação Atlética Santa Ritense, (janeiro de 1927). Atualmente desativada, enquanto existiu teve nos sócios e diretores da Usina Santa Rita sua base de apoio. Intenção: promoção, lazer e controle sobre os trabalhadores do empreendimento (SANTA RITA DO PASSA QUATRO, 2019).

Na leva dos times operários, foi estruturado a partir de 1918 o Botafogo Futebol Clube, de Ribeirão Preto, conhecida como a “capital do chope”. A agremiação surgiu a partir da fusão entre o União Paulistano, o Tiberense e Ideal Futebol Clube e teve, a princípio, o apoio da Estrada de Ferro Mogiana, criada em 1872, em Campinas. Porém, o principal mantenedor da agremiação foi a Companhia Antárctica Paulista, implantada na cidade em 1911 como primeira filial da Companhia de bebidas (em especial, cerveja) e que se tornou a principal indústria do município durante praticamente todo o século XX. O interesse da Antárctica teria surgido a partir de suas iniciativas na capital do Estado quando, em 1900, criou o Parque Antárctica, espaço de convívio e lazer que chegou a agregar restaurantes, bosques e pista de esportes (mais tarde, a área abrigou o Estádio do Parque Antárctica da paulistana Sociedade Esportiva Palmeiras, atual Arena Allianz). A ação da Companhia contribuiu para o fortalecimento do nome da empresa na cidade de São Paulo. O mesmo viria a ocorrer em sua nova sede interiorana.

A Companhia Antarctica instalou-se em Ribeirão Preto no auge da produção cafeeira na região. Seu interesse vincula-se à existência na cidade da Fábrica de Cervejas Lívi & Bertoldi (desde 1892), impulsionadora inicial ao consumo entre os habitantes locais¹⁹¹.

A princípio, a Antarctica estruturou na cidade a Associação Recreativa e Cultural da Antarctica (ARCA), que funcionava em prédio da Companhia. No local, os associados (empregados da empresa) jogavam futebol, bocha e malha. O mesmo ocorria em chácaras disponibilizadas pela Antarctica, onde ocorriam partidas de futebol entre os departamentos do empreendimento fabril (MÊIRE, 2015, p. 209).

Ribeirão Preto já possuía (como já citado acima) uma agremiação de futebol: O Comercial Futebol Clube, que veio a se tornar rival do Botafogo (clássico “come-fogo”).

Como já destacado, diversas cidades do interior paulista emergiram a partir de estações de trens, caso de Araçatuba, São José do Rio Preto e Araraquara na região noroeste do Estado de São Paulo. Em 1919, a ferrovia regional passou à administração do governo do Estado de São Paulo sob a denominação de Estrada de Ferro Araraquara (Araraquarense). Assim como outras agremiações surgidas no território paulista a partir do impulso dado pelas companhias ferroviárias, emergiu, em 28 de janeiro de 1946, o América Futebol Clube (RODRIGUES; PAULA, 2006). Na mesma leva, mas em 12 de abril de 1950, a Associação Ferroviária de Esportes de Araraquara. Ambas ganharam corpo a partir da liderança do engenheiro da Estrada de Ferro Araraquarense Antonio Tavares Pereira Lima (1918-1977), que se tornou, tanto numa quanto noutra agremiação, seu primeiro presidente. A intenção teria sido a de proporcionar lazer aos trabalhadores ferroviários, porém, a popularização dos clubes fez de Antonio Tavares vereador por Rio Preto, prefeito de Araraquara e deputado estadual pela região (BAROFFALDI, 2010). Importante citar, no entanto, que tais agremiações de futebol foram estruturadas tardiamente, quando o futebol já havia obtido projeção nacional a partir das ações políticas de Getúlio Vargas (1930-1945).

Já a cidade de Campinas assimilou o futebol quase que em simultaneidade à capital do Estado. Isto porque a cidade, a partir da segunda metade do século XIX, assistiu a um rápido e contínuo crescimento da produção de café. Paralelamente, a

¹⁹¹ Da mesma forma que a Companhia Antarctica, em 1914 Ribeirão Preto recebeu outra cervejaria: a Companhia Paulista, que se tornou concorrente direta da Antarctica até 1972, quando foi absorvida pela última.

tradicional produção de cana-de-açúcar, implantada na região desde o século anterior.

O café atraiu imigrantes (principalmente imigrantes italianos e alemães) para a cidade e região, modificando significativamente o perfil das mesmas tanto que, em 1920 a população absoluta da cidade era de pouco mais de cento e quinze mil habitantes (20,34% de descendentes europeus; 17% negros). No mesmo ano, o município apresentava 91 fábricas e 2865 operários, além de estabelecimentos rurais que transformavam e comercializavam algodão, arroz, milho, cana-de-açúcar e café, em grande desenvolvimento urbano (RUEDA; SILVA, 1994).

Neste cenário, surgiram várias agremiações, a maioria extinta nas décadas seguintes por falta de apoio, suporte e estrutura, caso do *Gymnasio Athletic Club*, *Campinas Athletic Club* e da *Associação Athletica Campineira*. Porém, as duas principais forças do futebol local mantiveram-se: *Associação Atlética Ponte Preta* e *Guarani Futebol Clube*.

A *Associação Atlética Ponte Preta* foi fundada em 11 de Agosto de 1900 por Antônio de Oliveira e alguns companheiros operários, juntamente com discentes do *Colégio Culto à Ciência*¹⁹², e é considerada a agremiação de futebol mais antiga do Brasil em atividade (no que tange à continuidade, sem interrupções em suas atribuições). Conhecida por “Nega Véia”, a Ponte Preta esteve vinculada à ferrovia que ligava Campinas e Jundiaí, inaugurada em 1872 (*Companhia Paulista de Estradas de Ferro*). Vale ressaltar que sua fundação oficial possui dia e mês da inauguração do trecho ferroviário citado por ter emergido às margens dos trilhos da ferrovia (atual bairro da Ponte Preta)¹⁹³. A ponte que inspirou o nome dado à associação está tombada pelo patrimônio histórico (possui madeira escurecida com impermeabilizantes da cor preta), presente no local que abrigava grande contingente de operários da ferrovia. Seu primeiro campo foi no mesmo bairro em que surgiu (“*Ground do Cruzeiro*”). Afastada do local, a agremiação deslocou suas atividades para o Hipódromo de Campinas, seguindo posteriormente para a chácara dos Irmãos Bierrenbach, até que, em 1948, ganhou um estádio: o Moysés Lucarelli, nome dado ao considerado responsável pela aquisição e construção do mesmo (Moysés Lucarelli), juntamente com Olímpio Dias Porto e José Cantúcio¹⁹⁴. Já o *Guarani*

¹⁹² Alguns estudos apontam que os primeiros praticantes de futebol em Campinas foram alunos do *Colégio Culto à Ciência*, a partir de 1897.

¹⁹³ Ata de Fundação de 11 de Agosto de 1900 (<http://pontepreta.com.br>, acesso em 21 de Janeiro de 2018).

¹⁹⁴ *Diário do Povo*, edição de 26 de Março de 1978.

Futebol Clube foi fundado em 01 de Abril de 1911 (data alterada para 02 para fugir de possíveis zombarias vinculadas ao dia) por estudantes descendentes de italianos ligados às camadas mais abastadas da cidade, em associação com trabalhadores locais. A primeira reunião do grupo fundador se deu no Largo Carlos Gomes, daí a inspiração para o nome da agremiação. Sua primeira diretoria foi formada por Vicente Matallo, Ernani Matallo e Pompeu Vito e cada associado deveria dispor de 500 réis mensais para a manutenção da associação (cunha, 2011). Assim como a Ponte Preta, deslocou-se várias vezes de campo: “Ground da Vila Industrial, depois “Ground do Atlético Guanabara (agremiação extinta) para, finalmente, inaugurar seu estádio, o “Brinco de Ouro da Princesa” (nome dado pelo jornalista local João Caetano Monteiro Filho), em 1953, em região rica do município.

A Ponte Preta é considerada uma agremiação popular, enquanto o Guarani, mais elitizado, alcunhas que se mantém até os dias atuais (OLIVEIRA, 2002).

A preocupação com o lazer e o divertimento dos trabalhadores nem sempre estava em questão. A profissionalização do futebol, na década de 1930 (questão que será analisada mais adiante), encareceu as atividades de várias agremiações, razão que desmobilizou o apoio de algumas empresas às suas equipes. Não podendo ou desejando manter investimentos, muitas das associações de futebol passaram a atuar na várzea ou mesmo desapareceram.

3.4 O FUTEBOL SUBURBANO FLUMINENSE

A ligação entre a produção de açúcar e Campos dos Goytacazes, norte fluminense, data do século XVII, quando da fundação do engenho de São Salvador (1650). No entanto, apenas cerca de um século após, a cultura do produto estruturou-se na região. A principal causa foi a decadência da produção açucareira no Nordeste brasileiro.

A estruturação de Usinas de Açúcar na região norte fluminense consolidou a formação de um grupo social emergente: a dos empresários do açúcar (usineiros) que, nas primeiras décadas do século XX, converteram Campos dos Goytacazes em um grande polo exportador do produto.

Em 1930, estavam estruturadas vinte e uma usinas na região, que, modernas, deram como destino aos antigos engenhos apenas a produção de aguardente e rapadura (PINTO, 1995).

Segundo Pereira Pinto, “cada usina era uma ilha dentro do município. Tinha suas regras, seus domínios, seus festejos do padroeiro e por consequência adquiria hábitos e tradições próprias. A usina era o centro do qual girava o trabalho”. (PINTO, 1984, p. 22).

Várias agremiações de futebol surgiram dentro de cada um destes mundos particulares em que se transformaram as Usinas da região norte fluminense, com destaque ao Goytacaz (de base mais popular) e ao Americano (mais elitizado).

A criação do Instituto de Açúcar e Alcool (IAA), em 1933, em decorrência da Crise de 1929, durante o governo provisório de Getúlio Vargas, impulsionou ainda mais o setor industrial açucareiro na região. Tanto que, nas décadas seguintes, a produção local atingiu patamares gigantescos, principalmente devido aos efeitos da II Grande Guerra Mundial (1939-1945), com a Europa, em especial, ampliando a importação do produto.

Embora crescente, a produção açucareira de Campos dos Goytacazes trouxe a precarização das condições de trabalho, marcada, inclusive, pela exploração laboral infantil e feminina. Ou seja, a prosperidade das usinas ficou restrita aos proprietários e associados diretos a estes. A estruturação de várias equipes de futebol apoiadas pelas usinas e usineiros, teria minimizado o questionamento à exploração imposta aos colaboradores locais, caso do E C Cambaíba, de Heli Gomes (SANTOS, 2017).

O Esporte Clube Cambaíba, agremiação que emergiu a partir da fusão entre o Liberal Futebol Clube e Palmeiras Futebol Clube. Seus idealizadores foram funcionários da Usina Cambahyba, oficializado como clube de futebol em agosto de 1930. Entre seus vários presidentes (todos ligados ao comando da Usina), José Lisandro de Albernaz Gomes, um dos filhos de Heli Ribeiro Gomes (HELI..., 2019), proprietário da Usina (que chegou a ocupar área de 6.763 hectares em 1979) (SANTANA, 1984). A princípio, o objetivo inicial da agremiação foi o de produzir uma forma de lazer entre os trabalhadores locais. Com o sucesso do E C Cambaíba nos campeonatos campistas os objetivos ganharam outras proporções, tal como a promoção da família Heli Gomes.

Outros clubes emergiram em torno da economia açucareira e tiveram o aparato de usineiros. Importante destacar que, já na primeira década do século XX, a cidade de Campos possuía vinte e sete usinas de cana, álcool e aguardente.

Para que se tenha uma ideia da importância econômica da região, em 1935 Campos chegou a ganhar a liderança da produção de açúcar do país respondendo

por cerca de 90% da produção estadual e 14,3% da produção nacional do produto (PINTO, 1995).

As empresas açucareiras cederam benefícios como a estruturação de campos para a prática futebolística, agregando funcionários e habitantes locais (importante citar que o fato de uma agremiação possuir seu próprio campo se torna interessante por passar a possuir uma outra fonte de arrecadação através de alugueres às agremiações desprovidas do equipamento, além de notoriedade patrimonial). Segundo Pinto (1984), as usinas da primeira metade do século XX possuíam vida e estrutura próprias e o proprietário do empreendimento era senhor absoluto dentro do seu raio de domínio. Aos seus empregados, em normalidade, o “usineiro” fornecia escola básica, armazém para aquisição de gêneros alimentícios, moradia, atividades de lazer, promoção de eventos festivos, entre outros. Exigia, em contrapartida, lealdade e dedicação laboral.

Desta forma, surgiram mais agremiações como o União e Aliança (Usina de Queimado), Ypiranga (Morro do Coco), Atlético (Goytacazes), Santo Antônio (Beco), Martins Laje (Martins Laje), Rio Preto (Morangaba), Palmeiras e Liberal (Cambaíba), Tamandaré (Santa Maria), Santa Cruz (Santa Cruz), Nacional (Saturnino Braga), Comercial (Conselheiro Josino), Ururaí e União de Ururaí (Ururaí), Cruzeiro (Poço Gordo), Estrela (Ponta da Cruz), Santo Eduardo, Esporte Clube Italva e Cardoso Moreira Futebol Clube¹⁹⁵.

Como observado, o apoio de grupos empresariais ao futebol não ficou restrito às metrópoles. Proliferou pelas regiões interioranas e suburbanas do país, caso dos Estados de São Paulo e do Rio de Janeiro. Mesmo as posições hesitantes das ideologias que impulsionaram o movimento operário nacional, teriam colaborado para dar maior ímpeto ao futebol. Ao que parece, a base estava estruturada para fazer da prática um dos símbolos nacionais, como veremos a seguir.

¹⁹⁵ O apoio às agremiações de futebol de Campos perdurou até a década de 1980, quando muitas das usinas entraram em processo de decadência. Com a crise, muitas das agremiações sucumbiram, demonstrando a dependência das mesmas em relação às usinas de açúcar e álcool. Em paralelo à crise açucareira, a descoberta de petróleo na região (Bacia de Campos), também colabora para a decadência das antigas elites locais.

CAPÍTULO 4 - O FUTEBOL APROPRIADO COMO POLÍTICA DE ESTADO (1930-1945) NO CONTEXTO DAS COPAS DO MUNDO

A língua fez o football passar a futebol, deixando-se moldar por este. Já não bastaria isso para privilegiarmos o jogo? O futebol indubitavelmente nos espelha e a sua tática serve para diferenciar as nações.

Betty Milan (O país da bola)

René Rémond (2003) apontou ser a História Política a história das estruturas, indicando como fundamental o resgate do político através do estudo da tradição, das sobrevivências e das continuidades que atravessam a ideologia dos governantes, o pensamento político e o senso comum. Para o historiador, não se trata de alargar a concepção do político buscando fazer relações com a economia ou com a sociedade, mas com a cultura. A apropriação do conceito de Cultura Política teria permitido à História Política renovar seus fundamentos.

Ao invés da procura por uma cultura política específica em cada povo, historiadores como Serge Berstein (2009) procuram identificar as diferentes culturas políticas que integram e disputam um mesmo espaço nacional, caso das culturas políticas comunista, socialista, liberal, conservadora e republicana, que visam projetos distintos de sociedade. Para tanto, Berstein preocupou-se em demonstrar que o fenômeno da cultura política numa sociedade pode se mover em breves períodos de tempo, motivados por processos de modernização econômica e social, experiências vividas por regimes políticos, programas educacionais, grandes acontecimentos políticos e momentos de crise.

Bergstein aponta, ainda, para a importância da memória na análise das culturas políticas, seja através da invenção dos lugares de reminiscência, das políticas de criação e/ou conservação do patrimônio, da cultura de museus, dos ritos de comemoração, dos monumentos, da literatura, do esporte e mesmo do cinema. A difusão e transmissão das culturas políticas seriam feitas pela mídia, difusora de temas e argumentos criadores de um clima cultural para a aceitação de uma mensagem política, uma vez que as culturas políticas seriam sempre inscritas no presente, edificadoras de um fenômeno coletivo que criam solidariedades e permitem um alcance efetivo da dimensão política.

O governo Getúlio Vargas, instalado a partir dos meses finais de 1930, teria aplicado muito bem tais conceitos, fazendo uso, para seus propósitos, entre outros, do futebol. Para tanto, utilizou-se da estrutura erguida através dos clubes,

principalmente nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

Isto porque, em torno das revoltas tenentistas dos anos 1920, da crise internacional do capitalismo em 1929 e conseqüente abalo no modelo agroexportador, das discordâncias no interior dos setores sociais dominantes e da presença das camadas trabalhadores urbanas, a Revolução de 1930 acabou abrindo caminho para uma nova configuração de Estado. Um Estado que passou a atuar de forma mais enfática na conjuntura econômica e social, na tentativa de incorporar as demandas existentes.

Nesse sentido, como efeito das mudanças e acirrada pela Crise de 1929, assinalou-se a ruína da República Velha brasileira. Diante da crise, os produtores de café sofreram um revés externo, enquanto capitalistas industriais se voltaram para a produção interna de abastecimento de mercado, aproveitando-se das estruturas e experiências industriais vividas pelo país em decorrência da I Guerra Mundial (1914-1917). De acordo com Kupper e Chenso (1998, p. 227), “a crise econômica [...] fez baixar drasticamente as cotações internacionais do café, comprometendo os grandes estoques do produto”.

Os objetivos da Revolução de 1930 foram claros: a modernização das instituições governamentais, que deveriam responder, de forma eficiente, às novas necessidades geradas pela diversificação econômica do país e redefinir as estruturas republicanas vigentes desde 1889, além da construção de uma cultura e a edificação de uma identidade nacional, ou seja, tornar familiar as transformações ocorridas no país.

É nesse contexto de reformulação política, cultural e econômica que se insere a figura de Getúlio Dorneles Vargas que, no que tange às questões trabalhistas no país, três semanas após assumir o comando do país, iniciou sua política de aproximação com os trabalhadores. Talvez por entender que seria melhor tê-los ao lado a sofrer com o movimento operário intenso da fase republicana anterior.

A partir de 1930 o Estado brasileiro assumiu o papel intervencionista nas conjunturas econômicas e sociais, atuando como agente centralizador e normativo. Seu discurso foi no sentido de fortalecer o poder Executivo como condição essencial para o restabelecimento da autoridade nacional. Segundo Gisálio Cerqueira Filho (1982, p. 75):

Após 1930, o governo Vargas aprofundará o tratamento de “questão social” como uma problemática nova, isto é, que recebe um tratamento novo na ótica dos grupos dominantes. Esse tratamento novo não se refere só ao nível ideológico. O problema será tratado por novos aparelhos de Estado e a “questão social” será reconhecida como legítima. De fato, após essa data a intervenção dos poderes públicos nas questões trabalhistas crescerá continuamente visando a desmobilização/despolitização da classe operária e culminando com a Consolidação das Leis do Trabalho em 1943. A nova sistemática sindical, montada na direção da desprivatização do movimento sindical, mostra-nos que a “questão social” havia se transformado em questão eminentemente política, num fenômeno que requeria soluções mais sofisticadas de dominação.

Segundo Ângela de Castro Gomes (1980), a fase da história brasileira que vai de 1930 a 1937 foi marcada por continuidades e descontinuidades políticas, sendo marca do período a instabilidade edificada em choques entre as diversas forças sociais que disputavam um espaço político no cenário nacional, como o inconformismo paulista marcado pelo processo revolucionário de 1932 e a resistência do sindicalismo livre, marcado pelos debates parlamentares e por conspirações militares, indicativos do que viria a ser estabelecido ao final de 1937: o regime do Estado Novo.

Não há como desconsiderar que o fim da República Velha, em 1930 - quando o Brasil partiu para seu projeto oficial de industrialização -, fez a política e o futebol se aproximarem em definitivo, muito pela ênfase dada ao esporte no primeiro quarto do século. Muito provável devido ao fato de Getúlio Vargas ter percebido o quanto o futebol arraigou-se e consolidou-se como febre entre os brasileiros (principalmente entre trabalhadores operários) e também para superar regionalismos, especificamente de São Paulo e Rio de Janeiro, quando tais unidades da federação lutavam para ter o controle sobre o esporte. O primeiro Estado por colocar-se como a locomotiva econômica do país; o segundo, repleto de belezas naturais que não estimulariam o trabalho.

Para Hilário Franco Júnior, ao assumir o poder em 1930, Getúlio Vargas teria percebido o quanto o futebol tinha o poder de mobilizar as massas e como a seleção brasileira – mesmo sem unidade até então – poderia agir como um símbolo catalisador da nacionalidade almejada (FRANCO JÚNIOR, 2007). A percepção de Vargas teria se definido também, quando, em 1932, o Brasil venceu torneio de futebol disputado no Uruguai e os jogadores foram recebidos como heróis no Rio de Janeiro, então capital federal. No entanto, temas e dilemas como a questão racial, a regulamentação constitucional do país e a criação de uma política trabalhista deveriam ser encarados.

Logo que passou a ocupar a presidência da República, fruto do desfecho do processo revolucionário de 1930, Getúlio Vargas apresentou o que intitulou Programa de Reconstrução Nacional. Entre as medidas apontadas no documento de “Reconstrução Nacional”, dos dezessete tópicos elencados, um referia-se ao futebol: a regulamentação da profissão de atleta da prática.

A fim de promover e incentivar o esporte operário, foram criadas instituições organizadoras de eventos que acabaram por se tornar importantes veículos de propaganda do governo e de seu regime político, bem como das próprias indústrias que deles tomavam parte. Em 1931, o futebol foi inserido na legislação trabalhista. A intenção era a de tratar o jogador de futebol como um trabalhador que, como os demais do país, poderia atuar em prol do Estado, edificando-o continuamente. Dois anos depois, o governo Vargas criou a profissão do jogador de futebol obrigando-o – como a todo trabalhador assalariado – à sindicalização. Tal profissionalização correspondia a um movimento cultural e político amplo, envolvendo os interesses da disciplina social do Estado¹⁹⁶.

A evolução para o futebol profissional fez parte das transformações da prática como espetáculo de massas, passando a ganhar projeção maior através das transmissões radiofônicas¹⁹⁷, e tornando-se a vitrina de um clube e do país como um todo. Tanto que passou a ser necessário desvincular a origem de um jogador, preterindo-a pelo seu talento. Para o negro, mulato e pobre (com perdão da redundância), a possibilidade de ascensão social. Desta forma, em 1933, no Rio de Janeiro, Fluminense, Vasco, Bangu e América, constituíram a primeira entidade esportiva profissional da cidade: a Liga Carioca de Football, distinguindo sócios de jogadores (RODRIGUES FILHO, 1964, p. 262), com jogadores como Leônidas da Silva e Domingos da Guia passando a ter maior liberdade de negociar uma remuneração mais próxima do prestígio que possuíam (Domingos da Guia, por exemplo, foi contratado pelo Nacional do Uruguai com salário inicial de 1.500\$000 e Leônidas pelo Peñarol, pelo mesmo ordenado de Domingos¹⁹⁸).

¹⁹⁶ No processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro, houve disputas entre as entidades dirigentes locais, demonstrando tensões, uma vez que o debate amadorismo x profissionalismo já transcorria desde o início da década anterior. Grupos sociais esportivos resistiam ao profissionalismo e a vitória do Vasco da Gama no campeonato local de 1923 protagonizou debate racial que retardou a profissionalização do jogador da prática.

¹⁹⁷ Segundo Almeida e Micelli (2004), a primeira narração de uma partida ocorreu em 19 de julho de 1931, em São Paulo. O embate envolveu as seleções de São Paulo e Paraná e foi narrada por Nicolau Tuma, na Rádio Educadora Paulista. A peleja terminou 6 a 4 para os paulistas.

¹⁹⁸ *Jornal dos Sports*, 21 de março de 1933, Notícias.

Também em 1933, a Associação Paulista de Esportes Atléticos (antiga Liga Paulista de Futebol), implantou o profissionalismo no futebol no Estado, seguida pelo Paraná e Minas Gerais. Tais unidades constituíram federações que se associaram à Federação Brasileira de Football (FBF), primeira entidade puramente profissional do país, rivalizando com a CBD.

Para Joel Rufino dos Santos (1981, p. 48), a razão para a concretização do profissionalismo no futebol estaria na “revolução que vinha modificando a nossa sociedade pela base”.

Para os jogadores, buscar o profissionalismo significava a sobrevivência do dia-a-dia, assim como a possibilidade de ascensão social, especialmente aos negros, impregnados de estereótipos: “Apenas poucas décadas antes havia sido abolida a escravidão. Ainda aderida uma mancha a qualquer trabalho manual. Dar pontapés numa bola era um ato de emancipação” (ROSENFELD, 2007, p. 64).

Com o progressivo desenvolvimento do profissionalismo no futebol, muitos clubes passaram a buscar outras receitas além das de bilheteria e do mecenato¹⁹⁹.

A profissionalização do futebol dividiu a imprensa esportiva. Para o *Jornal do Brasil*, um fato a lamentar. Para *O Jornal dos Sports* e *O Globo*, o contrário: “O profissionalismo trará, entre outros malefícios [...] a irrevogável diferença de classes que o amadorismo [...] congrega, fortalece e estimula, para o bem comum”²⁰⁰.

Outra força da imprensa, o jornal carioca *O Correio da Manhã*²⁰¹, posicionou-se contrariamente à profissionalização do futebol no Brasil, destacando:

É hoje inegável que o público carioca que ainda se interessa por futebol –por sinal, bem menor do que os de antigamente –prefere os jogos de profissionais e essa circunstância, especialíssima, constitui o nosso melhor argumento para demonstrar que o ambiente ainda não estava suficientemente preparado para a transição operada no cenário esportivo. Os cálculos eram os mais otimistas, tanto que só se ouvia falar em receitas de centenas de contos, mas de propósito se evitava tocar na rubrica de despesas, que essa era e continuará sendo o ponto importante da questão, que convém não desvendar, para não deixar provado, como provado está, que no balanço das contas o déficit é permanente [...]. Os resultados do profissionalismo, como se vai vendo, como aqui já dissemos, são perigosos e capazes de ocasionar grandes crises e a própria falência do regime [...].

¹⁹⁹ Da mesma forma ocorrera na Inglaterra, na Itália – caso da Pirelli no Milan, a partir de 1908, e da Fiat junto à Juventus de Turim, em 1923 -, Holanda – caso do PSV Eindhoven que, em 1913, associou-se à Philips – e França – caso da Peugeot no Sochaux, em 1929.

²⁰⁰ *Jornal do Brasil*, 17 de março de 1933, edição 00064. *Diário Desportivo*, p.15, “A Praga da profissionalização no football carioca”.

²⁰¹ *Correio da Manhã*, 20 de janeiro de 1934, p. 11.

O *Jornal do Brasil*, em edição de 1933, em sua seção Diário Esportivo, assim se manifestou:

Os que combatem a mercantilização do football apregoam que esses jogos iam terminar empatados porque é o que convém aos interesses das empresas que exploram o futebol. Um esporte sempre serve de pretexto para uma revanche em jogos que a única coisa que se tem em mira é arrancar dinheiro do público, além de pagar menos aos artistas.²⁰²

Já o *Correio da Manhã*²⁰³, ao defender o amadorismo, afirmou:

[...] A opinião pública, em sua quase absoluta unanimidade, manifestou desde o início da campanha a maior repulsa à mercantilização absurda e inoportuna do football. [...] Sabe-se que a ideia nasceu da falsa presunção de que, com o profissionalismo, os clubes [...] poderiam com maior facilidade conseguir os meios para enfrentar os compromissos financeiros que os assoberbam.

O *Globo*²⁰⁴, ao defender a profissionalização, não deixou por menos:

[...] Vamos para o regime da seriedade. O jogador será empregado do club e forçosamente produzirá. Agora, não. O amador joga o dia que quer, treina quando tem disposição e embora receba bicho, ninguém reclama. [...] Até os próprios diretores tiram as suas vantagens, essa é que é a verdade.

Mário Filho foi um dos grandes estimuladores da profissionalização do futebol. Efetivada tal profissionalização, Filho instituiu um campeonato de torcidas e criou prêmios individuais aos torcedores de futebol mais criativos e organizados através do *Jornal dos Sports*. Da mesma forma, passou a valorizar jogos entre os principais clubes do Rio de Janeiro a partir da história dos mesmos, criando o que na atualidade entendemos por “clássico”. Na ausência de acontecimentos no mundo futebolístico, Mário Filho passou a promover outros esportes como natação, boxe e remo.

Discussões á parte, a profissionalização no futebol brasileiro foi firmada em 23 de Janeiro de 1933, trazendo transformações inclusive nas arbitragens dos jogos, com os juízes passando a receber ajuda de custo por atuação em cada partida. Em resumo, o profissionalismo do futebol brasileiro foi estabelecido em 1933 pelas seguintes razões:

- a) O futebol, ao superar práticas como o remo (Rio de Janeiro) e o cricket

²⁰² *Jornal do Brasil*, 02 de maio de 1933 (Diário Desportivo), p.15.

²⁰³ *Correio da Manhã*, 03 de março de 1933, p. 8.

²⁰⁴ *O Globo*, 13 de fevereiro de 1933., Expectativas, p. 8.

(São Paulo), criou grande rivalidade nos dois principais centros esportivos nacionais;

- b) a massificação do futebol tornou imperiosa a necessidade de democratização dos clubes, por atrair grande número de torcedores populares;
- c) a necessidade dos clubes de futebol se estruturarem com bons e habilidosos jogadores, que, necessariamente, não eram encontrados apenas entre as famílias mais abastadas. Ou seja, a crescente rivalidade clubística direcionou entidades à montagem de times competitivos;
- d) a profissionalização do futebol já havia chegado a países europeus e aos vizinhos Uruguai e Argentina. Como a seleção nacional já disputava torneios no exterior, como o campeonato Sul-americano, necessária a atração de bons jogadores, nem sempre ricos e brancos;
- e) a investida de clubes do exterior (principalmente Itália, Argentina e Uruguai) em talentos brasileiros tornou-se corriqueira;
- f) a pressão da mídia (rádios e jornais) que, ao cobrirem jogos de futebol, exigiam qualidade nas pelepas (entenda-se bons jogadores).

4.1 VARGAS E A BUSCA DA IDENTIDADE NACIONAL ATRAVÉS DO FUTEBOL

Na década de 1930 foi oficializada no Brasil a comemoração de datas e de personalidades que deveriam ser exemplos de orgulho do passado do país:

A recuperação do passado histórico passara a integrar também um verdadeiro calendário de comemorações de centenários de acontecimentos, de nascimento ou morte dos mais notáveis vultos e instituições da história do Brasil. Em 1937, o centenário da fundação do Colégio Pedro II; em 1938, o primeiro século do Arquivo Nacional e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e a exposição, organizada pelo Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico nacional. [...] (GOMES, 2005, p. 146).²⁰⁵

Futebol, carnaval e estilos musicais como o samba passaram a ser tratados como elementos constituintes do caráter nacional procurado durante o período Vargas, até porque futebol e samba já se mostravam como atividades de grande aceitação popular - particularmente entre negros - possibilitando a edificação de uma

²⁰⁵ Observar também Carvalho (1998).

cultura popular urbana (entendendo aqui cultura popular como consumida pelos próprios produtores, embora não fique restrita à apreciação apenas de quem a realiza, mas também absorvida por outros estratos sociais, independentemente das origens étnicas ou condições econômicas). Ou seja, não foi apenas o futebol que ganhou legalidade na década de 1930; outras manifestações populares também obtiveram oficialização:

A capoeira, reprimida pela polícia no final do século passado [XIX] e incluída como crime no Código Penal de 1890, é oficializada como modalidade esportiva nacional em 1937. Também o samba passou da repressão à exaltação, de “dança de preto” a “canção brasileira para exportação”. Definido na época como uma dança que fundia elementos diversos, nos anos 30 o samba sai da marginalidade e ganha as ruas, enquanto as escolas de samba e desfiles passam a ser oficialmente subvencionados a partir de 1935. Não é também por feliz coincidência que o novo regime introduz, nesse período, novas datas cívicas: [...] o Dia da Raça –30 de maio de 1939 -, criado para exaltar a tolerância de nossa sociedade. Da mesma maneira, a partir de 1938 os atabaques do candomblé passam a ser tocados sem interferência policial. Até o futebol, esporte de origem inglesa, foi progressivamente associado a negros. [...] O momento coincide, ainda, com a escolha de Nossa Senhora da Conceição Aparecida para padroeira do Brasil. Meio branca, meio negra, a nova santa era mestiça como os brasileiros (SCHWARCZ, 1998, p. 196).

Na busca do entendimento de como o futebol foi utilizado simbolicamente na construção da identidade nacional durante os anos 1930 e 1940, Denaldo Alchorne (SOUZA, 2002) aponta para uma diferenciação na visão de nação entre os agentes envolvidos: para os trabalhadores o futebol estaria ligado ao lazer; para o Estado, ao mundo do trabalho.

Meses antes da Revolução de 1930, o Brasil participara da primeira Copa do Mundo, realizada no Uruguai entre os dias 13 e 30 de julho.

Jules Rimet, presidente da FIFA, articulou a realização deste primeiro grande evento do futebol mundial. Trezes países foram representados, com pequena participação dos países europeus (apenas França, Romênia, Iugoslávia e Bélgica). Um torneio que teve apenas dois anos para ser organizado e que viu o velho continente contrariado com a vitória de uma sede na América do Sul, afinal o Uruguai triunfara sobre pretendentes como a Itália, Holanda, Hungria, Espanha e Suécia (daí a pequena participação europeia no evento).

Com a modesta participação dos países europeus, até a Bolívia e seu

selecionado foi convidado²⁰⁶.

[...] as normas do campeonato Mundial de Futebol a ser disputado pela primeira vez em 1930, no Uruguai como homenagem ao país que ganhou o campeonato olímpico em 1924, em Paris, e em 1928, em Amsterdã. Artigo 1º - A Federation Internationale de Football Association, organizará no espaço de 4 em 4 anos, sendo a primeira em 1930, uma competição internacional de futebol denominada “Copa do Mundo” e que consistirá num objeto de arte, oferecido pelo dirigente do futebol internacional à filiada nacional vitoriosa, logo após o término do jogo final. [...] Artigo 3º -As regras do jogo são as da International Board. Em caso de divergência de interpretação, só o texto inglês merecerá fé [...] Artigo 5º -Todos os jogadores que tomarão parte no campeonato, deverão pertencer à nacionalidade do país, cujas cores defenderam, estando regularmente qualificados pela agremiação nacional a que pertencerem. Estas deverão dirigir um mês antes da realização dos primeiros jogos uma lista de 22 jogadores [...] Artigo 9º -cada jogo terá a duração de hora e meia (dois tempos de 45 minutos), com o descanso previsto nas regras do “Association” [...] (AS NORMAS..., 1929, p. 1).

Nesta primeira edição de Copa do Mundo de Futebol, o Brasil caiu na fase de grupos com apenas dois pontos somados, vencendo uma partida e perdendo outra. No geral, o país ficou em sexto lugar. O futebol no país estava popularizado, mas ainda em claro cunho regional. Interessante ressaltar que por ocasião do primeiro evento mundial a Associação Paulista de Esportes Atléticos (Apea) entrou em atrito com a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), que detinha o controle sobre a seleção. Os paulistas queriam ao menos uma vaga na comissão técnica. Como o pedido foi negado, os paulistas não cederam atletas para o time (originalmente, dos vinte e quatro jogadores convocados, quinze jogavam em São Paulo). Restou apenas o atacante Araken Patuska.

O desempenho brasileiro nesta primeira Copa do Mundo mostrou um pouco do país à época, caracterizado pela ausência de unidade. Basta que se verifique que os paulistas teriam comemorado a eliminação da seleção brasileira logo na primeira fase.

Os caminhos perseguidos por Getúlio em busca de unidade para o país tornaram-se ainda mais difíceis a partir de 1932.

A Revolução Constitucionalista de 1932 expôs a tensão brasileira entre um mundo novo em fase não consolidada. Trouxe reflexos ao futebol brasileiro, uma vez

²⁰⁶ O espanto se dá uma vez que a federação boliviana fora criada há apenas cinco anos (a ponto do selecionado da Bolívia, na estreia contra a Iugoslávia, indicar na camisa de cada jogador uma letra; perfilados, os jogadores bolivianos formaram um “viva Uruguay”). Outra curiosidade demonstra o amadorismo do primeiro torneio entre seleções organizado pela FIFA: o técnico da seleção boliviana, Ulises Saucedo, arbitrou um jogo da Argentina contra o México e foi auxiliar de arbitragem em mais cinco partidas (claro que após a precoce eliminação de sua seleção nesta primeira edição de Copa do Mundo).

que aflorou ainda mais a rivalidade entre Rio de Janeiro e São Paulo. Os esportistas paulistas apoiaram a revolta, inclusive o jogador Friedenreich²⁰⁷, que lutou pelo Estado e, por conta do processo, doou troféus e medalhas para causa paulista, além de participar do movimento como sargento e tenente. Cerca de sessenta clubes de futebol de São Paulo e do interior cederam esportistas para a luta paulista contra o governo provisório de Getúlio Vargas, totalizando perto de mil e quatrocentos combatentes.

Friedenreich, juntamente com o Estado de São Paulo como um todo, foi derrotado por Getúlio, talvez num único momento em que quem perdeu, acabou, de certa forma, ganhando, uma vez que o governo getulista teria obtido freios em suas intenções. A Carta Constitucional promulgada em 1934 atesta o processo, embora não só tenha regulamentado diversos direitos trabalhistas e dado regulamentação ao país, mas reduzido, através de seus dispositivos, a autonomia regional em prol da unidade nacional.

A segunda Copa do Mundo foi realizada na Itália fascista de Benito Mussolini, em 1934.

Nesta segunda edição de Copa do Mundo, a seleção brasileira teve como chefe da delegação Lourival Fontes, um dos mais próximos colaboradores de Getúlio Vargas. O próprio presidente tratou de colocar o futebol dentro do palácio do governo, quando afirmou que “a missão do time não é somente de caráter esportivo, mas envolve o desempenho de um dever cívico” (NEGREIROS, 1979, p. 217), talvez inspirado por Benito Mussolini, que transformara o Mundial de então em evento para consolidar o regime fascista.

Mas discussões sobre a convocação de jogadores profissionais e amadores para a Copa de 1934 acirraram-se, em especial através da mídia esportiva da época (em especial pelo *Jornal do Brasil* – como já frisado, defensor do amadorismo - e pelo *Jornal dos Sports*, defensor do profissionalismo pleno no futebol brasileiro).

A Liga Carioca de Football (LCB) e a Federação Brasileira de Football (FBF), alegando agir em favor dos interesses brasileiros, cogitaram ceder jogadores ao selecionado nacional, deixando as disputas com a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) para trás. Neste sentido, foram convocados vinte e oito jogadores,

²⁰⁷ Apoiado pelo sucesso, o atleta convenceu (inclusive via emissoras de rádio) um grande número de outros atletas a se alistar e formar um batalhão apenas de futebolistas. Alguns atletas desistiram de ir a Los Angeles, para as Olimpíadas, preferindo ficar e lutar por São Paulo.

entre amadores e profissionais. Após um período de treinamentos, sairia do grupo a seleção definitiva. No entanto, para a concretização da proposta, algumas exigências: a convocação de apenas um jogador por clube e o reconhecimento oficial por parte da Confederação Brasileira de Desportos da existência da Federação Brasileira de Futebol.

A não concordância de tais exigências por parte da CBD gerou a formação de uma seleção sem apoio dos clubes profissionais ligados à FBF. As divergências teriam sido responsáveis pela participação considerada negativa do Brasil na Copa italiana. Ou seja, a rivalidade entre a FBF e a CBD fez com que esta última só enviasse jogadores amadores para a segunda Copa do Mundo, resultando na desclassificação da equipe brasileira logo na primeira partida.

A vencedora da segunda edição de Copa futebolística foi a Itália, com o Brasil terminando em décimo-terceiro lugar. Além da ausência dos melhores jogadores do país e as disputas entre dirigentes, as condições de viagem e a ausência de uma preparação física adequada teriam ocasionado a péssima participação brasileira. O país ainda não apontava para uma política de uso do esporte como triunfo de unidade nacional. Porém, fazê-lo, era uma questão de tempo.

O jornal *O Diário de S. Paulo* assim se posicionou diante da campanha brasileira na Copa de 1934:

[...] Representada por uma seleção muito abaixo das suas possibilidades, o Brasil viu-se desclassificado, logo na primeira partida que jogou. Repetiu-se assim, uma vez mais, a triste sina que nos tem sido reservada, nas grandes competições internacionais de esporte, para os quais não nos faltam elementos eficazes de representação, principalmente em se tratando de futebol. Mas, a eterna imprevidência, a reiterada desídia, agora assim é a ocasião de afirmá-lo, a falta de visão e de patriotismo dos dirigentes não permitiram que desempenhássemos o papel, que a justo título, pelo valor dos nossos jogadores, poderíamos ter desempenhado. [...] Valha-nos isso, como consoladora atenuante. E valha também, para o futuro, aos dirigentes do nosso esporte, mais esta rude lição²⁰⁸.

²⁰⁸ *O Diário de S. Paulo*, 29 de maio de 1934 (capa da Segunda Seção).

Resumo de Dados a partir das participações do Brasil nas Copas de 1930 e 1934²⁰⁹

EVENTO: Copa de 1930 (de 13 a 30 de Julho; 13 seleções; vencedor: Uruguai)

SEDE: Uruguai

PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA: Brasil eliminado na primeira fase (sexto lugar), o que teria sido comemorado pelos paulistas (seleção brasileira não foi representada pelos melhores jogadores do país devido às péssimas relações entre as associações do Rio de Janeiro e São Paulo)

CENÁRIO POLÍTICO NACIONAL: governo Washington Luís (1926-1930). No rastro da crise econômica de 1929, a decadência da Primeira República

OBJETIVO GOVERNAMENTAL COM EVENTO: inexistente

DESTAQUES DO EVENTO: ausência de seleções europeias (apenas França, Romênia, Iugoslávia e Bélgica), por não concordância da sede escolhida para o evento.

DESTAQUE(S) POSITIVO(S) E NEGATIVO(S) PARA O BRASIL: (+) João Coelho Neto (Preguinho) que, além do futebol, praticava outras modalidades, entre elas sua especialidade: a natação. Preguinho marcou o primeiro gol brasileiro em Copas do Mundo; o apelido inaugurou tradição brasileira de uso de apelidos (de preferência no diminutivo) de seus bons jogadores; **(-)** cisão entre principais centros do futebol brasileiro, indicando ausência de unidade.

EVENTO: Copa de 1934 (de 24 de maio a 10 de Junho; 16 seleções; vencedor: Itália)

SEDE: Itália

PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA: derrotada na primeira partida, fechou em décimo-terceiro lugar

CENÁRIO POLÍTICO NACIONAL: ausência de unidade nacional demonstrada pela Revolução Paulista de 1932; Assembleia Nacional Constituinte reunida desde 1933 (Constituição promulgada cerca de um mês após torneio italiano); implantação do profissionalismo no futebol brasileiro (1933); descrença nos valores da democracia liberal

OBJETIVO GOVERNAMENTAL COM EVENTO: busca de unidade nacional

DESTAQUES DO EVENTO: fortalecimento do Fascismo Italiano devido à vitória do país sede

DESTAQUE(S) POSITIVO(S) E NEGATIVO(S) PARA O BRASIL NO EVENTO: (+) Leônidas da Silva marca único gol brasileiro no torneio; **(-)** condições de viagem e ausência de preparação física adequada aos atletas brasileiros; disputa entre dirigentes e ausência dos melhores atletas brasileiros no torneio.

²⁰⁹ Elaboração do autor.

4.2 O FUTEBOL E AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS

Além da busca por entendimento e conciliação entre as entidades dirigentes do futebol brasileiro, outro ponto a ser enfrentado por Getúlio Vargas em suas pretensões de unificação nacional foi a questão étnico-racial.

Para que possamos entender como o assunto foi tratado pelo governo de Getúlio, importante que façamos um breve relato histórico.

No Brasil, abolida a escravidão de forma oficial, teorias próprias do racismo científico sustentavam a visão de necessidade de se “embranquecer” a população brasileira e de se estabelecer ferramentas que dessem disciplina ao brasileiro, além de consistência a uma suposta sociedade que, para muitos, estava muito distante de princípios morais sólidos.

Em verdade, a lógica econômica senhores x escravos foi abolida por lei, porém a marca de séculos de estigmatização sobre a população negra não foi superada, sendo desenvolvidas formas particulares de manifestação do racismo, como afirma Oracy Nogueira (2007, p. 297):

[...] Não obstante acobertar uma forma velada de preconceito, a ideologia brasileira de relações inter-raciais, como parte do ethos nacional, envolve uma valorização ostensiva do igualitarismo racial, constituindo um ponto de referência para a condenação pública de manifestações ostensivas e intencionais de preconceito, bem como para o protesto de elementos de cor contra as preterições de que se sentem vítimas. Além disso, dado o orgulho nacional pela situação de convivência pacífica, sem conflito, entre os elementos de diferente procedência étnica que integram a população, as manifestações ostensivas e intencionais de preconceito assumem o caráter de atentado contra um valor social que conta com o consenso de quase toda a sociedade brasileira, sendo por isso evitadas.

A discussão sobre as características da mestiçagem tem sua origem a partir da propagação de ideias racistas que, durante o século XIX e início do século XX, sacudiram o planeta, em especial por ocasião do imperialismo imposto a regiões africanas e asiáticas por ocasião da Segunda Revolução Industrial. Como não poderia deixar de ser, as discussões em torno da propalada superioridade da raça branca chegaram ao Brasil.

No século XIX, muitos estudiosos consideravam a miscigenação um entrave ao desenvolvimento do Brasil. Em 1869, estudos antropológicos desenvolvidos pelo Conde de Gobineau no país fizeram-no concluir que ocorreria uma degeneração genética em solo brasileiro em decorrência da miscigenação e mestiçagem.

Intelectuais como Nina Rodrigues (1862-1906), Sílvio Romero (1851-1914) e Euclides da Cunha (1866-1909), foram convencidos sobre a existência de etnias superiores e inferiores.

Nos trabalhos de Sílvio Romero e Nina Rodrigues²¹⁰ sobre a questão racial no Brasil, sobressai a valorização da raça branca (assim como para Gobineau), considerada por eles superior às demais, em sintonia com as teorias raciais europeias do período. Suas teses, no entanto, não impediam o reconhecimento do mestiço como o principal representante da população brasileira e expressão de certa identidade nacional.

De qualquer forma, considero que os estudos e discussões sobre a mestiçagem não deixaram de ser positivos, afinal trouxeram o reconhecimento de que o Brasil era composto (como ainda o é), em sua maioria, por negros e mestiços.

O futebol, segundo uma visão elitista, serviria ao propósito de “civilizar” um povo, dando-lhe a disciplina capaz de estabelecer princípios ordenadores a uma população vista como preguiçosa e desleixada. Ou seja, diante de negros e mestiços agora livres, sob o ponto de vista das elites brancas o futebol poderia justificar fisicamente a condição privilegiada das mesmas, como indica Leonardo Affonso Pereira (2002, p. 24):

Desde o final do século XIX, quando a ideologia de dominação senhorial que sustentava e legitimava a desigualdade e a dominação dos senhores sobre os seus dependentes dava os seus primeiros passos de deterioração, os círculos senhoriais começavam a procurar novos meios de justificar sua superioridade sobre a massa de negros e pobres que se espalhava pelas ruas da cidade. Proclamada a República e extinta a escravidão, esta parecia ser uma questão crucial para esses grupos endinheirados – que buscaram, por isso, diferentes meios de respondê-la. O esporte aparecia, a partir das formulações das teorias higiênicas, como uma solução perfeita: afirmando a superioridade ‘natural’ dos indivíduos adeptos de uma boa educação física sobre aqueles que mantivessem seu apego à preguiça e ao marasmo que seriam uma das marcas do caráter nacional, dava aos jovens elegantes a oportunidade de buscar, nos campos, a justificativa moral para sua superioridade que se perdera no final do século XIX. Excluídos desses clubes, os trabalhadores continuariam condenados à degeneração física e mental, distanciando-se cada vez mais dos corpos bem-educados e fortes dos jovens foot-ballers.

²¹⁰ Nina Rodrigues chegou a pensar a formação de habitats naturais em que cada etnia poderia se desenvolver adequadamente. No interior do Brasil poderiam viver os mestiços. Um ambiente mais rústico, hostil e agressivo como eles, onde poderiam aprimorar e desenvolver ainda mais as suas potencialidades. Já nas faixas litorâneas do país, poderiam viver as pessoas civilizadas do tipo europeu (estruturada a partir da complexidade da formação social).

Como já observado, em sua inserção na vida brasileira o futebol apresentou-se como uma prática elitista, reservada aos indivíduos bem posicionados socialmente e, como tal, brancos, fossem eles ingleses ou brasileiros, não havendo admissão da presença de negros, mestiços e brancos desfavorecidos nos clubes fechados à prática.

Publicados em 1922, ano do centenário da Independência brasileira, dois textos compõem a obra *Desportos do Dicionário Histórico, Ethnografico e Geographico do Brasil*, organizado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. O primeiro texto, de autoria de Roberto Trampowsky Junior (1992) apontou que apenas em 1894 apareceu um esporte capaz de transformar os hábitos brasileiros e a educação dos jovens: o football, reforçando o discurso sobre a formação miscigenada do brasileiro: “[...] desporto mais assimilável, mais adaptável aos caracteres ingênitos, físicos e psíquicos da sociedade brasileira, entre os quais avultam a nervosidade latina e a combatividade indígena” (TRAMPOWSKY JUNIOR, 1992, p. 413).

No ano de 1907, o Bangu A.C., se afastou da Liga Metropolitana de Sports Athleticos, organizadora do principal campeonato do Rio de Janeiro, uma vez que a mesma não permitiu a inscrição do jogador Fransisco Carregal: “[...] a directoria da Liga, em sessão de hoje, resolveu por unanimidade de votos que não sejam registrados como amador nesta liga as pessoas de cor”²¹¹. Portanto, Carregal, funcionário da Companhia Progresso, por ser negro, teve vetada sua participação. A reação do Bangu A. C. se deu mais por razões competitivas do que humanitárias. De qualquer forma, inflamou na capital carioca o debate sobre a presença negra nas agremiações de futebol.

“Pó-de-Arroz”, assim passou a ser conhecido o clube carioca Fluminense, por, em 1914, apresentar em sua equipe de futebol o jogador mestiço Carlos Alberto, proveniente do América FC. Na tentativa de fazê-lo passar por um jogador de futebol branco, Carlos Alberto tinha as partes de seu corpo não cobertas pelo uniforme do clube com pó-de-arroz (produto utilizado em maquiagem para deixar a pele mais clara que não tem qualquer relação ou composição com o cereal). No transcorrer das partidas, o disfarce desvendava-se pelo suor.

O próprio América carioca foi vítima da não aceitação da presença negra em seus quadros: Antônio Muniz Duarte (jogador negro, conhecido pelo apelido de

²¹¹ *Gazeta de Notícias* (Sports), 18 de maio de 1907.

Manteiga), durante o ano de 1921 foi hostilizado por companheiros devido à sua cor de pele, sendo desligado da agremiação durante uma excursão à Bahia: “[...] o torcedor do América se recusava a torcer por um Manteiga; os jogadores do América recusavam-se a jogar ao lado de um Manteiga, preferindo sair do time, do clube” (RODRIGUES FILHO, 1964, p. 55).

A discriminação a negros, mulatos e a pobres, no entanto, não impediu a projeção de Arthur Friendereich (“El Tigre”, como conhecido), filho de um alemão e de uma negra, à condição de ídolo do futebol brasileiro. Cabelos crespos e pele morena, Fried negava sua descendência, chegando a atuar pelo Fluminense Football Club com gomalina nos cabelos, procurando alisá-los para ser aceito no meio.

Friendereich tornou-se expoente do futebol paulistano ao atuar no Club Athetico Paulistano. Na seleção brasileira, foi acionado entre 1914 e 1935. No campeonato sul-americano, vencido pelo Brasil, em 29 de maio de 1919, no Rio de Janeiro (como já afirmado), Friendereich foi o autor do gol da vitória. Tomás Mazzoni (1950, p. 74) assim chegou a descrevê-lo:

[...] Completíssimo [...]. Tudo ele teve, nada deixou de fazer com a bola. Foi técnico, estilista, improvisador e construtor, artilheiro e fintador, compassado e astuto. A sua arte, uma maravilha [...]. Jogou com imaginação e intuição, com inteligência e vivacidade, com lealdade, elegância, correção e audácia. [...] Todo o seu jogo foi um espetáculo, como raro outro avante, desde que o futebol existe no mundo, o executou. Em um quarto de século, o jogo de Fried criou um verdadeiro dicionário da sua arte [...]. Que gênio! Que fenômeno!

No ano de 1923, o Clube de Regatas Vasco da Gama mostrou como grande novidade a presença de vários jogadores negros e mulatos, ao que Rosenfeld denominou “democracia racial em campo” (ROSENFELD, 1993, p. 104). Segundo Mário Filho (1964, p.123),

Muitos sem saber ler nem escrever, mal assinando o nome, sem emprego, sem nada. O português é que lhes dava tudo: casa comida, roupa lavada e engomada. [...] Os jogadores do Vasco ficavam na Moraes e Silva (rua do bairro do Maracanã), como alunos de colégio interno. Tinham hora de saída, todos juntos. Platero (o técnico Ramano Platero), de charuto na boca, não os perdia de vista. O português achando que todo cuidado era pouco.

Jogadores negros e operários já estavam alocados nos quadros do Bangu Atlético Club e do Andarahy Athletico Club. Porém, a vitória do Vasco no campeonato

carioca de 1923 - com uma equipe formada por jogadores oriundos das classes populares - estabeleceu um marco nas discussões, isto porque a equipe cruzmaltina ascendera para a primeira divisão do campeonato carioca em 1922 ao vencer a divisão de acesso daquele ano. Tal ascensão afetou o domínio de clubes como o Fluminense Football Club, Botafogo Football Club e Clube de Regatas Flamengo sobre o futebol do Rio de Janeiro e demonstrou que abrir um clube à presença negra e operária, poderia ser benéfica, conforme atesta Hugo Moraes (2014, p. 144):

[...] o provável “segredo” do sucesso do Vasco da Gama em 1923 não foram os jogadores negros marcados por uma “habilidade característica” à raça. Campo de treinamento com concentração, treinos diários com uma intensa preparação física, a contratação de um técnico experiente e as premiações dadas aos jogadores revelam que o Vasco da Gama organizou uma estrutura “profissional” determinante para o bom desempenho da equipe sobre os outros times, que não mantinham a mesma disciplina esportiva.

A atitude do Vasco ganhou a simpatia de intelectuais pelo clube, caso de Carlos Drummond de Andrade que, apesar de se considerar um torcedor apenas em época de Copa do Mundo, passou a torcer pelo clube carioca.

A Liga Metropolitana do Rio de Janeiro, perante a iniciativa vascaína, determinou que somente atletas capazes de assinar o próprio nome na súmula de uma partida e que comprovassem estudar ou trabalhar, poderiam participar de seus campeonatos. Na tentativa de burlar tais determinações, comerciantes passaram a fornecer declarações que atestavam emprego de atletas do Vasco da Gama em casas comerciais. Porém, o Vasco e seus dirigentes estavam mais preocupados em vencer, atuando com bons jogadores, e não com as questões raciais em si.

Em 1926, o São Christóvão Athletic Club, do Rio de Janeiro, conquistou o campeonato local com uma equipe formada essencialmente por negros e mulatos. No mesmo ano, o Bangu apresentou em seu elenco Fausto dos Santos, maranhense, que passou a ser conhecido, por seu futebol elegante e clássico, por “Maravilha Negra”.

Fato que a integração de negros, mulatos e brancos pobres no futebol brasileiro teve trajetória difícil. Não só no campo, mas também nas atividades sociais internas dos clubes.

Um bom exemplo vem de São Paulo: após ser um dos criadores da APEA (Associação Paulista de Esportes Atléticos), o Paulistano retirou-se da mesma em 1925, alegando que “[...] a cada dia o futebol fica mais impuro ao permitir o ingresso

de jogadores sem a devida qualificação social” (CALDAS, 1990, p. 124)²¹².

Na década de 1930, negros e mulatos passaram a se destacar no futebol brasileiro, destaque a Domingos da Guia (“Divino Mestre”) e Leônidas da Silva (“Homem de Borracha”, “Rei da Bicicleta” ou “Diamante Negro”). O fracasso da seleção brasileira na primeira Copa do Mundo (1930), fez com que dirigentes passassem a concordar com a convocação de jogadores de origem negra, caso de Domingos, Leônidas, Jarbas, Gradin e Oscarino. Com eles, em 1932, a seleção brasileira foi campeã da Copa Rio Branco, ao derrotar o Uruguai.

Superadas muitas das explicações sem base científica, ao longo de boa parte da história brasileira passou-se a se fazer uso da miscigenação das etnias como meio de se entender e constituir o brasileiro.

Nos anos 1930, a valorização da mestiçagem tornou-se um importante fator de impulso ao projeto desenvolvimentista do Brasil, ao tentar convencer que as diferenças sociais oriundas da cor da pele e dos traços faciais inexistiam ou, se existiam, deveriam ser abolidas. Como tal, o mito da democracia racial, além de servir ao projeto de industrialização e urbanização do país, associou-se, também, a um desenvolvimento edificado a partir da concentração de renda e de poder sociorracial, com o racismo sendo contaminado pela associação entre cor da pele e condição social esperada.

Desta forma, na década de 1930 a miscigenação passou a ser incorporada como um símbolo positivo diferenciador da nação brasileira, entendendo-a não como causa da degeneração da sociedade, mas fator de convivência harmônica e sem conflitos, o que possibilitou a construção do discurso da ‘democracia racial brasileira’ (a que Florestan Fernandes e outros pesquisadores entenderam como uma forma velada de racismo) (FERNANDES, 1994).

Atribuiu-se a Gilberto Freyre a origem da visão positiva da miscigenação e da suposta tolerância entre as etnias que dela decorria, uma vez que Freyre inovou ao deslocar o debate da perspectiva racial para a perspectiva das contribuições culturais dos elementos constituintes da formação do povo brasileiro, apontando para o país como uma espécie de exemplo mundial de convivência.

Através de seus estudos, Freyre contribuiu para deslocar o eixo até então

²¹² No início da década seguinte, dissidentes do clube, que não aceitaram a orientação, uniram-se à Associação Atlética das Palmeiras, fazendo nascer o São Paulo Futebol Clube, também chamado de São Paulo da Floresta (alusão ao campo da Floresta, bairro da Ponte Pequena).

existente nas interpretações sobre o Brasil, muito ligadas a argumentações raciais, presas a determinismos biológicos e geográficos. Porém, Freyre teve sua obra criticada a partir da década de 1960, sob o argumento de que o retrato que estabeleceu na sociedade colonial seria de alguma forma positiva, a tal ponto que teria originado relações relativamente pacíficas entre os grupos formadores da população brasileira, ideia que recebeu a denominação de ‘democracia racial’. Ou seja, para os contemporâneos de Freyre e intelectuais posteriores, a tese da democracia racial traçada pelo autor indica erro ao estabelecer que a miscigenação teria integrado ao invés de segregado. Muitos desses críticos afirmam que Freyre criou o mito da democracia racial, difundido nas elites intelectuais e no meio social (inclusive internacionalmente) uma poderosa construção ideológica que acabou por despolitizar e esvaziar as questões raciais no Brasil, trazendo a ideia de que os brasileiros não existem discriminações marcadas pela cor da pele.

No que se refere ao futebol, Freyre chegou a afirmar, até com certa euforia:

[...] de maneira inconfundível formou-se um estilo brasileiro de futebol; e esse estilo é uma nova expressão da nossa mulatice, perito em assimilação, domínio e abrandamento coreográfico sinuoso e musical de técnicas europeias e norte-americanas, que são muito angulosas para o nosso gosto. [...] No futebol, como na política, a mulatice brasileira caracteriza-se pelo prazer da elasticidade, da surpresa, da retórica, que lembra passos de dança e fintas de capoeira (FREYRE, 1945, p. 421).

Seja como for, Freyre, ao enxergar na herança negra uma grande vantagem, dava o pontapé inicial para a construção de um novo modelo ao futebol, com a ginga e a malandragem associando-se à disciplina europeia, propiciando ao “bolapé” brasileiro ganhar contornos únicos no planeta. Quem sabe daí o ponto de partida para a construção da nacionalidade tupiniquim, uma vez que, para Freyre, o futebol seria a síntese da mistura cultura e racial brasileira:

O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresas, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de brilho e de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de que Nilo Peçanha, foi até hoje, a melhor afirmação na arte política. Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança e capoeiragem que marcam o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e às vezes adoça o jogo inventado pelos ingleses, e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o mulatismo *flamboyant* e, ao mesmo tempo, malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil. (FREYRE, 1945, p. 421).

Ao investigar a formação social brasileira a partir de uma vasta pesquisa em documentos históricos (arquivos da Inquisição, inventários de famílias, romances, relatos de viajantes etc) Freyre edificou a obra *Casa grande & senzala* (publicada em 1933) que estabelece em dos seus pontos principais a teoria de que a miscigenação teve um caráter positivo na formação cultural brasileira.

Na década seguinte, Mário Rodrigues Filho, ao publicar *O negro no football brasileiro*, chegou a apontar que o futebol tornou-se o caminho para a inserção do negro e do mulato na sociedade brasileira:

E quem está na geral, na arquibancada, pertence à mesma multidão. A paixão do povo tinha de ser como o povo, de todas as cores, de todas as condições sociais. O preto igual ao branco, o pobre igual ao rico. O rico paga mais, compra uma cadeira numerada, não precisa amanhecer no estádio, vai mais tarde, fica na sombra, não apanha sol na cabeça, mas não pode torcer mais do que o pobre, nem ser mais feliz na vitória, nem mais desgraçado na derrota (RODRIGUES FILHO, 1947, p. 293).

Vale ressaltar que, na obra em destaque, Mário Filho segue a linha da democratização racial, porém, sem grande unidade interpretativa, seguindo uma linha literária que atenta mais para as rivalidades territoriais e não propriamente relacionada a diferenças raciais, demonstrando a intenção interpretativa do passado através de episódios que, no rigor da análise, desmontam a visão de equilíbrio e harmonização racial do futebol brasileiro, com recheio contraditório ao caminhar entre a História, a literatura e o jornalismo. Ou seja, Filho procurou em *O Negro* contar uma história interessante para atrair leitores, porém sem o rigor científico necessário para resgatar a história do futebol brasileiro, no todo ou em partes, chegando a afirmar que “[...] o futebol apagara a linha da cor. O clube, esquecendo-se que tinha preto no time, o preto esquecendo-se, de não lembrar mesmo, que era preto” (RODRIGUES FILHO, 2003, p. 342).

4.3 O ESTADO NOVO EM BUSCA DA IDENTIDADE NACIONAL

Na obra *Comunidades Imaginadas*, Benedict Anderson (2008) aponta-nos como os desejos, as projeções e a legitimidade emocional conduzem às visões nacionalistas, vinculando tais concepções a um espírito antropológico.

Uma das posições mais clássicas sobre nacionalismo, no entanto, é a de Ernest Gellner (1981). Para ele, o nacionalismo está dentro de um contexto histórico de

desenvolvimento das sociedades modernas industriais ou em vias de industrialização. A legitimação de uma sociedade em tal processo se daria através da capacidade da ordem social de produzir ou conservar uma riqueza e a existência de uma cultura comum entre governantes e governados.

Segundo Ludwig Lauerhass Junior (1986, p. 17), os ideais nacionalistas comportam três níveis, distintos entre si:

O ideológico, o institucional e o popular. Ideologicamente, é encontrado em escritos que, habitualmente, começam com uma crítica da sociedade existente, e, em seguida, oferecem um plano para a renovação ou realização nacional. Institucionalmente, conquanto jamais seja por si mesmo uma instituição, assegura, com frequência, a base para um movimento de massas, um partido político, uma constituição, ou pode expressar-se significativamente, através de várias organizações educacionais, propagandísticas, militares, trabalhistas, empresariais, feministas, juvenis, esportivas, profissionais ou culturais. Também podem ser institucionalizados simbolicamente em bandeiras, festividades, monumentos, canções e preces, ou podem ser personificados em heróis nacionais. Do ponto de vista popular, manifesta-se através de cidadãos que têm uma fé implícita na supremacia da nação, uma fé que é tacitamente conservada em tempos normais, mas proclamada em momentos de crise.

No contexto da chamada Era Vargas (1930-1945), o regime do Estado Novo (1937-1945) marcou, definitivamente, a transição de uma sociedade eminentemente agrária para uma sociedade urbano-industrial (KUPPER; CHENSO, 1998, p. 248). No período, o Estado passou a regulamentar as atividades produtivas do país, além de tornar-se a principal fonte de investimentos diretos. Durante o regime, os ideais conservadores, autoritários e nacionais foram elaborados, com o Estado colocando-se acima dos interesses de classes, embora os setores econômicos governassem de fato (CARONE, 1977, p. 113).

O regime estadonovista brasileiro adotou características importantes do regime fascista europeu, porém ganhou aspectos particulares como a ausência de um projeto de mobilização bélica e de uma milícia nacional constituída. Ao invés de estimular as massas, o Estado Novo deu preferência à desmobilização e à passividade popular, excetuando-se os momentos de demonstrações cívicas de cunho nacionalista (FALCON, 1991, 2008; MANN, 2008; PAXTON, 2007; PAYNE, 1980; ROSAS, 1991; SACCOMANI, 1998; TORRALBA, 2009).

A política geral de industrialização e a própria modernização empreendida pelo Estado não foram uma vitória de um estimulado e dinâmico setor urbano. Também não nasceram das fábricas. Vieram das ações estatais, ou seja, de cima para baixo.

O Estado Novo procurou mitificar a nação através da exaltação das qualidades do governo e comemorando as ações públicas. Segundo Francisco Weffort, o populismo estadonovista teve início em 1930, a partir da crise do liberalismo oligárquico brasileiro, aproximando as classes populares e camadas médias urbanas dos setores industriais (GOMES, 2001). Para Helena Bomeny (1999, p. 151),

O grande projeto político a ser materializado no Estado Novo, iniciado com a Revolução de 1930, tinha como núcleo central a construção da nacionalidade e a valorização da brasilidade, o que vale dizer, a afirmação da identidade nacional brasileira [...] Estava em questão a identidade do trabalhador, a construção de um homem novo para um Estado que se pretendia novo [...] Ambicioso e extenso, o projeto estado-novista deveria orientar todas as iniciativas do Estado dirigidas à sua própria construção e à construção da sociedade.

A partir de suas intenções, Vargas parecia saber que a política é construída a partir de cerimônias ritualizadas (caso do futebol).

Numa cerimônia cívica, em dezembro de 1937 (mês seguinte à instalação do Estado Novo), o Presidente assistiu à queima e destruição das bandeiras estaduais e ao hasteamento do pavilhão nacional na capital federal, Rio de Janeiro, em clara manifestação de superação do Estado Oligárquico, substituído pelo agora Estado Populista (CAMPOS, 1999).

No aspecto social, a imagem de plena harmonia entre o povo e o governo era um dos objetivos mais caros a Vargas que, para atingir seus objetivos, fez uso de dispositivos jurídicos que asseguravam a repressão aos movimentos de esquerda, enquanto a aliança com as massas urbanas se estruturava e alicerçava no conjunto da legislação trabalhista e na manipulação política propiciada pelos mecanismos de propaganda dominados pelo Estado. Dessa relação entre o governante carismático, paternalista e a massa urbana, originou-se um dos mais característicos componentes da política brasileira contemporânea: o populismo, que representou o atrelamento dos trabalhadores e de suas organizações às diretrizes políticas instaladas por Getúlio (KUPPER; CHENSO, 1998).

Ao procurar construir a imagem de uma nação harmônica, o Estado Novo procurou mascarar os conflitos sociais existentes entre os diferentes segmentos sociais do país. Ou seja, para o regime, a desordem, o individualismo e a indisciplina deveriam ser elementos superados pela sociedade brasileira em prol dos interesses e ideais de nação. O futebol, enquanto exemplo, serviria ao propósito.

A tutela do Estado sobre os trabalhadores e suas organizações tem raízes no início dos anos 1930, mas se consolidou após o golpe de 1937 (KUPPER; CHENSO, 1998). A cronologia da implantação dessa política é registrada pela promulgação das principais leis trabalhistas: a Lei Sindical (1939) – quando toda a vida das associações profissionais passou a gravitar em torno do Ministério do Trabalho, que transformou os sindicatos em entidades promotoras da harmonia social com objetivo de eliminar instrumentos da luta de classes ao determinar que cada categoria profissional deveria possuir tão e somente uma organização sindical para representá-la, além de estabelecer que cada um desses sindicatos deveria ser dirigido por um representante indicado pelo Ministério do Trabalho, o que veio a enfraquecer a capacidade de luta das agremiações sindicais -, a Justiça do Trabalho (1939), o Imposto Sindical (1940), o Salário Mínimo (1940) e a Consolidação das Leis do Trabalho (1943). Ou seja, foi a partir do Estado Novo que foram definitivamente incorporadas as demandas e tradições dos trabalhadores das décadas anteriores (GOMES, 1988).

As principais intervenções públicas de Vargas dirigidas aos trabalhadores aproveitaram-se da popularização do futebol. Basta que se verifique que foi em São Januário (Vasco da Gama) - maior estádio de futebol do Rio de Janeiro antes do erguimento do Maracanã - que foram anunciadas a adoção do Salário Mínimo e a Consolidação das Leis Trabalhistas (1943).

O discurso nacionalista brasileiro foi disseminado com o intuito de se estabelecer unidade para o exercício do poder do Estado. Imagens de Getúlio Vargas e das Forças Armadas dominaram até mesmo a produção cinematográfica durante o Estado Novo: ao reverenciar Getúlio, a onipresença do líder; no caso das Forças Armadas, a segurança. Mas não só. Através do Departamento de Imprensa e Propaganda²¹³ (criado em 27 de dezembro de 1939), a exaltação do Primeiro de Maio, do Sete de Setembro, dos aniversários de Getúlio e das façanhas do futebol que, enquanto esporte de massas, tornou-se um elemento catalisador de tal sentimento. Para tanto, o Estado passou a fazer uso da exaltação de conquistas.

Na tentativa de fazer do Brasil um território congregado, independentemente

²¹³ Criado em 1939 como forma de legitimar o regime estadonovista, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) passou a controlar os meios de comunicação e promover a propaganda do regime, incluindo a censura a manifestações jornalísticas e artísticas, a promoção de manifestações cívicas e concursos musicais, aproveitando sistematicamente o programa Hora do Brasil que, desde 1934 passara a ser irradiado para todo o país por todas as emissoras de rádio no período de uma hora (das 19 às 20 horas).

das diferenças sociais e econômicas da população, Vargas passou a edificar uma “arquitetura desportiva” através do erguimento de praças esportivas, colônias de férias, clubes e escolas de Educação Física voltadas para a juventude do país (em 1937 foi introduzida a obrigatoriedade da Educação Física enquanto disciplina nas escolas), para o operariado e descendentes e para menores habitantes de cortiços e favelas.

A “oficialização do esporte” no Brasil se deu através do Decreto-Lei n. 526, de 01 de Julho de 1938, criador do Conselho Nacional de Cultura, vinculado ao Ministério da Educação e da Saúde (BRASIL, 1938).

Deve-se destacar a importância da imprensa (supervisionada pelo Estado), então um dos principais veículos de formação da opinião pública, que procurou adaptar-se ao gosto do leitor e aumentar suas vendas.

Outra iniciativa do Estado Novo foi a criação do Conselho Nacional dos Desportos (1941), também vinculado ao Ministério da Educação e Saúde. A missão do CND seria a de orientar, fiscalizar e incentivar a prática de desportos no país, podendo autorizar ou desautorizar a participação brasileira em disputas internacionais, além de vigiar as atividades profissionais esportivas. O mesmo decreto estruturou as confederações por ramo esportivo (basquetebol, pugilismo, vela e motor, esgrima, xadrez e a Confederação Brasileira de Desportos, responsável pelo futebol, saltos, natação, remo, voleibol, handball, tênis, atletismo e polo-aquático). O destaque da CBD, no entanto, seria o futebol, de acordo com o II Parágrafo do decreto mencionado (DRUMOND, 2006, 2008).

Outra prática estatal utilizada para o engrandecimento definitivo do futebol enquanto esporte de unidade nacional foi o estímulo à construção de estádios. Tais estruturas possivelmente incutiriam entre os brasileiros as representações oficiais, a integração nacional e o sentimento patriótico.

Desta forma, através do futebol, o Estado passou a produzir a transição da “memória coletiva” para a “memória nacional” (ALABARCES, 2002, p. 48). Ou seja, na Era Vargas, o esporte em questão, até então vinculado ao lazer, ganhou importância de Estado, procurando estabelecer a visão de que ricos, pobres, trabalhadores, brancos, negros e mulatos deveriam ter direito à participação do contexto geral nacional. A mensagem estava dada: da montagem de um clube de bairro à estruturação do selecionado nacional, o imaginário de nação deveria estar presente, estabelecendo-se o sentimento de pertencimento:

[...] pode-se perceber o esporte como símbolo da imagem nacional, sendo frequentemente exaltado como ícone pátrio. Assim, a prática ganha relevância na construção de identidades nacionais, em especial junto a regimes que buscavam formar um novo modelo de cidadania e nacionalidade, como nos casos de Portugal e Brasil durante seus Estados Novos (DRUMOND, 2011, p. 11).

Getúlio Vargas teria percebido claramente o quanto o futebol mexia com os brasileiros podendo utilizá-lo ao propósito da unidade propalada. Certamente, percebera que a base para suas intenções estavam alicerçadas.

Até 1938, as vitórias brasileiras em torneios internacionais foram assim dispostas: 1914, Copa Roca (torneio contra a Argentina); 1919, campeonato sul-americano; 1922, campeonato sul-americano; 1922, Taça Rodrigues Alves (contra o Paraguai); 1923, Taça Brasil-Argentina; 1931, Copa Rio Branco (torneio contra o Uruguai); 1932, Copa Rio Branco (torneio contra o Uruguai).

Não por acaso, próprio das intenções varguistas, foi idealizada a Taça Rio-São Paulo, procurando aproximar os dois eixos mais importantes do futebol brasileiro, transformando-os em eixo único (a iniciativa deve ser entendida como tentativa de superação do sentimento regional em prol do nacional).

O vice-campeonato obtido pelo Brasil no Sul-americano de 1936-1937 (disputado na Argentina e com vitória da seleção anfitriã) foi munição para as pretensões de Getúlio Vargas, que procurou exaltar a união e civilidade brasileira e condenar a violência argentina. Para tanto, sua voz foi o *Jornal dos Sports*, que intitulou o jogo final daquele campeonato como o “jogo da vergonha”:

O match de ontem à noite caracterizou-se por uma violência que não se pode descrever em todos os seus detalhes. Para vencer o esquadrão do Brasil, o scracht argentino empregou o máximo de violência, o que resultou em um conflito de grandes proporções. Os rapazes do Brasil se portaram galhardamente. Ameaçados pelos adversários que usaram mais as travas das chuteiras do que o futebol limpo [...]²¹⁴

A recepção aos jogadores nacionais foi manifestada entusiasticamente pelo programa radiofônico *A Hora do Brasil*, como também por outros diários:

[...] Nesse momento era incalculável a multidão que se aglomerava na praça Mauá. [...] Assim, Adhemar desceu, fê-lo nos braços dos torcedores que o carregavam em triunfo. Também Roberto, Tim e Afonsinho apareceram nos braços da multidão. [...] Em seguida, o sr. Luis Aranha cedeu a palavra ao chefe da delegação brasileira, sr.Castello Branco, que agradecendo as

²¹⁴ *Jornal dos Sports*, 2 de fevereiro de 1937.

carinhosas homenagens que se prestavam aos jogadores, ressalta que o feliz êxito obtido pela representação se devia à disciplina, patriotismo e perfeita compreensão esportiva de todos os seus componentes (OS FUTEBOLISTAS..., 1937).

Quando os nossos valorosos patrícios pisarem a terra brasileira, tão cobertos de glórias, uma fortaleza, a um sinal combinado, dará uma salva de 21 tiros, finda a qual todos os navios, barcos, lanchas, trens, autos, sirenes, apitos de fábricas, tocarão durante um minuto em homenagem aos que realmente souberam representar nossa pátria [...] Esta saudação será irradiada para todo o Brasil, pela Hora do Brasil. Possantes auto falantes serão colocados na esplanada [...], onde a multidão, que ficará sob cordão de isolamento, poderá ouvir sem dificuldade. Terminada a saudação, a banda de música tocará o hino nacional que terminará com um viva ao Brasil e que será correspondido pela multidão (A RECEPÇÃO, 1937).

Mesmo derrotada, a seleção brasileira foi recepcionada por torcedores na Praça Mauá, com direito a salvas de canhão e hino nacional executado por uma banda militar. Uma demonstração de que o nacionalismo pretendido por Vargas utilizando como um de seus elementos o futebol, estava no caminho correto.

No esforço da construção do Estado Nacional, a Copa de 1938 passou a significar muito.

O evento ocorreu na França, entre 4 e 19 de junho, e envolveu trinta e seis países e não contou com as seleções da Inglaterra, do Uruguai e da Espanha (esta última em guerra civil desde 1936).

O governo federal estadonovista procurou tomar medidas que dessem unidade à organização do futebol no país, como atesta *O Estado de S. Paulo*:

Os jornais noticiaram que o chefe do governo provisório estava disposto a interferir na contenda entre a Confederação de Desportos e a Federação Brasileira de Futebol a fim de evitar o fracasso da representação no segundo campeonato mundial [1934], a disputar-se nos estádios italianos. Informariam ainda os mesmos jornais que seriam chamados para uma conferência, os srs. Luiz Aranha e Arnaldo Guinle, os dois esportistas mais em evidência naquelas duas entidades esportivas [...] O que desejamos assinalar é que a Confederação de Desportos, tendo o bafejo do governo federal, havia mesmo de levar vantagem sobre as demais instituições, não só do Rio, como São Paulo e demais Estados. Representou a Confederação em todos os tempos, os elementos esportivos do país? Nem sempre. Nela dominaram oligarquias de clubes regionalistas, que trataram de defender, como era natural, os seus interesses particulares, ou de satisfazer as possíveis vaidades ou ambições de seus diretores (A PRIMEIRA..., 1934).

Para o evento, como forma de demonstrar a importância da participação brasileira, Getúlio enviou sua filha, Alzira Vargas²¹⁵. E mais: concedeu à delegação

²¹⁵ *Correio da Manhã*, 01 de junho de 1938, p.1.

brasileira uma subvenção de 200.000\$000²¹⁶.

Para a Copa de 1938, foi realizada a “Campanha do Selo”, com objetivo de arrecadar fundos para a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), além dos recursos disponibilizados pelo governo federal. Através da imprensa, conclamou-se ao empresariado ajuda à seleção brasileira para que mais recursos fossem disponibilizados para uma possível campanha vitoriosa nacional em solo francês:

A “Campanha do Selo”, a tão bem inspirada iniciativa, teve um sucesso invulgar, ao se iniciar há dias, no Rio. Está quase esgotada a emissão de 100 mil selos. Com essa campanha os afeiçãoado podem se interessar diretamente pela viagem de nossa seleção, pois adquirindo um selo o “torcedor” faz sua fezinha de ir também à Taça do Mundo. É a sorte que designará o feliz afeiçãoado que acompanhará a delegação. Melhor iniciativa para interessar os nossos afeiçãoados não poderia surgir. Os que adquirissem o “selo cebedense” não só auxiliariam patrioticamente o comparecimento do Brasil na III Taça do Mundo como se tornarão, igualmente, candidatos a um lugar por 500 réis. Assim, enquanto os fans gastarão a quantia tão modesta, a CBD, para cada emissão, arrecadará 50 contos, uma quantia que muito contribuirá para a nossa seleção viajar com mais comodidade, para melhor se hospedar na França etc. É tudo isso importa na melhor disposição dos nossos azes para lutar naquele importante torneio dentro de suas reais possibilidades. Sendo assim, maior será nossa chance de vitória (PODE-SE..., 1938 apud SILVA, 2004, p. 134).

A Copa de 1938 teria marcado o encontro dos brasileiros consigo mesmo ou a intenção de fazê-lo²¹⁷, afinal foi a primeira vez que o país foi para um evento mundial com um time miscigenado (em 1930, só o negro Fausto; em 1934, apenas Leônidas da Silva). Ou seja, em 1938, o futebol teria emergido como representação social do brasileiro.

Para a campanha da seleção brasileira de 1938 foi traçado um planejamento rigoroso através da mobilização de diferentes setores da sociedade civil, governo e imprensa especializada. Desta forma, um programa de treinamento físico foi elaborado pela Escola de Educação Física do Exército. Jogos-treino foram agendados e a premiação aos atletas e comissão técnica foi previamente acertada, como pode ser observado nas palavras de Luiz Aranha, presidente da Confederação Brasileira de Desportos no período:

²¹⁶ *Correio da Manhã*, 08 de junho de 1938, p.1.

²¹⁷ Indico o documentário *História de todas as Copas*, produzido na França sob a direção de Alain Devaux, retratando Copas realizadas entre 1930 e 1978 (a versão brasileira inclui a Copa de 1982). Distribuição VTI Home Vídeo.

Os nossos esforços em proporcionar todo o conforto aos scratchmen terão de ser correspondidos à altura. Por isso exigimos disciplina, sem transigência, ao mesmo tempo que dedicação ao preparo físico. Sem a compreensão moral da missão, nenhum resultado prático se poderá esperar na cancha.²¹⁸

A utilização da imprensa para que o evento fosse abraçado pelos brasileiros foi intensa, como demonstra trecho de matéria do jornal *O Estado de S. Paulo*:

[...] O Sr Alarico Maciel, chefe da concentração, enviará a São Paulo na hora do embarque a seguinte saudação: “A imprensa e o povo de São Paulo. Os jogadores da CBD concentrados em Caxambú, não podem partir para a Europa sem o estímulo, o aplauso e o carinho do grande, nobre e generoso povo paulista. Eles vão a São Paulo nesse firme e honroso propósito, irmanados no mesmo ideal, num trabalho commum de elevar no estrangeiro o nome do Brasil unido, forte e feliz (DEVERÁ..., 1938, p. 8).

O Brasil passou a ser apontado pela mídia como um dos favoritos para vencer a Copa de 1938:

Todos os nossos jogadores estão decididos a não poupar nenhum esforço para alcançar a victoria desejada. Todos os componentes do quadro, estão treinados até o limite máximo. Leônidas por sua vez asseverou que “todos nós sabemos que não somente representamos o Brasil como, também, a América do Sul”, acrescentando: “Faremos todo o possível para vencermos nossos adversários. O tempo, de resto, parece querer auxiliar-nos” (OS BRASILEIROS..., 1938, p. 13).

Mas ao que consta, nem tudo foi desenvolvido como o planejado.

Antes mesmo de se apresentarem ao selecionado para o preparo para o torneio da França, Domingos da Guia, Fausto e Leônidas da Silva teriam se envolvido em uma polêmica quando da excursão do Flamengo à Bahia: no Cassino Casaris, Domingos teria agredido Fausto e Leônidas e desacatado autoridades policiais. Detido, da Guia foi libertado em seguida. Diários como *A Noite* e *O Estado de S. Paulo* não noticiaram o incidente.

Segundo Melina Pardini (2009), o regime estadonovista, na tentativa de consolidar sua ideologia passou a fazer uso intenso da mídia e promover a propaganda do regime. Para tanto, os jornais atrelados ao regime procuravam representar a massa torcedora como harmônica. Ou seja, ao fazer uso de rádios e jornais, Vargas procurou apresentar um futebol ordenado, coletivo e disciplinado. Desta forma, grande parte das matérias veiculadas mostraram-se positivas em

²¹⁸ *Jornal dos Sports*, 16 de março de 1938.

relação à seleção brasileira. Leônidas da Silva, o grande nome em evidência no futebol brasileiro no período, precisava ser apresentado de acordo com os valores desejados e almejados pelo Estado Novo.

Leônidas da Silva não ficou conhecido apenas pela habilidade com a bola, mas também pelo envolvimento em polêmicas e pela indisciplina. Mesmo assim, sua popularidade teria sido utilizada por parte de agentes governamentais de Getúlio Vargas para exaltar a inserção de negros e mulatos na seleção do país, como símbolo da harmonia e democracia racial apregoada pelo Estado Novo (COSTA, 2006).

Mas matérias do período no *Jornal dos Sports* (que não eram assinadas pelos cronistas, mas aprovadas pelo seu diretor Mário Filho), indicaram outras polêmicas envolvendo os grandes nomes da seleção de 1938, como quando Domingos da Guia teria pleiteado levar a esposa para Paris ou quando Leônidas teria procurado o então presidente da Federação Brasileira de Futebol, Castello Branco, solicitando gratificação especial para a disputa da Copa de 38. Este teria reagido fortemente: “Está resolvido, não pensamos mais em Leônidas, pois seu concurso não mais nos interessa”²¹⁹.

Procurando amenizar o problema, Castello, preocupado com a repercussão negativa do caso e levando em consideração as intenções governamentais, esclareceu no dia seguinte:

Leônidas disse-me que não poderia treinar porque estava machucado, assim como não podia embarcar imediatamente para Caxambu. Pimenta estava ao nosso lado e aí eu declarei ao técnico que assim, era melhor não contar com Leônidas, desde que a concentração em Caxambu era uma condição sine qua non para figurar no scratch. A minha frase teve o intuito único de mostrar ao jogador a responsabilidade que tinha de assumir cada um. Não era uma exclusão do scratch tanto que como Leônidas declarou que precisava falar comigo, esperei o jogador para um esclarecimento definitivo. Se se dispusesse a integrar o scratch nas condições estabelecidas para todos seria requisitado definitivamente, exceto se o exame médico colocasse fora de cogitação. Também Domingos não me exigiu nada. Fez-me ver que a senhora [sua esposa] estava doente e por isso não podia embarcar na data fixada para a concentração de Caxambu. Nessa ocasião Domingos lembrou a hipótese de ir para Paris na companhia de sua senhora e eu retruquei-lhe que tal coisa era possível desde que não representasse ônus para a CBD.²²⁰

Nos dias que se seguiram, mais polêmicas, como quando mais jogadores exigiram ordenados e gratificações especiais para defenderem o Brasil na Copa

²¹⁹ *Jornal dos Sports*, 7 de abril de 1938.

²²⁰ *Jornal dos Sports*, 8 de abril de 1938.

daquele ano, talvez inspirados na “reivindicação” de Leônidas.

A exigência foi assinada pelos vinte e três jogadores convocados e nela foram feitas críticas à imprensa esportiva que, segundo a Confederação Brasileira de Desportos, distorcia os fatos ao ferir o princípio de disciplina do selecionado, não colaborando com o projeto nacional maior de unificar o país em torno da seleção nacional. Ou seja, toda e qualquer insatisfação dos atletas quanto às condições estabelecidas pelos dirigentes eram taxadas como atos de indisciplina, o que, de certa forma, ainda o é nos dias atuais.

Mas as controvérsias não cessaram, como por ocasião da viagem da delegação brasileira para a França. Em uma parada em Lisboa, uma vidraça de uma loja de bombons foi quebrada. Prontamente, na tentativa de mostrar harmonia e paz entre os membros da comitiva, foi feito um esclarecimento sobre o ocorrido, tratando o episódio como uma brincadeira entre os jogadores:

Eis como se passaram exatamente os fatos: em primeiro lugar é preciso dizer que a estada dos jogadores brasileiros em Lisboa não passou de uma hora. No momento em que um grupo de players patricios passeava em uma das ruas – aliás muito estreita – da capital lusa, acotovelados por uma multidão de admiradores, um dos jogadores empurrou ligeiramente um companheiro. Este, por sua vez, defendendo-se contra o entusiasmo dos portugueses, bateu com o cotovelo contra a vitrine de uma confeitaria diante da qual passava nesse momento, quebrando uma vidraça de cerca de 20 cm. Imediatamente o nosso jogador prontificou-se a indenizar o dano involuntariamente causado, ficando, assim, encerrado o incidente, que nem ocorreu em um bar, nem determinou intervenção da polícia, nem acarretou a apresentação dos jogadores à delegacia de polícia, nem originou a imposição de uma multa aos brasileiros.²²¹

O Jornal *A Noite*, colaborando com as intenções governamentais, por ocasião da viagem da seleção nacional à França, invocou o civismo que deveria tomar conta dos brasileiros:

A representação brasileira no campeonato mundial de futebol, que hoje embarca, constitui a nata de uma modalidade esportiva em que nosso país se tem destacado universalmente, e leva aquele grande torneio responsabilidades relacionadas com o sentimento cívico e a fama da nação. A seleção foi probidosamente escolhida mediante ótimo critério técnico, por forma a inspirar a todos os brasileiros a confiança em sua ação quando houver de defrontar poderosos adversários, em outro clima social, e diante de assistências que lhe podem outorgar consagração mundial (PARTEM..., 1938).

²²¹ *Jornal dos Sports*, 19 de maio de 1938.

Fato que na cidade de São Paulo, durante as partidas do selecionado brasileiro, por algumas horas as atividades foram suspensas. No jogo entre Brasil e Itália, em 16 de junho, por exemplo, lojas como o *Mappin Store* e a tradicional *Casa Alemã* fecharam suas portas às quatorze horas. Mesmo a “sereia da Gazeta” (que tal como uma Igreja anunciava o meio-dia e, conseqüentemente, o horário de almoço), durante o evento, passou a não apenas anunciar a divisão do dia, mas os gols das partidas que envolveram a seleção brasileira.

Mas era mesmo o rádio o veículo de comunicação mais procurado. A Rádio Club do Brasil (PRA-3) realizou transmissões diretas da França das partidas que envolveram o selecionado brasileiro. Já emissoras radiofônicas paulistanas como a Cruzeiro do Sul, Cosmos e Clube do Brasil, através de alto-falantes, retransmitiram os jogos. Com isto, a venda de aparelhos de rádio em cidades como São Paulo aumentou.

Os cinemas projetaram os filmes das partidas do Brasil dois dias após de ocorridas, mesmo que incompletas (duração de cerca de meia hora). Nas transmissões, manifestações de patriotismo:

O dia do descobrimento do Brasil, feriado nacional, não passou despercebido pelos jogadores brasileiros que participarão de sensacional torneio da taça do mundo. A “Rádio Saudades do Brasil” dedicou uma hora à data. Leônidas [o Diamante Negro], diretor da estação improvisada, reuniu a rapaziada, convidou os dirigentes da delegação e fez uma hora de música brasileira. Os demais passageiros tiveram assim, alguns momentos de distração e os cracks puderam revelar seus sentimentos patrióticos. A turma do samba compareceu na horinha. [...] Sugeriu que toda a delegação cantasse, embora baixinho, o Hino Nacional. Repercutiu muito bem no Arlanza tal iniciativa do ponteiro do São Cristóvão, pois todo o mundo ficou sabendo que os cracks brasileiros chegarão a Paris, sabendo cantar direitinho a nossa música oficial. (UMA HORA..., 1938 apud SILVA, 2004, p. 150).

Até mesmo as prisões foram afetadas, uma vez que em dias de jogo os detidos disputavam a proximidade junto aos aparelhos de rádio disponibilizado pelos agentes: “presos e carcereiros chegaram a confraternizar a cada vitória do Brasil” (FAUSTO, 2009, p. 146).

A vitória do Brasil sobre a Polônia (6 a 5, com quatro gols de Leônidas), fez a madrinha da seleção, Alzira Vargas, enviar telegrama felicitando o feito dos jogadores brasileiros.

Próprio da comoção e expectativa sobre o torneio, a imprensa escrita e falada (rádio) chegou a propagandear acusações de que existiria um complô contra a

seleção brasileira devido aos preconceitos dos dirigentes europeus e pela violência dos adversários aplicada sobre os jogadores brasileiros, principalmente a partir da peleja contra a Tchecoslováquia, denominada “batalha de Bordéus”, marcada pela agressividade em campo, quando dois jogadores de cada lado foram expulsos. As exclusões sumárias dos brasileiros teriam sido injustas e o árbitro teria marcado um pênalti inexistente em favor do adversário. Sobre a partida – que terminou empatada em 1 a 1 - *O Estado de S. Paulo* publicou:

Não somos propensos a explosões de entusiasmo porque não nos deixamos influenciar pelos arroubos sensacionalistas e cabotinos de algumas criaturas. Vamos, pois, comentar a frio o significado do que ocorreu anteontem no Estádio Municipal de Bordéus²²²

Independentemente das denúncias, parecia mesmo que o Brasil ganhava contornos de irracionalidade em torno do futebol, principalmente após a vitória brasileira no jogo contra os tchecos, com jornais do Rio de Janeiro e São Paulo exaltando o feito de forma entusiasta. Nas ruas, buzinação, bandeiras brasileiras exibidas nos principais pontos comerciais e fábricas soando suas sirenas, conforme noticiou *O Estado de S. Paulo*: “Pela avenida Rio Branco, em frente aos jornais, massas de povo, entoavam o Hino Nacional, seguidos de ‘viva o Brasil’, enquanto que pelos ares zuniam foguetes ao espoucar barulhento das bombas”²²³.

A eliminação do selecionado brasileiro (após um pênalti cometido pelo zagueiro Domingos da Guia sobre o italiano Piola quando a bola estava fora de campo) frente à seleção anfitriã (Itália), teria feito o país sentir-se vítima dos países do velho continente, afinal, para a imprensa e os especialistas da época, individualmente o escrete brasileiro seria melhor.

A derrota da seleção brasileira para a italiana na Copa de 1938, especificamente em 16 de Junho, fez a população chafurdar-me em tristeza. De todos os cantos do país, notícias chegavam apontando para o desapontamento pela derrota.

Assim descreve Cid Pinheiro Cabral (1978, p. 37) o que foi aquela partida pelas semifinais da III Copa do Mundo de Futebol realizada na França:

²²² *O Estado de S. Paulo* (Esporte), 11 de junho de 1938, p. 7.

²²³ *O Estado de S. Paulo*, 15 de junho de 1938 (“Os tchecos não resistiram à vigorosa reação dos jogadores brasileiros”), p.8.

Com Leônidas e Domingos da Guia, aquele o goleador da III copa, o Brasil marcou seu primeiro lance de proeminência bem visível, no futebol mundial. Na semifinal, frente à Itália, perdeu de 2 x 1, com os italianos (logo depois campeões) valendo-se, para a obtenção do resultado positivo, de um pênalti de Domingos da Guia em Piola, o chamado 'pênalti da inocência', que só podia mesmo ser cometido por jogadores de um país onde as regras eram apenas propriedade dos árbitros e de um ou outro crítico. Bastante fustigado, durante o jogo, pelo centroavante Piola, Domingos da Guia, vendo a bola fora de jogo, resolveu investir contra seu corpo, na mais infantil das desforras. Pênalti e caminho aberto para a segunda conquista italiana consecutiva da Copa – que Mussolini exigira, ao despedir-se da equipe do seu país com um forte murro na mesa e mais do que um desejo, uma ordem: 'Sejam felizes e lembrem-se de que não defenderão apenas o futebol campeão do mundo, mas a própria honra da Itália'. Maneira de dizer de um bota-fora? Não, algo, sim, com todo o verniz de um ultimato!

Fato que a partida contra a Itália paralisou boa parte do Brasil. A seleção nacional brasileira não contou com Leônidas da Silva que, lesionado, ficou de fora. Para muitos, se tivesse jogado, a sorte brasileira teria sido outra.

O resultado contra a Itália foi tido como injusto, como atestou Getúlio Vargas em suas anotações pessoais: “O jogo de football monopolizou as atenções. A perda do *team* brasileiro para o italiano causou uma grande decepção e tristeza no espírito público, como se tratasse de uma desgraça nacional” (VARGAS, 1995, p. 140).

Na Copa de 1938, novamente a Itália foi campeã, com o Brasil terminando em terceiro lugar após cinco jogos (três vitórias, um empate e uma derrota). Na decisão pelo terceiro lugar, o Brasil venceu a Suécia por 4 a 2. Na edição, o brasileiro Leônidas da Silva tornou-se o maior goleador, do torneio com sete gols (dos quatorze gols da seleção brasileira).

Leônidas assombrou a imprensa europeia na Copa italiana, sendo denominado “homem de borracha”, de “dom diabólico”, uma “magia negra”, dependendo do veículo promotor. Um dos gols no torneio entrou para o folclore do futebol: o Diamante Negro teria feito um tento sem chuteiras num campo enlameado²²⁴.

A vitória contra a Suécia na disputa pelo terceiro lugar no torneio, teria amenizado a dor brasileira, a ponto do *Jornal dos Sports* assim se posicionar por ocasião do retorno dos brasileiros ao país:

Absolutamente inédita a manifestação popular de ontem. Toda a cidade delirou. Os nossos 'cracks' foram recebidos com as glórias de autênticos

²²⁴ A fábrica de chocolates Lacta lançou o doce “Diamante Negro”, um dos apelidos de Leônidas. Leônidas não teve vantagem sobre o lançamento, já que a marca não estava registrada em seu nome; percebeu algum dinheiro apenas como garoto-propaganda por ocasião do lançamento do produto.

campeões do mundo. Não importa o título oficial. Ou por outra: o título oficial não honraria tanto os nossos 'cracks', e não lhes daria uma emoção tão grata e profunda, como lhes deu a consagração de ontem. Mais vale ao nosso scratch ser campeão do mundo para a cidade do que para a FIFA.²²⁵

Leônidas da Silva e Domingos da Guia (em que pese o pênalti cometido), foram transformados em ídolos de todo um povo, contribuindo para que se encarnasse o valor ideológico da democracia racial de Gilberto Freyre. Leônidas passou a preencher páginas dos jornais, inaugurar lojas e tornou-se garoto propaganda até mesmo de pasta de dente.

Os jornais brasileiros, através de fotografias, procuraram mostrar o retorno dos jogadores após o evento como heróis, apontando para os torcedores como patriotas passivos e entendedores de que os atletas fizeram o melhor que lhes era possível.

Fato é que a Copa de 1938 teria alcançado seus objetivos. Ou seja, utilizar o futebol para um projeto de união do país.

O sucesso brasileiro no evento acompanhou o cenário do país: modernização econômica, desenvolvimento tecnológico e consolidação do Estado, refletindo a ideologia estadonovista²²⁶.

As autoridades do Estado Novo não perderam a oportunidade de associar o sucesso da seleção ao regime estabelecido a partir de 1937, procurando fortalecer a ideia de identidade nacional, como que procurando consolidar a visão de nascimento do “novo homem brasileiro”, marcado pelo civismo e patriotismo, características inseridas em um “Estado forte” a ser solidificado a partir do aperfeiçoamento físico de seus cidadãos através da educação física. Tanto que, na década seguinte, o Ministério da Educação passou a sugerir que o incentivo ao esporte entre os brasileiros, independentemente do estrato social do cidadão, poderia trazer ao brasileiro um aperfeiçoamento físico e, com ele, a projeção definitiva de um país moderno:

A política a que nos vimos subordinando, através de atos continuados de governo, parece indicar que o Brasil não pretende perder-se, no meio do mundo, mas deseja achar-se, dentro de si mesmo. Uma população de misturas não perturba a união nacional, apenas conduz o movimento de nossa civilização a lutas contraditórias, perdidas no meio de diretrizes e finalidades heterogêneas. [...] Bem avisada, a política que se ocupa de

²²⁵ *Jornal dos Sports*, 12 de julho de 1938.

²²⁶ Em 1938, quando o eixo dinâmico do capitalismo brasileiro deslocara-se para o setor urbano-industrial, São Paulo apresentava 43,2% de toda produção industrial do país e Rio de Janeiro 14,2%; Minas Gerais 11,3%, Rio Grande do Sul 10,7%, Pernambuco 4,2%, Santa Catarina 1,8%, Paraná 1,8% e Bahia 1,7%; outros Estados, 6,1%, segundo dados dos recenseamentos industriais do período.

restaurar o caminho histórico, no curso do qual caldearemos a nossa própria raça e fortaleceremos os característicos que darão ao brasileiro personalidade própria. [...] A raça é ponto de partida para a definição de uma poderosa organização nacional (LYRA FILHO, 1941, p. 43).

A partir do desempenho da seleção brasileira na Copa de 1938, passou a ser fixada a ideia do futebol brasileiro como único e próprio de um estilo de vida. Um futebol-arte. Praticá-lo, passou a ser visto como um dever cívico. Para Soares, Bartholo e Salvador (2007, p. 5):

No futebol brasileiro, a idealização do estilo de jogo do futebol-arte, representação que permanece muito forte até os dias atuais quando se refere à seleção brasileira, tem seu embrião em um artigo do intelectual Gilberto Freyre, escrito para o Jornal o Diário Associados de Pernambuco durante a Copa do Mundo de 1938 na França. "Foot-ball mulato" atribui características dionisiacas ao estilo de jogo brasileiro que estariam diretamente relacionadas aos elementos culturais de um povo miscigenado. Criatividade, espontaneidade, malemolência seriam atributos do futebol brasileiro, oriundos da mistura das raças que formariam a Nação.

Definitivamente, o futebol passou a se colocar como um fenômeno de massa em países como o Brasil a partir da inclusão do negro na prática e da implantação do profissionalismo em seu interior. E a Copa de 1938 colaborou decisivamente para tal.

Ao que consta, o projeto getulista não teria sido em vão.

O historiador Plínio Negreiros defende que a participação brasileira na Copa de 1938 foi importante na construção da identidade nacional ao gerar comoção e mobilização popular, destacando que o fenômeno não seria possível sem a presença dos meios de comunicação:

Enfim, a participação brasileira na Copa de 38, em função de todo o clima que criou, mostrou que o futebol já havia adquirido um outro papel fundamental: articulador da unidade nacional. Esse poder do futebol foi muito bem utilizado pelo poder público, bastando que se olhe todo o empenho demonstrado pelas mais diferentes autoridades brasileiras. Porém, também coube à imprensa uma função vital: os periódicos viveram plenamente o clima de Copa do Mundo. Mais do que um meio de informação ou análise, os jornais optaram por animar o torcedor ou mesmo iludi-lo com um otimismo exagerado. O rádio, como grande novidade numa transmissão direta da Europa, também se mostrou fundamental. Não podemos esquecer do cinema, com suas reportagens (NEGREIROS, 1997, p. 227).

Durante o Estado Novo (1937-1945), particularmente após a boa campanha da seleção brasileira na Copa de 1938, Getúlio Vargas procurou concretizar seu projeto de dar ao Brasil um sentido de nação ordenada com o futebol. Para tanto, utilizou-se

da mídia, apresentando nas rádios e jornais uma massa torcedora como um conjunto disciplinado, procurando, desta forma, consolidar o futebol como um esporte nacional ao invocar a desconstrução do espírito individualista e libertário do jogador brasileiro. Mesmo sendo Leônidas da Silva²²⁷ – o grande craque brasileiro à época – uma figura oposta à imagem idealizada pelo governo estadonovista. Para tanto, o regime procurou alterar a imagem de Leônidas, bem como alterar a imagem de um país dividido em pátrias, onde o regional sempre se sobrepôs à visão unitária nacional.

A imprensa esportiva, gerenciada pelo Estado a partir de 1939, procurou fazer dos jogadores da Copa de 1938 os representantes da pátria. Neste sentido, Leônidas tornou-se, mesmo sem clareza, o símbolo da resistência da classe trabalhadora à ideia de nação idealizada pelo governo varguista, principalmente no que tange à disciplina idealizada pelo Estado Novo²²⁸.

Segundo Simone Guedes (2009), desde a Copa de 1938 a identidade brasileira encontrou nas Copas do Mundo seu ritual de congregação máximo já que, por ocasião do evento, valores sociais passaram a ser compartilhados entre os brasileiros, fazendo florescer um nacionalismo nem sempre presente na vida diária nacional. Sempre com reforço da mídia e das campanhas publicitárias, fazendo com que a seleção do país passasse a ser vista com representante de toda uma coletividade. Para Couto (COUTO, 2014), a partir do sucesso brasileiro na Copa francesa, o futebol passou a servir como metas de governo, em especial a partir da Copa realizada vinte anos depois, na Suécia.

Da mesma visão comunga Thiago Maranhão (2011, p. 6), ao afirmar que:

E é em épocas da Copa do Mundo que o discurso sempre retorna com mais força. Essa afirmativa deriva do fato de que o futebol é, efetivamente, um evento aglutinador de emoções, parte da construção do espírito nacional. É sempre durante os maiores eventos do futebol [...] que as avaliações são mais plausíveis, quer para os atos de heroísmo, quer para os insucessos, fracassos e falhas no desempenho esperado.

²²⁷ Leônidas teria sido o precursor do marketing no futebol brasileiro. Até mesmo o lançamento do chocolate Diamante Negro teria sido articulado a partir do sucesso do jogador na Copa de 1938 realizada na França, do qual Leônidas foi o artilheiro com sete gols. Para admitir seu codinome à guloseima da Lacta, teria recebido dois contos de réis. Além da marca de chocolate, Leônidas também foi nome de relógio, bicicleta e cigarro. Outra versão aponta que Leônidas foi acusado de ter roubado um colar de diamantes de uma mulher numa excursão a São Paulo. Perante o episódio, torcedores adversários teriam utilizado o apelido para desestabilizar Leônidas quando em campo.

²²⁸ Importante ressaltar que, alguns anos após, especificamente em 1941, Leônidas foi processado por falsificar seu certificado de reservista, ficando oito meses detido em quartel do Realengo, Rio de Janeiro, embora o episódio tenha sido abafado pela imprensa controlada pelo regime estadonovista (RIBEIRO, 2012).

Resumo de Dados sobre a participação brasileira na Copa de 1938²²⁹

EVENTO: Copa de 1938 (de 04 a 19 de Junho; 15 seleções; vencedor: Itália)

SEDE: França

PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA: terceira colocação, atrás de Itália e Hungria

CENÁRIO POLÍTICO NACIONAL: Estado Novo (1937-1945)

OBJETIVO GOVERNAMENTAL COM EVENTO: utilização do futebol como elemento de identidade nacional

DESTAQUES DO EVENTO: fortalecimento da Itália Fascista de Benito Mussolini, novamente campeã do torneio

DESTAQUE(S) POSITIVO(S) E NEGATIVO(S) PARA O BRASIL NO EVENTO: (+) jogadores Leônidas da Silva (artilheiro do torneio) e Domingos da Guia, reforçando as teses positivas quanto à miscigenação brasileira; (-) embora com o terceiro lugar no torneio, frustração popular com a colocação.

Cerca de dois anos após a Copa italiana, a inauguração do Estádio Municipal do Pacaembu na cidade de São Paulo²³⁰, em 1940, fez emergir uma das principais tradições políticas do futebol brasileiro: a construção generalizada de estádios com recursos públicos, prática herdada do fascismo italiano e que atingiu seu ápice durante o regime militar brasileiro (1964-1985), particularmente no governo Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), com a construção de estádios gigantescos e superdimensionados em capacidade, principalmente nas regiões Norte e Nordeste do país.

A partir da inauguração do Pacaembu (atual Estádio Paulo Machado de Carvalho), comemorações cívico-sociais passaram a ser feitas nesses templos (caso também do Estádio vascaíno de São Januário), muito provavelmente como forma de concentrar atividades comemorativas em local cercado, fechado, como que dando as costas ao que não interessa. As comemorações do Dia do Trabalhador (Primeiro de Maio) teriam tido a intenção de reprodução dos grandes comícios de totalitários como Hitler e Mussolini (PARANHOS, 1999). Seja como for, a inauguração desse estádio resume e define bem o grau de popularização do futebol não só em São Paulo, mas no Brasil como um todo.

A criação do Conselho Nacional de Desportos (CND), em 1941, vinculou a organização de todas as atividades esportivas do país ao Estado. A apropriação do

²²⁹ Elaborado pelo autor.

²³⁰ Para interessados, sigiro a leitura de *A construção do Pacaembu*, de Ferreira (2008).

esporte do povo, definitivamente, concretizava-se com o ato, o que pode ser observado nas Copas seguintes, entre 1950 e 1974.

Porém, a visão nacionalista tão propalada pelo Estado de Vargas, não atingiu o poder local de clubes, que tiveram mantidos os interesses regionais de seus beneficiadores. Muito ao contrário, ganhando ainda mais presença no cenário nacional, o futebol das agremiações locais, especialmente nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, ganhou maior ímpeto e força. Ou seja, a visão do nacional ficaria restrita aos torneios organizados pela FIFA, sendo, em normalidade, capitalizado pelos agentes governamentais.

A partir de 1974, o então presidente da Federação Internacional de Futebol Associação tomou iniciativas procurando transformar o futebol em espetáculo, atendendo basicamente aos interesses comerciais. Desta forma, assistiu-se, progressivamente, a uma relativa independência do futebol em relação a usos político-partidários a partir da Copa de 1978. Neste sentido, paulatinamente, passou a ser atribuição do Estado fiscalizar a atividade e não subsidiá-la. Desta forma, a apropriação do esporte passou a acompanhar a visão capitalista liberal, tal qual a temos em nossos dias globalizados.

Os objetivos traçados por Havelange de, progressivamente, trazer à FIFA o controle total sobre o futebol, concretizaram-se e a contínua espetacularização do futebol tal qual atualmente a vemos em nossos dias contemporâneos, tirou dos governos estatais o controle sobre o esporte local, o que não significa que não haja o uso político de eventos como as Copas do Mundo. No entanto, com menos ímpeto. Caso do Brasil.

Seja como for, estabelecido como um dos elementos nacionais a partir da década de 1930, o futebol trouxe devolutivas regionais, como que restituindo dividendos aos que ao esporte favorecem e incentivam, não sem intenções. Eis o que o próximo capítulo procurará indicar.

CAPÍTULO 5 - NA EVOLUÇÃO DAS AGREMIÇÕES, “O TOMA LÁ, DÁ CÁ” DO FUTEBOL

Muitas vezes é a falta de caráter que decide uma partida. Não se faz literatura, política e futebol com bons sentimentos.

Nelson Rodrigues

Matéria publicada em 18 de Março de 2019 pelo Jornal *Folha de S. Paulo* chama a atenção pela declaração do presidente do Mogi Mirim Esporte Clube, Luiz Henrique de Oliveira, agremiação de futebol do interior paulista que fez grande sucesso regional no ano de 2012: “[...] Sem um mecenas, é impossível manter o clube em atividade. Impossível!” (SABINO; CONSENSO, 2019, p. 1).

E estamos falando nos dias atuais, quando o envolvimento de setores empresariais e da indústria de massa, além de patrocínios diversos e apoios federativos, dão, em normalidade, maior suporte aos clubes de futebol, embora a prática esteja espetacularizada, o que gera a necessidade de grandes e maiores investimentos.

Porém, no Brasil é histórica a dependência de agremiações (ou de simples times de futebol) em relação àqueles que podem favorecê-las.

Nos anos 1930 (especificamente em 1936), ao publicar *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda trabalhou sob uma perspectiva weberiana ao criar tipos ideais para entender a formação cultural brasileira, analisando a herança da colonização portuguesa do Brasil²³¹ (COSTA, 2005, p. 305-306).

Holanda apontou, entre outros, que a herança cultural deixada pelos aventureiros colonizadores portugueses foi de uma sociedade colonial e rural, pouco modernizada e pouco intelectualizada, com baixa incorporação da técnica e certa aversão à racionalidade na organização das instituições administrativas e dos esquemas produtivos. Holanda traça, na obra, um panorama tipológico para chegar ao que denominou de homem cordial, como define o brasileiro²³². Tal cordialidade

²³¹ *Raízes do Brasil* constituiu um ensaio sociológico onde Holanda critica a formação oligárquica e autoritária das elites políticas e culturais brasileiras, tornando-se um dos primeiros autores a fazer uso do instrumental tipológico de Max Weber (1964-1930) na análise histórica e social do Brasil. Em outro de seus trabalhos (*Visão do paraíso: motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*, lançado em 1959), Holanda denuncia a visão estereotipada dos europeus sobre o Brasil.

²³² O ‘homem cordial’ brasileiro busca a familiaridade até nos apelidos dirigidos aos jogadores de futebol (ao menos até os anos do século XX, quando proliferam nomes compostos, talvez como forma de diferenciar e atrair investidores, próprio da mundialização capitalista): Dadá, Dedé, Didi, Dodô, Dudu, Bobô, Kaká, Nenê, Pepe, Pelé, Vavá, Zico, Pelé e tantos outros, substituindo a reverência

estaria ligada ao fato de as relações serem guiadas por sentimentos e ímpetos, indicando que o homem cordial tende a tomar todas as decisões no âmbito privado e subjetivo, demonstrando certa resistência ao uso sistemático da razão. Desta forma, tanto a estrutura social quanto a estrutura política brasileira teriam sido estabelecidas por relações personalistas que predominariam sob as relações formais de um aparelho estatal burocrático e da racionalidade da empresa capitalista moderna:

Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade – daremos ao mundo o “*homem cordial*”. A fineza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Seria engano supor que essas virtudes possam significar “boas maneiras”, civilidade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante. [...] Nenhum povo está mais distante dessa noção ritualista da vida do que o brasileiro. Nossa forma ordinária de convívio social é, no fundo, justamente o contrário da polidez. Ela pode iludir na aparência – e isso se explica pelo fato de a atitude polida consistir precisamente em uma espécie de mímica deliberada de manifestações que são espontâneas no “homem cordial”: é a forma natural e viva que se converteu em fórmula. Além disso, a polidez é, de algum modo, organização de defesa ante a sociedade. Detém-se na parte exterior, epidérmica do indivíduo, podendo mesmo servir, quando necessário, de peça de resistência. Equivale a um disfarce que permitirá a cada qual preservar intatas sua sensibilidade e suas emoções.” (HOLANDA, 1971, p105-106).

O homem cordial de Sérgio Buarque ilustra-se no futebol, onde o lúdico procura disfarçar a miséria e o descaso, havendo submissão a interesses privados. Ou seja, os limites entre o que é público e o que é privado tornam-se confusos, uma vez que as relações sociais formais confundem-se com as de parentesco e com as amizades.

A tese de Holanda é elucidativa (embora, a meu ver, exageradamente totalizadora, em que pese sua aparência crítica), especialmente quando percebemos que as estruturas sociais que analisou perduram, mantêm-se.

Caso caminhemos sob a teorização de Holanda, podemos afirmar que há uma seletividade entre os cidadãos brasileiros em busca de atendimento de seus interesses privados, o que favorece a estruturação de relações clientelistas, caracterizadas por ser uma relação de dependência econômica e política, em que os indivíduos situados em posições sociais e econômicas consideradas inferiores

pela familiaridade. Os diminutivos, explicaria Sérgio Buarque de Holanda, também seriam uma explicação da cordialidade brasileira, com forte apego à impessoalidade: Juninhos, Joãozinhos, Zinhos, Ronaldinhos, Robinho, Cicino etc.

recebem algumas vantagens. Em troca, devem demonstrar obediência a quem considera superior, o que impede que entre dependentes e favorecedores se estruturarem direitos iguais.

Não à toa, a Primeira República brasileira (1889-1930), assistiu, ao longo de mais de três décadas, suas estruturas republicanas estabelecidas a partir de dois pilares básicos: a Política do café-com-leite (uma aliança constituída por lideranças de São Paulo e Minas Gerais, os dois Estados mais poderosos do país economicamente) e a Política dos Governadores ou dos Estados (inaugurada a partir do segundo mandato presidencial civil do país com Campos Sales, em 1898), cuja essência consistia num acordo entre o governo central e as oligarquias que controlavam o poder em cada um dos Estados da federação; tais oligarquias se comprometiam a apoiar as decisões do presidente, que teria o respaldo das bancadas de São Paulo e Minas Gerais, e, em reconhecimento, o governo central federal se negava a diplomar parlamentares da oposição eleitos. Ou seja, uma política que estabelecia laços de lealdade entre o governo federal e as oligarquias regionais e que teve como base de sustentação o poder político dos coronéis (normalmente grandes proprietários de terra e chefes políticos locais que controlavam o voto e a vontade daqueles que viviam sob sua dependência) (KUPPER; CHENSO, 1998, p. 201).

Na prática, uma estrutura sedimentada no latifúndio.

No período histórico destacado, os processos divergentes dos pobres da terra e dos setores urbanos assalariados foram reprimidos com extrema violência, caso do movimento de Canudos, do Contestado e da primeira revolta urbana do país, conhecida como Revolta da Vacina.

De acordo com Raymundo Faoro (1985, p. 621),

O coronel, antes de ser um líder político, é um líder econômico, não necessariamente, como se diz, o fazendeiro que manda nos seus agregados, empregados ou dependentes. O vínculo não obedece a linhas tão simples que se traduziram no mero prolongamento do poder privado na ordem pública. [...] Ocorre que o coronel não manda porque tem riqueza, mas manda porque se lhe reconhece esse poder, num pacto não escrito.

Prestígio e poder constituem fatores que propiciam os desvios institucionais, amplamente analisados por Émile Durkheim (1858-1917) que, na obra *As regras do método sociológico* (DURKHEIM, 2003), indica que o desvio só se torna possível em termos de comportamento humano caso haja uma normalidade instituída. E tais

desvios teriam (e têm) como base o abuso do poder e o privilégio de determinados grupos sociais.

No Brasil, a prática do clientelismo é antiga, pressupondo a ideia de vínculo entre homens supostamente livres e patronos. Entre os elementos da afinidade construída está a troca de favores: ao patrão, a tolerância pelos abusos; ao supostamente favorecido, percepção de certa vantagem obtida de forma imediata.

No Brasil, ainda hoje, muitas personalidades (normalmente exercendo mandatos políticos locais, regionais ou nacionais) têm sua base eleitoral envolvida às práticas coronelísticas historicamente construídas e constituídas.

A trajetória histórica de diversas agremiações de futebol permite afirmar que, da fundação de cada uma delas ao seu histórico de desenvolvimento, outros interesses brotaram, suplantando a ideia de controle sobre trabalhadores ou simplesmente de criação de momentos lazer entre os mesmos.

No futebol, há uma via de “duas mãos”, a menos que seja praticado por puro lazer espontâneo: não apenas quem favorece se beneficia; o beneficiado, pelo patrocínio ou proteção obtida, pratica-o ou obtém condições para fazê-lo.

Bem fez Chico Buarque (2006, p. 54) ao indicar que no futebol os mais ricos são os donos do campo e os pobres os donos da bola. Sei que Buarque faz referência ao jogo em si e à habilidade com a “pelota” (normalmente, os mais habilidosos são os menos favorecidos, enquanto aos menos técnicos restaria um jogo mais racional, menos exibicionista). “Uns são equilibrados, outros equilibristas”, segundo José Miguel Wisnik (2008, p. 155). Porém, estendo o raciocínio dos autores citados para a organização do futebol em si, quando o jogo é oferecido por quem pode fazê-lo e é praticado por quem dele gosta, seja no campo, seja fora dele como mero apreciador, numa espécie de “é dando que se recebe” ou “dou-lhe o jogo, mas deixe que dele eu extraia dividendos”.

Indivíduos e grupos apropriaram-se de muitos clubes, beneficiando-os. Normalmente em busca de promoção pessoal, comercial e, principalmente, por interesses econômicos ou políticos. Desta forma, seja como iniciativa individual, setorial ou empresarial, bem antes de Getúlio Vargas e suas intenções de apropriação do futebol como elemento político macro, tais indivíduos e/ou grupos já estariam fazendo uso do futebol para atender a objetivos, embora de caráter regional. A partir das intenções de Vargas em promover o futebol como elemento de identidade nacional, o esporte ampliou ainda mais sua penetração entre os brasileiros, do que se

aproveitaram indivíduos e grupos para a consolidação de interesses diversos, principalmente promocionais e políticos.

A título de exemplo, basta que observemos mais detalhadamente os caminhos traçados por algumas agremiações em São Paulo e Rio de Janeiro para que se comprove a afirmação.

Alguns casos chamam a atenção, caso do Clube Atlético Pirassununguense (Pirassununga, São Paulo), que teve na figura de Bellarmino Del Nero (1898-1951) seu grande impulsionador, sucedendo a Companhia Paulista de Estradas de Ferro (decadente a partir do final da década de 1920, até encerrar suas atividades no município em 1977).²³³

Pirassununga é uma cidade paulista conhecida como a “terra da cachaça”, uma vez que boa parte dos imigrantes italianos ali instalada desde 1852 passou a produzir (a princípio em pequenos alambiques) aguardente. Com o crescimento da produção, descendentes de imigrantes de outros grupos (principalmente espanhóis e portugueses) passaram a produzir, engarrafar e comercializar a bebida. Caso da família Del Nero, a partir do seu patriarca, Luís Del Nero.

A família Del Nero ganhou notoriedade na cidade a ponto de um dos oito filhos de Luís Del Nero, Bellarmino Del Nero, tornar-se presidente do Clube Atlético Pirassununguense (CAP)²³⁴ e prefeito local por três gestões (década de 1930 e 1940). Foi através das práticas e iniciativas de Bellarmino que o CAP ganhou seu estádio definitivo no ano de 1931.

Envolvida com o futebol na cidade, a família Del Nero contou ainda com outro ingrediente: o sucesso de José Del Nero como jogador do esporte.

Primo de Bellarmino, Zé Del Nero, como conhecido, atuou na agremiação local, passou pelo América Futebol Clube de Minas Gerais, pela Sociedade Esportiva Palmeiras e atuou por duas ocasiões na seleção brasileira de futebol (foi convocado em 1940²³⁵). Um dos filhos de Zé Del Nero, Marco Polo Del Nero, amparado pela tradição familiar e pela fama do pai, ao formar-se em direito, foi nomeado diretor da Comissão de Sindicância do Palmeiras, em 1971. A seguir, tornou-se diretor de futebol e secretário de Orientação e fiscalizador do clube paulista. A seguir, Marco Polo foi homenageado pelos serviços prestados à Sociedade Esportiva Palmeiras, tornando-

²³³ Relatórios Anuais da Cia. Paulista de Estradas de Ferro (1873 a 1918).

²³⁴ Arquivos da Federação Paulista de Futebol.

²³⁵ *O Estado de S. Paulo* (Notícias do Esporte), edição de 11 de Fevereiro de 1940, p. 6.

se benemérito e conselheiro vitalício da agremiação.

Em 1985, Marco passou a integrar o Tribunal de Justiça Desportiva da Federação Paulista de Futebol e tornou-se presidente do Tribunal de Justiça Desportiva, cargo que exerceu até 2002. No ano seguinte, Polo ganhou a presidência da Federação Paulista de Futebol, cargo que exerceu até 2014. Foi ainda membro do Comitê Executivo da FIFA. Em 2014, substituiu José Maria Marin na presidência da Confederação Brasileira de Futebol (CASTRO, 2014), cargo que ocupou até 2017, quando foi banido do futebol pelo Comitê de Ética da FIFA, acusado de suborno e corrupção. Desde então, procura não se ausentar do país com temor de ser detido, a exemplo do que ocorreu com Marin.

Não foi muito diferente o histórico no futebol de Alfredo Metidieri e o Esporte Clube São Bento de Sorocaba. Sua ascensão social como empresário atraiu os interesses da agremiação, assim como seu interesse pessoal em promover sua empresa e galgar a postos majoritários no futebol do Estado de São Paulo.

Alfredo Metidieri, filho do italiano Domênico Paolo Metidieri (administrador de fazendas agrícolas e plantador de eucaliptos) nasceu em 1919. Trabalhou na empresa Votorantim e foi tenente do Exército. Conhecido como Comendador Alfredo, em 1952, juntamente com Luís Peinado, tornou-se empresário ao fundar a Indústria Metidieri de Tecelagem, onde incentivou o futebol entre seus funcionários ao criar o Metidieri Futebol Clube e a Associação Recreativa dos Empregados da Metidieri (SILVA, 2014, p. 15). Suas intenções foram de controle, promoção de atividades de lazer e elevação da marca de sua empresa. O prestígio adquirido por Alfredo o fez conselheiro do Esporte Clube São Bento no ano de 1954. Em pouco tempo, assumiu o controle do clube, tornando-se seu presidente por duas gestões regulares e por períodos interinos (entre 1964 e 1981). Afastou-se entre 1976 e 1978 da agremiação para tornar-se o primeiro presidente da Federação Paulista de Futebol vindo do interior. O nome Metidieri foi promovido, seja pelos negócios, seja pelo envolvimento no mundo do futebol²³⁶. Dois de seus irmãos tornaram-se vereadores, respaldados pela projeção familiar.

A trajetória do Atlético Monte Azul, da pequena cidade de Monte Azul Paulista, localizada no norte do Estado de São Paulo e ligada historicamente a atividades agrícolas (café, laranja e cana-de-açúcar), também é curiosa e vai de encontro ao que

²³⁶ Arquivo pessoal de Luiz Carlos Gomes (historiador oficial do clube).

se deseja ilustrar.

A agremiação surgiu em 1920 vinculada a um interesse: o lazer, uma vez que não existia qualquer opção de entretenimento coletivo no município. Como de costume, alguém deveria proporcioná-lo e a tarefa coube a Julião Arroyo²³⁷.

Julião nasceu em Monte Azul em 1905. Casou-se com Otacília Patrícia Arroyo (que dá nome ao estádio da agremiação), com quem teve cinco filhos, entre eles José Oscar Arroyo e Cláudio Gilberto Arroyo. Em 1935, Julião fundou a Julião Arroyo & Cia., embrião do Banco Julião Arroyo S/A (absorvido pelo Banco Fenícia em 1981 e, três anos mais tarde, pelo Banco Bradesco). Além das atividades financeiras, a família dedicou-se e dedica-se às atividades de citricultura e pecuária.

Porém, se a ideia inicial era de criação de alguma forma de lazer, a fundação do clube contribuiu para a consolidação do nome da família e aos interesses da mesma, aquém dos negócios. Mesmo Julião Arroyo tornou-se prefeito do município (gestões 1948-1951 e 1956-1959). Na esteira da promoção familiar, o mesmo ocorreu com José Oscar, prefeito do município entre 1973 e 1976, e Cláudio Gilberto, prefeito entre 2009 e 2012. Nos dias atuais, a agremiação continua sob o comando da família, que possui grande influência sobre a Federação Paulista de Futebol, órgão máximo do futebol do Estado (REIS, 2010).

Em Jaú, o ano de 2008 marcou os cento e cinquenta anos da presença da família Almeida Prado no município, localizado na região central do Estado de São Paulo. Isto porque a primeira fazenda da família (Fazenda Pouso Alegre), obteve sua escritura em 20 de setembro de 1858²³⁸.

Um dos membros da família, José Magalhães de Almeida Prado (Zezinho Magalhães, nascido em 1917) tornou-se presidente do Esporte Clube XV de Novembro de Jaú em 1951, assim que terminou seu mandato de vereador do município (1948-1951). Estava ali a provável saída para o renascimento do clube, decadente após a desativação da cidade do tronco ferroviário da região pela Cia. Paulista de Estradas de Ferro, em 1941.

Na gestão de Magalhães, a agremiação galgou à primeira divisão do futebol paulista, mantendo-se na elite do mesmo até 1959, quando foi rebaixado à divisão inferior²³⁹. O sucesso do clube popularizou Zezinho Magalhães, fazendo-o prefeito

²³⁷ Arquivos do Atlético Monte Azul – SP.

²³⁸ *O Estado de S. Paulo* (Editaes), edição de 21 de Maio de 1926, p. 6.

²³⁹ Arquivos da Federação Paulista de Futebol.

local em 1952, mesmo após contestações sobre o pleito.

Zeinho Magalhães foi reeleito prefeito municipal em 1955. Em 1958, foi eleito deputado estadual (mandato de 1959-1962) para, em 1965, reassumir a presidência do XV de Jaú. Dois anos depois, em 1967, exerceu o cargo de diretor-superintendente da Caixa de Construção de Casas para o Povo (Cecap), órgão do governo do Estado.

O Clube Atlético Bragantino, da cidade paulista de Bragança Paulista, também é exemplo do que se deseja provar: recorrer à proteção de personalidades para a manutenção de uma agremiação de futebol tem seu preço, embora isso pouco pareça importar, desde que haja proteção e fornecimento de estrutura para a prática do futebol. Mais: o fato do futebol ganhar maior envergadura a partir das ações de Vargas, permitiu a estruturação ainda mais densa de personalidades relacionadas à promoção da prática.

O CAB, historicamente, está vinculado à família Chedid (proprietária atual de várias empresas de transporte terrestre de passageiros que atuam na região do município de Bragança Paulista), principalmente à figura de Nabi Abi Chedid (1932-2006), que emigrou com seus familiares do Líbano, chegando ao Brasil em 1938. Mais do que os empreendimentos comerciais, os Chedid têm seu nome vinculado à promoção futebolística (FAMÍLIA..., 2017; PORTO, 1998; RODRIGUES; IZIDORO, 2018).

A vocação política de Nabi teve a inspiração no pai, Hafiz Abi Chedid. Mas não só Nabi, já que outros membros da família, como Marquinho Chedid, Jesus Chedid, Edmir Chedid e Elmir Chedid, tornaram-se grandes nomes políticos da cidade de Bragança Paulista (conhecida popularmente como “terra da linguça”, já que o produto ganhou grande fama no Estado de São Paulo) e da região que a envolve, caso do município de Serra Negra, onde Elmir Chedid (filho de Jesus Chedid e deputado estadual por vários mandatos) e seus familiares têm base política até os dias atuais (Jesus Adib Abi Chedid foi prefeito de Serra Negra entre 1973 e 1979, antes de se tornar prefeito de Bragança Paulista por três mandatos, entre 1993 e os dias atuais²⁴⁰)

Praticamente toda a estrutura política-familiar esteve ligada ao Clube Atlético Bragantino, em especial quando Nabi Abi Chedid tornou-se vereador e presidente da Câmara do Município de Bragança Paulista (1959-1963), apoiado na sua gestão sobre a agremiação de futebol a partir de 1958.

²⁴⁰ Jesus Abi Chedid teria criado as bases para a fundação do Serra Negra Futebol Clube, em 10 de Setembro de 1989; atualmente seu departamento de futebol está desativado.

Em 1962, Nabi foi eleito deputado estadual pelo Partido de Representação Popular (PRP). Paralelamente, continuou liderando o Bragantino, subindo com o clube no ano de 1965 à primeira divisão do futebol paulista. O sucesso da agremiação popularizou ainda mais Nabi, que acabou sendo reeleito deputado estadual em 1966, 1970, 1974, 1978 e 1982, desta vez pela Aliança Renovadora Nacional (Arena), partido apoiador do governo militar brasileiro (1964-1985). Em 1986, Nabi foi novamente eleito deputado estadual, desta vez pelo então Partido da Frente Liberal (PFL). Pelo mesmo partido, foi reeleito em 1990 e 1994. Já em 1998, ganhou novo mandato, desta vez pelo Partido Social Democrático (PSD).

Nabi presidiu ainda a Federação Paulista de Futebol de 1979 a 1982²⁴¹. Em 1986, alçou ao cargo de vice-presidente da Confederação Brasileira de Futebol, ocupando tal posto até 1989 (comandou a delegação brasileira na Copa de 1986).

Em 1989, Nabi voltou à presidência do Clube Atlético Bragantino. Mais tarde, em sua homenagem, seu filho, Marquinho Chedid, então presidente da agremiação, deu o nome do estádio da cidade ao seu pai (em tempo, Marquinho Chedid, até os dias atuais, mantém-se presidente da agremiação, mesmo após o clube associar-se aos interesses da empresa austríaca Red Bull GmbH).

Não foi diferente o ganho de prestígio de personalidades como José Lancha Filho, médico que dá nome ao estádio da Associação Esportiva Francana. O nome de Lancha foi projetado no cenário político da cidade de Franca por apoiar as atividades da agremiação (foi eleito vereador e prefeito local entre os anos finais da década de 1960 e meados da década seguinte) (SILVEIRA, 2012).

Trajetória semelhante teve Romeu Ítalo Ripoli, agricultor, empreendedor imobiliário e empresário da cidade de Piracicaba que, ao comandar o XV de Novembro, obteve projeção política local, tornando-se repetidamente vereador entre os anos 1940 e 1970²⁴², caminho semelhante seguido por José Carlos Colnaghi que, ao vincular-se ao Capivariano Futebol Clube, teve seu nome elevado, tornando-se prefeito do município de Capivari entre 1973 e 1976 e de 1989 a 1992 (ROCHA; SANTOS NETO, 2012). Destaque também a Valentin Gentil, fundador do Oeste Futebol Clube na cidade de Itápolis, tornando-se, por suas ações junto à agremiação, vereador local, deputado estadual e prefeito²⁴³.

²⁴¹ Arquivos da Federação Paulista de Futebol.

²⁴² Análise de Edições do *Jornal de Piracicaba* de 2010 a 2015.

²⁴³ *Jornal O Progresso*, edições de 1971 a 1994

Se até aqui foram apresentados apenas alguns exemplos do significado do futebol para quem à prática favorece (outros podem ser observados em histórico resumido dos clubes do Estado de São Paulo e Rio de Janeiro, exibido a partir da página 213) no contexto histórico do Estado de São Paulo, passemos a apontar algumas demonstrações do que se quer provar no Estado do Rio de Janeiro, onde os interesses em relação ao futebol não foram diferentes.

Para ilustrar, algumas trajetórias de agremiações podem ser destacadas. Caso do Bangu Atlético Clube, rejuvenescida enquanto agremiação de futebol nos anos 1960, quando Eusébio de Andrade tornou-se presidente da mesma (em 1966, sob a presidência de Eusébio, o Bangu AC sagrou-se vencedor do Campeonato do Rio de Janeiro), tendo seu filho, Castor Gonçalves de Andrade e Silva (1926-1997), como vice.

Eusébio era um famoso “bicheiro”²⁴⁴ do Estado. Castor de Andrade herdou a atividade de seu pai, assim como manteve o legado familiar de associação com o Bangu²⁴⁵. Ou seja, Castor comandou o clube por cerca de três décadas, período em que a agremiação conquistou o vice-campeonato brasileiro de 1985.

Elevado à condição de presidente de honra do Bangu AC, Castor também promoveu a escola de samba Mocidade Independente de Padre Miguel, campeão do carnaval carioca, também no ano de 1985, período em que Castor também foi presidente da Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro (1984-1985)²⁴⁶.

A popularidade de Castor de Andrade no Estado do Rio de Janeiro tornou-se notória. Seu trânsito entre os militares que dominaram o Brasil entre 1964 e 1985 tornou-se visível, a ponto do presidente militar João Figueiredo (1979-1985) chegar a reverenciá-lo publicamente, muito provavelmente pelo comandante do Bangu ser sócio da empresa Metalúrgica Castor Indústria e Comércio Ltda., fornecedora de produtos diversos ao Ministério do Exército no período (GUERRA, 2012).

Não à toa, o mascote da agremiação, até os dias contemporâneos, ser um animal, no caso, um castor, em clara alusão a seu grande padrinho.

O Canto do Rio Futebol Clube, é outro exemplo do que se deseja mostrar: a associação de futebol em questão, nascida popular, ganhou projeção a partir do apoio

²⁴⁴ Jogo do Bicho: bolsa ilegal de apostas em números que representam animais.

²⁴⁵ *Revista Placar*, edições de 14/03/1980, 30/01/1981, 22/03/1985 e 02/08/1985.

²⁴⁶ *Revista Placar*, edições de 14/03/1980, 30/01/1981, 22/03/1985 e 02/08/1985.

recebido de Ernâni do Amaral Peixoto (1905-1989), engenheiro que participou do movimento tenentista da década de 1920 e que lutou ao lado das forças governamentais contra os paulistas na Revolução Constitucionalista de 1932. Por conta de sua lealdade a Getúlio Vargas, Ernâni, casado com Alzira Vargas (filha de Getúlio), chegou a ser nomeado interventor do Estado do Rio de Janeiro durante o Estado Novo (1937-1945), período em que, por influência de Ernâni, o Canto do Rio FC passou a disputar o Campeonato Carioca como convidado, apesar de não pertencer ao Estado promotor (FEDERAÇÃO DE FUTEBOL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 2019). Para tanto, Ernâni teria dado suporte à agremiação (VIANA, 1986, p. 19-34), que se tornou ainda mais popular, não só em Niterói (cidade que foi capital estadual fluminense até a fusão entre os Estados do Rio de Janeiro e Guanabara, em 1974, durante o governo militar brasileiro). Os favores de Amaral Peixoto elevaram o nome da família, a ponto de genro, Wellington Moreira Franco, tornar-se prefeito de Niterói. A partir do cargo, Franco tornou-se deputado federal por vários mandatos e governador do Estado do Rio de Janeiro (1987-1991), além de ocupar vários ministérios nos governos Dilma Rousseff (2011-2016) e Michel Temer (2016-2019).

Heli Ribeiro Gomes (1925-1992), por sua vez, tem seu nome ligado a duas agremiações de futebol: o Esporte Clube Cambaíba e o Esporte Clube Sapucaia (SANTOS, 2017).

Heli nasceu em Campos dos Goytacazes, filho de Hélio de Sousa Gomes (médico) e Sadi Ribeiro Gomes. Apesar de ligado às atividades econômicas do setor primário, Heli foi herdeiro político do sogro, Bartolomeu Lisandro. Com a projeção local de seu nome, foi eleito deputado federal pelo antigo Estado do Rio de Janeiro em 1958, sendo reeleito em 1962, filiando-se à antiga Arena (Aliança Renovadora Nacional, apoiadora do regime militar instalado no país a partir de 1964) em 1965. Em 1968, Heli tornou-se vice-governador indicado (biônico) do Rio de Janeiro na gestão de Jeremias Fontes (1967-1971). Em 1972, disputou a prefeitura de Campos, sendo derrotado nas urnas. A partir de então, Heli passou a dedicar-se à direção de sua usina de açúcar e álcool (PARDO, 2007).

Na obra *Memórias de Uma Guerra Suja* (MEDEIROS; NETTO, 2012), Cláudio Guerra, ex-delegado do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), faz denúncia de que corpos de militantes que lutaram contra o governo militar brasileiro (1964-1985) teriam sido incinerados no forno da Usina Cambahyba, de propriedade de Heli Ribeiro Gomes. Pelo serviço prestado, a Usina de Heli teria obtido facilidades

na obtenção de financiamentos e créditos para manutenção e ampliação dos negócios.

Com a crise do setor sucroalcooleiro a partir da década de 1980, tanto a Usina Cambahyba quanto várias outras, passaram a enfrentar problemas para manutenção, acumulando dívidas junto à União. No caso da Cambahyba, em 1998 as fazendas do empreendimento (Complexo Agroindustrial de Cambahyba) foram consideradas improdutivas e passíveis de desapropriação para fins de Reforma Agrária.

Com a decadência açucareira e de seus derivados, várias agremiações do futebol campista sucumbiram. As que não foram desativadas, mantêm-se com sérias dificuldades.

Da mesma forma que os clubes fluminenses citados acima, outros exemplos das devolutivas proporcionadas pelo futebol: Central Sport Club, de Barra do Piraí, que teve na figura do empresário Mário Tamborindeguy (1907-1978) seu principal esteio por este proporcionar à agremiação, entre outros, a estruturação do estádio local (por conta de sua atuação, Tamborindeguy conseguiu eleger-se deputado estadual e federal²⁴⁷); Friburguense Atlético Clube, da cidade de Nova Friburgo, cujo patrono é César Guinle, personagem que ganhou a prefeitura local (1947-1951) por, entre outros, ter seu nome associado à agremiação²⁴⁸ (doou área para o erguimento do estádio da agremiação, que leva o nome de seu pai, Eduardo Guinle); Associação Desportiva Cabofriense, da cidade litorânea de Cabo Frio, que tem na figura de Alair Corrêa seu presidente de honra (Corrêa foi vereador e presidente da Câmara de Vereadores na década de 1970, além de prefeito local eleito em 1983, 1997, 2001 e 2012) (MINISTÉRIO..., 2018; RANGEL, 2004) América de Três Rios, que projetou o nome do então fiscal de renda do Estado do Rio de Janeiro José Michel Farah (FEDERAÇÃO DE FUTEBOL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, ²⁰¹⁹) que, por sua vez, fez como herdeiro de sua projeção seu filho, Vinicius Farah, que tornou-se vereador e prefeito do município, além de deputado federal eleito em 2018.

Outro clube de futebol que mostra uma história curiosa é o Volta Redonda Futebol Clube, estruturado de forma tardia, ou seja, apenas em 1976²⁴⁹, a partir da

²⁴⁷ Jornal *Imprensa Popular*, edição de 18 de março de 1956, p. 4.

²⁴⁸ Arquivos do Jornal *A Voz da Terra* (2013).

²⁴⁹ Ata de Fundação do Volta Redonda Futebol Clube, que aponta como um de seus fundadores o Prefeito local, Nelson dos Santos Gonçalves, apoiador do futebol local. Gonçalves foi médico do hospital da Companhia Siderúrgica Nacional a partir de 1954, tornando-se prefeito do município (1960-1962 e 1973-1977). Também foi deputado estadual, eleito em 1963. Em 1976, após a fusão

fusão entre o Flamengo de Volta Redonda e o Guarani Esporte Clube, em pleno período de governos militares no país (1964-1985).

Volta Redonda, localizada no Vale do Paraíba fluminense, formou-se, enquanto município, a partir da Companhia Siderúrgica Nacional, fundada em 09 de Abril de 1941. Foi planejada enquanto cidade a partir do modelo de cidade industrial do arquiteto do socialista Tony Garnier. Segundo Lopes (1993, p. 78), o plano de estruturação do município deveria exaltar o industrialismo e o nacionalismo proposto ao Brasil por Getúlio Vargas.

Porém, a atração de inúmeros migrantes em busca de colocação no mercado, impediu que o projeto de cidade modelo, com ocupação disciplinada de espaços, fosse seguido à risca.

Para promover o lazer e obter certo controle sobre os trabalhadores da CSN (atualmente privatizada), o presidente da empresa, General Sylvio Raulino de Oliveira, passou a incentivar o futebol, a ponto de aproveitar-se da infraestrutura da Companhia para erguer o estádio de futebol local (ALVES, 2010), inaugurado em 1950, no bairro Nossa Senhora das Graças, e que passou por reestruturação e foi reinaugurado em 2004, porém com a denominação de Estádio da Cidadania, simbolizando o fim da visão proletária da cidade e o advento da visão cidadã.

A estruturação e desenvolvimento das agremiações podem ser melhor observados pelos dados apresentados a seguir (a partir do cruzamento das diversas informações obtidas, colhidas pelo autor):

HISTÓRICO DE CLUBES NAS CIDADES DE SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO²⁵⁰

Agremiação: *SÃO PAULO ATHLETIC CLUB (SPAC)*, desativado para o futebol; sede atual no bairro da Consolação, São Paulo – SP (04 títulos no Campeonato Paulista; último deles em 1911)

Fundação: 13 de Maio de 1888 (surgiu como clube de críquete, rugby e tênis)

Alcunha/Mascote²⁵¹: Clube dos Ingleses/ -----

dos Estados do Rio de Janeiro e Guanabara, apoiou a fundação do Volta Redonda Futebol Clube; seu filho, Nelson Gonçalves Filho, tornou-se deputado estadual eleito pelo Rio de Janeiro em 2006.

²⁵⁰ Dados obtidos a partir dos cruzamentos de dados, referências e fontes pesquisadas e apresentadas no corpo do trabalho. Elaboração do autor.

²⁵¹ A Alcunha de uma agremiação substitui o nome da mesma, como que um apelido ou sobrenome. Normalmente é utilizada de forma amorosa, bem humorada ou mesmo depreciativa pelos rivais (aqui, a alcunha indicada é a admitida pelos torcedores da agremiação a partir de características marcantes da mesma, seja na forma do nascimento, seja por episódio histórico importante). Já o

Suporte Inicial/ Uso ou Intenção: São Paulo Railway, associada a comerciários paulistanos/lazer.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s)/uso ou intenção: Charles Miller, que introduziu o futebol na agremiação e organizou o primeiro jogo oficial entre equipes do São Paulo Railway e The Gás Co, em abril de 1895/ lazer.

Cidade: São Paulo – SP

Agremiação: *BOTAFOGO DE FUTEBOL E REGATAS* (fusão entre Club de Regatas Botafogo e Botafogo Football Club; 21 títulos no Campeonato Estadual do Rio de Janeiro, último deles em 2018)

Fundação: 01/07/1894(regatas); 12/08/1904 (futebol); 08/12/1942 (fusão)

Alcunha/Mascote: Estrela Solitária e Glorioso/Manequinho

Suporte Inicial/ Uso ou Intenção: Associados da elite social local (embora estatutos indiquem a aceitação de analfabetos, sem poder de voto) / lazer e promoção social.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s)/ uso ou intenção: João Alves Jobim Saldanha, década de 1950 (treinador de futebol, jornalista, escritor, militante político)/promoção da agremiação.

Cidade: Rio de Janeiro - RJ

Agremiação: *CLUBE DE REGATAS FLAMENGO* (35 títulos no Campeonato Estadual do Rio de Janeiro, último deles em 2019)

Fundação: 17 de Novembro de 1895 (surgiu como clube de regatas; em 1911, incorporou esportes terrestres)

Alcunha/Mascote: Rubro Negro/Urubu

Suporte Inicial/ Uso ou Intenção: associados da elite social local/lazer e promoção social.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s)/ uso ou intenção: José Bastos Padilha, empresário do ramo de litografia; assumiu o controle sobre agremiação em 1933; elevou o número de associados, ergueu sede e utilizou-se de ações mercadológicas através do *Jornal dos Sports*, de Mário Filho (cunhado de Padilha); criou a frase “Uma vez Flamengo, Flamengo até morrer”, posteriormente incorporada ao hino do clube/ popularização da agremiação e captação de recursos para o clube.

Mascote apresenta-se como símbolo da agremiação, tendo quase a mesma representatividade do escudo, servindo para consolidar elo afetivo com os torcedores, em especial crianças (atualmente, há uma valorização da figura do mascote de um clube, até como forma de arrecadação e venda de produtos licenciados); o mascote pode provir de xingamentos assimilados (caso do urubu flamenguista, do macaco ponte-pretano ou mesmo do porco palmeirense), de animais considerados representativos das características das equipes (raposa, galo, coelho, peixe, leão, águia, elefante, entre outros), de referência histórica (índio, português, cartola) ou mesmo como símbolo econômico de uma cidade (caso do Novo Hamburgo do Rio Grande do Sul: pé-queente, em alusão à grande produção de calçados local, e do Ypiranga de Pernambuco, máquina de costura, em alusão ao ramo de confecções).

Cidade: Rio de Janeiro - RJ

Agremiação: ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA MACKENZIE COLLEGE (atual Universidade Mackenzie)

Fundação: 18 de Agosto de 1898 (surgiu através do rugby e basquete)

Alcunha/Mascote: -----/-----

Suporte Inicial/ Uso ou Intenção: Mackenzie College/ disciplina e lazer.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s)/ uso ou intenção: Augusto Shaw (professor)/disciplina; Belfort Duarte (estudante e incentivador do futebol na Instituição entre 1902 e 1905) / lazer.

Cidade: São Paulo - SP

Agremiação: SPORT CLUB INTERNACIONAL (denominação alusiva às diversas nacionalidades dos membros fundadores; 02 títulos no Campeonato Paulista, último deles em 1928)

Fundação: 19 de Agosto de 1899 (extinto em 1933)

Alcunha/Mascote: -----/-----

Suporte Inicial/ Uso ou Intenção: Cia. Paulista de Transportes da Chácara Dulley (bairro do Bom Retiro, ao lado do Jardim da Luz, propriedade pertencente às famílias Dulley e Fox, onde teria sido demarcado o primeiro campo de futebol da cidade de São Paulo, originalmente espaço para a prática de críquete) / lazer.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s)/ uso ou intenção: Antônio Campos(primeiro presidente e sócio fundador da agremiação) / lazer.

Cidade: São Paulo - SP

Agremiação: SPORT CLUB GERMÂNIA (atual Esporte Clube Pinheiros; 02 títulos no Campeonato Paulista, último deles em 1915)

Fundação: 07 de Setembro de 1899 (dissidência do Sport Club Internacional de São Paulo)

Alcunha/Mascote: ----- / -----

Suporte Inicial/ Uso ou Intenção: colônia inglesa paulista e Cia. Paulista de Transportes da Chácara Dulley/ lazer.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s)/ uso ou intenção: Hans Nobiling (alemão que chegou ao Brasil em 1897; membro de família de comerciantes de Hamburgo; filho de Oscar Nobiling; filólogo; foi funcionário chefe de departamento do Brasilianische Bank für Deutschland entre 1907 e 1930; organizou jogos e deu estrutura inicial à Liga Paulista de Futebol)/ lazer.

Cidade: São Paulo - SP

Agremiação: CLUB ATHLETICO PAULISTANO (a princípio, poliesportivo, sem futebol; 11

títulos no Campeonato Paulista, último deles em 1929)

Fundação: 29 de Dezembro de 1900

Alcunha/Mascote: CAP/-----

Suporte Inicial/ Uso ou Intenção: fazendeiros paulistas do ramo cafeeiro e políticos estaduais/ lazer e promoção social e política.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s)/ uso ou intenção: Bento Pereira Bueno, político, foi secretário do Interior do Estado de São Paulo entre 1900 e 1906 e primeiro presidente da agremiação/promoção pessoal e política.

Cidade: São Paulo - SP

Agremiação: *FLUMINENSE FOOTBALL CLUB* (31 títulos no Campeonato Estadual do Rio de Janeiro, último deles em 2012)

Fundação: 21 de Julho de 1902 (surgiu como clube específico de futebol)

Alcunha/Mascote: Tricolor/Cartola

Suporte Inicial/ Uso ou Intenção: associados da elite social local, grupos industriais, profissionais liberais, intelectuais literatas/ lazer e promoção social.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s)/ uso ou intenção: Oscar Fox (concluiu estudos pessoais na Suíça pelo fato de sua família ser articulada a atividades de comércio exterior; primeiro presidente da agremiação)/ lazer e promoção pessoal; Arnaldo Guinle, presidente da agremiação entre 1916 e 1931; organizou as categorias de base do clube; aumentou arrecadação da agremiação; comandou a estruturação do estádio do clube/ econômica e promoção pessoal.

Cidade: Rio de Janeiro – RJ

Agremiação: *AMERICA FOOTBALL CLUB** (incorporou patrimônio do Haddock Lobo Football Club e do Riachuelo Football Club; em 1960, adquiriu o campo do Andarahy FC; 07 títulos no Campeonato do Rio de Janeiro, último deles em 1960) *Grafia original

Fundação: 18 de Setembro de 1904

Alcunha/Mascote: Brasinha/Diabinho

Suporte Inicial/ Uso ou Intenção: associados da elite social local e Família Mohrsted (fundadora e organizadora da agremiação)/ promoção social e lazer; Heitor Villa Lobos e Belfort Duarte (jogador)/promoção da agremiação.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s)/ uso ou intenção: Giulite Coutinho (empresário do ramo de imóveis e presidente da Associação Brasileira de Exportadores); foi presidente do clube de 1956 a 1957 e de 1970 a 1971; presidiu a Confederação Brasileira de Futebol de 1980 a 1986/promoção pessoal e política.

Cidade: Rio de Janeiro - RJ

Agremiação: *SPORT CLUB CORINTHIANS PAULISTA* (nome inspirado no Corinthian Football Club de Londres; 30 títulos no Campeonato Paulista, último deles em 2019)

Fundação: 01 de Setembro de 1910

Alcunha/Mascote: Fiel/Mosqueteiro

Suporte Inicial/ Uso ou Intenção: base popular operária, com apoio de imigrantes e descendentes de colônias paulistanas/lazer.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s)/ uso ou intenção: Miguel Battaglia, alfaiate italiano, primeiro presidente e um dos fundadores da agremiação/ lazer; João Baptista Maurício, presidente do clube entre 1915 e 1916, que deu estabilidade econômica à agremiação através do apoio político de vereadores e da Prefeitura Municipal de São Paulo/ captação de recursos e promoção pessoal; Vicente Mateos Valle (Vicente Matheus), empresário espanhol do ramo de mineração de pedreiras para construção civil naturalizado brasileiro; presidiu clube entre 1959 e 1991/promoção pessoal e familiar.

Cidade: São Paulo - SP

Agremiação: *SOCIEDADE ESPORTIVA PALMEIRAS (Palestra Itália*, denominação original utilizada até 1942; 22 títulos no Campeonato Paulista, último deles em 2008)

Fundação: 26 de Agosto de 1914

Alcunha/Mascote: Verdão/ periquito e porco (o *Palestra*, a princípio, era conhecido como “team tricolor” devido à composição de seu uniforme: camisas verdes com gola e punhos vermelhos, calções e meias brancas)

Suporte Inicial/ Uso ou Intenção: base étnica (imigrantes, principalmente colonos italianos, com destaque a Luigi Cervo, Luigi Marzo, Vincenzo Ragoanetti e Ezequiel Simone) e Indústrias Matarazzo/ lazer, tradição étnica e promoção comercial.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s)/ uso ou intenção: Francisco Matarazzo e Ermelino Matarazzo (empresários de origem italiana que forneceram estrutura física para a agremiação) / promoção familiar e comercial.

Cidade: São Paulo - SP

Agremiação: *CLUBE DE REGATAS VASCO DA GAMA* (24 títulos no Campeonato Estadual do Rio de Janeiro, último deles em 2016)

Fundação: 26 de Novembro de 1915 (surgiu como clube de remo)

Alcunha/Mascote: Gigante da Colina/Almirante

Suporte Inicial/ Uso ou Intenção: membros da colônia portuguesa da cidade do Rio de Janeiro e comerciantes enriquecidos do município/ lazer, tradição étnica e promoção social

Principal(is) Nome(s) Histórico(s)/ uso ou intenção: Raul da Silva Campos (proprietário da loja Raul Campos e Cia.; presidente da agremiação entre 1915 e 1916 e 1926 e 1931;

estruturou departamento de futebol e elevou arrecadação da agremiação, embora contando com jogadores negros, mulatos e brancos pouco escolarizados / promoção do clube, progresso arrecadatário e promoção pessoal; Eurico Ângelo de Oliveira Miranda (advogado, político e dirigente do clube, atuou como presidente da agremiação entre 2001 e 2007 e 2014 e 2017; eleito e reeleito deputado federal nos anos 1990 e 2000/promoção pessoal e política
Cidade: Rio de Janeiro - RJ

Agremiação: ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE DESPORTOS (fusão entre Luzíadas Futebol Club, Associação 5 de Outubro, Esporte Club Lusitano, Associação Atlético Marquês de Pombal e Portugal Marinhense); 03 títulos no Campeonato Paulista, último deles em 1973

Fundação: 14 de Agosto de 1920

Alcunha/Mascote: Lusa / Leão

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: comerciantes da cidade de São Paulo / lazer e tradição étnica.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Oswaldo Teixeira Duarte, presidente da agremiação por várias gestões (1970 a 1988), responsável pela remodelação do estádio do Canindé (Oswaldo Teixeira Duarte). A família Teixeira Duarte está vinculada a diversos setores econômicos, como de construção, imobiliário, de automóveis, hotelaria e serviços em geral / promoção pessoal e familiar e interesses comerciais.

Cidade: São Paulo - SP

Agremiação: CLUBE ATLÉTICO JUVENTUS (fusão entre Extra São Paulo Futebol Clube e Cavalheiro Crespi Futebol Clube, agremiações de futebol de várzea)

Fundação: 20 de Abril de 1924 (à época da fundação, Cotonifício Rodolfo Crespi Futebol Clube; apenas em 1930 passou à denominação de Clube Atlético Juventus)

Alcunha/Mascote: Juve / Moleque Travesso

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Cotonifício Rodolfo Crespi / lazer, controle e tradição étnica.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Rodolfo Enrico Crespi (Conde Rodolfo Crespi), imigrante italiano, industrial e banqueiro, estabeleceu-se no bairro da Mooca; cedeu espaço para construção do estádio e deu estrutura para a agremiação (a partir dos anos 1950, com a saída da Família Crespi da administração do clube, o mesmo inicia período de crise interna, o que afetou sua manutenção enquanto agremiação de futebol) / lazer, controle, promoção pessoal e familiar e tradição étnica.

Cidade: São Paulo – SP

Agremiação: SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE (fusão entre Associação Atlético das Palmeiras

e Club Athletico Paulistano; 21 títulos no Campeonato Paulista, último deles em 2005)

Fundação: 25 de Janeiro de 1930

Alcunha/Mascote: Tricolor do Morumbi / São Paulo (santo)

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: membros da elite social paulistana / lazer e promoção pessoal e social.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Cícero Pompeu de Toledo, presidente de honra do clube, foi presidente da agremiação de 1947 a 1957, iniciando projeto para construção do estádio que leva seu nome (Estádio do Cícero Pompeu de Toledo, também conhecido como Estádio do Morumbi, inaugurado parcialmente em 1960 e de forma completa em 1970 e que já foi considerado o maior estádio particular de futebol do planeta)/promoção pessoal; Laudo Natel, patrono da agremiação, dirigente bancário (Banco Noroeste e Bradesco), diretor do Sindicato dos Bancos, tesoureiro e presidente da agremiação (angariou recursos para a estruturação do Estádio do Morumbi), vice-governador do Estado de São Paulo (1963-1966) e governador do Estado de São Paulo (1966-1967 e 1971-1975) / promoção pessoal e familiar e interesses políticos.

Cidade: São Paulo – SP

HISTÓRICO DE CLUBES NO INTERIOR DE SÃO PAULO

Agremiação: ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA PONTE PRETA

Fundação: 11 de Agosto de 1900 (clube de futebol mais antigo do Estado em atividade)

Alcunha/Mascote: Alvinegra de Campinas / Macaca

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Cia. Paulista de Estradas de Ferro (inaugurada em 1872) / lazer.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Moysés Lucarelli (1898-1978), empresário e comerciante (Fogões Lucarelli), liderou processo para aquisição do terreno (campo); colaborou financeiramente na construção do estádio, inaugurado em 1948; afastou-se do clube devido a denúncias de desvio de verbas da agremiação / promoção pessoal e comercial.

Cidade: Campinas - SP

Agremiação: ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA INTERNACIONAL

Fundação: 11 de Junho de 1906

Alcunha/Mascote: Lobo Vermelho / Lobo

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Cia. Paulista de Estradas de Ferro (inaugurada em 1902)

/ lazer e controle.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Arnoldo Bulle, nascido em Monte Verde, nas proximidades de Bebedouro, foi dirigente da agremiação na década de 1950 e concentrou atividades na produção cafeeira no Norte do Paraná (município de Rolândia) / promoção pessoal e social.

Cidade: Bebedouro - SP

Agremiação: *CLUBE ATLÉTICO PIRASSUNUNGUENSE*

Fundação: 07 de Setembro de 1907

Alcunha/Mascote: CAP / Gigante

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Cia. Paulista de Estradas de Ferro (inaugurada em 1878) / lazer e controle.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Bellarmino Del Nero (prefeito do município por três gestões nas décadas de 1930 e 1940 e presidente da agremiação durante construção do estádio do clube); José Del Nero (jogador do clube e pai de Marco Polo Del Nero, que veio a ser presidente da Federação Paulista de Futebol entre 2003 e 2014, presidente da Confederação Brasileira de Futebol entre 2015 e 2018, além de membro do Comitê Executivo da Fifa e da Conmebol) / interesses políticos, promoção pessoal e familiar.

Cidade: Pirassununga – SP

Agremiação: *RIO CLARO FUTEBOL CLUBE*

Fundação: 09 de Maio de 1909

Alcunha/Mascote: Azulão / Galo Azul

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Cia. Paulista de Estradas de Ferro (inaugurada em 1876) / lazer e controle.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Joaquim Arnold, comerciante que impulsionou o futebol no município no início do século XX; funcionários da Cia. Paulista de Estradas de Ferro (Bento Estevam, Constantino Carrocine e João Lambach) / lazer; João Gray, chefe local da Cia. Paulista de EF e presidente do clube na década de 1910 / controle; Augusto Schmidt, prefeito municipal no biênio 1957-1958 e apoiador das ações do clube (dá nome ao estádio local) / interesses políticos e promoção pessoal.

Cidade: Rio Claro - SP

Agremiação: *PAULISTA FUTEBOL CLUBE*

Fundação: 17 de Maio de 1909 (clube sucedeu o Jundiahy Football Club)

Alcunha/Mascote: Galo do Japi / Galo

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Cia. Paulista de Estradas de Ferro (inaugurada em 1872)

/ lazer e controle.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Jayme Pinheiro Cintra (engenheiro e ex-presidente da Cia. Paulista de EF entre 1950 e 1961) / lazer, controle e promoção pessoal.

Cidade: Jundiaí - SP

Agremiação: ASSOCIAÇÃO ESPORTIVA VELO CLUBE RIOCLARENSE

Fundação: 28 de Agosto de 1910 (surgiu como associação de ciclismo)

Alcunha/Mascote: Rubro Verde / Galo Vermelho

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Cia. Paulista de Estradas de Ferro (inaugurada em 1876)

/ lazer e controle; casas comerciais locais / interesses comerciais.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Benito Agnelo Castellano, presidente do clube de 1956 a 1960 e Nelson Araújo, presidente da agremiação no biênio 1970-1971 e em 1981/ promoção pessoal.

Cidade: Rio Claro - SP

Agremiação: ESPORTE CLUBE NOROESTE

Fundação: 01 de Setembro de 1910

Alcunha/Mascote: Norusca / Maquinista e Locomotiva Vermelha

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: E. F. Noroeste do Brasil (inaugurada em 1906) / lazer e controle.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Carlos Gomes Nogueira (engenheiro da E. F. Noroeste do Brasil) e Alfredo de Castilho (diretor da E. F. Noroeste do Brasil) / lazer e controle; Eduardo Vergueiro (prefeito do município entre 1925 e 1930) e Ernesto Monte (prefeito do município entre 1938 e 1941) / interesses políticos e promoção pessoal.

Cidade: Bauru - SP

Agremiação: GUARANI FUTEBOL CLUBE

Fundação: 02 de Abril de 1911 (data modificada; a original data de 01 de Abril de 1911)

Alcunha/Mascote: Bugre / Índio

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: empresariado local / promoção social e interesses comerciais.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Família Zini (Luiz Roberto Zini, empresário do ramo hoteleiro, presidente da agremiação entre 1988 e 1999, investigado na Comissão Parlamentar de Inquérito do Narcotráfico a partir de 1999 e acusado de ter sob seu domínio vários jogadores, utilizando o clube como “vitruve” dos mesmos, e “Nenê Zini” (Júnior), filho de Luiz Roberto Zini, agenciador de atletas de futebol e, na atualidade, grande credor da agremiação / promoção familiar e interesses comerciais.

Cidade: Campinas - SP

Agremiação: *JABOTICABAL ATLÉTICO*

Fundação: 30 de Abril de 1911

Alcunha/Mascote: Esquadrão de Aço / Tigre de Atenas

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Jornal local *O Combate*, organizador inicial da agremiação / lazer.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Robert Todd Locke, engenheiro canadense que atuou profissionalmente na região, tornou-se o primeiro presidente do clube a convite dos fundadores, em busca de estrutura inicial para consolidação da agremiação/ promoção pessoal.

Cidade: Jaboticabal - SP

Agremiação: *COMERCIAL FUTEBOL CLUBE*

Fundação: 10 de Outubro de 1911

Alcunha/Mascote: Leão do Norte / Leão

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: comerciantes locais (Antídio de Almeida, Alvino Grotta, Aduacto de Almeida, entre outros) / lazer e interesses comerciais; Cia. Mogiana de Estradas de Ferro (inaugurada em 1883) / lazer e controle.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Francisco de Palma Travassos, engenheiro, sócio de construtora e proprietário de terras, doador do terreno para construção do estádio da agremiação, inaugurado em 1964 / promoção pessoal e interesses comerciais.

Cidade: Ribeirão Preto - SP

Agremiação: *SANTOS FUTEBOL CLUBE* (22 títulos no Campeonato Paulista, último deles em 2016)

Fundação: 14 de Abril de 1912

Alcunha/Mascote: Peixe / Baleia

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: elite social santista, em especial empresários do ramo de exportação portuária / lazer e promoção social.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Edson (Edison, segundo registro original) Arantes do Nascimento (Pelé), jogador que popularizou o clube nacional e internacionalmente / subsistência pessoal.

Cidade: Santos - SP

Agremiação: *ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA FRANCA*

Fundação: 12 de Outubro de 1912

Alcunha/Mascote: Veterana / Feiticeira

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Coronel Francisco de Andrade Junqueira (“Nhô” Chico), fazendeiro e político da região de Franca (foi prefeito municipal na década de 1920), doou terreno para o campo da agremiação e deu suporte físico ao clube em seus primeiros anos de existência / promoção pessoal e interesses políticos.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: José Lancha Filho, médico, prefeito de Franca entre o fim dos anos 1960 e início dos anos 1970, além de vereador. Dá nome ao estádio, erguido em sua administração / promoção pessoal e interesses políticos.

Cidade: Franca – SP

Agremiação: *RIO BRANCO ESPORTE CLUBE*

Fundação: 04 de Agosto de 1913

Alcunha/Mascote: Tigre de Americana / Tigre

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Cia. Paulista de Estradas de Ferro (inaugurada em 1875) / lazer e controle.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Décio Vitta, filho de Rafael Vitta, ex-jogador da agremiação; foi vereador e presidente da Câmara de Vereadores local (1968-1969); tornou-se presidente do clube e liderou a construção do estádio da agremiação, inaugurado em 1977 / promoção pessoal e interesses políticos.

Cidade: Americana - SP

Agremiação: *UNIÃO FUTEBOL CLUBE – MOGI* (fusão entre Falena Futebol Clube e Esporte Clube Mogi)

Fundação: 07 de Setembro de 1913

Alcunha/Mascote: Alvirrubro e Serpente do Tietê / Serpente

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: popular e comercial, através de Alfredo Cardoso, negro e sapateiro, e Francisco Veríssimo, comerciante local / lazer.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: políticos locais, em especial Prefeitura Municipal de Mogi das Cruzes, fornecedores de apoio para estruturação do campo (conhecido como campo da Rua Casarejos) / lazer e interesses políticos.

Cidade: Mogi das Cruzes - SP

Agremiação: *ESPORTE CLUBE SÃO BENTO* (02 títulos no Campeonato Paulista, último deles em 1925)

Fundação: 14 de Setembro de 1913

Alcunha/Mascote: Azulão Sorocabano / Azulão

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Fábrica de Chapéus Souza Pereira / interesse comercial.

E.F. Sorocabana (inaugurada em 1875) / controle e lazer.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Alfredo Metidieri, empresário (fundador da Indústria Têxtil Metidieri), participante ativo da gestão do clube entre de 1954 a 1981 (presidente por duas gestões), presidente da Federação Paulista de Futebol de 1976 a 1978 (período das maiores conquistas do clube) / promoção pessoal e interesses comerciais e políticos.

Cidade: Sorocaba - SP

Agremiação: ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA INTERNACIONAL DE LIMEIRA

Fundação: 05 de Outubro de 1913

Alcunha/Mascote: Leão da Paulista / Leão

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Cia. Paulista de Estradas de Ferro (inaugurada em 1876) / lazer e controle.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Família Levy, com destaque a José Levy Sobrinho (1884-1957), comerciante, industrial, proprietário de terras e político local (foi vereador e prefeito entre 1910 e 1913), um dos introdutores da citricultura no município / promoção pessoal e familiar e interesses políticos.

Cidade: Limeira - SP

Agremiação: XV DE NOVEMBRO

Fundação: 15 de Novembro de 1913

Alcunha/Mascote: XV ou Nhô Quim / Caipira

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Cia. Ituana de Estradas de Ferro (inaugurada em 1877) / lazer e controle.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Capitão Carlos Wingeter, cirurgião dentista, capitão da Guarda Nacional e primeiro presidente da agremiação; doou terreno para primeiro estádio do clube / promoção pessoal e familiar; Romeu Ítalo Ripoli, agricultor, empreendedor imobiliário, empresário, foi vereador nas décadas de 1940, 1950, 1960 e 1970 do município e presidente da agremiação por dezessete anos / promoção pessoal e política.

Cidade: Piracicaba - SP

Agremiação: ESPORTE CLUBE TAUBATÉ

Fundação: 01 de Novembro de 1914

Alcunha/Mascote: Burro da Central (alusão à presença na cidade da E.F. Central do Brasil) / Burro

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Associação Comercial local e Prefeitura Municipal / promoção política e comercial.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Gastão da Câmara Leal, primeiro presidente da agremiação, foi prefeito municipal (1908-1915), mãe foi dama de serviços de D. Teresa Cristina e Princesa Isabel foi sua madrinha; faleceu em 1940 / promoção pessoal e interesses políticos; Joaquim de Moraes Filho, presidente do clube entre 1953 e 1957, dá nome ao estádio local, construído em sua gestão presidencial da agremiação/ promoção pessoal.

Cidade: Taubaté - SP

Agremiação: *JABAQUARA ATLÉTICO CLUBE* (por ocasião da fundação, denominado Hespanha Foot Ball Club)

Fundação: 15 de Novembro de 1914

Alcunha/Mascote: Jabuca / Leão

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Fábrica de Conservas (lulas e sardinhas) Antonio Alonso / interesses comerciais.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Família Antonio Alonso (cessão do terreno para construção do estádio) / lazer e promoção comercial.

Cidade: Santos - SP

Agremiação: *UNIÃO AGRÍCOLA BARBARENSE FUTEBOL CLUBE*

Fundação: 24 de Novembro de 1914

Alcunha/Mascote: Leão da 13 / Leão

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Usina Santa Bárbara / lazer e controle.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Antônio Lins Ribeiro Guimarães, patrono da agremiação e ex-presidente do clube entre 1920 e 1931; foi elo entre usina e time / lazer e promoção pessoal.

Cidade: Santa Bárbara do Oeste - SP

Agremiação: *ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA PORTUGUESA*

Fundação: 20 de Novembro de 1917

Alcunha/Mascote: Briosa / Cachopinha (criança portuguesa)

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Cia. Docas de Santos e colônia portuguesa local / lazer e tradição étnica.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Ulrico Mursa (1862-1934), superintendente da Cia. Docas de Santos e doador do terreno para construção do estádio, inaugurado em 1920 / controle e promoção pessoal.

Cidade: Santos - SP

Agremiação: *BOTAFOGO FUTEBOL CLUBE*

Fundação: 12 de Janeiro de 1918

Alcunha/Mascote: O Pantera / Pantera Negra

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Cia. Mogiana de Estradas de Ferro (inaugurada em 1883) / lazer e controle. Companhia Antarctica / interesses comerciais (promoção da marca).

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Joaquim Gagliano, funcionário da Cia. Mogiana de Estradas de Ferro e primeiro presidente da agremiação / controle e promoção pessoal.

Cidade: Ribeirão Preto - SP

Agremiação: *CAPIVARIANO FUTEBOL CLUBE*

Fundação: 12 de Outubro de 1918

Alcunha/Mascote: Leão da Sorocabana / Leão e Capivara

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: E. F. Sorocabana (inaugurada em 1872, chegando a Capivari em 1875) / lazer e controle.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: José Carlos Colnaghi, prefeito local de 1973 a 1976 e de 1989 a 1992 / promoção pessoal e política.

Cidade: Capivari - SP

Agremiação: *NACIONAL ATLÉTICO CLUBE (surgimento a partir do São Paulo Railway Athletic Club)*

Fundação: 16 de Fevereiro de 1919 (como agremiação de futebol, embora sua fundação original date de 14 de Abril de 1895)

Alcunha/Mascote: Ferrinho / Ferroviário

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: São Paulo Railway (inaugurada em 1867), companhia ferroviária inglesa / lazer e controle.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Nicolau Alayon, uruguaio, funcionário da companhia ferroviária São Paulo Railway, presidente da agremiação por vinte e três anos, articulou cessão do terreno por parte da São Paulo Railway para construção do estádio do clube em 1937 / promoção pessoal e lazer.

Cidade: São Paulo – SP (embora sua base tenha se estruturado na cidade de Santos)

Agremiação: *RIO PRETO ESPORTE CLUBE*

Fundação: 21 de Abril de 1919 (absorveu Esporte Clube)

Alcunha/Mascote: Glorioso / Jacaré

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Estrada de Ferro Araraquara (inaugurada em 1912) / lazer e controle; Coronel Victor Bastos (cessão do terreno para desenvolvimento da prática) / promoção pessoal.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Família Haddad, representante da colônia libanesa local, atual dona de empreendimentos imobiliários no município (Anísio Haddad e Valdemar Haddad; o primeiro foi presidente da agremiação e dá nome ao estádio, inaugurado em 1968) / promoção familiar e interesses comerciais.

Cidade: São José do Rio Preto - SP

Agremiação: *RADIUM FUTEBOL CLUBE* (fusão entre Operário Futebol Clube e Mocoquense Futebol Clube; nome em homenagem a Marie Curie)

Fundação: 01 de Maio de 1919

Alcunha/Mascote: Verdão da Mogiana / Periquito

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Companhia Mogiana de Estradas de Ferro (inaugurada em 1890) / lazer e controle.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Chico Piscina (Francisco José Dias Lima), impulsionador de práticas esportivas no município (em especial natação), cedeu terreno para construção do estádio local (Estádio Olímpico São Sebastião) / promoção pessoal e esportiva.

Cidade: Mococa - SP

Agremiação: *ATLÉTICO MONTE AZUL*

Fundação: 29 de Abril de 1920 (a partir de fusão com Imparcial Futebol Clube)

Alcunha/Mascote: Azulão / Azulão

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: empresários locais / lazer (devido à falta de opção para outras atividades).

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Família Arroyo (Ricardo Cester Arroyo, empresário, foi presidente do clube e diretor de Relações Públicas da Federação Paulista de Futebol; Cláudia Cester Arroyo, irmã de Ricardo e presidente da agremiação, eleita em 2014, substituindo Ricardo Arroyo; Cláudio Gilberto Arroyo, citricultor, foi prefeito do município de 2009 a 2012 quando clube disputou campeonato paulista da divisão principal; estádio denominado Otacília Arroyo, matriarca da família) / promoção familiar e pessoal e interesses políticos.

Cidade: Monte Azul Paulista – SP

Agremiação: *OESTE FUTEBOL CLUBE*

Fundação: 25 de Janeiro de 1921 (diretoria constituída apenas em 1927)

Alcunha/Mascote: Rubrão / Onça

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Cia. Paulista de Estradas de Ferro (ramal inaugurado em 1915) / lazer e controle.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Valentin Gentil (1900 -1948), atualmente dá nome a município no Estado de São Paulo. Foi fundador da agremiação, vereador, deputado estadual, prefeito e promulgou a Constituição Paulista em 1947 / promoção pessoal e interesses políticos.

Cidade: Itápolis – SP (desde 2017 está sediado em Barueri, São Paulo, conhecido como um time de empresários do futebol, com perspectivas de lucros com a prática)

Agremiação: *BANDEIRANTE ESPORTE CLUBE*

Fundação: 11 de Março de 1923

Alcunha/Mascote: BEC / Leão

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: E. F. Noroeste do Brasil (inaugurada em 1912) / lazer.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: José Trancoso, primeiro presidente da agremiação, foi vereador local de 1926 a 1931 / promoção pessoal e interesses políticos. Marin Berbel, membro de família de comerciantes e supermercadistas, foi vereador e prefeito da cidade nas décadas de 1970, 1980 e 1990 / promoção familiar, interesses comerciais e políticos.

Cidade: Birigui - SP

Agremiação: *PALMEIRAS FUTEBOL CLUBE – SÃO JOÃO DA BOA VISTA*

Fundação: 12 de Janeiro de 1924

Alcunha/Mascote: Lobo da Vila / -----

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Cia. Mogiana de Estradas de Ferro (inaugurada em 1886) / lazer e controle.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Getúlio Vargas Filho, filho do presidente Getúlio Vargas, que ocupou o posto de presidente da Federação Paulista de Futebol em 1943. Morto um mês após ser empossado na FPF, Getúlio Filho teria apoiado projeto de construção do estádio local, que leva seu nome e foi inaugurado em 1955 / interesses políticos.

Cidade: São João da Boa Vista - SP

Agremiação: *XV DE NOVEMBRO DE JAÚ*

Fundação: 15 de Novembro de 1924

Alcunha/Mascote: Galo da Comarca / Galo

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Cia. Paulista de Estradas de Ferro (inaugurada em 1887) / lazer e controle.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: José Maria Magalhães de Almeida Prado (Zezinho Magalhães), foi presidente da agremiação e prefeito empossado pela Câmara

Municipal em 1952; eleito prefeito por voto popular, assumiu em 1956; em 1958, eleito deputado estadual / promoção pessoal e interesses políticos.

Cidade: Jaú - SP

Agremiação: *MIRASSOL FUTEBOL CLUBE*

Fundação: 09 de Novembro de 1925

Alcunha/Mascote: Leão da Alta Araraquarense / Leão

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Estrada de Ferro Araraquara / lazer e controle.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: José Maria de Campos Maia , prefeito local em 1951 e entre 1956-1959, dá nome ao estádio da agremiação e foi apoiador do clube / promoção pessoal e interesses políticos.

Cidade: Mirassol - SP

Agremiação: *ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA ITUVERAVENSE*

Fundação: 25 de Janeiro de 1926 (atualmente desativada)

Alcunha/Mascote: AAI / -----

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Cia. Mogiana de Estradas de Ferro (inaugurada em 1903) / lazer e controle.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Orlando Seixas Rego, prefeito municipal por várias gestões e deputado estadual de 1973 a 1976 por ocasião do maior título do clube: campeão da A3 do campeonato paulista promovido pela Federação Paulista de Futebol / promoção pessoal e interesses políticos.

Cidade: Ituverava

Agremiação: *ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA SANTA RITENSE*

Fundação: 25 de Janeiro de 1927 (agremiação desativada)

Alcunha/Mascote: ----- / Tico-tico (provável homenagem ao músico Zequinha de Abreu)

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Usina Santa Rita / lazer e controle.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: diretores e sócios da Usina Santa Rita (de álcool e açúcar), atualmente em recuperação judicial / lazer e controle.

Cidade: Santa Rita do Passa Quatro – SP

Agremiação: *ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA FERROVIÁRIA DE ASSIS (AAFA)*

Fundação: 01 de Maio de 1927 (desativada)

Alcunha/Mascote: Veterana / -----

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Estrada de Ferro Sorocabana (inaugurada em 1914) / lazer e controle.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: encerrou atividades no futebol profissional em 1976 por falta de apoio.

Cidade: Assis – SP

Agremiação: *CLUBE ATLÉTICO LINENSE*

Fundação: 12 de Junho de 1927

Alcunha/Mascote: Elefante do Noroeste / Elefante

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: E. F. Noroeste do Brasil (inaugurada em 1908) / lazer e controle.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Gilberto Siqueira Lopes, vereador do município entre 1956 e 1959, foi prefeito local entre 1959 e 1963, deputado estadual eleito e reeleito na década de 1960, dá nome ao estádio da agremiação / promoção pessoal e interesses políticos.

Cidade: Lins - SP

Agremiação: *CLUBE ATLÉTICO BRAGANTINO*

Fundação: 08 de Janeiro de 1928

Alcunha/Mascote: Massa Bruta / Leão

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: E. F. Bragantina (inaugurada em 1884) / lazer e controle. Fábrica de Chapéus Colli & Cia. / interesses comerciais.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: José de Assis Gonçalves Júnior, primeiro presidente da agremiação e prefeito nomeado da cidade entre 1944 e 1946 / interesses políticos. Família Chedid (origem libanesa), que exerce domínio político no município desde 1959 (destaque a Nabi Abi Chedid, que foi diretor do clube e chegou ao posto de presidente da Federação Paulista de Futebol e vice- presidente da Confederação Brasileira de Futebol, além de dez mandatos como deputado estadual) / promoção familiar e interesses políticos.

Cidade: Bragança Paulista - SP

Agremiação: *ESPORTE CLUBE SÃO BERNARDO*

Fundação: 03 de Fevereiro de 1928

Alcunha/Mascote: Vovô do ABC / São Bernardo (cão)

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: empresariado local e famílias tradicionais, com destaque a personalidades como Dante Setti, Orlando Setti, João Corazza, Nerino Colli, Humberto Coppini e Vicente Raghianti / promoção social e interesses comerciais.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Humberto Coppini, primeiro presidente da agremiação, foi presidente do Partido Democrático Paulista (PD) em 1928 /

promoção pessoal e interesses políticos.

Cidade: São Bernardo do Campo - SP

Agremiação: ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA CHAVANTENSE

Fundação: 29 de Setembro de 1929

Alcunha/Mascote: ----- / -----

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: proprietários rurais locais / lazer.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Coronel Manuel Ferreira, proprietário de terras na região, foi o primeiro presidente da Câmara de Vereadores de Chavantes, biênio 1923-1924; colaborou para construção da Praça de Esportes do município / promoção pessoal e interesses políticos.

Cidade: Chavantes - SP

Agremiação: MOGI MIRIM SPORT CLUB

Fundação: 01 de Fevereiro de 1932

Alcunha/Mascote: Carrossel Caipira / Sapo

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Companhia Mogiana de Estradas de Ferro (inaugurada em 1875) / lazer e controle.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Wilson Fernandes de Barros, empresário do ramo de autopeças (Barros Autopeças) e presidente da agremiação na década de 1980, quando a agremiação ganhou estrutura para projeção no início da década seguinte / promoção pessoal e interesses comerciais.

Cidade: Mogi Mirim - SP

Agremiação: SÃO JOSÉ ESPORTE CLUBE

Fundação: 13 de Agosto de 1933 (como dissidência do Esporte Clube São José)

Alcunha/Mascote: Águia do Vale / Águia

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: setores industriais locais / lazer, controle e interesses comerciais (promoção de marcas industriais).

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Pedro Yves Simão, presidente da agremiação entre 1987 e 1990, foi prefeito do município entre 1990 e 1992 e eleito deputado estadual em 1988 / promoção pessoal e interesses políticos.

Cidade: São José dos Campos - SP

Agremiação: AMÉRICA FUTEBOL CLUBE

Fundação: 28 de Janeiro de 1946

Alcunha/Mascote: Diabo / Brasinha

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Estrada de Ferro Araraquara (inaugurada em 1912) / lazer e controle.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Antonio Tavares Pereira Lima, engenheiro da EFA e primeiro presidente da agremiação, eleito vereador e deputado estadual pela região; teve apoio de Vítor Buongermino, primeiro presidente do Conselho Deliberativo do clube / controle, promoção pessoal e interesses políticos.

Cidade: São José do Rio Preto - SP

Agremiação: *ITUANO FUTEBOL CLUBE* (02 títulos no Campeonato Paulista, último deles em 2014)

Fundação: 24 de Maio de 1947

Alcunha/Mascote: Galo de Itu / Galo

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Cia. Ituana de Estradas de Ferro (inaugurada em 1873) / lazer e controle.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Elio Aparecido de Oliveira, empresário e agente FIFA, foi dirigente da agremiação entre 1999 e 2006, projetando-a e transformando-a em clube-empresa / interesses pessoais, econômicos e financeiros.

Cidade: Itu - SP

Agremiação: *ASSOCIAÇÃO FERROVIÁRIA DE ESPORTE (AFE, alusão à E.F. Araraquara)*

Fundação: 12 de Abril de 1950

Alcunha/Mascote: Ferrinha / Locomotiva

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Estrada de Ferro Araraquara (inaugurada em 1885) / lazer e controle.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Antonio Tavares Pereira Lima, engenheiro da EFA, primeiro presidente da agremiação, prefeito de Araraquara e deputado estadual / controle, promoção pessoal e interesses políticos.

Cidade: Araraquara - SP

Agremiação: *CLUBE ATLÉTICO FERROVIÁRIO DE ARAÇATUBA*

Fundação: -/-/1963 (atualmente, desativado profissionalmente para o futebol)

Alcunha/Mascote: Ferrinho / -----

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (inaugurada em 1908) / lazer e controle.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: sem apoio consistente em sua História, atualmente disputa partidas amadoras e promocionais (masters e veteranos) / -----

Cidade: Araçatuba - SP

**FUTEBOL DE CLUBES NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (INTERIOR E REGIÕES
SUBURBANAS)**

Agremiação: *BANGU ATLÉTICO CLUBE* (02 títulos no Campeonato Estadual do Rio de Janeiro, último deles em 1966)

Fundação: 17 de Abril de 1904 (data oficial)

Alcunha/Mascote: Alvirrubro / Castor

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Companhia Progresso Brasil Industrial (cessão completa de estrutura para a prática do futebol) e João Ferrer (diretor-gerente da Companhia Progresso Brasil Industrial) / controle e lazer.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Castor Gonçalves de Andrade e Silva (Castor de Andrade, 1926-1997), bicheiro, presidente de honra da agremiação, patrono e financiador do clube entre as décadas de 1960 e 1980 / controle, promoção pessoal e lavagem de dinheiro.

Cidade: Rio de Janeiro – RJ (Bangu, bairro da Zona Oeste da cidade)

Agremiação: *ESPERANÇA FOOTBALL CLUB* (extinto)

Fundação: 20 de Setembro de 1905

Alcunha/Mascote: ----- / -----

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Cia. Progresso Brasil Industrial (cessão do campo e apoio na manutenção / lazer e controle.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: João Ferrer, diretor-gerente da Companhia Progresso Brasil Industrial (presidente honorário da agremiação) / lazer, controle e promoção pessoal.

Cidade: Rio de Janeiro – RJ (Bangu, bairro da Zona Oeste da cidade)

Agremiação: *ANDARAHY ATHLETICO CLUB*

Fundação: 09 de Novembro de 1909

Alcunha/Mascote: ----- / -----

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Fábrica Cruzeiro (têxtil), apoio através da cessão do campo e de recursos para manutenção da agremiação / lazer e controle.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Domingos Bebbiano e Alfredo Coelho Rocha (representantes da Fábrica Cruzeiro) / lazer, controle e interesses comerciais.

Cidade: Rio de Janeiro - RJ

Agremiação: *GOYTACAZ FUTEBOL CLUBE*

Fundação: 20 de Agosto de 1912

Alcunha/Mascote: Goyta / Índio Goytacaz

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Unidades Agroindustriais Sucroalcooleiras (pequenas e médias) / lazer, controle e promoção pessoal.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Ary de Oliveira Souza, presidente da agremiação, responsável pela construção do estádio, em 1938 (tio-avô de Tonico Pereira, ator conhecido nacionalmente).

Cidade: Campos dos Goytacazes - RJ

Agremiação: *CLUBE ESPORTIVO RIO BRANCO* (extinto)

Fundação: 05 de Novembro de 1912 (sem ata de fundação)

Alcunha/Mascote: ----- / Carcará

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: famílias abastadas da cidade do Rio de Janeiro (a princípio, agremiação formada por filhos adolescentes da elite local) / lazer.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Mário Veloso, que adquiriu terreno para a estruturação da primeira sede da agremiação, que funcionou até 1970; seu filho, Severino Veloso, foi vereador da cidade por trinta e três anos, quatorze deles como presidente da Câmara Municipal/ promoção familiar e interesses políticos; Clóvis Arenari, bacharel em Direito, dirigiu a agremiação por várias gestões nas décadas de 1970 e 1980 (sua filha chegou a ser eleita miss Campos de Goytacazes) / promoção pessoal e familiar.

Cidade: Campos dos Goytacazes - RJ

Agremiação: *BONSUCESO FUTEBOL CLUBE*

Fundação: 12 de Outubro de 1913

Alcunha/Mascote: Bonsuça / Leão da Leopoldina

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Francisco da Silva Leitão, primeiro presidente da agremiação; organizou moradores locais para estruturação básica da agremiação, sem distinção social / lazer e promoção pessoal.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Leônidas da Silva (1913-2004), jogador de futebol que, apesar de revelado pelo São Cristóvão Futebol e Regatas, popularizou nome da agremiação (atuou no clube entre 1930 e 1932, onde assinou seu primeiro contrato semiprofissional / lazer e subsistência pessoal.

Cidade: Rio de Janeiro – RJ (bairro da Zona Norte da cidade)

Agremiação: *CANTO DO RIO FUTEBOL CLUBE*

Fundação: 14 de Novembro de 1913 (surgiu como clube infantil de futebol)

Alcunha/Mascote: Cantusca / Arara Azul

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: base popular, com manutenção da agremiação através

das mensalidades pagas pelos associados / lazer.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Ernani Amaral Peixoto, apoiador da agremiação, foi interventor federal do Rio de Janeiro de 1937 a 1939, casado com Alzira Vargas (filha de Getúlio e Darci Vargas); sua filha, Celina Vargas, casada com Moreira Franco, que foi prefeito de Niterói, Governador do Rio de Janeiro e Ministro de Estado entre 2017 e 2018, no governo Michel Temer / promoção pessoal e familiar e interesses políticos.

Cidade: Niterói – RJ (Praia do Itacará)

Agremiação: *AMERICANO FUTEBOL CLUBE*

Fundação: 01 de Junho de 1914

Alcunha/Mascote: ----- / Mosqueteiro

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Unidades Agroindustriais Sucroalcooleiras (maiores usinas; na agremiação em questão, destaque a João Nogueira) / lazer, controle e promoção pessoal.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Eduardo Viana (apelidado de “Caixa D’água”, foi presidente da Federação Estadual do Rio de Janeiro entre 1984 e 2006, acusado de usar estrutura da FERJ para favorecer a agremiação) / paixão e interesses políticos.

Cidade: Campos dos Goytacazes - Rj

Agremiação: *MADUREIRA ESPORTE CLUBE* (fusão entre Fidalgo Football Club e Magno Football Club)

Fundação: 08 de Agosto de 1914 (utiliza data de fundação do Fidalgo Madureira Atlético Clube)

Alcunha/Mascote: Tricolor Suburbano / Zé Carioca

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: comerciantes da Zona Norte do Rio de Janeiro (Joaquim Braia, Manuel Maia, Elísio Ferreira e Manoel Lopes da Silva) / lazer e interesses comerciais.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: José da Gama Correia da Silva (Zé da Gama), presidente da agremiação entre 1959 e 1960, empresário de futebol que internacionalizou clube / interesses econômicos e financeiros.

Cidade: Rio de Janeiro – RJ (bairro da Zona Norte, conhecido como “Capital do Subúrbio”)

Agremiação: *OLARIA ATLÉTICO CLUBE*

Fundação: 01 de Julho de 1915

Alcunha/Mascote: Azulão da Bariri / Índio

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: E. F. do Norte (inaugurada em 1886) / lazer.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Antônio Mourão Vieira Filho (1909-1972), considerado benfeitor da agremiação, foi morador da região, médico, deputado federal

e ministro de Estado; dá nome ao estádio do clube (embora mais conhecido como “Rua Bariri”), inaugurado em 1947, com apoio de Mourão / promoção pessoal e interesses políticos.

Cidade: Rio de Janeiro – RJ (Zona Norte)

Agremiação: *MAVILLIS FOOT BALL CLUB* (extinto)

Fundação: 23 de Setembro de 1915

Alcunha/Mascote: ----- / -----

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Cia. América Fabril e White Martins e Cia. / lazer e controle.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Mark Sutton, Afonso Bebiano (filho de Domingos Bebiano, dono da Fábrica de tecidos Bonfim) e Manuel Vicente Lisboa (diretores da Cia. América Cruzeiro Fabril) / lazer, controle, promoção pessoal e empresarial.

Cidade: Rio de Janeiro – RJ

Agremiação: *ESPORTE CLUBE SÃO JOÃO* (extinto devido à desativação da Usina São João, em 1980)

Fundação: 24 de Junho de 1917

Alcunha/Mascote: Vovô / -----

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Usina São João, com doação e construção do campo e manutenção da agremiação/ lazer e controle.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Cristóvão Lizandro Albernaz (proprietário da Usina São João) / lazer, controle e promoção pessoal.

Cidade: Campos dos Goytacazes - RJ

Agremiação: *PARAÍSO FUTEBOL CLUBE*

Fundação: 17 de Julho de 1917

Alcunha/Mascote: ----- / -----

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Usina Canavieira Paraíso, fornecedora de estrutura para agremiação / lazer e controle.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Benedito Silveira Coutinho (sócio da Usina Paraíso) e Heli Ribeiro (proprietário da Usina Cambaíba) / controle, promoção familiar e interesses políticos.

Cidade: Campos dos Goytacazes - RJ

Agremiação: *CENTRAL SPORT CLUB*

Fundação: 01 de Janeiro de 1922

Alcunha/Mascote: Diabo do Vale do Paraíba / Brasinha

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Estrada de Ferro Central do Brasil / lazer e controle.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Mário Tamborindeguy (1907-1978), empresário; patrono da agremiação, foi deputado federal e estadual e colaborou para a estruturação do estádio utilizado pelo clube, inaugurado em 1956 / promoção pessoal e interesses políticos.

Cidade: Barra do Pirai - RJ

Agremiação: *TUPY SPORT CLUB* (surge a partir da cisão do Brasil Industrial Futebol Clube; atualmente, futebol profissional desativado)

Fundação: 01 de Janeiro de 1922 (atas e estatutos perdidos devido a enchentes locais)

Alcunha/Mascote: ----- / Índio

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Companhia Têxtil Brasil Industrial (cessão do terreno para o campo e manutenção da agremiação) / controle e lazer.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Domingos da Guia, jogador conhecido nacional e internacionalmente, que iniciou carreira na agremiação; defendeu a seleção brasileira e conquistou a Copa Rio Branco em 1932 e 1933 e a Copa Rocca de 1945 / subsistência pessoal e promoção do clube.

Cidade: Paracambi - RJ

Agremiação: *ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA PORTUGUESA*

Fundação: 17 de Dezembro de 1924

Alcunha/Mascote: Lusa / Zebra

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: comercial (descendentes portugueses do ramo de sacarias) / lazer e tradição étnica.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Constantino Paiva e Joaquim Martins Leal (comerciantes de sacarias vazias e usadas) e Luiz Gomes Teixeira, comerciante, primeiro presidente da agremiação / lazer, promoção pessoal, tradição étnica e interesses comerciais.

Cidade: Rio de Janeiro - RJ

Agremiação: *AMÉRICA FUTEBOL CLUBE DE TRÊS RIOS*

Fundação: 14 de Maio de 1929

Alcunha/Mascote: Mecão / Diabo

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Estrada de Ferro Central do Brasil (inaugurada em 1867) / lazer.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: José Michel Farah, fiscal de renda do Estado do Rio de Janeiro e presidente de honra da agremiação; pai de Vinícius Farah, que foi

vereador, prefeito do município entre 2008 e 2011 e deputado federal eleito em 2018 / promoção pessoal, familiar e interesses políticos.

Cidade: Três Rios - RJ

Agremiação: *ESPORTE CLUBE CAMBAÍBA* (fusão de Liberal FC e Palmeiras FC)

Fundação: 30 de Agosto de 1930

Alcunha/Mascote: ----- / -----

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Usina Cambahyba de Açúcar, recentemente desapropriada para fins de Reforma Agrária (cessão do terreno para campo e manutenção da agremiação) / lazer e controle.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Heli Ribeiro Gomes (1925-1992), proprietário da Usina Cambahyba, foi vice-governador do Rio de Janeiro e deputado federal (acusado de colaborar com governo militar brasileiro implantado a partir de 1964, ao utilizar estrutura da Usina para desaparecimento de opositores ao regime) / promoção pessoal e interesses políticos.

Cidade: Campos dos Goytacazes - RJ

Agremiação: *SPORT CLUB ALIANÇA*

Fundação: 24 de Fevereiro de 1932

Alcunha/Mascote: ----- / -----

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Usina do Queimado (Açúcar e Álcool, foi a primeira usina implantada em Campos dos Goytacazes), com cessão de estrutura e manutenção da agremiação / lazer e controle.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Julião Nogueira e Inácio Nogueira (proprietários da Usina do Queimado) / lazer, controle e promoção familiar.

Cidade: Campos dos Goytacazes - RJ

Agremiação: *ESPORTE CLUBE SÃO JOSÉ* (extinto)

Fundação: 28 de Janeiro de 1938

Alcunha/Mascote: Milionários / -----

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Usina São José (Açúcar), cessão do terreno e construção do campo e sede social, além de manutenção da agremiação / lazer e controle.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Gonçalo Vasconcelos, sócio da Usina São José / lazer, controle e promoção pessoal.

Cidade: Campos dos Goytacazes - RJ

Agremiação: *ESPORTE CLUBE SAPUCAIA* (fusão entre Progresso FC e Brasil FC)

Fundação: 18 de Dezembro de 1938

Alcunha/Mascote: ----- / -----

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Usina Sapucaia (Açúcar e Álcool) / lazer e controle.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Heli Ribeiro Gomes (proprietário da Usina Cambahyba) e dirigentes da Usina Sapucaia / controle, promoção pessoal e interesses políticos.

Cidade: Campos dos Goytacazes - RJ

Agremiação: *SÃO CRISTÓVÃO FUTEBOL E REGATAS* (fusão entre Clube de Regatas São Christóvão e São Christóvão Athletic Club, ocorrida em 1943; 01 título do São Cristóvão Athletic Club no Campeonato Estadual do Rio de Janeiro, em 1926)

Fundação: 13 de Fevereiro de 1943

Alcunha/Mascote: Cadetes / Carneiro

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Clube de Regatas São Christóvão, que abrigou o São Christóvão Athletic Club, agremiação voltada apenas para o futebol / lazer.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Ronaldo Luiz Nazário de Lima (Ronaldo Fenômeno), jogador de futebol que iniciou carreira nas divisões de base da agremiação e deu notoriedade ao clube (1990-1993) / subsistência pessoal e promoção profissional.

Cidade: Rio de Janeiro – RJ (zona central da cidade)

Agremiação: *VOLTA REDONDA FUTEBOL CLUBE* (fusão entre Flamengo de Volta Redonda e Guarani Esporte Clube)

Fundação: 09 de Fevereiro de 1976 (a partir da fusão entre os Estados do Rio de Janeiro e da Guanabara)

Alcunha/Mascote: Voltaço / Jaguatirica

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Companhia Siderúrgica Nacional, fundada em 1941, durante o período do Estado Novo brasileiro / lazer e controle.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: General Sylvio Raulino de Oliveira, presidente da CSN e financiador da construção do estádio da agremiação, inaugurado em 1950 (desde 2004, Estádio da Cidadania), utilizando-se da estrutura e produção da Companhia na década de 1940 / lazer, promoção pessoal e desmobilização política

Cidade: Volta Redonda – RJ (considerada área de segurança nacional na década de 1970).

Agremiação: *FRIBURGUENSE ATLÉTICO CLUBE* (fusão entre Fluminense Atlético Clube e Serrano Futebol Clube)

Fundação: 14 de Março de 1980

Alcunha/Mascote: Frizão / Vovô Chapão

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: empresariado, com apoio da administração municipal local / promoção turística.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: César Guinle, patrono da agremiação, foi prefeito local entre 1947 e 1951; doou área para estruturação do estádio que leva nome de seu pai, Eduardo Guinle / promoção pessoal e familiar e interesses políticos.

Cidade: Nova Friburgo - RJ

Agremiação: ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA CABOFRIENSE

Fundação: 01 de Janeiro de 1997

Alcunha/Mascote: ----- / Marlim Azul

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Prefeitura Municipal / promoção e interesses políticos.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Alair Corrêa, presidente de honra da agremiação; político vinculado à cidade de Cabo Frio, foi vereador (eleito 1970), presidente da Câmara Municipal (1973), prefeito (eleito em 1983, 1997, 2001 e 2012) e deputado estadual (eleito em 1992 e 2006) / promoção pessoal e familiar e interesses políticos.

Cidade: Cabo Frio - RJ

Agremiação: ITAPERUNA ESPORTE CLUBE (fusão entre Porto Alegre Futebol Clube, criado em 1915, Unidos Atlético Clube e Indústria Atlético Clube)

Fundação: 21 de Julho de 1989

Alcunha/Mascote: Águia do Noroeste / Águia

Suporte Inicial / Uso ou Intenção: Fazenda Porto Alegre (primeira propriedade demarcada na região), propriedade da Família Brandão (café) / promoção familiar, lazer e controle.

Principal(is) Nome(s) Histórico(s) / Uso ou Intenção: Jair Siqueira Bittencourt, advogado e professor, fundador do Porto Alegre Futebol Clube (origem da agremiação em destaque), doou terreno para a construção do estádio, inaugurado em 1963; seu filho, Jair Bittencourt, foi deputado estadual / promoção pessoal e familiar e interesses políticos. Norton Nassif e Roberto Sued, controladores do jogo do bicho em Itaperuna na década de 1980 / promoção pessoal e "lavagem" de dinheiro.

Cidade: Itaperuna – RJ.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O homem comum e corrente considera-se a si mesmo como verdadeiro homem prático; é ele quem vive e atua praticamente dentro de seu mundo. As coisas não apenas são e existem em si, como também são e existem, sobretudo, pela sua significação prática, enquanto satisfazem necessidades imediatas de sua vida cotidiana.

Sánchez Vázquez

Creio que cabe ao historiador buscar o entendimento das formas como os indivíduos produzem as representações de si e do mundo e como tal processo se estrutura dentro de uma dinâmica social. Neste sentido, há um tempo a se recuperar nos estudos sobre o futebol, principalmente no que tange em responder em como a prática transformou-se rápida e definitivamente em mania nacional.

O futebol não foi uma invenção das camadas sociais dominantes para manipular a vida de trabalhadores. Foi, sim, um fenômeno de apropriação e resistência.

Caso o ser humano aja em prol de uma causa esperando alguma retribuição, o futebol é um grande recompensador. Até mesmo àquele que, ao desejar participar de uma pelada, forneça a bola ou alguma condição necessária para que ocorra a peleja. Assim também nas partidas de futebol de várzea (informal), onde o favorecido, em normalidade, é o bar (embora qualquer incentivo seja válido). Em proporções maiores, o favorecedor pode atender a seus interesses, seja ele um indivíduo, um grupo constituído ou mesmo o Estado.

E o futebol é uma benção! Nem tanto para os que o praticam profissionalmente²⁵², mas para os que dele extraíram promoção pessoal por pertencerem a agremiações seletas por ocasião da introdução do esporte no Brasil, para os que proporcionaram lazer e obtiveram certo controle sobre trabalhadores, para os que promoveram suas empresas e marcas, para os que do esporte extraíram benefícios políticos pessoais, aos que dele obtiveram certa estabilidade para governar ao desviarem olhares, aos que transformaram o futebol em espetáculo (angariando lucros exorbitantes), aos que do esporte aproveitaram e se aproveitam para desvios

²⁵² Segundo Relatório de Registro e Transferência da Confederação Brasileira de Futebol de 2017, dos 24.841 jogadores profissionais de futebol registrados na entidade e que atuavam no país, 82,40% (23.238 jogadores) perceberam até R\$ 1.000,00/mês, 13,68%, de R\$1.001,00 a R\$ 5.000,00/mês, 1,35%, de R\$ 5.001,00 a R\$ 10.000,00/mês, 1,77% de R\$ 10.001,00 a R\$ 50.000,00/mês; 0,4% entre R\$ 50.001,00 a R\$ 100.000,00/mês e 0,4% entre R\$ 100.001,00 e R\$ 500.000,00/mês; outros 26.874 jogadores firmaram vínculos não profissionais (jogadores amadores) (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL, 2017).

oriundos de sobrepreços de produtos e serviços (vide denúncias ainda investigadas na Copa de 2014 organizada no Brasil), aos negociadores (agentes) de mercadorias (entenda-se jogadores) e, porque não dizer, àqueles que se divertem no jogo (jogadores e espectadores), amenizando problemas e preocupações cotidianas.

O futebol emergiu elitista. Na Primeira República (1889-1930), popularizou-se espetacularmente, acompanhando as transformações brasileiras, em especial a partir da década de 1910, participando da vida operária intensamente, seja lúdica, seja politicamente. Ao engendrar-se na vida do brasileiro, o futebol passou a expressar uma riqueza simbólica e a própria sociedade brasileira em determinado momento histórico, mostrando-se presente nos grandes embates e debates do país. Ao identificar-se como popular, o futebol teria trazido ao brasileiro a possibilidade de jogar através de normas e regras.

O futebol de fábrica surgiu como entretenimento e lazer. Aos poucos, outros interesses brotaram, com empresários descobrindo na prática a possibilidade de se obter disciplina e controle sobre o tempo dos trabalhadores fabris, além do cerceamento sobre as atividades dos mesmos nos sindicatos, da valorização de seus produtos e artigos, da visualização positiva da empresa patrocinadora, da imagem de preocupação com a condição física e de lazer de seus subalternos. No entanto, não se pode afirmar que o futebol desmobilizou as lutas políticas operárias.

A busca de patrocinadores para a prática – caso dos primeiros clubes operários que buscaram no patrão subsídios – também aponta para uma tendência do brasileiro: a de se sentir protegido e de depender de quem considera superior. O fenômeno, mesmo sem intenções, estruturou os pilares para Getúlio Vargas que, durante o período do Estado Novo (1937-1945), estabeleceu algo que sentia carente: uma identidade nacional. E o futebol foi elemento bem utilizado para tanto. Mas Vargas só pode fazê-lo porque já havia a incorporação do esporte pelo operariado e por populares enquanto prática e apreciação. Ou seja, Vargas apropriou-se do futebol que, por sua vez, já fervia no sangue popular, aproveitando-se do apoio à prática dado por diversos empresários, como que usurpando de uma política regional, local, o que significa dizer que, ao procurar controlar a vida operária, Getúlio Vargas incorporou o que os trabalhadores já carregavam no seu cotidiano, apenas projetando essa modalidade esportiva em termos nacionais, fortalecendo, dessa forma, elos, em especial a partir dos eventos mundiais denominados Copas do Mundo.

Isso porque é provável que, assim como nas escolas, os industriais tenham

observado no futebol um esporte capaz de disciplinar seus operários, ocupando o tempo de lazer dos trabalhadores e impulsionando o gasto de energia com atividades desvinculadas indiretamente da produção fabril e do trabalho coletivo. Sob este ângulo, o futebol estaria vinculado às ferramentas utilizadas para o que se denomina controle social. Visto assim, empresários teriam iniciado uma ação política que foi incorporada por Getúlio Vargas como política de Estado, não sem a participação ativa dos trabalhadores.

O crescimento populacional dos principais centros urbanos do Brasil, caso de São Paulo e Rio de Janeiro, seguido de mobilizações reivindicatórias de novos componentes sociais como os operários, exigia a ampla popularização de um esporte de massas. Perante à nova demanda, práticas corporais teriam sido estimuladas – caso do futebol, que ganhava admiradores no país (mesmo em pequenos municípios) –, fazendo com que autoridades governamentais e dirigentes industriais passassem a convencer-se de que a prática serviria ao propósito de ser definitivamente estimada. Desta forma, municípios passaram a isentar de taxas os campos de futebol, patrões passaram a financiar pejejas entre seus trabalhadores e as forças policiais deixaram de reprimir rachas em terrenos vazios. Claro, não podemos deixar de levar em consideração o gosto das camadas populares junto ao esporte. Assim, a partir da apreciação e do gosto popular, cresceu o incentivo para que o jogo da bola fosse transformado em espetáculo de ação e contemplação.

Porém, não vejo possível rotular o futebol como uma prática alienante, até porque foi usado tanto por patrões como pelos trabalhadores em um jogo de interesses. Ou seja, os empregados buscaram, através do futebol, melhores condições de trabalho, procuraram valorizar-se junto aos empregadores, almejaram certa estabilidade, certo prestígio pessoal e lazer e, claro, diversão. Além disso, deve ser observado que para muitos trabalhadores jogar futebol tornou-se uma forma de busca do sentimento de pertencimento ao grupo de trabalho através do reconhecimento.

Times operários pressupõem identidade entre os participantes de vida semelhante (trabalhadores). Portanto, explorados pelo sistema. Neste sentido, a presença da fábrica (através do financiamento para aquisição de equipamentos, presença de diretores da empresa na estrutura administrativa do clube, nome da agremiação, fornecimento de campo para a prática, entre outros) indica uma interferência reguladora, ferindo resistências e autonomias, inclusive sobre ações

políticas dos trabalhadores (greves e luta sindical).

Desta forma, teria sido a partir desta nova visão que anarquistas, anarco-sindicalistas e comunistas teriam começado a torcer o nariz para o futebol, provavelmente por começarem a perceber que o esporte poderia elevar o nome da fábrica, além de gerar confrontos ente os times e, conseqüentemente, entre os trabalhadores, desvirtuando os caminhos das lutas operárias por conquistas coletivas. No entanto, as ações e posicionamentos vacilantes das correntes do movimento operário brasileiro frente ao futebol, também teriam contribuído para a popularização do esporte entre trabalhadores urbanos. Afinal, correntes como o anarquismo também procuraram beneficiar-se do jogo da bola por verem-no como atrativo instrumento de agregação entre trabalhadores.

A partir da popularização do futebol, a prática criou crostas no cotidiano e no imaginário do brasileiro, passando a funcionar como um mecanismo regulador da vida social. Mesmo os meios de comunicação passaram a colaborar para a difusão de ideias e legitimação de discursos de poder, dependendo dos interesses do segmento social dominante. Até mesmo mensagens sobre condição social e política do brasileiro passaram a ser estabelecidas a partir do esporte que virou mania: “porco”, “favelado”, “burguês”, “pó-de-arroz” (traduzindo: Sociedade Esportiva Palmeiras, Sport Club Corinthians Paulista, São Paulo Futebol Clube ou Fluminense carioca). Isto porque o futebol nos remete ao espectro social, às origens dos clubes. A luta, o estigma, a boa vida, são registrados sem grandes valores práticos, como uma ofensa às gêneses, mas que se resolve no jogo, na disputa, em que cada grupo procura se afirmar e reafirmar sobre o outro através da vitória. Se assim, a condição nos direciona ao imaginário por procurar superar diferenças sociais e reafirmar visões de mundo.

Desta forma, seja como iniciativa individual, setorial ou empresarial, bem antes de Getúlio Vargas e suas intenções de apropriação do futebol como elemento político macro, indivíduos e/ou grupos fizeram uso do futebol para atender a objetivos próprios, embora de caráter local. Ou seja, mesmo sem intenção, estruturaram as bases para a apropriação do futebol como elemento político e de identificação nacional pela política getulista.

O perfil de participação do Brasil nos torneios realizados a partir da década de 1930 (Copas do Mundo de Futebol) insere-se em um contexto histórico, expressando a configuração social do momento histórico vivido. A vitória e a derrota passaram, desde então (em especial a partir da Copa de 1938), a ditar rumos e rever caminhos.

Neste sentido, Getúlio Vargas teria alcançado seus objetivos.

Foi com Getúlio que a febre futebolística, que tomou os brasileiros durante as duas primeiras décadas do século, foi absorvida como um dos símbolos que poderiam constituir no país determinado sentimento nacionalista. Porém, as ações de Vargas ficaram restritas a Copas do Mundo. E quem a ele sucedeu, idem, uma vez que as particularidades das ações ficaram em esfera local, o que significa dizer que se a estrutura montada pelos clubes deu a Vargas a base para uma política nacional e a projeção do esporte teve como devolutiva a afirmação de poderes regionais mais consistentes.

Numa visão macro, a partir da participação brasileira na Copa de 1938, a História brasileira passou a ser dividida por grandes e marcantes acontecimentos, tendo tais torneios como determinantes cronológicos.

Mas as intenções varguistas não teriam se concretizado não fosse o futebol absorvido amplamente pelas mídias, no rastro da crescente popularização do esporte. A proliferação das mesmas propiciaram mudanças nos padrões da vida cotidiana e reestruturaram de forma significativa o trabalho e o lazer.

Neste sentido, é importante que se reflita sobre o papel da imprensa esportiva na formação da identidade nacional e na construção da memória através do resgate de imagens, fatos, êxitos e fracassos, além da estruturação do futebol enquanto espetáculo captador de bons negócios. A ação da imprensa esportiva formou (e continua a formar) tradições através de apropriações do passado. Neste sentido, destaque à figura de Mário Filho.

Entre as pressões políticas para a desinstitucionalização do futebol brasileiro, podemos considerar o uso da atividade como sustentação política – caso da Era Vargas (1937- 1945) e Ditadura Militar (1964-1985) -, pressões funcionais (profissionalização da gestão do futebol e dos clubes) e cominações sociais (para se adotar práticas modernas como arenas multiuso e por procura de novos mercados de trabalho na prática).

Durante o período dos regimes populistas, a associação poder político-sucesso esportivo revelou-se prática corriqueira. A dimensão e importância do futebol como elemento político brasileiro pode ser demonstrada por ocasião do embarque da seleção para a Copa chilena de 1962, quando o então presidente da República João Goulart teria expressado aos jogadores: “Façam de tudo. A vitória de vocês é mais importante que toda a safra de grãos”. (SANTOS, 2012, p. 21). Quatro anos antes, o

Brasil teve na Copa de 1958 seu primeiro triunfo em mundiais, ao ponto de Juscelino Kubitschek ter confidenciado via telefone ao então presidente da Confederação Brasileira de Desportos, João Havelange: “Durante esta Copa, eu substituí vários ministros e não vi nada nos jornais. Estou pensando em novas mudanças. Quando é a próxima Copa do Mundo?” (MAURÍCIO, 1998, p. 19).

Se o Estado procurou no futebol suporte para suas ações, atualmente procura atuar como agente regulador das mudanças mercadológicas estabelecidas e ainda em curso (em um caminho iniciado a partir da espetacularização da prática).

O futebol trilhou caminhos em suas várias fases, inclusive no Brasil: teve alteradas regras que o tornaram mais competitivo, transformou-se num meio de manutenção, propagação e ganho da mídia (jornais e rádios), foi absorvido pelo Estado como forma de sustentação política de governos (inclusive com a construção de estádios esportivos e estabelecimento de isenções fiscais que fortaleceram as ligas profissionais), ganhou mercados para a comercialização de artigos esportivos (mesmo os patrocínios das camisas dos clubes de maior expressão nacional explicam a evolução econômica brasileira nas últimas décadas, uma vez que desde os anos 1980 até os atuais, passaram entre empresas de alimentação e os setores automotivos, eletrônicos e financeiros), transformou-se em indústria de entretenimento de massa através, em especial, da proliferação da televisão e, na era da globalização atual, converteu-se em espetáculo absorvido por uma lógica eminentemente capitalista (deve-se entender, no entanto, que o poder da televisão sobre o esporte-espetáculo depende das ligas esportivas, não sendo, desta forma, absoluto, uma vez que as estruturas televisivas precisam negociar valores com as mesmas como forma de obtenção dos direitos de transmissão dos jogos).

Na espetacularização do futebol, fundamental a presença do saudosismo como elemento presente à crítica do futebol moderno e comercial que teria decretado o fim do ‘futebol-arte’ (uma farsa que contribuiu para a desorganização administrativa de muitas agremiações), como que tentando desvencilhar o futebol antigo de interesses econômicos e financeiros.

Um momento fundamental para a espetacularização do futebol, tal qual o temos em dias contemporâneos, ocorreu ainda nos anos 1970, especificamente em 1974: o brasileiro João Havelange foi eleito presidente da FIFA. Sob o comando de Havelange, a FIFA ampliou seu espaço de domínio.

Na atualidade, esvaziado ou esvaziando-se, elitizado ou elitizando-se (vide

distanciamento do público dos estádios), espetacularizado e espetacularizando-se de forma intensiva, seguindo ou não os princípios neoliberais de resultados eficientes e com placares mínimos, ou seja, quais forem seus caminhos futuros, o futebol, no Brasil, já consolidou trajetória própria na história ao se envolver, direta ou indiretamente, nos rumos de um Estado em constante busca de si.

Queira ou não, o futebol foi e continua sendo uma dádiva: aos que jogam e aos que favorecem o jogo, mesmo que para os últimos sobrem maiores dividendos.

Mais do que um país, talvez o Brasil seja um amontoado de pátrias (no sentido de lugar em que se nasce). A identificação com o regional - em que pese os esforços de Getúlio Vargas - é maior que com o nacional, com o todo. Um país de pátrias instituídas como refúgio. O próprio clube pelo qual se torce seria uma pátria em que o brasileiro procura abrigo, conforto e razão para existência.

A busca de patrocinadores para a prática – caso dos primeiros clubes operários que buscaram no patronato subsídios ou mesmo de agremiações que surgiram posteriormente – aponta para uma tendência do brasileiro: se sentir protegido e de depender de quem o favorece.

O fantasma do mandonismo (para não dizer coronelismo²⁵³) mantém-se no Brasil. Mesmo na atualidade, embora com menor peso.

Através do futebol, muitas agremiações prosperaram, numa espécie de “favoreça-me jogar e eu lhe amparo em seus interesses”.

O futebol brasileiro acompanhou as mudanças que levaram a prática ao espetáculo, mesmo ainda estando aquém de outros centros, em especial europeus (próprio da condição periférica do país no mundo capitalista global).

Uma das causas da manutenção de certa mentalidade amadora no futebol brasileiro relaciona-se à insistência histórica de manter gestões pouco profissionais, associadas a personalidades e a famílias que ganham econômica e politicamente com o futebol. Ou seja, se atualmente ações de marketing, a venda de ingressos, os direitos de televisão, as premiações por títulos e mesmo a venda de ações, permitem a manutenção de agremiações em plena atividade, ainda falta muito para que a racionalidade completa do mundo dos negócios prevaleça, embora ações científicas, tecnológicas e mercadológicas progridam (o que envolve preparação física,

²⁵³ Aqui entendido como prática política e social que floresceu durante a maior parte da Primeira República brasileira (1889-1930) e que configura forma de mandonismo em que pequenos grupos privilegiados economicamente detêm boa dose de poder local.

psicológica e empresarial, com uso de métodos estatísticos, estudo sobre os adversários e adequada gestão financeira). O lúdico perde espaço. Os interesses do capital ganham. Mas no Brasil, não completamente. Próprio dos caminhos percorridos pelo futebol em seu solo e campos.

Servindo ou não a propósitos, talvez Wisnik (2008, p. 11) tenha razão ao afirmar que “viver o futebol dispensa pensá-lo, e, em grande parte, é essa dispensa que se procura nele”.

REFERÊNCIAS

- ACERVO DA BOLA. **Acervo da Lusa**. Disponível em: <http://www.acervodabola.com.br/acervo-da-lusa/>. Acesso em: 25 jan. 2019.
- A ESCRAVIDÃO em Bangu. **A Voz do Trabalhador**, [S. l.], 15 nov. 1909.
- A GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 20 abr. 1906.
- A PRIMEIRA lição. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 2 fev. 1934.
- A RECEPÇÃO. **Jornal A Noite**, Rio de Janeiro, 3 mar. 1937.
- A VOZ DO TRABALHADOR, Rio de Janeiro, n. 9, 9 dez. 1933.
- AGUIAR, Ronaldo. **Almanaque da rádio Nacional**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.
- ALABARCES, Pablo. **Fútbol y pátria**: el fútbol y las narrativas de la nación em la Argentina. Buenos Aires: Prometeo Libros Editorial, 2002.
- ALMEIDA, Alda; MICELLI, Márcio. Rádio e futebol: gritos de gol de norte a sul. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 2., 2004, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2004. Disponível em: <<http://www.locutor.info/Biblioteca/Futebol>>. Acesso em: 16 dez. 2017.
- ALVES, Marcelo Paraíso. **Lazer operário e alienação (Volta Redonda, 1951 a 1956)**. 2010. Dissertação (Mestrado) - Universidade Severino Sombra, Vassouras, 2010.
- ALVES, Paulo. **Anarquismo e anarcosindicalismo**: teoria e prática no movimento operário brasileiro (1906-1922). Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2002.
- ALVIM, Zuleika M. F. **Brava gente!** São Paulo: Brasiliense, 1986.
- ALVITO, Marcos. **A rainha de chuteiras**: um ano de futebol na Inglaterra. Rio de Janeiro: Apicuri, 2014.
- AMADO, Gilberto. **Assunto sério, aparências e realidade**. São Paulo: Monteiro Lobato e Cia, 1922.
- ANDERSEN, Benedict. **Nação e consciência nacional**. Rio de Janeiro: Ática, 1989.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANDRADE, Mário. **Contos novos**. 4. ed. São Paulo: Martins, 1973.
- ANDRADE, Oswald. **O culpado de tudo**. São Paulo: Prol Gráfica, 2012.
- ANJOS, José Luiz dos. O “popular” no futebol do interior de São Paulo. **Revista**

Conexões, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 62, 2004.

ANTUNES, Fátima M. **Com o brasileiro não há quem possa**: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: UNESP, 2004.

ANTUNES, Fátima M. **Futebol de fábrica em São Paulo**. 1992. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

ANTUNES, Fátima M. O futebol nas fábricas. **Revista USP**, São Paulo, Dossiê Futebol, n. 22, p. 104, 1994.

AQUINO, Rubim Santos Leão. **Futebol, uma paixão nacional**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ARAÚJO, José Renato de C. **Imigração e futebol**: o caso Palestra Itália. Campinas: Sumaré, 2000.

AS NORMAS do campeonato mundial. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 4 abr. 1929.

ASSAF, Roberto; MARTINS, Clóvis. **História dos campeonatos cariocas de futebol**: 1906-2010. Rio de Janeiro: Maquinária Editora, 2019.

ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA INTERNACIONAL – LIMEIRA. **História**. Disponível em: <https://www.interdelimeira.com.br/historia>. Acesso em: 26 jan. 2019.

AVARANIS, Evangelia. **O corpo em evidência nas lutas dos operários gaúchos (1890-1917)**. 2005. 239 f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre, 2005.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. *In*: ENCICLOPÉDIA EINAUDI: memória e história. Lisboa: Imprensa Nacional e Casa da Moeda, 1984. v. 1.

BAROFFALDI, Vicente Henrique. **Ferrovária em campo**: seis décadas de futebol da Ferrovária de Araraquara. Campinas: Pontes Editores, 2010.

BARRETO, Lima. **Crônicas Escolhidas**. São Paulo: Ática, 1995.

BARRETO, Lima. Histrião ou literato. **Revista Contemporânea**, São Paulo, 15 fev. 1956a.

BARRETO, Lima. **Tudo junto**. São Paulo: Brasiliense, 1956b. (Impressões de leitura, v. 13).

BARROS, José D' Assunção. **O campo da história**: especialidades e abordagens. Petrópolis: Vozes, 2009.

BARROS, Roberto. **Magias no futebol: revelações inéditas de um Pai de Santo**. São Paulo: Ícone, 2011.

BATALHA, Cláudio H. M. Cultura Associativa no Rio de Janeiro. *In*: BATALHA,

Cláudio H. M.; SILVA, Fernando T.; FORTES, Alexandre (Org.). **Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado**. Campinas: Ed. Unicamp, 2004. p. 114.

BATALHA, Cláudio H. M. Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva. *In*: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lúcia (org.). *O tempo do liberalismo excludente*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. v. 1, p. 174-175.

BATALHA, Cláudio. Identidade de classe operária no Brasil (1880-1920): atipicidade ou legitimidade? **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 12, n. 24, p. 13-15, ago. 1992.

BELLANI, João José. **A história dos cem anos de atividades do UABFC**: edição do centenário. Santa Bárbara do Oeste, 2014. Disponível em: www.fundacaoromi.org.br. Acesso em: 2 jan. 2019.

BENÉVOLO, Ademar. **Introdução à história ferroviária do Brasil**: estudo social, político e histórico. Recife: Folha da Manhã, 1953.

BENJAMIN, Walter. Brinquedos e jogos. *In*: BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Tradução de Marcos Mazzari. São Paulo: Editora 34, 1984. p. 100-120.

BERGAMIM JUNIOR, Giba. Clube Paulistano completa 110 anos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 25 jul. 2010. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2507201023.htm>. Acesso em: 5 abr. 2019.

BERSTEIN, Serge. Culturas políticas e a historiografia. Tradução de Luiz A. Monjardim. *In*: AZEVEDO, Célia et al. (Org.) **Cultura política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2009. cap. 1.

BETTINE, Marco Antonio. **Análise sociológica do processo de desenvolvimento dos principais clubes de futebol do Estado de São Paulo no final do século XIX e começo do século XX**: influência da urbanização, ferrovias e Rio Tietê. 2013. Tese (Livre Docência) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

BETTO, F. **Futebol, devoção brasileira**. Rede Voltaire, www.voltairenet.org/article.

BOAVENTURA, João C. Sociologia desportiva: o Taylorismo no futebol. **Futebol em Revista, Lisboa**, p. 9, s/d.

BOFF, Leonardo. **Ecologia, mundialização, espiritualidade**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

BOMENY, Helena M. B. Três decretos e um ministério: a propósito da educação no estado novo. *In*: PANDOLFI, Dulce (Org.). **Repensando o estado novo**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999. p. 137-166.

BORSARI, José Roberto. **Futebol de campo**. São Paulo: EPU, 1989.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Cia. das

Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo. *In*: BENJAMIN, Walter. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 136-153.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. 3. ed. Ijuí: Injuí, 2005.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Vitória: UFES, 1997.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 526, de 1º de julho de 1938**. Institui o Conselho Nacional de Cultura. Brasília: Câmara dos Deputados, 1938. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-526-1-julho-1938-358396-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 9 maio 2019.

BRASIL. **Lei nº 8.672, de 6 de julho de 1993**. Institui normas gerais sobre desportos e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 1993. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8672.htm. Acesso em: 5 maio 2019.

BRASIL. **Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998**. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 1998. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19615consol.htm. Acesso em: 5 abr. 2019.

BRETAS, Marcos Luís. **A guerra das ruas: povo e polícia na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

BRUHNS, Heloísa Turini. **Futebol, carnaval e capoeira: entre as gingas do corpo brasileiro**. Campinas: Papyrus, 2000.

BUARQUE, Chico. O moleque e a bola. *In*: COELHO, Eduardo (Org.). **Donos da bola**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2006. p. 54-56.

BURKE, Peter. **O que é história cultural**. Tradução de Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BURKE, Peter. **Veneza e Amsterdã: um estudo das elites do século XVII**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

BUSETTO, Áureo. A mídia brasileira como objeto da história política: perspectivas teóricas e fontes. *In*: SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti (Org.). **Dimensões da política na historiografia**. Campinas: Pontes Editores, 2008. p. 9-23.

CABRAL, Cid Pinheiro. **História do mundial de futebol**. São Leopoldo: Andreas Stihl, 1978.

CABRAL, Michelle N. **Teatro anarquista, futebol e propaganda: tensões e contradições no âmbito do lazer**. 2007. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

- CABRAL, Sergio. **No tempo de Ary Barroso**. Rio de Janeiro: Lumiar, 1993.
- CALDAS, Waldenyr. **O pontapé inicial**: memória do futebol brasileiro. São Paulo: Ibrasa, 1990.
- CAMPOS, Flávio. **Oficina de história**: história do Brasil. São Paulo: Editora Moderna, 1999.
- CANO, Wilson. **Raízes da concentração industrial em São Paulo**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1998.
- CAPALBO, Clóvis Roberto. **Jaboticabal Atlético 1911-1961**. Jaboticabal: Edição do Autor, 1961.
- CAPELATO, Maria Helena R. **Multidões em cena**: propaganda política no varguismo e no populismo. Campinas: Papirus, 1998.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.
- CARONE, Edgard. **A república velha**: instituições e classes sociais. São Paulo: Difel, 1978.
- CARONE, Edgard. **Introdução ao estudo do movimento operário no Brasil – 1877-1944**: ensaios de opinião. São Paulo: [s. n.], 1979.
- CARONE, Edgard. **O estado novo (1937-1945)**. São Paulo: Difel, 1977.
- CARVALHO, José Murilo. **Pontos e bordados**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- CASTRO, Alceu Mendes de O. **O futebol no Botafogo (1904-1950)**. Rio de Janeiro: Gráfica Milione, 1951.
- CASTRO, Carolina de Oliveira. Marco Polo Del Nero é eleito presidente da CBF. **O Globo**, Rio de Janeiro, 16 abr. 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/marco-polo-del-nero-eleito-presidente-da-cbf-12213873>. Acesso em: 9 jan. 2019.
- CASTRO, Ruy. **Anjo pornográfico**: a vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CERQUEIRA FILHO, Gisálio. **A questão social no Brasil**: crítica do discurso político. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- CÉSAR, Heitor Romeu. **História do Nacional Atlético Clube**. São Paulo: Edição do Autor, 2013.
- CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque. 2. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2008.
- CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no

Rio de Janeiro da Belle Époque. 3. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2012.

CLUBE ATLÉTICO JUVENTUS. São Paulo. Disponível em: www.juventus.com.br. Acesso em: 18 jul. 2018.

CLUBE ATLÉTICO PAULISTANO. **Estatuto**. Disponível em: <https://www.paulistano.org.br/clube/estatuto>. Acesso em: 9 fev. 2019.

COELHO NETO, Paulo. **O fluminense na intimidade**. Rio de Janeiro: Fluminense Football Club, 1969.

COELHO NETO, Paulo. **O fluminense na intimidade**. Rio de Janeiro: Minerva, 1964. v. 3.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS. **Relatório da diretoria 1920-1921**. Rio de Janeiro, 1921.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Relatório de intermediários CBF – 2017**: diretoria de registro, transferência e licenciamento. Rio de Janeiro: CBF, 2017. Disponível em: https://conteudo.cbf.com.br/cdn/201902/20190225174555_393.pdf. Acesso em: 9 abr. 2019.

COSTA, Cristina. **Sociologia**: introdução à ciência da sociedade. 3. ed. São Paulo: Editora Moderna, 2005.

COSTA, Maurício da Silva Drumond. Os gramados do catete: futebol e política na era Vargas (1930-1945). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira; SANTOS, Ricardo Pinto (Org.). **Memória social dos esportes - futebol e política**: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. v. 2, p. 107-132.

COUTINHO, Renato Soares. **Um Flamengo grande, um Brasil maior ainda**: o Clube de Regatas do Flamengo e a construção do imaginário político nacionalista popular (1933-1955). Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

COUTO, Euclides de Freitas. **Da ditadura à ditadura**: uma histórica política do futebol brasileiro (1930-1978). Rio de Janeiro: Eduff, 2014.

CREPALDI, Daniel D. **A participação da Rádio Nacional na difusão do futebol no Brasil nas décadas de 1930 e 1940**. 2009. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

CUNHA, Loris B. **A verdadeira história do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Publicitária, 1994.

CUNHA, Moisés. **Guarani FC**: breve história (1911-2011). Campinas: Edição do autor, 2011.

CUNHA, Odir. **Time dos sonhos**: história completa do Santos Futebol Clube. São Paulo: Editora Codex, 2003.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do

dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1979.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

DAMATTA, Roberto. Futebol: ópio do povo x drama de justiça social. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 54-60, 1982.

DAMATTA, Roberto; VOGEL, Arno; NEVES, Luiz Felipe; GUEDES, Simoni Lahud. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.

DAMO, Arlei. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DANTAS, José Lívio; CORDEIRO, Mário. **Antologia da copa do mundo**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1958.

DAOLIO, Jocimar. As contradições do futebol brasileiro. *In*: CARRANO, Paulo César R. (Org.). **Futebol**: paixão e política. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 33-39.

DEAN, Warren. **A industrialização de São Paulo**. São Paulo: Difel, 1971.

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. **A vida operária fora das fábricas**: cotidiano operário em São Paulo (1920-1934). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DEVERÁ chegar hoje a esta capital, o selecionado brasileiro de futebol. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 21 abr. 1938.

DIEM, Carl. **Wesen und lehre des sports und der leibeserziehung**. Berlim: [s. n.], 1960.

DRUMOND, Maurício. Esporte e política no Estado Novo. *In*: PONTES JUNIOR, Geraldo; PEREIRA, Victor Hugo Adler (org.). **O velho, o novo, o reciclável Estado Novo**. Rio de Janeiro: Instituto de Letras da UERJ, 2008. p. 167-182.

DRUMOND, Maurício. O esporte nos estados novos de Salazar e Vargas (1933-1945): um estudo comparado. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: ANPUH, 2011.

DRUMOND, Maurício. Os gramados do Catete: futebol e política na Era Vargas (1930-1945). *In*: SILVA, Francisco Carlos Teixeira; SANTOS, Ricardo Pinto. **Memória social dos esportes**: futebol e política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro, Mauad, 2006. p. 107-132.

DUARTE, Orlando. **Lusa, uma história de amor**. São Paulo: Editora Teixeira, 1999.

DUARTE, Oswaldo Teixeira. Metralhadora giratória. **Placar**, São Paulo, n. 3, p. 9-18, mar. 1986.

- DULLES, John. **Anarquistas e comunistas no Brasil (1900-1935)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ELAZARI, Judith Mader. **Lazer e vida urbana: São Paulo 1850-1910**. 1979. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1979.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992a.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **Deporte e Ocio em eu processo dela civilización**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1992b.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **Deporte y ocio em el proceso de la civilización**. 2. ed. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1995.
- ENGENHO DE DENTRO ATLÉTICO CLUBE. **Início**. Disponível em: <http://edac-futsal.webnode.com/>. Acesso em: 9 fev. 2019.
- ETCHEGARAY, Victor. O papel do Fluminense no advento dos esportes terrestres no Rio de Janeiro. **Fluminense Football Club**, Rio de Janeiro, n. 40, 17 jun. 1932.
- FABRETTI, Giancarlo Livman. **A metropolização vista do subúrbio: metamorfoses do trabalho e da propriedade privada na trajetória de São Caetano do Sul**. 2013. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- FAGUNDES, Deoclécio. A missão do sindicato operário. **A Vanguarda**, [S. l.], n. 37, abr. 1921.
- FALCON, Francisco José Calazans. Fascismo – novas e antigas idéias. *In*: PARADA, Maurício (org.). **Fascismos: conceitos e experiências**. Rio de Janeiro: Mauad, 2008. p. 11-28.
- FALCON, Francisco José Calazans. Fascismo: autoritarismo e totalitarismo. *In*: SILVA, José Luiz Werneck (org.). **O feixe e o prisma: uma revisão do Estado novo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991. p. 29-43.
- FAMÍLIA Chedid completa 54 anos de atuação no Poder Legislativo. **O Atibaense**, Atibaia, 17 mar.2017. Disponível em: <http://www.oatibaense.com.br/News/19/15670/familia-chedid-completa-54-anos-de-atuacao-no-poder-legislativo/>. Acesso em: 5 abr. 2019.
- FAORO, Raymundo. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. Porto Alegre: Rio de Janeiro: Globo, 1985. v. 2.
- FAUSTO, Boris. **O crime do restaurante chinês: carnaval, futebol e justiça na São Paulo dos anos 30**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- FAUSTO, Boris. **Trabalho urbano e conflito social (1890-1920)**. São Paulo: Difel, 1976.

FAVERO, Paulo Miranda. **Os donos do campo e dos donos da bola**: alguns aspectos da globalização do futebol. 2009. Dissertação (Mestrado em geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

FEDERAÇÃO DE FUTEBOL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Arquivos**. Disponível em: <http://www.fferj.com.br/>. Acesso em: 24 jan. 2019.

FERNANDES, Florestan. Futebol onírico. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 jun. 1994, p. 1-2.

FERREIRA, Fernando da Costa. **O bairro Vasco da Gama**: um novo bairro, uma nova identidade? 2004. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói.

FERREIRA, João Fernando. **A construção do Pacaembu**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.

FIGUEIREDO, Antonio. História do foot-ball em São Paulo. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 1918.

FITTIPALDI, Fernando C. **Os 75 anos do Velo Clube Rioclarense**. Rio Claro: Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro, 1985.

FLOREAL, Sylvio. **Ronda da meia-noite**: vícios, misérias e esplendores da cidade de São Paulo. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FLUSSER, Vilém. **Fenomenologia do brasileiro**: em busca do novo homem. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

FOER, Franklin. **Com o futebol explica o mundo**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FOTOGRAFIAS AÉREAS. **Estádio do Maracanã**. Disponível em: https://www.fotografiasaereas.com.br/?s=estadio+do+maracan%C3%A3&post_type=product. Acesso em: 31 ago. 2018.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução de Maria T. da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, sociedade e cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Dando tratos à bola**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

FRANZINI, Fábio. **Corações na ponta da chuteira**: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938). Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FREYRE, Gilberto. **Correio da Manhã**, 16 jun. 1938.

FREYRE, Gilberto. Prefácio. In: FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. 4. ed.

Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FREYRE, Gilberto. **Sociologia**. Rio de Janeiro: É Realizações, 1945.

GAMA, Lúcia. Sociabilidade e produção cultural: uma caminhada pelos vértices e pela história no triângulo central. **Cidade**: Revista do Departamento do Patrimônio Histórico/SMC, São Paulo, ano 5, n. 5, jan. 1998.

GELLNER, Ernest. **Nacionalismo e democracia**. Brasília: Editora da UNB, 1981.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Pode a mulher praticar o futebol? *In*: CARRARO, Paulo Cesar. **Futebol, paixão e política**. Rio de Janeiro: DP7A, 2000. p. 79-93.

GÓES, Maria Conceição Pinto. **A formação da classe trabalhadora**: movimento anarquista no Rio de Janeiro (1888-1911). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

GOMES, Angela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. Rio de Janeiro: Luperj, 1988.

GOMES, Ângela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

GOMES, Ângela de Castro. O populismo e as ciências sociais: notas sobre a trajetória de um conceito. *In*: FERREIRA, Jorge (Org.). **O populismo e sua história**: debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 75.

GOMES, Ângela de Castro. **Regionalismo e centralização política**: partidos e constituinte nos anos 30. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

GONÇALVES, Julio Cesar de Santana; MAGALHÃES FILHO, P. A. O.; ALCÂNTARA, Bruno César Santos. Do ócio ao negócio: a expansão da lógica de mercado no futebol de Pernambuco. *In*: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE PODER LOCAL, 9., 2003, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: Nepol, UFBA, 2003. CD-ROM.

GONDON JUNIOR, César. Eu já fui preto e sei o que é isso: história social dos negros no futebol brasileiro: segundo tempo. **Pesquisa de Campo**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 65-78, 1996.

GOULART, Paulo Cezar Alves. **Pontapé Inicial para o futebol no Brasil**. São Paulo: A9, 2014.

GREVE GERAL NO BRASIL EM 1917. *In*: Wikipédia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Greve_geral_no_Brasil_em_1917. Acesso em: 9 maio 2018.

GUAZELLI, César Augusto B. 500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: construção da “província de chuteiras”. **Anos 90**: revista do programa de pós-graduação em história, Porto Alegre, n. 13, p. 48, jul. 2000.

GUEDES, Simone Lahud. Futebol e identidade nacional: reflexões sobre o Brasil. *In*: DEL PRIORI, Mary; MELO, Victor A. (Org.). **História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais**. São Paulo: Editora da UNESP, 2009. p. 480.

GUERIN, Daniel. **Anarquismo: da doutrina à ação**. Rio de Janeiro: Gernival, 1999.

GUERRA, Cláudio. **Memórias de uma guerra suja**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2012.

GUMBRECHT, Hans U. **Elogio da beleza atlética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**. 2006. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2006.

GUTTMANN, Allen. **Games and empires: modern sports and cultural imperialism**. New York: Columbia University Press, 1994.

HALL, Michael. **O movimento operário na cidade de São Paulo**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

HARDMAN, Francisco Foot. **Nem pátria, nem patrão!** memória operária, cultura e literatura no Brasil. 3. ed. São Paulo: Editora da Unesp, 2002.

HARDMAN; Francisco Foot; LEONARDI, Victor. **História da indústria e do trabalho no Brasil (das origens aos anos 20)**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.

HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro. Copas do mundo e identidade nacional: um panorama teórico. *In*: HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro. **Copas do mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol**. Rio de Janeiro: UERJ, 2014. p. 14.

HELAL, Ronaldo; GORDON JUNIOR, Cesar. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, p. 147-164, 1999.

HELI Ribeiro Gomes. *In*: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Dicionário biográfico**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2019. Disponível em: <http://www.fgv.br/CPDOC/BUSCA/dicionarios/verbete-biografico/heli-ribeiro-gomes>. Acesso em: 9 mar. 2019.

HELLER, Agnes. **Sociologia de la vida cotidiana**. Barcelona: Península, 1977.

HERSCHMANN, Micael; LERNER, Kátia. **Lance de sorte: o futebol e o jogo do bicho na Belle Époque**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1992.

HOBSBAWM, Eric. **Mundos do trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

HOBSBAWM, Eric. **Mundos do trabalho: novos estudos sobre a história operária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HOBSBAWM, Eric. **Nações e nacionalismos desde 1780**. São Paulo: Paz e Terra,

1991.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque. **O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004.

HOUELLEBECK, Michel. O soldado de Tocqueville. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 3 fev. 2008. p. 10. Caderno Mais.

IANNI, Octávio. A ideia do Brasil moderno. **Revista Interdisciplinar de Cultura**, Campinas, n. 1, 1990.

INSTITUTO HANS STADEN. **Famílias brasileiras de origem germânica**. São Paulo: Instituto Hans Staden, 1975. v. 6. Disponível em: <http://www.martiusstaden.org.br/files/conteudos/0000001-0000500/48/98894c6d5b1a2ba59f7ec32cadad286c.pdf>. Acesso em: 9 fev. 2019.

JESUS, Gilmar Mascarenhas. Várzeas, operários e futebol, uma outra Geografia. **Geographia**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 84-92, 2002.

JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, ed. 49, 16 ago. 1906.

KANT, Immanuel. **Über pädagogik, akademieausgabe**. Berlim: Leipzig, 1923. t. 9.

KUPPER, Agnaldo. **Colônia Cecília: uma experiência anarquista**. São Paulo: FTD, 1992.

KUPPER, Agnaldo. **Sociologia: diálogos compartilhados**. São Paulo: FTD, 2014.

KUPPER, Agnaldo; CHENSO, Paulo André. **História crítica do Brasil**. São Paulo: FTD, 1998.

LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. São Paulo: Hucitec, 2009.

LAGENBUCH, Juergen R. **Assentamento industrial na grande São Paulo: análise retrospectiva**. [S. l.: s. n.], s/d.

LAUERHASS JUNIOR, Ludwig. **Getúlio Vargas e o triunfo do nacionalismo brasileiro**. São Paulo: EDUSP, 1986.

LEFEBVRE, Henri. **Critique de l'aveie quotidienne**. 2. ed. Paris: L1Arche, 1958. v. 1.

LIMA, Marco Antunes. As origens do futebol na Inglaterra e no Brasil. **Revista Esporte e História**, São Paulo, p. 9, 2002.

LOPES, Alberto da Costa. **A aventura da cidade industrial de Tony Garnier em Volta Redonda**. 1993. Dissertação (Mestrado) - URRJ, Rio de Janeiro, 1993.

LOVISOLO, Hugo R. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

LUCA, Tânia Regina. A história dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 132.

LUCA, Tânia Regina. **O sonho do futuro assegurado**: o mutualismo em São Paulo. São Paulo: Contexto; Brasília: CNPq, 1990.

LYRA FILHO, João. Raça, educação e desporto. **Estudos e Conferências**, Rio de Janeiro, n. 14, P. 43-45, 1941.

MALAIÁ, João Manuel C. O futebol na cidade do Rio de Janeiro: microcosmo dos mecanismos de poder e exclusão no processo de urbanização das cidades brasileiras (1901-1933)”. *In*: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: PODER, VIOLÊNCIA E EXCLUSÃO, 19., 2008, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ANPUH/SP – USP, 2008.

MANDELL, Richard. **Sport: the culture history**. Nova York: Columbia University Press, 1984.

MANN, Michael. A ascensão e queda do fascismo. *In*: PARADA, Maurício (org.). **Fascismos**: conceitos e experiências. Rio de Janeiro: Mauad, 2008. p. 29-43.

MARAM, Sheldon Leslie. **Anarquistas imigrantes e o movimento operário brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MARANHÃO, Thiago. O mulatismo flamboyant – apropriações do futebol como expressão da formação social brasileira. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2011.

MARIVOET, Salomé. **Aspectos sociológicos do desporto**. Lisboa: Livros Horizonte, 2002.

MARIVOET, Salomé. Inclusão social no e pelo desporto: um desafio do século XXI. *In*: PINTO, Paulo Mendes (coord.). **Olímpico**: os jogos num percurso de valores e de significados. Porto: Edições Afrontamento, 2013. p. 91-98.

MARTINS NETTO, Cláudio Alberto. Futebol: um tema para a reflexão sociológica. **Cadernos CERU**, [S. l.], n. 9, out. 1976.

MARTINS, Duílio. **Nacionalidade de uma paixão universal**: história do futebol. São Paulo: Cosespe, 1997.

MASCARENHAS, Gilmar. **A bola nas redes e o enredo do lugar**: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul. 2001. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e bandeiras**: a conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

MASON, Tony. **Passion of the people?** football in south america. London: Verso, 1995.

MAURÍCIO, Ivan. **90 minutos de sabedoria**: as melhores frases do futebol. Recife:

ProMarketing, 1998.

MAZZONI, Tomás. **História do futebol no Brasil**. São Paulo: Leia, 1950.

MCDONALD, Michael; PINHEIRO, Paulo Sérgio. **A classe operária no Brasil: documentos (1899 – 1930)**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1979. v. 1.

MEDEIROS, Rogério; NETTO, Marcelo. **Memórias de uma guerra suja**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2012.

MEIHY, José Carlos S. Bom. **Futebol e cultura: coletânea de estudos**. São Paulo: Imprensa Oficial, 1982.

MÊIRE, Cristina de Castro. **Memória do trabalho e histórias do trabalho e dos trabalhadores da cervejaria Antártica de Ribeirão Preto (SP)**. 2015. Tese (Doutorado) - USP, São Paulo, 2015.

MELO FILHO, Álvaro. Futebol profissional: utopias e realidades da nova legislação. **Revista Brasileira de Direito Esportivo**, Campinas, v. 4, 2004.

MELO, Victor Andrade. **Esporte e lazer: conceitos**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MELO, Victor Andrade. Evidência e especulação: “a origem” do futebol no Rio de Janeiro (1898-1902). **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 3, p. 919-934, jul./set. 2017.

MELO, Victor Andrade. Lazer e camadas populares: reflexões a partir da obra de Edward Palmer Thompson. **Movimento**, Porto Alegre, ano 7, n. 14, p. 9-19, 2001.

MILAN, Betty. **O país da bola**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2014.

MILLS, John. **Charles Miller: o pai do futebol brasileiro**. São Paulo: Panda Books, 2005.

MINA, Renan Vidal. **A bola e os trilhos: a incorporação do futebol em Rio Claro e o desenvolvimento do Rio Claro Futebol Clube**. 2017. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

MINISTÉRIO público denuncia falta de prestação de contas no governo Alais Corrêa. **Portal RC 24h**, Cabo Frio, 18 jun. 2018. Disponível em: <http://rc24h.com.br/noticia/ver/31330/ministerio-publico-denuncia-falta-de-prestacao-de-contas-no-governo-alair-correa>. Acesso em: 5 maio 2019.

MOLINARI, Carlos. **Mestres estrangeiros; operariado nacional: resistências e derrotas no cotidiano da maior fábrica têxtil do rio de janeiro (1890 - 1920)**. 2015. 259 f. Dissertação (Mestrado em História) —Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

MONBEIG, Pierre. **La croissance de la ville de São Paulo**. Grenoble: Institut de Revue Alpine, 1953.

MORAES, Hugo da Silva. **Jogadas Insólitas: amadorismo e processo de profissionalização do futebol carioca (1922-1924)**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

MORAES, José Geraldo Vinci. **Cidade e cultura urbana na primeira república**. São Paulo: Atual, 1994.

MORBIO, Antonio Carlos. **Sempre Palmeiras**. São Paulo: Edição de Autor, 2000.

MORTARA, Giorgio. Um enigma resolvido: a população do Brasil. **Estudos Brasileiros de Demografia**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 7, p. 72-3, jul. 1947.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2012.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise pragmática da narrativa jornalística**. Petrópolis: Vozes, 2007.

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes (org.). **Vida cotidiana em São Paulo no século XIX**: memórias, depoimentos, evocações. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.

MUSEU DO FUTEBOL. **Personalidades**. Disponível em: <http://dados.museudofutebol.org.br/>. Acesso em: 3 jan. 2019.

NAS FÁBRICAS de tecidos. **A Voz do Trabalhador**, [S. l.], 6 dez. 1908.

NEEDELL, Jeffrey D. **Belle époque tropical**. São Paulo: Cia Das Letras, 1993.

NEGREIROS, Plínio J. L. C. Construindo a nação: o futebol nos anos 30 e 40. *In*: COSTA, Márcia Regina (org.). **Futebol**: o espetáculo do século. São Paulo: Musa, 1979. p. 217.

NEGREIROS, Plínio J. L. C. Futebol e identidade nacional: o caso da Copa de 1938. *In*: ENCONTRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 5., 1997, Ijuí. **Anais...** Ijuí: Uniuji, 1997.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. **Resistência e rendição**: a gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial de São Paulo (1910-1916). 1992. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1992.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo Social**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 297, jun. 2007.

NORONHA, Sérgio (org.). **Almanaque dos esportes**. Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1975.

O ANO esportivo. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p. 5, 11 jan. 1919.

O BRASIL atual: riquezas naturais, forças econômicas, progresso. Rio de Janeiro: Departamento Nacional do Comércio, 1942.

O CAMPEONATO municipal. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 6 set. 1919.

O ENTHUSIAMO no Rio de Janeiro. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 15 jun.

1938.

O ESTADO DE SÃO PAULO, São Paulo, 11 fev. p. 2, 1920.

OLIVEIRA, Vitório Luís. **Futebol em Campinas**: a história da evolução do dérbi campineiro na sociedade e imprensa de Campinas. 2002. Dissertação (Mestrado) – Unicamp, Campinas, 2002.

OS BRASILEIROS estão entusiasmados esperando vencer. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 5 jun. 1938.

OS FUTEBOLISTAS brasileiros tiveram entusiástica recepção no Rio. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 7 fev. 1937.

OS NOVOS estatutos da Liga Metropolitana. **Sports**, [S. l.], 14 ago. 1915.

PARANHOS, Adalberto. **O roubo da fala**: origens da ideologia do trabalhismo no Brasil. São Paulo: Boitempo, 1999.

PARDINI, Melina Nóbrega Miranda. **A narrativa da ordem e a voz da multidão**: futebol na imprensa durante o estado novo. 2009. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

PARDO, Aristides. **No país do futebol, cidade sem memória**. Rio de Janeiro: AlphaGráfica, 2007.

PARTEM os cracks levando as esperanças do Brasil. **Jornal “A Noite”**, [S. l.], 30 abr. 1938.

PASCHOALINO, Christiane Bara. A construção e (des)construção da identidade da seleção brasileira. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35., 2012, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: INTERCON, 2012.

PAXTON, Robert O. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PAYNE, Stanley G. **El fascismo**. Madri: Alianza Editorial, 1980.

PAZ, Sérgio Miranda. **O futebol como patrimônio cultural do Brasil**: estudo exploratório sobre possibilidades de incentivo ao turismo e ao lazer. 2009. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

PEDROSA, Milton. **Gol de letra**: o futebol na literatura brasileira. Rio de Janeiro: Gol, 1967.

PEIXOTO, Afrânio. **A educação nacional**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1918.

PEIXOTO, Afrânio. **A esfinge**. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1976.

PEIXOTO, Afrânio. Desportos e disciplina. **Sports**, [S. l.], 16 ago. 1915.

PEREIRA, Leonardo Affonso de M. **As barricadas da saúde**: vacina e protesto popular no Rio de Janeiro na Primeira República. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

PEREIRA, Leonardo **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, n. 29, 1995.

PETTA, Nicolina L. **Para entender o anarquismo**. São Paulo: Moderna, 2004.

PINTO, Antônio Carlos Pereira. **Quem quebrou a casa de meu pai**. Rio de Janeiro: Editora Comunità, 1984.

PINTO, Jorge Renato Pereira. **O ciclo do açúcar em Campos**. Campos: Ed. do Autor, 1995.

PODE-SE ir a Paris por 500 réis. **Jornal "A Gazeta"**, [S. l.], 6 abr. 1938.

PORTO, Gustavo. Bragantino é a base da família Chedid. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 6 ago. 1998. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk06089802.htm>. Acesso e: 5 abr. 2019.

PORTO, Roberto. **Botafogo**: 101 anos de história, mitos e superstições. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

PORTO, Roberto; MÁXIMO, João. **A história ilustrada do futebol brasileiro**. São Paulo: Edobras, 1969.

PRADO JUNIOR, Caio. **Evolução política do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1933.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. 1998. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

QUECINI, Vanda Maria. **Usina Santa Bárbara, um espaço para a história, uma história para a memória, uma memória para um espaço**. São Paulo: Fapesp, 2000. Relatório de iniciação científica.

QUERIDO, Homero. Votorantim resgata a história de seu futebol, um dos mais antigos do Brasil. **Mais Cruzeiro**, Votorantim, ano 2, n. 119, 23 mar. 1986.

RAMOS, Graciliano. **Traças ao esmo, crônica**. [S. l.: s. n.], 1921.

RAMOS, Igor F. **Comercial**: uma paixão centenária. Ribeirão Preto: Edição do Autor, 2011.

RAMOS, Roberto. Futebol e ideologia. **Mundo Jovem**, [S. l.], ano 22, n. 167, p. 5, 1984.

RANGEL, Sérgio. "Sheik" de Cabo Frio embala time com poder do petróleo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 23 jan. 2004. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2301200410.htm>. Acesso em: 5 abr. 2019.

REIS, Lucas. Aos 90 anos, Monte Azul engatinha no futebol. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 10 jan. 2010. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1001201023.htm>. Acesso em: 5 maio 2019.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Futebol e os velódromos. **Jornal da Tarde**, [S. l.], 9 jun. 1990.

RELATÓRIO da directoria de 1928. Rio de Janeiro: Typographia Benedito Souza, 1929.

RÉMOND, René. Uma história presente. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Tradução de Rosa Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

REVISTA DO FLUMINENSE, Rio de Janeiro, n. 4, p. 29, out. 1954. Seção História do Fluminense.

RIBEIRO, André. Introdução. **Literatura na Arquibancada**, 5 set. 2012. Disponível em: <http://www.literaturanaarquibancada.com/search?q=le%C3%B4nidas+da+silva>. Acesso em: 9 jun. 2018.

RIBEIRO, Luiz Carlos. O futebol no campo afetivo da história. **Movimento**, Porto Alegre, v. 10 n. 3, p. 99-111, set./dez. 2004.

RIGAUER, Bero. **Sport und Arbeit**. [S. l.: s. n.], 1969.

ROCHA, Denilton; SANTOS NETO, José Moraes. **Nos trilhos da história: Capivari 180 anos**. Capivari: Editora Nova Consciência, 2012.

ROCHA, José da Silva. **Clube de Regatas Vasco da Gama: histórico**. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora, 1975.

RODRIGUES, Artur; IZIDORO, Alencar. Aliado de Alckmin, deputado dono de ônibus legisla em causa própria. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 5 mar. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/03/aliado-de-alckmin-deputado-dono-de-onibus-legisla-em-causa-propria.shtml>. Acesso em: 5 abr. 2019.

RODRIGUES FILHO, Mario. **O negro no football brasileiro**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947.

RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

RODRIGUES, Edgar. **Novos rumos: história do movimento operário e das lutas sociais no Brasil (1922-1946)**. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1976.

RODRIGUES, Milton; PAULA, Vinícius. **América 60 anos: almanaque do futebol Rio-Pretense**. São José do Rio Preto: Editora Nova Graf, 2006.

RODRIGUES, Nelson. A última entrevista de Nelson Rodrigues. **Jornal O Opiniático**, Belo Horizonte, 26 nov. 1980. Entrevista concedida J. J. Ribeiro. Disponível em: <https://www.revistabula.com/5753-a-ultima-entrevista-de-nelson-rodrigues-2/>. Acesso em: 5 jan. 2018.

ROLNIK, Raquel. **Cada um no seu lugar!** (São Paulo, início da industrialização: geografia do poder). 1981. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1981.

ROQUE, Zuleika S. Sabino. **A cidade, o futebol e o trabalho**: memórias do “futebol de fábrica” em São José dos Campos 1920- 2010. 2012. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2012.

ROSANVALLON, Pierre. **Por uma história do político**. Tradução de Chrstian E. Lynch. São Paulo: Alameda, 2010.

ROSAS, Fernando. Um estudo comparado do fascismo: o “autoritarismo moderno” do Estado Novo português. *In*: SILVA, José Luiz Werneck da. **O feixe e o prisma**: uma revisão do Estado novo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991. p. 57-69.

ROSENFELD, Anatol. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Edusp, Unicamp, Perspectiva, 1993. (Coleção Debates, v. 258).

ROSENFELD, Anatol. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

ROSENFELD, Anatol. O futebol no Brasil. **Revista Argumento**, Curitiba, ano 1, n. 4, p. 61-75, 1973.

RUEDA, Eliana C.; SILVA, Sandra D. Campinas: panomarama histórico e sócio-cultural no período 1890-1950. **Boletim do Centro de Memória da Unicamp**, Campinas, v. 6, n. 11, p. 51, 1994.

SABINO, Alex; CONCENZO, Luiz. Mogi Mirim abandona o futebol e trava guerra na justiça. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 18 mar. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2019/03/mogi-mirim-abandona-o-futebol-e-trava-guerra-na-justica.shtml>. Acesso em: 9 maio 2019.

SACCOMANI, Edda. Fascismo. *In*: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. 11. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1998. p. 466-475.

SÁNCHEZ, Francisco Rubio. **La relacion laboral especial de los deportistas profesionales**. 1998. Tese (Doutorado em Ciências Econômicas) – Universidad de Extremadura, Espanha, 1998.

SANTA CRUZ, Eduardo. **Origen y futuro de una pasión**: futbol, cultura y modernidad. Santiago: LOM - ARCIS, 1996.

SANTA RITA DO PASSA QUATRO. **Museu histórico e pedagógico de Zequinha de Abreu**. Disponível em: <https://santaritadopassaquatro.tur.br/museu-historico-e-pedagogico/>. Acesso em: 12 abr. 2019.

SANTANA, André Santos. **O sucesso na região de Campos**. 1984. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1984.

SANTOS FUTEBOL CLUBE. **Dados gerais**. Disponível em: <https://acervosantosfc.com>. Acesso em: 27 out. 2017.

SANTOS JÚNIOR, Nei Jorge. **A construção do sentimento local: o futebol nos arrabaldes de Andaraí e Bangu (1914-1923)**. 2012. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SANTOS JUNIOR, Nei Jorge. **A vida divertida suburbana: representações, identidades e tensões em um arrabalde chamado Bangu (1895-1929)**. 2017. Tese (Doutorado) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG, Belo Horizonte, 2017.

SANTOS JUNIOR, Nei Jorge. **Andarahy Athletico Club: um clube de fábrica ou um clube da fábrica?**. Disponível em: <https://historiadesporte.wordpress.com/2012/12/24/andarahy-athletico-club-um-clube-de-fabrica-ou-um-clube-da-fabrica/>. Acesso em: 5 maio 2019.

SANTOS JUNIOR, Nei Jorge. Quando a fábrica cria o clube: o processo de organização do Bangu Athletic Club (1910). **Recorde**: revista de história do esporte, Rio de Janeiro, v. 6, p. 1-19, jan./jun. 2013.

SANTOS NETO, José M. **Visão de jogo: primórdios do futebol no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

SANTOS, Armando. Sociedade musical “união dos artistas”. *In*: ALMEIDA, Nelson M. **Álbum de Rio Claro**: documentário histórico ilustrativo do Município de Rio Claro. Rio Claro, 1951.

SANTOS, Ivan Maurício M. **90 minutos de sabedoria: a filosofia do futebol em frases inesquecíveis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

SANTOS, João Manuel C. Malaia. **Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)**. 2000. Tese (Doutorado em História) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

SANTOS, Joel Rufino. **História política do futebol brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SANTOS, Leonardo Soares. Os times de Usina de Campos dos Goytacazes/RJ (1917-1980). **Boletim Petróleo, Royalties e Região**, Campos de Goytacazes, ano 15, n. 58, p. 10-52, dez. 2017.

SANTOS, Maria de Fátima de Souza. O imaginário. *In*: ALMEIDA, Leda Maria (org). **Diálogos com a teoria das representações sociais**. João Pessoa: Ed. UFAL; UFGP, 2005. p. 48.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço e tempo: globalização e meio técnico científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SÃO PAULO. Secretaria da Justiça e da Segurança Pública. **Decisões do governo**. 1914.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem preto, nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. *In*: SCHWARCZ, Lilia Moritz. **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: 1998. v. 4, p. 196-197.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. **Urbanização e fragmentação: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do Bairro do Limão**. 2003. Tese (Livre Docência) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

SEBRELI, Juan José. **La era del fútbol**. Buenos Aires: Sudamericana, 1998.

SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias de ordem e ilusões do progresso. *In*: NOVAIS, Fernando (coord.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Cia dos Livros, 1998. v. 3, p. 37.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SHAKESPEARE, William. **A comédia dos erros**. [S. l.]: Ridendo Castigat Mores, 2000. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/erros.pdf>. Acesso em: 9 abr. 2019.

SHIRTS, Matthew. Futebol no Brasil ou football in Brasil. *In*: SEBE, José; WITTER, José S. (org.). **Futebol e cultura: coletânea de dados**. São Paulo: Convênio IMESP/DAESP, 1982. p. 91-92.

SILVA, Cesar. Indústria Metidieri chegou a gerar 1.400 empregos. **Gazeta de Votorantim**, Votorantim, no 2, n. 62, abr. 2014.

SILVA, Diana Mendes M. **O futebol de várzea e a várzea do futebol na cidade de São Paulo**. São Paulo: GIEF História, 2012.

SILVA, Elizar João. **Seleção brasileira nos jogos da copa do mundo entre 1930 e 1958: o esporte como um dos símbolos da identidade nacional**. 2004. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2004.

SILVA, Gracilda A. A. **Bangu: a fábrica e o bairro. Um estudo histórico (1889 -1930)**. 1985. Dissertação (Mestrado em História Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1985.

SILVA, Marcelino Rodrigues. **Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

SILVEIRA, Clésio D. **Centenário da veterana feiticeira**. Franca: Edição do Autor, 2012.

SIMÃO, Azis. **Sindicato e estado**. São Paulo: Dominus, 1966.

SINGER, Paul. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana**. São Paulo: Ed.

Nacional, Edusp, 1968.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; LOVISOLO, Hugo; HELAL, Ronaldo. **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

SOARES, Antonio Jorge; BARTHOLO, Tiago; SALVADOR, Marco. A imprensa e a memória do futebol brasileiro. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 7, n. 3, dez. 2007.

SOUTO, Sérgio. Colunistas em campo pela tradição: as memórias da seleção brasileira na copa de 2002. *In*: RIBEIRO, Ana Paula G.; FERREIRA, Lúcia (org.). **Mídia e memória**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 304.

SOUZA, Ana Maria. **Esporte-espetáculo**: a mercadorização do movimento corporal humano. Florianópolis: UFSC, 1991. p. 73.

SOUZA, Denaldo A. **O Brasil entra em campo**: estado, trabalhadores e imprensa na construção da identidade nacional através do futebol (1930-1947). 2002. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002.

SOUZA, Glaucio José Costa. O futebol nós podemos jogar: uma análise sobre o desenvolvimento do futebol fora dos clubes da elite do Rio de Janeiro. **Revista Recorde**, Rio de Janeiro, v. 8, p. 46, 2015.

STÉDILE, Miguel E. Almeida. **Da fábrica à várzea**: clubes de futebol operário em Porto Alegre. 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

THE SÃO PAULO TRAMWAY. **Cinquenta anos de progresso com São Paulo (1900-1950)**. São Paulo: Louzara, 1950.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. v. 2.

THOMPSON, Edward Palmer. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. *In*: THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 267-304.

TOLEDO, Edilene. A trajetória anarquista no Brasil na Primeira República. *In*: FERREIRA, Jorge; AARAÃO, Daniel A. (org.). **A formação das tradições (1890-1945)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. v. 1, p. 72.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec, Fapesp, 2002.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. **A Capital da vertigem**: uma história de São Paulo de 1900 a 1954. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2015.

TONINI, Marcel Diego. **Ferrovias e futebol**: o caso da Companhia Paulista de Estradas de Ferro na cidade de Rio Claro. 2006. Monografia (Especialização) - Unesp, Araraquara: 2006.

TONINI, Marcel Diego. Nos trilhos da bola: a relação entre ferrovia e futebol na

cidade de Rio Claro. *In*: SOTERO, José Roberto; CAMPOS, Maria Teresa de Arruda (org.). **Futebol amador e varzeano em Rio Claro**. Rio Claro: Panda Pix, 2014. p. 379-385.

TORERO, José Roberto; PIMENTA, Marcus Aurelius. **Santos, um time dos céus**. São Paulo: Editora DBA, 1987.

TORGAL, Luís Reis. **Estados novos Estado novo**: ensaios de história política e cultural. 2. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

TOTA, Antônio Pedro. **Samba da legitimidade**. São Paulo: USP, 1983.

TRAMPOWSKY JÚNIOR, Roberto. Desportos. *In*: DICIONÁRIO histórico, ethnografico e geographico do Brasil. Rio de Janeiro: IHGB, 1992. v. 2, p. 413.

VARGAS, Getúlio. **Diário**. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995.

VERDÚ, Vicente. **El fútbol**: mitos, ritos y símbolos. Madri: Alianza, 1980.

VIANA, Eduardo. **Implantação do futebol profissional no Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1986.

VICHNEWSKI, Henrique Telles. **As indústrias Matarazzo no interior paulista**: arquitetura fabril e patrimônio industrial (1920-1960). 2004. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2004.

VINNAI, Gerhard. **Futbollsport als ideologie**. Alemanha: Europäische Verlagsanstalt, 1970.

WAHL, Alfred. Le footballeur français: de l'amateurisme au salariat (1890-1926). **Le Mouvement Social**, [S. l.], n. 135, p. 7-30, abr./jun. 1986.

WEID, Elisabeth; BASTOS, Ana Marta R. **O fio da meada**: estratégia de uma indústria têxtil. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

WITTER, José S. **O que é futebol**. São Paulo: Brasiliense, 1990. (Coleção Primeiros Passos).

WOODCOCK, George. Anarquismo: introdução histórica. *In*: WOODCOCK, George. **Os grandes escritos anarquistas**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1981.

APÉNDICES

APÊNDICE A – Participação brasileira em Copas do Mundo de Futebol

PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA EM COPAS DO MUNDO COM BUSCA DE DIVIDENDOS

ESTATAIS²⁵⁴

EVENTO: Copa de 1950²⁵⁵ (de 23 de junho a 16 de julho; 13 seleções; vencedor: Uruguai)

SEDE: Brasil

PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA: segunda colocação

CENÁRIO POLÍTICO NACIONAL: Governo Eurico Gaspar Dutra (1946-1951), marcado pelo liberalismo, Plano Salte e déficit econômico.

OBJETIVO GOVERNAMENTAL COM EVENTO: mostrar país como nação organizada e desenvolvida para o mundo e confirmação do futebol como símbolo da identidade nacional brasileira.

DESTAQUES DO EVENTO: construção do Estádio Ângelo Morais, atual Mário Filho (Maracanã-RJ), marcando, em definitivo, a construção de estádios com recursos públicos e de dimensões exageradas.

DESTAQUE(S) POSITIVO(S) E NEGATIVO(S) PARA O BRASIL NO EVENTO: (+) jogador Ademir Menezes (artilheiro do torneio com nove gols); (-) supostas falhas de desempenho do goleiro Moacyr Barbosa, de Juvenal Amaso Amarijo (Juvenal) e João Ferreira (Bigode), levando a um questionamento sobre a participação do negro na sociedade brasileira; derrota brasileira na final do torneio em pleno Estádio do Maracanã lotado, em episódio que ficou conhecido como Maranaço (*Maracanazo*).

EVENTO: Copa de 1954 (de 16 de Junho a 04 de Julho; 16 seleções; vencedor: Alemanha Ocidental)

SEDE: Suíça

PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA: sexto lugar

CENÁRIO POLÍTICO NACIONAL: governo de Getúlio Vargas (1951-1954), caracterizado pelo retorno à política nacional-desenvolvimentista centrada no intervencionismo estatal, por conflitos com capital estrangeiro, por apelos populistas, choques com Forças Armadas,

²⁵⁴ Elaboração do autor.

²⁵⁵ Devido à II Grande Guerra Mundial e seus efeitos (1939-1945), não foram realizadas as Copas de 1942 e 1946. No entanto, a escolha do Brasil como país sede também deve ser atribuída à estratégia da FIFA de acompanhar as reestruturações geopolíticas vividas no pós-guerra (tanto que os Jogos Olímpicos de 1948 foram realizados na Inglaterra, portanto, dois anos antes do evento organizado em solo brasileiro).

iminência de golpe de Estado e isolamento político do presidente.

OBJETIVO GOVERNAMENTAL COM EVENTO: exaltação nacionalista (obrigação dos jogadores em cantar hino nacional e cultuar bandeira nacional).

DESTAQUES DO EVENTO: seleção húngara (segunda colocada), com destaque ao seu principal jogador, Ferenc Puskás.

DESTAQUE(S) POSITIVO(S) E NEGATIVO(S) PARA O BRASIL NO EVENTO: (+) pela primeira vez o selecionado brasileiro usou camisas amarelas com detalhes em verde, escudo CBD, com azul e branco para calção e meias, uniforme criado por Aldyr Schlee a partir de concurso realizado pelo jornal *Correio da Manhã* (RJ). O narrador Geraldo José de Almeida, da Rádio Record (SP) batizou a equipe brasileira de “seleção canarinho”; **(-)** novos embates regionais entre paulistas e cariocas e instabilidade nas relações internas do selecionado brasileiro.

EVENTO: Copa de 1958 (de 18 a 29 de Junho; 16 seleções; vencedor: Brasil)

SEDE: Suécia

PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA: primeiro lugar

CENÁRIO POLÍTICO NACIONAL: governo Juscelino Kubitschek (1956-1961), marcado por empreender arrancada desenvolvimentista do país, promover a indústria automobilística, a construção de Brasília, a ampliação das malhas rodoviária, ferroviária e hidroviária, gerando euforia nacional que não teria permitido a visualização do avanço inflacionário e das diferenças regionais, além do descontrole do déficit público. No período, João Gilberto lançou a música “Chega de Saudade”, dando impulso ao gênero musical Bossa Nova, Éder Jofre despontou para o boxe e Maria Esther Bueno conquistou o título internacional de tênis em Wimbledon, Inglaterra.

OBJETIVO GOVERNAMENTAL COM EVENTO: acompanhar onda de euforia popular com sua política desenvolvimentista.

DESTAQUES DO EVENTO: Pelé (Edson Arantes) e Garrincha (Manuel Francisco dos Santos), jogadores brasileiros de futebol.

DESTAQUE(S) POSITIVO(S) E NEGATIVO(S) PARA O BRASIL NO EVENTO: (+) além de Pelé e Garrincha, a valorização dos jogadores Gilmar (goleiro), Djalma Santos e Zito, além de elevação do futebol brasileiro à condição de elemento de orgulho nacional (esta primeira conquista foi comemorada com a marcha “A Taça do Mundo é nossa”, composta por Wagner Maugeri, Maugeri Sobrinho, Lauro Muller e Vítor Pagô; **(-)** vitória brasileira teria encoberto diversos problemas sociais, políticos e econômicos do governo JK.

EVENTO: Copa de 1962 (de 30 de Maio a 17 de Junho; 16 seleções; vencedor: Brasil)

SEDE: Chile

PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA: primeiro lugar (bicampeonato)

CENÁRIO POLÍTICO NACIONAL: marcado pela instabilidade após a renúncia do presidente Jânio da Silva Quadros (1961) e implantação do parlamentarismo como forma de limitar poderes de João Goulart. Período de forte apelo social e esperança de implantação de políticas sociais concretas de combate às desigualdades sociais, à inflação e às supostas práticas de corrupção.

OBJETIVO GOVERNAMENTAL COM EVENTO: elevação do sentimento nacional.

DESTAQUES DO EVENTO: Garrincha, jogador que supriu a ausência de Pelé, contundido no segundo jogo do torneio.

DESTAQUE(S) POSITIVO(S) E NEGATIVO(S) PARA O BRASIL NO EVENTO: (+) a participação efetiva de Garrincha, marcando a improvisação após contusão de Pelé (assim como o Brasil improvisou com a adoção do parlamentarismo, entre 1961 e 1963); (-) discussões regionalistas em torno da composição da seleção brasileira (técnico e jogadores).

EVENTO: Copa de 1966 (de 11 a 30 de Julho; 16 seleções; vencedor: Inglaterra)

SEDE: Inglaterra

PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA: décimo-primeiro lugar

CENÁRIO POLÍTICO NACIONAL: após golpe que depôs João Goulart, em 1964, foi instalado um governo militar, marcado por embates ideológicos e intervenções no cotidiano dos cidadãos através de prisões, denúncias de tortura, exílios, banimentos e assassinatos.

OBJETIVO GOVERNAMENTAL COM EVENTO: inexistente. Basta que se verifique que das razões apontadas para a participação negativa do selecionado brasileiro teriam sido a iniciativa do governo Castelo Branco (1964-1967) de promoção de aumento da carga tributária, inclusive de jogadores de futebol (apesar da profissionalização da categoria, faltava a regulamentação para a atividade).

DESTAQUES DO EVENTO: denúncias de favorecimento à seleção inglesa e participação positiva de Eusébio da Silva Ferreira (Eusébio) pela seleção portuguesa, artilheiro da competição.

DESTAQUE(S) POSITIVO(S) E NEGATIVO(S) PARA O BRASIL NO EVENTO: (+) não identificados; (-) denúncias de desorganização da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), mau condicionamento físico dos jogadores, preparação inadequada para torneio, desgaste desnecessário com excursões do selecionado brasileiro, desligamento de Paulo Machado de Carvalho da delegação (que teria gerado descontentamento entre dirigentes paulistas) e a contusão de Pelé, considerado o principal jogador brasileiro, durante o evento.

EVENTO: Copa de 1970 (de 31 de Maio a 21 de Junho; 16 seleções; vencedor: Brasil)

SEDE: México

PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA: primeiro lugar

CENÁRIO POLÍTICO NACIONAL: governo militar de Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), com o regime atingindo o auge da violação dos direitos civis e humanos; modelo econômico industrializante apoiado no capital estrangeiro; interferência do Estado nos projetos econômicos e “milagre econômico” brasileiro (crescimento do PIB); campanhas ufanistas. Boa parte dos jogadores brasileiros apresentou-se com cortes de cabelo em estilo militar e a chefia da delegação brasileira esteve a cargo do brigadeiro Jerônimo Bastos, acompanhado de oficiais do Exército nacional (caso de Raul Carlesso, José Bonetti, Kléber Calomino e Cláudio Coutinho).

OBJETIVO GOVERNAMENTAL COM EVENTO: Médici colocou-se como “presidente torcedor” (embora sem intenção do regime militar em personificar um líder para fugir à visão fascista) em busca da concretização da ideia de integração nacional.

DESTAQUES DO EVENTO: pela primeira vez, uma Copa do Mundo de Futebol transmitida ao vivo pelas redes de televisão.

DESTAQUE(S) POSITIVO(S) E NEGATIVO(S) PARA O BRASIL NO EVENTO: (+) tricampeonato de futebol, obtendo, em definitivo, a Taça Jules Rimet (quando criada a Copa de Mundo de Futebol, em 1930, ficou estabelecido que o selecionado que obtivesse três conquistas obteria o troféu em definitivo); **(-)** vitória brasileira teria sido utilizada como instrumento de manipulação política.

EVENTO: Copa de 1974 (de 14 de Junho a 07 de Julho; 16 seleções; vencedor: Alemanha Ocidental)

SEDE: Alemanha Ocidental

PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA: quarto lugar

CENÁRIO POLÍTICO NACIONAL: manutenção do regime militar com Ernesto Geisel (1974-1979); esgotamento do “milagre econômico”; dívida externa elevada, inflação abusiva, poder aquisitivo da massa trabalhadora comprometido, retração do consumo de bens duráveis, aumento dos juros, descontentamento empresarial, ampliação do espaço da oposição política ao regime,, promessas de abertura política.

OBJETIVO GOVERNAMENTAL COM EVENTO: apoio ao regime militar (tanto que o comando da delegação ficou a cargo do coronel Eric Tinoco e a preparação física sob responsabilidade dos capitães Raul Carlesso e Cláudio Coutinho)

DESTAQUES DO EVENTO: seleção holandesa, segunda colocada (“carrossel holandês”, assim chamado por não apresentar posições fixas aos jogadores, com exceção do goleiro).

DESTAQUE(S) POSITIVO(S) E NEGATIVO(S) PARA O BRASIL NO EVENTO: (+) a quarta colocação, apesar da transição de renovação iniciada; **(-)** ausência de jogadores como Pelé, Tostão, Gerson, Carlos Alberto Torres e Clodoaldo (dos campeões de 1970, permaneceram

apenas o goleiro Leão e os jogadores de linha Piazza, Rivelino, Paulo César, Edu e Jairzinho)

AS COPAS DO MUNDO E O CENÁRIO BRASILEIRO A PARTIR DA ESPETACULARIZAÇÃO DO FUTEBOL GERENCIADA PELA FIFA

EVENTO: Copa de 1978 (de 01 a 25 de Junho; 16 seleções; vencedor: Argentina)

SEDE: Argentina (desde 1934 pleiteava ser sede do evento)

PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA: terceiro lugar

CENÁRIO POLÍTICO NACIONAL: fase final do governo Geisel (1974-1979); descontentamento de setores comprometidos com a repressão com abertura política; avanço oposicionista do MDB; recrudescimento de ações dos militares nos aparelhos de repressão; alta inflacionária, elevação da dívida externa do país, greves de trabalhadores e substituição do AI 5 pelas “salvaguardas nacionais”, assegurando ao presidente, em casos de graves perturbações da ordem, decretar estado de emergência, suspensões de garantias individuais e delegação de poderes excepcionais às Forças Armadas.

OBJETIVO GOVERNAMENTAL COM EVENTO: transição pacífica para devolução do país ao sistema democrático, embora base militar da delegação brasileira tenha sido mantida (caso do capitão Cláudio Coutinho, acusado de ter pertencido a órgãos de repressão militar, como técnico, e do almirante Heleno Nunes, chefe da delegação brasileira).

DESTAQUES DO EVENTO: finalista decidido pelo saldo de gols, com a Argentina vencendo a seleção peruana por 6 gols a zero (suspeita de suborno a alguns jogadores peruanos). Vitória argentina teria minimizado crise interna em torno de ditadura militar.

DESTAQUE(S) POSITIVO(S) E NEGATIVO(S) PARA O BRASIL NO EVENTO: (+) apesar do futebol pouco convincente, terminou evento com a terceira colocação, embora invicto no torneio; (-) apesar de inovações de Coutinho (“overlapping”, “ponto futuro” e “polivalência”), futebol pragmático e sem inspiração, pouco empolgante.

EVENTO: Copa de 1982 (13 de junho a 11 de Julho; 24 seleções; vencedor: Itália)

SEDE: Espanha

PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA: quinto lugar

CENÁRIO POLÍTICO NACIONAL: consolidação do processo de distensão política e crise social, revelando desgaste do modelo econômico implantando a partir de 1964; setores sociais pressionavam pelo restabelecimento pleno das liberdades democráticas e eleição direta para presidência da República.

OBJETIVO GOVERNAMENTAL COM EVENTO: transição pacífica e negociada para abertura democrática.

DESTAQUES DO EVENTO: jogador italiano Paolo Rossi (envolvido no Caso Totonero, acusado de corrupção por manipulação de resultados no campeonato italiano de 1980), considerado o craque do torneio e que anotou três gols nas quartas-de-final contra o Brasil.

DESTAQUE(S) POSITIVO(S) E NEGATIVO(S) PARA O BRASIL NO EVENTO: (+) o selecionado brasileiro apresentou como treinador Telê Santana e jogadores como Sócrates, Falcão, Zico, Leandro e Júnior, resgatando futebol vistoso; **(-)** instabilidade emocional marcada pela derrota brasileira nas quartas-de-final para a seleção italiana (3 x 2), embora a seleção de Telê necessitasse de simples empate para avançar no torneio.

EVENTO: Copa de 1986 (de 31 de maio a 29 de Junho; 24 seleções; vencedor: Argentina)

SEDE: México

PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA: quinto lugar

CENÁRIO POLÍTICO NACIONAL: governo José Sarney (1985-1990), marcado por grave crise econômica; durante o evento, aplicação do Plano Cruzado (desvalorização do cruzeiro, introdução do cruzado como moeda, congelamento de preços, desestatização da economia, corte de 20% nos investimentos públicos federais), com apoio popular, embora apresentando, por ocasião da nova copa mexicana, inconsistência.

OBJETIVO GOVERNAMENTAL COM EVENTO: apoio político para transição democrática e para as medidas de controle inflacionário.

DESTAQUES DO EVENTO: rivalidade que marcou partida entre a Argentina e a Inglaterra devido à Guerra das Malvinas (1982), com vitória argentina por 2 gols a 1 (com gol intencional de mão do jogador Maradona).

DESTAQUE(S) POSITIVO(S) E NEGATIVO(S) PARA O BRASIL NO EVENTO: (+) assim como na Copa anterior, seleção nacional apresentou futebol vistoso; **(-)** assim como no torneio anterior, seleção Brasileira mostrou instabilidade emocional e foi derrotada nos pênaltis, após empate em um gol (Zico perdeu penalidade no tempo normal de jogo).

EVENTO: Copa de 1990 (de 08 de Junho a 08 de Julho; 24 seleções; vencedor: Alemanha Ocidental)

SEDE: Itália

PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA: nono lugar

CENÁRIO POLÍTICO NACIONAL: governo Fernando Collor de Mello (1990-1992) que, após o fracasso de planos econômicos do governo anterior e descontrole inflacionário, lançou o *Plano Brasil Novo* (1990), também caracterizado pelo insucesso, e que teve como principais medidas a extinção de ministérios e de empresas estatais, venda de imóveis do governo, substituição do cruzado novo pelo cruzeiro, pré-fixação e reversão dos preços praticados em 12 de março de 1990, suspensão de subsídios, liberação de importações e bloqueios das

contas de poupança e contas correntes de usuários bancários.

OBJETIVO GOVERNAMENTAL COM EVENTO: apoio para o Plano Brasil Novo (Plano Collor) e sustentação política.

DESTAQUES DO EVENTO: em tempos de pragmatismo, características da economia neoliberal que ganhava pulso e impulso pelo mundo recém-globalizado, a tática que prevaleceu no evento foi a do fortalecimento do sistema defensivo para ganhar partidas com placares mínimos, com poucos gols sofridos.

DESTAQUE(S) POSITIVO(S) E NEGATIVO(S) PARA O BRASIL NO EVENTO: (+) inexistente (s); **(-)** a seleção brasileira, comandada pelo técnico Sebastião Lazaroni, lançou mão da “Era Dunga”, em alusão ao médio-volante brasileiro, titular e de habilidade futebolística contestável, que simbolizava a luta pela bola na tentativa de tê-la sob poder a qualquer custo; na foto oficial da seleção, demonstração de insurgência dos convocados, que espalmaram a mão sobre o coração (não teria sido um gesto de amor à pátria, mas a cobertura da logo da Pepsi, então patrocinadora da CBF, uma vez que os jogadores exigiam premiação maior para jogar o torneio).

EVENTO: Copa de 1994 (de 17 de Junho a 17 de Julho); 24 seleções; vencedor: Brasil)

SEDE: Estados Unidos da América

PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA: primeiro lugar

CENÁRIO POLÍTICO NACIONAL: governo Itamar Franco (1992-1995), marcado pela implementação do Plano Real (dia 01 de Julho) que manteve o credo neoliberal de desmonte do Estado brasileiro, porém com redução no ritmo das privatizações mas com a manutenção da liberalização das importações e desregulamentação da economia. O Plano contou com intensa campanha favorável nos meios de comunicação de massa e contou com apoio popular.

OBJETIVO GOVERNAMENTAL COM EVENTO: ampliação do apoio popular ao Plano Real (também chamado Plano FHC, em alusão ao Ministro da Economia Fernando Henrique Cardoso).

DESTAQUES DO EVENTO: o grande objetivo da realização do torneio em solo estadunidense teria sido o de conquistar o mercado local para o futebol, tanto que vários jogos foram disputados ao meio-dia local no Oeste do país (Los Angeles e São Francisco), como forma de atender aos interesses televisivos. Também foi a primeira Copa a estampar o nome dos jogadores nas camisetas e a introdução da impossibilidade do goleiro pegar a bola com as mãos a partir de um recuo intencionado.

DESTAQUE(S) POSITIVO(S) E NEGATIVO(S) PARA O BRASIL NO EVENTO: (+) vitória brasileira; **(-)** o futebol apresentado pela seleção do técnico Carlos Alberto Parreira foi de pouca criatividade e voluntarioso, marcado pelas figuras dos jogadores Dunga e Mauro Silva,

porém usando como referência a habilidade dos jogadores Bebeto e Romário (o Brasil venceu a Itália na final na disputa de penalidades).

EVENTO: Copa de 1998 (10 de Junho a 12 de Julho; 32 seleções; vencedor: França)

SEDE: França

PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA: segundo lugar

CENÁRIO POLÍTICO NACIONAL: governo Fernando Henrique Cardoso (1995-2003); na esteira do Plano Real, uma série de reformas com o objetivo de diminuir a participação do Estado na economia e o déficit público. Onda de privatizações transferia para o setor privado diversas empresas estatais de setores considerados estratégicos à época do regime populista e ditatorial, tais como siderurgia, eletricidade e telecomunicações; estabilidade econômica e aproximação brasileira em relação aos mercados mundiais. Por outro lado, o caráter recessivo do Plano Real gerava queda acentuada nas exportações brasileiras em relação ao volume de importações e o déficit na balança de pagamento batia recorde histórico, com nível de desemprego acentuado.

OBJETIVO GOVERNAMENTAL COM EVENTO: provável apoio popular ao Plano Real e estabilidade social

DESTAQUES DO EVENTO: ampliação da transmissão do evento (a FIFA comercializou direitos de transmissão para duzentos países)

DESTAQUE(S) POSITIVO(S) E NEGATIVO(S) PARA O BRASIL NO EVENTO: (+) boa colocação do Brasil no torneio (foi à final contra a seleção do país sede); (-) no dia da final do evento (12 de Julho no Stade de France, em Saint-Dennis), o atacante brasileiro Ronaldo (Ronaldo Nazário) teria tido um mal súbito pela manhã e seria substituído pelo jogador Edmundo. Porém, pouco antes do início do jogo final, retornando do hospital em que fora atendido, Ronaldo entrou em campo, para surpresa geral. A seleção anfitriã bateu a seleção brasileira por 3 a 0, quando os jogadores brasileiros teriam entrado apáticos em campo, provavelmente preocupados com a condição física do principal jogador do selecionado nacional.

EVENTO: Copa de 2002 (de 31 de Maio a 30 de Junho; 32 seleções; vencedor: Brasil)

SEDE: Coréia do Sul e Japão

PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA: primeiro lugar

CENÁRIO POLÍTICO NACIONAL: enquanto o mundo vivia uma crise de segurança após os atentados contra o Pentágono e os edifícios do World Trade Center em setembro de 2001, o Brasil vivia crise econômica aguda, com desemprego crescente, pane no sistema elétrico, manifestações sociais contra o regime, avanço do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e perda de arrecadação. Presidente: Fernando Henrique Cardoso (1995-2003), com

ascensão da popularidade de Luiz Inácio Lula da Silva (Partido dos Trabalhadores).

OBJETIVO GOVERNAMENTAL COM EVENTO: provável tentativa de amenizar crise econômica e social

DESTAQUES DO EVENTO: primeira Copa dividida entre dois países sede

DESTAQUE(S) POSITIVO(S) E NEGATIVO(S) PARA O BRASIL NO EVENTO: (+) vitória, obtendo sua quinta conquista; (-) inexistente.

EVENTO: Copa de 2006 (de 09 de Junho a 09 de Julho; 32 seleções; vencedor: Itália)

SEDE: Alemanha

PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA: quinto lugar

CENÁRIO POLÍTICO NACIONAL: governo de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) que, através de medidas consideradas austeras, controlou surto inflacionário e conseguiu conquistar a confiança de investidores estrangeiros, além de intensificar a política externa e honrar compromissos com Fundo Monetário Internacional e outros credores internacionais. Em 2005, o governo petista foi protagonista de escândalo, acusado de subornar parlamentares com objetivo de ver aprovadas propostas de acordo com sua vontade (“Mensalão”).

OBJETIVO GOVERNAMENTAL COM EVENTO: promoção do país no exterior.

DESTAQUES DO EVENTO: primeira vez que três países de língua portuguesa participaram do evento conjuntamente (Brasil, Portugal e Angola); da mesma forma como ocorrera em 1982, seleção italiana chegou à Copa em meio a escândalo de compra e manipulação de resultados em seu campeonato interno.

DESTAQUE(S) POSITIVO(S) E NEGATIVO(S) PARA O BRASIL NO EVENTO: (+) não identificável; (-) selecionado instável, decepcionando participação por ser considerada uma das favoritas ao título, até por ter vencido a Copa das Confederações no ano anterior.

EVENTO: Copa de 2010 (de 11 de Junho a 11 de Julho; 32 seleções; vencedor: Espanha)

SEDE: África do Sul

PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA: sexto lugar

CENÁRIO POLÍTICO NACIONAL: no último ano do governo Lula (2003-2010), baixa taxa de desemprego (5,3% da população economicamente ativa, contra 10,5% em 2002); valorização do salário mínimo; crescimento substancial das reservas internacionais do país, embora o país tenha sido atingido pela crise devastadora que marcou a economia mundial a partir de 2008, com origem no colapso do sistema financeiro estadunidense. Na promoção da imagem internacional do país, a obtenção do direito de sediar a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro de 2016. Novas denúncias de atos de corrupção por parte de

agentes ligados ao Governo.

OBJETIVO GOVERNAMENTAL COM EVENTO: promoção internacional do Brasil

DESTAQUES DO EVENTO: seleções da Eslováquia e da Sérvia tiveram primeira participação em Copas, como países independentes.

DESTAQUE(S) POSITIVO(S) E NEGATIVO(S) PARA O BRASIL NO EVENTO: (+) não identificado;

(-) seleção comandada pelo técnico Dunga teve como símbolo o jogador de meio-campo Felipe Melo, considerado o vilão brasileiro na derrota para a Holanda nas quartas-de-final que eliminou a equipe brasileira.

EVENTO: Copa de 2014 (de 12 de Junho a 13 de Julho; 32 seleções; vencedor: Alemanha)

SEDE: Brasil

PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA: quarto lugar

CENÁRIO POLÍTICO NACIONAL: governo Dilma Rousseff (2011-2016), sucessora de Lula, preparou o país para abrigar o evento, mesmo enfrentando uma série de manifestações de rua em 2013; país fragmentado politicamente; denúncias de superfaturamento de obras para realização do torneio em solo brasileiro.

OBJETIVO GOVERNAMENTAL COM EVENTO: promover imagem do país no exterior; provável favorecimento a grupos econômicos através das diversas obras para abrigar evento, com todas as previsões de investimentos sendo superadas.

DESTAQUES DO EVENTO: apesar das denúncias de corrupção e pessimismo quanto a capacidade brasileira de realização do evento, o mesmo foi considerado positivo tanto pela FIFA quanto pelos apreciadores em geral.

DESTAQUE(S) POSITIVO(S) E NEGATIVO(S) PARA O BRASIL NO EVENTO: (+) boa organização; **(-)** denúncias de superfaturamento nas obras e serviços (sobrepços, propinas, “caixa dois”). Em 2016, dos doze estádios que receberam partidas do evento, dez apareceram em investigações de atos de corrupção; gastos considerados exagerados; nas semifinais, contra a Alemanha, a seleção brasileira foi derrotada por 7 gols a 1, resultado que simbolizou a humilhação de um país cinco vezes campeão do mundo; a organização do evento teria contribuído para o afastamento da presidente Dilma Rousseff da presidência do governo brasileiro no ano de 2016.

EVENTO: Copa de 2018 (de 14 de Junho a 15 de Julho; 32 seleções; vencedor: França)

SEDE: Rússia

PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA: sexto lugar

CENÁRIO POLÍTICO NACIONAL: governo Michel Temer (2016 a 2019).

OBJETIVO GOVERNAMENTAL COM EVENTO: estabilidade política.

DESTAQUES DO EVENTO: considerada a Copa mais cara da história; pela primeira vez, utilizado o Árbitro Assistente de Vídeo (VAR), procurando minimizar erros da arbitragem humana.

DESTAQUE(S) POSITIVO(S) E NEGATIVO(S) PARA O BRASIL NO EVENTO: (+) seleção comandada pelo técnico Tite (Adenor Bacchi), com grande apoio nacional; (-) apesar do apoio popular, selecionado brasileiro frustrou o país com resultado considerado pouco expressivo.

APÊNDICE B – Fontes utilizadas

1. Legislação

BRASIL. **Projeto de Constituição 1937**. Arquivo Getúlio Vargas, CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, n. 81-91 (microfilme).

BRASIL. **Decreto-Lei n. 3199 de 14 de abril de 1941**. Estabelece as bases de organização dos desportos no país. Brasília: Câmara dos Deputados, 1941. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 5 maio 2018.

BRASIL. Constituição Federal. **Decreto-Lei n. 2072, 8 de março de 1940**. Dispõe sobre a obrigatoriedade da educação cívica, moral e física da infância e da juventude, fixa as suas bases, e para ministrá-la organiza uma instituição nacional denominada Juventude Brasileira. Brasília: Câmara dos Deputados, 1940. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-2072-8-marco-1940-412103-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 5 fev. 2019.

2. Estatutos

Amaro Football Club

America Football Club

Andarahy Athletico Club

Associação Amália de Desportos Atlético

Associação Athética Suburbana (RJ)

Associação Atlético Matarazzo

Bangu Athletic Club

Bonsucesso Football Club

Botafogo Football Club

Club Athletico Paulistano

Fidalgo Football Club

Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista de Estradas de Ferro

Mavillis Foot Ball Club

Portinho Football Club

Primor Football Club

Ramos Football Club

Republicano Athetico Club

São Paulo Athetic Club

Sport Club Galeão

Sport Club Nacional

2. Livros de Atas

Ata de Fundação da Associação Atlética Ponte Preta

Ata de Fundação do Volta Redonda Futebol Clube

Atas do Bangu Athletic Club – 1904, 1905, 1911, 1915 e 1916

Atas do Botafogo Football Club – 1904 e 1905

Atas do Grêmio Recreativo dos Empregados da Cia. Paulista de Estradas de Ferro

Atas do Rio Claro Futebol Clube – 1915

Atas Extraordinárias do Sport Club Corinthians Paulista – 1916

3. Periódicos

A Classe Operária, 1925 e 1928

A Gazeta Esportiva Ilustrada, edições de 1930 e 1962

A Gazeta Suburbana, de 1910 a 1920

A Guerra Social, 1911

A Plebe, de 1917 a 1922

A Terra Livre, 1906 e 1907

A Vanguarda, 1921

A Voz da Terra, 2013

A Voz do Povo, 1920

A Voz do Trabalhador, de 1909 a 1933

Correio da Manhã, de 1933 a 1938

Diário da Noite, 1937

Diário de Cabo Frio, 2018

Diário do Povo, 1978
Diário Nacional, de 1929 a 1932
Folha de S. Paulo, de 1998 a 2019
Gazeta de Notícias, 1906 e 1907
Gazeta de Votorantim, 2014
Imprensa Popular, 1956
Jornal da Manhã, 1905 e 1921
Jornal da Tarde, 1959
Jornal de Piracicaba, 2010 a 2015
Jornal Diário de Santos, 1912
Jornal do Brasil, 1907
Jornal do Brasil, 1933
Jornal do Comércio, de 1904 a 1906
Jornal dos Sports, de 1933 a 1938
Nossa Voz, 1934
O Alpha, 1914
O Atibaiense, 2017
O Combate, 1917
O Comércio, 1915
O Diário de São Paulo, 1934
O Estado de S. Paulo, de 1902 a 1938
O Germinal!, 1919
O Globo, 1933 e 2014
O Imperial, de 1913 a 1919
O Internacional, 1929
O Malho, 1907
O Paiz, de 1903, 1905, 1919 e 1920
O Progresso, 1971 e 1994
O Trabalhador Chapeleiro, 1933
O Trabalhador Gráfico, 1928

4. Revistas

Bangu e suas Glórias, 1981

Revista Placar, de 1980 a 1986

Revista Visão, 2017

5. Recenseamentos

Recenseamento do Brasil, 1907 e 1920

6. Acervos

Acervo Centro de Cultura Social de São Paulo

Associação Portuguesa de Desportos

Biblioteca Digital Unesp

Biblioteca Nacional

Biblioteca Nacional Digital

Biblioteca Terra Livre (jornais operários e anarquistas digitalizados)

Eletropaulo – Departamento de Patrimônio Histórico

Histórico de Franca (SP)

Histórico do Santos Futebol Clube

Museu do Futebol (SP)

O Globo

7. Relatórios

Relatório da Assembleia Geral Ordinária da Cia. Progresso Industrial do Brasil, 1903

Relatório da Associação Paulista de Sports Atlético, 1909

Relatório da Light, 1934

Relatório de Governo do Prefeito Antonio da Silva Prado, 1901

Relatório de Registro e Transferência da Confederação Brasileira de Futebol, 2017

Relatórios da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, de 1872 a 1918

Relatórios da Federação Internacional de Futebol Associação, de 1974 a 2018

Relatório da FIFA, 2010, 2013, 2014.

8. Arquivos

Arquivo da Fundação Energia e Saneamento

Atlético Monte Azul (SP)

Família Wingeter (pessoal)

Federação de Futebol do Rio de Janeiro

Federação Paulista de Futebol

Fundação Getúlio Vargas

Luiz Carlos Gomes (pessoal)

Museu Histórico e Pedagógico Zequinha de Abreu

Nacional

Público e Histórico do Município de Rio Claro (SP)

9. Filmografia

BARBOSA. Direção Ana Luiza Azevedo; Jorge Furtado, 1988.

BOLEIROS, era uma vez o futebol. Ugo Giorgetti, 1998.

FUTEBOL. Arthur Fontes; João Moreira Salles, 1998.

GARRINCHA, a estrela solitária. Milton Alencar, 2003.